

LUCIANO DE SAMÓSSATA

LUCIANO

[V]

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS  
CUSTÓDIO MAGUEIJO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Amadurecido pelas viagens e pela experiência da vida, materialmente afortunado, Luciano cedo se farta da actividade judiciária, da retórica e da sofística, para se entregar a uma actividade literária que, não sendo nova, ele, no entanto, reforma de maneira radical: trata-se do diálogo filosófico, mas agora entendido e elaborado segundo princípios originais. De facto, Luciano aligeira substancialmente o majestoso diálogo filosófico que vinha dos tempos de Platão e acrescenta-lhe um aspecto dramático, orientado no sentido da sátira - o que significa reunir no «novo género» dois géneros diferentes e até muito diversos: o diálogo filosófico e a comédia. Realmente, foram sobretudo as obras em forma de diálogo que deram fama a Luciano. É nelas que melhor se expande a sua crítica panfletária e corrosiva, que atinge, literalmente, tudo e todos: os deuses e os heróis, a religião e as religiões, a filosofia e as suas variadíssimas seitas, a moral convencional, a sociedade e os seus pilares mais destacados, os homens e as suas vaidades, as suas superstições irracionais e o aproveitamento que delas fazem os espertos... enfim, podemos dizer que em Luciano conflui o que de mais violento havia na comédia. Um certo epicurismo prático e um cinismo teórico afinam e refinam o processo.

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

Luciano de Samósata

*Luciano*

[V]

*Tradução do grego, introdução e notas de  
Custódio Magueijo*

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • LUCIANO [V]

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS • CUSTÓDIO MAGUEIJO

AUTOR • Luciano de Samósata

SÉRIE MONOGRAFIAS

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

COMISSÃO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira

Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira

Nair Castro Soares

DIRETOR TÉCNICO: Delfim Leão

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D  
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

E-mail: [imprensauc@ci.uc.pt](mailto:imprensauc@ci.uc.pt)

Vendas online:

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

[www.artipol.net](http://www.artipol.net)

ISBN

978-989-26-0803-7

ISBN DIGITAL

978-989-26-0804-4

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

DOI

<http://dx.doi.org/>

10.14195/978-989-26-0804-4

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

INFOGRAFIA

Simões & Linhares

DEPÓSITO LEGAL

353356/12

1ª EDIÇÃO: IUC • 2013

© DEZEMBRO 2013.

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classicadigitalia.uc.pt>)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

Luciano de Samósata

*Luciano*

[V]

*Tradução do grego, introdução e notas de  
Custódio Magueijo*

(Página deixada propositadamente em branco)



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL.....	11
COMO SE DEVE ESCREVER A HISTÓRIA.....	17
INTRODUÇÃO.....	19
TRADUÇÃO E NOTAS.....	23
O [FILHO] DESERDADO .....	61
INTRODUÇÃO.....	63
TRADUÇÃO E NOTAS.....	67
O NAVIO OU OS DESEJOS.....	89
INTRODUÇÃO .....	91
TRADUÇÃO E NOTAS .....	95
A MORTE DE PEREGRINO.....	123
INTRODUÇÃO.....	125
TRADUÇÃO E NOTAS.....	129
OS FUGITIVOS.....	151
INTRODUÇÃO.....	153
TRADUÇÃO E NOTAS.....	155
CARIDEMO OU SOBRE A BELEZA .....	173
INTRODUÇÃO.....	175
TRADUÇÃO E NOTAS.....	177
ZEUS TRÁGICO .....	193
INTRODUÇÃO.....	195
TRADUÇÃO E NOTAS.....	199

*Ficha técnica:*

Autor: Luciano de Samósata

Título: LUCIANO [V]:

- *Como se Deve Escrever a História*
- *O [Filho] Deserdado*
- *O Navio ou Os Desejos*
- *A Morte de Peregrino*
- *Os Fugitivos*
- *Caridemo ou Sobre a Beleza*
- *Zeus Trágico*

Tradução, prefácio e notas: Custódio Magueijo

Edição utilizada: A. M. Harmon, *Lucian*, The Loeb Classical Library: Greek authors, Harvard University Press, 1959-1961.

*Luciano*

[V]

COMO SE DEVE ESCREVER A HISTÓRIA

O [FILHO] DESERDADO

O NAVIO ou OS DESEJOS

A MORTE DE PEREGRINO

OS FUGITIVOS

CARIDEMO ou SOBRE A BELEZA

ZEUS TRÁGICO

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO GERAL<sup>1</sup>

Luciano nasceu em Samósata, capital do antigo reino de Comagena, situado a norte da Síria, na margem direita do Eufrates. Os primeiros imperadores romanos conservaram-lhe um certo grau de independência, mas acaba por ser incluído entre as províncias do Império Romano.

Quanto a datas de nascimento e morte, aceitemos 125-190 d.C. Seguramente, a vida literária de Luciano desenvolve-se na segunda metade do séc. II d.C., por um período de quarenta anos, durante o qual escreveu cerca de oitenta obras.

No tocante a dados biográficos, temos de contentar-nos com as informações contidas no conjunto dos seus escritos. Pelo menos têm a vantagem de serem de primeira mão. E se a nossa curiosidade mais «superficial» gostaria de saber muitas outras coisas sobre a sua vida, a verdade é que o essencial do homem está nítida e magnificamente retratado na obra.

De entre as obras mais importantes do ponto de vista autobiográfico, salienta-se a intitulada *O Sonho* (ou *Vida de Luciano*). Imediatamente se conclui tratar-se dum trabalho da meia-idade, que mais abaixo resumimos.

Após uma peregrinação de vários anos por terras da Grécia, da Itália e da Gália, onde conseguira assinalável êxito e não menos importante pecúlio, Luciano regressa (por volta de 162-163) à sua cidade natal, que o havia visto partir pobre e quase anónimo, e agora se orgulhava do prestígio que lhe era transmitido pelo próprio êxito dum filho seu. É então que Luciano, perante os seus concidadãos, traça uma retrospectiva autobiográfica, da qual mencionamos os passos mais salientes.

Chegado ao termo da escolaridade elementar, adolescente de quinze anos, o pai aconselha-se com familiares e amigos sobre o futuro do moço.

*«A maioria opinou que a carreira das letras requeria muito esforço, longo tempo, razoável despesa e uma sorte brilhante. Ora, a nossa fortuna era limitada, pelo que, a breve trecho, precisaríamos*

---

<sup>1</sup> Esta «Introdução geral» é, na verdade, reproduzida de outras que escrevi a propósito de diversas obras de Luciano. Não se pode exigir que, para cada uma das cerca de oitenta, tivesse de inventar uma biografia formalmente diferente de Luciano. No entanto, a parte final, relativa a cada obra em particular, é redigida especialmente para esta edição.

*de alguma ajuda. Se, pelo contrário, eu aprendesse um ofício, começaria imediatamente a retirar daí um ordenado mínimo, que me permitiria, naquela idade, deixar de ser um encargo familiar, e até mesmo, algum tempo depois, dar satisfação a meu pai com o dinheiro que traria para casa.» (§ 1)*

Restava escolher o ofício. Discutidas as várias opiniões, foi decidido entregar o rapaz aos cuidados dum tio materno, presente na reunião, e que era um excelente escultor. Além deste factor de ordem familiar, pesou ainda o facto de o moço, nos seus tempos livres, gostar de se entreter a modelar, em cera, bois, cavalos e figuras humanas, *«tudo muito bem parecido, na opinião de meu pai»*. Por essa actividade *«plástica»* (é palavra sua), que não raro o desviava dos deveres escolares, *«chegava mesmo a apanhar pancada dos professores, mas isso agora transformava-se em elogio à minha vocação»*. (§ 2)

Chegado o grande dia, é com certa emoção que o jovem Luciano se dirige à oficina do tio, a fim de iniciar a sua nova vida. De resto, via no ofício de escultor uma espécie de brincadeira de certo modo agradável, e até uma forma de se distinguir perante os amigos, quando estes o vissem esculpir figuras de deuses e estatuetas. Todavia, e contrariamente às suas esperanças, o começo foi desastroso. O tio põe-lhe na mão um escopro e manda-o desbastar uma placa de mármore, a fim de adiantar trabalho (*«O começar é meio caminho andado»*). Ora... uma pancada um pouco mais forte, e eis que se quebra a placa... donde uma monumental sova de correia, que só a fuga consegue interromper. Corre para casa em tal estado, que a mãe não pode deixar de censurar asperamente a brutalidade do irmão. Entretanto, aproxima-se a noite, e o moço, ainda choroso, dolorido e revoltado, foi deitar-se. As fortes emoções do dia tiveram como resultado um sonho – donde o título da obra. (§§ 3-4)

Até aqui, Luciano fornece-nos dados objectivos, que nos permitem formar uma ideia suficientemente precisa sobre si próprio e sobre a situação e ambiente familiares. Quanto ao sonho, se nada nos permite duvidar da sua ocorrência, a verdade é que se trata, antes de mais, duma elaboração retórica, elemento tantas vezes utilizado na literatura, mas nem por isso menos significativo do ponto de vista autobiográfico. De facto, Luciano serve-se deste processo para revelar aos seus *ouvintes* não tanto o que se terá passado nessa noite, mas principalmente

a volta que a vida dera, a partir duma situação que, em princípio, teria uma sequência bem diferente.

Assim, e com uma nitidez – segundo afirma – «*em nada diferente da realidade*», aparecem-lhe duas mulheres, que, energeticamente e até com grande violência, disputam a posse do moço, que passa duma para a outra, e volta à primeira... enfim, «*pouco faltou para que me despedaçassem*».

Uma delas era a Escultura (*Hermoglyphikéō*), «*com o (típico) aspecto de operário, viril, de cabeleira sórdida, mãos cheias de calos, manto subido e coberto de pó, como meu tio quando estava a polir as pedras*». A outra era a Cultura (*Paideia*), «*de fisionomia extremamente agradável, pose digna e manto traçado a preceito*». (§§ 5-6).

Seguem-se os discursos de cada uma das personagens, que fazem lembrar o *agón* («luta», «disputa») das *Nuvens* de Aristófanes, travado entre a Tese Justa e a Tese Injusta.

A fala da Escultura, mais curta (§§ 7-8), contém, no entanto, elementos biográficos (explícitos e implícitos) de certa importância. Começa por se referir à tradição profissional da família do jovem, cujo avô materno e dois tios, também maternos, eram escultores de mérito. A seguir, enumera as vantagens da profissão: comida farta, ombros fortes e, sobretudo, uma vida particular ao abrigo de invejas e intrigas, em vez de (como, de resto, veio a suceder – daí também o valor biográfico da informação) viagens por países longínquos, afastado da pátria e dos amigos. De resto, a História está cheia de exemplos de grandes escultores (Fídias, Policlito, Míron, Praxíteles), cujo nome é imortal e que são reverenciados juntamente com as estátuas dos deuses por eles criadas.

O discurso da Cultura (§§ 9-13) possui todos os ingredientes necessários à vitória (além das informações biográficas que recolhemos das suas «profecias»... já realizadas). Vejamos alguns passos.

«*Meu filho: eu sou a Cultura, entidade que já te é familiar e conhecida, muito embora ainda não me tenhas experimentado completamente.*

»*Quanto aos grandes benefícios que te proporcionará o ofício de escultor, já esta aqui os enumerou: não passarás dum operário que mata o corpo com trabalho e nele depõe toda a esperança da sua vida, votado ao anonimato e ganhando um salário magro e*

*vil, de baixo nível intelectual, socialmente isolado, incapaz de defender os amigos ou de impor respeito aos inimigos, de fazer inveja aos teus concidadãos. Apenas isto: um operário, um de entre a turba, prostrado aos pés dos poderosos, servidor humilde dos bem-falantes, levando uma vida de lebre, presa do mais forte. E mesmo que viesses a ser um outro Fídias ou um Policlito, mesmo que criasses muitas obras-primas, seria apenas a obra de arte aquilo que toda a gente louvaria, e ninguém de bom senso, entre os que a contemplassem, ambicionaria ser como tu. Sim: por muito hábil que sejas, não passarás dum artesão, dum trabalhador manual.*

*»Se, porém, me deres ouvidos, antes de mais revelar-te-ei as numerosas obras dos antigos, falar-te-ei dos seus feitos admiráveis e dos seus escritos, tornar-te-ei um perito em, por assim dizer, todas as ciências. E quanto ao teu espírito – que é, afinal, o que mais importa –, exorná-lo-ei com as mais variadas e belas virtudes: sabedoria, justiça, piedade, doçura, benevolência, inteligência, fortaleza, amor do Belo e paixão do Sublime. Sim, que tais virtudes é que constituem verdadeiramente as incorruptíveis jóias da alma ...*

*»... Tu, agora pobre, tu, o filho do Zé-Ninguém, tu, que ainda há pouco havias enveredado por um ofício tão ignóbil, dentro em breve serás admirado e invejado por toda a gente, cumulado de honrarias e louvores, ilustre por tua alta formação, estimado das elites de sangue e de dinheiro; usarás um traje como este (e apontava-me o seu, que era realmente magnífico) e gozarás de merecido prestígio e distinção. E sempre que saias da tua terra, vás para onde fores, não serás, lá fora, um obscuro desconhecido: impor-te-ei tal marca, que, ao ver-te, um qualquer, dando de cotovelo ao vizinho, apontar-te-á com o dedo, dizendo: “É este, o tal”...»*

O final do discurso (§ 13) constitui um autêntico «fecho» elaborado segundo as leis da retórica. Depois de, no parágrafo anterior, ter mencionado os exemplos de Demóstenes (filho dum fabricante de armas), de Ésquines (cuja mãe era tocadora de pandeireta) e de Sócrates (filho de escultor), lança o ataque final:

*«Caso desprezes o exemplo de tão ilustres homens, seus feitos gloriosos e escritos veneráveis, presença imponente, honra, glória e louvores, supremacia, poder e dignidades, fama literária e o apreço devido à inteligência – então passarás a usar uma túnica reles e encardida, ganharás um aspecto servil, agarrado a alavancas,*



*cinzéis, escopros e goivas, completamente inclinado sobre o trabalho, rastejante e rasteiro, humilde em todas as acepções da palavra, sem nunca levantar a cabeça, sem um único pensamento digno dum homem livre, mas antes continuamente preocupado com a ideia de a obra te sair harmoniosa e apresentável – enquanto a respeito de ti próprio, da maneira de te tornares harmonioso e bem dotado, não te importas absolutamente nada; pelo contrário, ficarás mais vil que as mesma pedras.»*

É pena que esta autobiografia não tivesse sido escrita uns vinte (ou trinta) anos mais tarde. Em todo o caso, Luciano, noutras obras, fornece-nos mais algumas indicações.

Assim, pela *Dupla Acusação* (§ 27), escrita pouco depois do *Sonho*, sabemos que Luciano, entregue de alma e coração à retórica e à sofística, iniciara a sua actividade de advogado em várias cidades da Ásia Menor (Segundo a Suda, «começou por ser advogado em Antioquia»). Da Ásia Menor, passa para a Grécia, e daí para a Itália, mas é sobretudo na Gália que obtém glória e fortuna.

Uma dúzia de anos depois de ter saído da sua terra natal, regressa a casa, mas por pouco tempo. Decide fixar-se com a família em Atenas, onde permanece por cerca de vinte anos (c.165-185 d.C.).

Aos quarenta e poucos anos, Luciano adopta uma atitude fundamentalmente céptica, que, sobretudo, se insurge contra todo o dogmatismo metafísico e filosófico em geral. A este respeito, recomenda-se vivamente a leitura do *Hermotimo* (ou *As Seitas*<sup>2</sup>), obra dum niilismo verdadeiramente perturbador: dada a variedade das correntes filosóficas, e ainda devido ao tempo e esforço necessários a uma séria apreciação de cada uma, o homem, por mais que faça, *não pode atingir a verdade*. Basta citar uma frase, que, não sendo de modo nenhum a mais importante deste diálogo, é, no entanto, verdadeiramente lapidar: «*As pessoas que se dedicam à filosofia lutam pela sombra dum burro*» (§ 71). E, já agora, aqui fica o fecho, em que Hermotimo, finalmente convencido pelos argumentos de Licino (ou seja, Luciano), afirma: «*Quanto aos filósofos, se por acaso, e apesar das minhas precauções, topar com algum no meu caminho, evitá-lo-ei, fugirei dele como dum cão raivoso*». (§ 86)

Cerca de vinte anos depois de chegar a Atenas, Luciano decide recomeçar a viajar, mas nada será como antigamente:

---

<sup>2</sup> «Clássicos Inquerito», nº 16.

já na recta final da existência, talvez em situação financeira menos próspera, e sem dúvida desiludido com o deteriorado clima cultural de Atenas, fixa-se no Egipto, onde aceita (ou consegue?) um lugar de funcionário público, aliás compatível com a sua formação e importância social. Ele próprio nos informa (*Apologia dos Assalariados*, § 12) de que a sua situação não se compara à dos miseráveis funcionários (por exemplo: professores), que afinal não passam de escravos. E continua: «*A minha condição, meu caro amigo<sup>3</sup>, é completamente diferente. Na vida privada, conservei toda a minha liberdade; publicamente, exerço uma porção da autoridade suprema, que administro em conjunto com o procurador ... Tenho sob a minha responsabilidade uma parte considerável da província do Egipto, cabe-me instruir os processos, determinar a ordem pela qual devem dar entrada, manter em dia os registos exactos de tudo o que se diz e faz, ... executar integralmente os decretos do Imperador ... E além do mais, o meu vencimento não se parece nada com o dum simples particular, mas é digno dum rei, e o seu montante, longe de ser módico, ascende a uma soma considerável. A tudo isto acrescenta o facto de eu não me alimentar de esperanças modestas, pois é possível que ainda obtenha a título pleno a prefeitura ou qualquer outra função verdadeiramente real.*»

Esperanças nada modestas, provavelmente bem fundadas... Só que, por motivos que ignoramos, tudo se desfez em vento.

---

<sup>3</sup> Esta obra, de forma epistolar, é dirigida a Sabino, amigo de Luciano.

## **COMO SE DEVE ESCREVER A HISTÓRIA**

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

O reino da Pártia, na Ásia ocidental, fundado em 255 a.C. por Ársaces, resistiu, até cerca de 200 d.C., a muitas investidas das tropas romanas.

Quando Luciano escreveu esta *carta* ao seu amigo Fílon, os Romanos estavam envolvidos numa de muitas guerras (*Guerras Párticas*) contra os Partos, povo de língua e religião persas, mas com uma organização “feudal” muito própria.

A guerra a que se faz referência especial nesta *carta* é a de 162-165 d.C., na qual, logo de início, os Romanos foram completamente derrotados pelas tropas párticas comandadas por Vologeso III; aí perdeu a vida o general romano Severiano. Seguiram-se algumas vitórias, sob o comando de Lúcio Vero; Avídio Cássio e Estácio Prisco continuaram na senda das vitórias.

Ainda em plena campanha “pártica”, mas antes do seu termo (como se vê pelo §31), Luciano fica escandalizado com a onda de “historiadores” que redigiam, liam em público e publicavam narrativas fantásticas sobre a guerra, sem conhecimento directo dos acontecimentos, sem qualquer fundamentação séria, muitas vezes baseados em relatos pouco fidedignos, muitos dos quais eram ou irrelevantes (*petite histoire...*) ou absolutamente incríveis, ou, pior ainda, destinados a agradar a altas personalidades da hierarquia militar e política: autênticos panegíricos.

Ora, um homem como Luciano, permanentemente atento aos aspectos ridículos e censuráveis da religião, da mitologia e das credices mais ingénuas, não só do povo ignorante, mas, sobretudo, de gente de cultura, não podia deixar de ficar escandalizado com as vagas sucessivas e avassaladoras de obras “históricas”, que pretendiam satisfazer a “gula” do público, ávido, precisamente, de acontecimentos miúdos e — diríamos hoje — *mediáticos*. A outra face dessas obras mostrava, em retrato ampliado e distorcido, a genialidade dos chefes romanos... mas também os defeitos do inimigo... Parece que *valia tudo*, só para vender *papiro* e, conjuntamente, fama e glória presentes ...

... Só ele, Luciano, é que não escrevia nada sobre esse assunto momentoso que era a *Guerra Pártica*. Então, sentindo-se — ironicamente o diz — deslocado e inútil, resolve participar,

de algum modo, também ele na empresa da... *historiografia de guerra*, não como autor, quer dizer, narrador ou historiador, mas como conselheiro de candidatos a historiadores.

Esta *carta* a Fílon constitui um modelo de estruturação do discurso, segundo um plano previamente pensado e escrupulosamente executado:

I: EXÓRDIO (§§1-6) — Uma comparação inicial e justificativa da *carta*: A “febre” *trágica* dos Abderitas e a “febre” *historiográfica* dos contemporâneos de Luciano (§§1-2);

O caso do filósofo cínico Diógenes, que, no meio da azáfama geral da preparação para a resistência à invasão de Corinto por Filipe da Macedónia, ao ver que ninguém solicitava os seus serviços, resolveu... fazer qualquer coisa: fazer rebolar o seu tonel, colina abaixo, colina acima; também ele, Luciano, fará o mesmo: Embora não participe na guerra, contribuirá com os seus conselhos sobre historiografia, ainda que muitos cuidem que não são necessários, pois acham que estão naturalmente aptos para o ofício de historiador (§§3-5);

Plano da obra: Na 1ª parte, defeitos e vícios que devem ser evitados; na 2ª parte, como proceder, a fim de produzir uma obra digna da História (§6).

II: 1ª PARTE (§§7-13) — *Defeitos e vícios que devem ser evitados.*

O bom historiador deve omitir os factos irrelevantes e evitar os elogios desmedidos; não deve confundir História com Poesia (§§7-8);

O objectivo último da História é a *utilidade*, mas esta resulta obrigatoriamente da *verdade* (§9);

“*Quer a ficção desmedida, quer, sobretudo, os elogios exagerados, não proporcionam qualquer deleite a nenhum dos ouvintes*”; Luciano entende que o historiador deve preocupar-se mais com os ouvintes exigentes do que com a massa ignorante... (§§10-13).

III: 2ª PARTE (§§14-32) — *Como não escrever a História.*

Exemplos do ridículo em que incorrem muitos “historiadores”: descrições extensas de lugares irrelevantes para o assunto; erros de localização de topónimos, linguagem técnica deficiente, estilo pretensamente ático misturado com expressões vulgares, etc...

IV: 3ª PARTE (§§33-63) — *Como escrever a História.*

Depois de tanta “demolição”, há que passar para a parte construtiva (§33);

Qualidades prévias do candidato a historiador: inteligência política e capacidade de expressão (§34);

Luciano não pretende, propriamente, formar historiadores; o seu propósito consiste, não na criação das qualidades, mas na sua adequada utilização: “*Não afirmo que pego em qualquer um e faço dele um historiador, mas sim que apontarei àquele que for naturalmente inteligente e tenha uma excelente prática da palavra certos caminhos correctos*” (§35);

O resto da *carta* (§§36-63) constitui uma espécie de *Manual do Historiador*, com conselhos sobre o estilo adequado, a matéria própria e significativa, com exclusão de tudo o que seja a *pequena história*; acima de tudo, o historiador deve falar *verdade*, por muita coragem que isso requeira, e deve pensar especialmente, não nos “louros” imediatos, mas no conceito em que será tido pelos vindouros. Assim, a sua obra será verdadeiramente *útil* — outra finalidade, decorrente da *verdade*. Em suma, tal como Tucídides, deve esforçar-se por que a sua obra, escrita no presente, seja, no entanto, um monumento perene, uma “*aquisição para sempre*”, *ktêma eis aeí*, κτήμα εἰς αἰεί.

Em conclusão, esta *carta* de Luciano ao seu amigo Fílon é suscitada pelo panorama de desvario historiográfico, em que todo e qualquer indivíduo se achava apto a escrever sobre a *Guerra Pártica*, cujos ecos chegavam a todo o Império sob a forma de boatos e de relatos mais ou menos emotivos, transmitidos por participantes que, muitas vezes, tinham somente a sua estreita visão pessoal, e não um visão de conjunto. Estas notícias eram aproveitadas por indivíduos que se julgavam (e até seriam) literariamente e historiograficamente preparados, mas geralmente propensos a encher ou embelezar o discurso, a fazer comentários pessoais e subjectivos sobre as maldades do inimigo e as grandes qualidades dos comandantes romanos.

Embora a obra *Como se deve escrever a História* seja provavelmente a primeira exclusivamente dedicada a teorizar o ofício de historiador, não podemos dizer que Luciano tenha inventado uma teoria da Historiografia, e muito menos uma teoria da História. De facto, os defeitos que ele aponta a muitos “historiadores” do seu tempo eram perceptíveis a qualquer pessoa de bom senso; e quanto às normas da boa Historiografia, limita-se a acentuar a *verdade* narrativa — o que é um autêntico

truísmo. O outro aspecto importante é o da *utilidade*, como se lê no §5: “*De facto, uma e só uma é a tarefa e a finalidade da História — a utilidade, a qual deriva unicamente da verdade*”. Quanto a uma teoria da História, que justifique e explique os *factos ocorridos*, que inclua elementos decisivos, como condições sociais, históricas, económicas, etc., há que esperar muitos séculos, até aos “historiadores burgueses”, aos “historiadores marxistas”, e a diversas correntes derivadas de uns e de outros.

Esta obra de Luciano é, pois, para um historiador moderno, um tanto superficial, mais uma sátira aos defeitos da Historiografia do seu tempo, do que um guia *novo*, uma *invenção metodológica*. De facto, os dois princípios essenciais — *verdade e utilidade* — já vêm, pelo menos, do “velho” Tucídides, que Luciano tem sempre presente, para não falarmos de outro grande vulto da Historiografia, o romano Tácito (c. 55 d.C.-117 d.C.), cuja obra Luciano eventualmente conheceria.

Em todo o caso, *Como se deve escrever a História* é uma obra de leitura agradável, como se espera de Luciano. Trata-se de uma *carta* a um amigo... mas — não nos iludamos — a *carta* não é confidencial: Luciano também escreve *para a posteridade!*



## COMO SE DEVE ESCREVER A HISTÓRIA

1. Conta-se, meu caro Fílon, que no reinado de Lisímaco os Abderitas<sup>4</sup> foram afectados por uma certa moléstia, que era assim: Num primeiro tempo, todos em geral ficavam com febre, mas com uma febre que, logo desde o primeiro dia, os atacava violentamente e com muita persistência; aí pelo sétimo dia, porém, a uns sobrevinha um corrimento de sangue do nariz, enquanto outros ficavam cobertos de suor em grande abundância, o que fazia parar a febre. A doença, porém, [enquanto durava,] dava-lhes volta à cabeça de uma maneira muito cómica. De facto, todos ficavam possuídos de delírio trágico, recitavam versos iâmbicos e gritavam a plenos pulmões. De um modo especial, declamavam plangentemente *solos* da *Andrómeda* de Eurípides, ou recitavam de ponta a ponta, em tom musical, a fala de Perseu... enfim, toda a cidade estava cheia de todos esses actores trágicos de uma semana, amarelentos e escanzelados, que clamavam:

Ó tu, Amor, tirano | dos deuses e dos homens...

e outras coisas mais, tudo a plenos pulmões, dias e dias a fio, até que um Inverno gelado e prolongado pôs termo a tal delírio... Mas creio que a causa de tudo isso se deveu ao actor trágico Arquelau, muito apreciado naquele tempo, o qual, em pleno Verão e no meio de uma grande canícula, lhes representou a *Andrómeda*, fazendo-o de tal forma, que muitos, ao saírem do teatro, foram atacados dessa febre e, no dia seguinte, ao levantarem-se, recordavam-se involuntariamente dessa tragédia, pois aquela *Andrómeda* havia-se fixado fortemente na memória de cada um, e Perseu<sup>5</sup> mais a Medusa ainda esvoaçavam na sua imaginação.

---

<sup>4</sup> Depois da batalha de Ipso (301 a.C.), Lisímaco, antigo general de Alexandre, ao vencer Antígono, outro ex-general de Alexandre, ficou com o reino da Trácia, onde se situava a próspera cidade de Abdera.

<sup>5</sup> Perseu, um dos grandes heróis da mitologia grega, cometeu diversas façanhas; nomeadamente, cortou a cabeça de Medusa, uma das terríveis Górgones (ou Górgonas). Perseu desposou *Andrómeda*, pelo que Luciano se refere à mesma tragédia, *Andrómeda*.

2. Para — como sói dizer-se — compararmos uma coisa com outra, aquela mania dos Abderitas apoderou-se também de muitos dos nossos intelectuais, não a ponto de estes representarem uma tragédia (isso ainda seria uma pequena loucura, se fossem possuídos por iampos alheios, [aliás] nada maus), mas, desde que ocorreram estes acontecimentos recentes — a guerra contra os Bárbaros, o desastre da Arménia<sup>6</sup> e a série de vitórias —, não há ninguém que não escreva obras históricas. Mais: Todos são uns Tucídides, uns Heródotos, uns Xenofontes. Ao que parece, era verdadeiro o célebre pensamento: “*A guerra é a mãe de todas as coisas*”<sup>7</sup>, se é que esta fez brotar de enxurrada tantos historiadores.

3. Então, meu querido amigo, ao ver e ouvir tais coisas, veio-me à mente aquele episódio do homem de Sinope<sup>8</sup>. De facto, quando se dizia que Filipe estava já em marcha, todos os Coríntios ficaram perturbados e meteram mãos à obra, uns preparando as armas, outros juntando pedras, outros reforçando a muralha, outros consolidando as ameias... enfim, cada um trabalhava numa acção útil. Foi então que Diógenes, ao ver o que se passava, e porque não tinha nada que fazer (uma vez que ninguém o aproveitava para o que quer que fosse), arregaçou o manto e, com enorme entusiasmo, pôs-se a fazer rebolar o tonel, onde naquele momento estava a residir, (monte) Craneu<sup>9</sup> abaixo, (monte) Craneu acima. Então um seu amigo perguntou-lhe: “*Porque fazes isso, ó Diógenes?*”; ao que ele respondeu: “*Faço rolar o tonel, para não dar a impressão de ser o único ocioso no meio de tantos que trabalham*”.

4. Portanto, caro Fílon, também eu, para não ser o único silencioso num tempo em que toda a gente tagarela, ou para não aparecer em cena como um [simples] figurante cómico,

---

<sup>6</sup> No ano de 162 d.C. (reinado de Marco Aurélio), o exército romano, comandado por Severiano, sofreu uma derrota completa e humilhante. Este facto situa com alguma precisão a data desta obra de Luciano.

<sup>7</sup> Frase atribuída a Heraclito. Note que o vocábulo grego para “guerra”, *pólemos* (πόλεμος), é masculino, pelo que se diz “... pai de todas as coisas” — que somos *obrigados* a verter por “... mãe de todas as coisas”.

<sup>8</sup> Trata-se do filósofo cínico Diógenes.

<sup>9</sup> “Craneu”, gr. *Kráneion* (Κράνειον), lit.<sup>te</sup> “(monte dos) abrunheiros” era um ginásio nos arredores de Corinto, cidade onde Diógenes residia durante o Verão (passava o Inverno em Atenas!).

de boca aberta e calado, entendi que ficaria bem fazer “rolar”, também eu, e na medida do possível, o meu “tonel”, mas não para escrever uma obra histórica ou narrar aqueles feitos, pois não sou assim tão temerário, pelo que não deves temer por mim a esse respeito. Na verdade, sei bem quão grande é o perigo que uma pessoa corre, ao fazer rolar algo sobre rochas, especialmente algo como este meu “tonelzinho”<sup>10</sup> de barro, que não é lá muito resistente. De facto, bastaria bater contra uma pequenina pedrinha, para só se poderem apanhar os cacos.

Vou explicar-te o que decidi [fazer], como é que vou, mas em segurança, tomar parte na guerra, mas ficando fora do alcance das setas:

.....| *Deste fumo e desta onda*<sup>11</sup>

e de todas as preocupações inerentes ao historiador, me livrarei... e procedo muito bem. Todavia, darei um pequeno conselho e algumas (poucas) regras aos que escrevem<sup>12</sup> [obras históricas], a fim de com eles tomar parte na “construção”, ainda que não no título, pois só com a ponta do dedo toquei na “argamassa”.

5. No entanto, as pessoas, na sua maioria, estão convencidas de que não necessitam de um conselho nessa matéria, tal como não necessitam de qualquer técnica para caminhar, para ver ou para comer, mas que escrever História é tarefa fácil, simples e ao alcance de qualquer um que seja capaz de exprimir o que lhe vem à cabeça. Ora tu, companheiro, sabes por experiência própria que esta não é daquelas matérias fáceis de tratar e susceptíveis de serem realizadas displicentemente, mas, pelo contrário, requer, mais que em qualquer outro género literário, muita reflexão, para, como diz Tucídides, realizar uma “*aquisição para sempre*”<sup>13</sup>. Bem sei que não irei fazer mudar [de ideias] um grande número desses [historiadores], e a alguns

---

<sup>10</sup> O pequeno tonel de Luciano poderia servir para guardar figos e outros frutos secos, mas também vinho. É manifesto o sentido metafórico: Luciano pretende dizer que não tem estofo de historiador...

<sup>11</sup> *Odisseia*, XII, 219, episódio de Caríbdis... Luciano fala metaforicamente, referindo-se aos perigos que assaltam os historiadores.

<sup>12</sup> O verbo *sūggráphō* (συγγράφω) significa “escrever em prosa”, nomeadamente *obra histórica*.

<sup>13</sup> “aquisição para sempre”, *ktēma eis aei* (κτῆμα εἰς αἰεί) i. é, monumento eterno (Tucídides, I, 22). Horácio, *Odes*, III, 30, 1 exprime a mesma

parecerei mesmo bastante importuno, principalmente para quantos já concluíram a sua obra histórica e a apresentaram ao público. Se, além disso, [o homem] já foi aplaudido pelos seus ouvintes<sup>14</sup>, seria loucura esperar que essas pessoas iriam modificar ou rescrever alguma parte daquilo que foi uma vez “ratificado”, como se fosse depositado no palácio real<sup>15</sup>. Mesmo assim, não fará mal que eu me dirija a esses indivíduos, para que, no caso de surgir uma outra guerra, por exemplo, dos Celtas contra os Getas ou dos Indianos contra os Bactrianos (realmente, ninguém se atreverá a fazer-nos guerra, quando todo o mundo já está [por nós] dominado), eles estejam em condições de compor com maior perfeição, seguindo esta minha regra, se porventura lhes parecer que ela está correcta. Caso contrário, que continuem a medir a obra ao côvado<sup>16</sup>, como fazem actualmente, pois o “médico”<sup>17</sup> não ficará aborrecido, se todos os Abderitas se puserem espontaneamente a representar a *Andrómeda*.

6. Ora, uma vez que este meu conselho tem um duplo objectivo, ou seja, ensinar a escolher umas coisas e a evitar outras, digamos, em primeiro lugar, quais é que o candidato a historiador<sup>18</sup> deve evitar, de quais deve a todo o custo manter-se puro, e, em seguida, como é que deve proceder, a fim de não sair do caminho recto e que conduz ao objectivo: por onde deve começar, a que ordem [de assuntos] deve sujeitar-se ao longo da obra, a extensão de cada uma das partes, o que deve omitir e o que deve desenvolver, o que é preferível tratar sumariamente, como deve exprimir-se e como deve encadear os factos.

---

ideia a respeito da glória que lhe advirá da sua obra: *Exegi monumentum aere perennius*: “Erigi um monumento mais perene que o bronze”.

<sup>14</sup> Alude-se ao hábito de apresentar oralmente uma obra, que depois seria “editada” e copiada em número variável de exemplares. Imagino (pelo menos é crível... mas não provado) que, no fim da leitura pública, já haveria alguns exemplares à venda...

<sup>15</sup> Ou seja, como se fosse depositado no arquivo oficial...

<sup>16</sup> Um côvado equivalia a c. 0,45cm; neste caso, temos uma maneira figurada de dizer “medir uma obra ao metro”, ou seja, pela sua extensão, e não pela sua qualidade.

<sup>17</sup> Referência ao caso da loucura dos Abderitas (v. início), mas aqui, em sentido figurado, o “médico” é Luciano, que tenta corrigir a situação... O resto do período também é metafórico

<sup>18</sup> “candidato a historiador”: lit.<sup>te</sup> “aquele que *está a escrever* história”, ou melhor (sentido do presente) “aquele que *pretende escrever* história”...

Todos estes e outros conselhos ficam para mais tarde. Por agora e para já, falemos dos defeitos que cometem os maus historiadores. Quanto aos defeitos comuns a todos os géneros literários, como erros de linguagem, de estilo, de pensamento e devidos a inabilidade, enumerá-los seria uma tarefa muito longa e desajustada do presente tema. [De facto, como disse, são comuns a todos os géneros os erros de linguagem e de estilo<sup>19</sup>].

7. Todavia, se observares atentamente aqueles erros que se cometem na historiografia, e, sobretudo, se aplicares bem os ouvidos a todos eles, verificarás que são os mesmos que eu tantas vezes constatei, ao ouvi-los<sup>20</sup>. Em todo o caso, porém, não virá fora de propósito recordar, de passagem e a título de exemplo, algumas dessas obras, já publicadas, e com tais vícios.

Em primeiro lugar, observemos aquele defeito em que [esses historiadores] mais incorrem. De facto, muitos deles descaram os acontecimentos propriamente históricos e perdem-se em elogios aos governantes e aos generais, elevando às alturas os seus próprios, e arrasando os inimigos para lá do que é decente, sem se aperceberem de que a História está dividida e separada do encómio, não por um istmo estreito, mas que há entre eles uma enorme muralha, ou, para utilizar uma frase musical, há entre ambos uma diferença de duas oitavas, pois ao encomiasta uma só coisa interessa: louvar e agradar a todo o custo à pessoa que se pretende elogiar; e se é com a mentira que ele consegue tal objectivo, isso pouco lhe importa. Pelo contrário, a História não admite que se lhe introduza uma mentira, mesmo pequena, do mesmo modo que, como os médicos<sup>21</sup> dizem a respeito da traqueia, esta não admite que entre nela nem sequer uma gota de líquido.

8. Além disso, esses tais [historiadores] parecem ignorar o facto de que a poética e a poesia têm uma finalidade e regras próprias, diferentes das da História. De facto, naquela reina

---

<sup>19</sup> Um editor moderno, Rudolphus, suprime esta frase, que parece constituir um comentário posterior, que bem cedo se teria introduzido nas diversas cópias e, daí, em todos os manuscritos.

<sup>20</sup> “ouvi-los”: Mais uma vez, Luciano alude à habitual apresentação e *recitação* públicas de obras literárias.

<sup>21</sup> “os médicos”: O texto diz, literalmente, “os filhos dos médicos”, expressão perifrástica usual em grego, insusceptível de ser traduzida à letra; do mesmo modo, podia dizer-se “os filhos dos pintores” = “os pintores”, “os filhos dos oradores” = “os oradores”, etc.

uma liberdade absoluta e uma única lei: o capricho do poeta, pois este é inspirado e possuído pelas Musas; e mesmo que o poeta decida atrelar ao seu carro cavalos alados, mesmo que ponha outros [cavalos] a correr na superfície das águas ou à flor das espigas, ninguém lhe leva a mal; quando o Zeus deles<sup>22</sup> iça com uma corrente e suspende no ar, ao mesmo tempo, a terra e o mar, não receiam que essa corrente se quebre e o Universo seja esmagado pela sua queda; e se decidem elogiar Agamémnon, ninguém os impede de o fazerem, na cabeça e nos olhos, igual a Zeus, no peito igual ao irmão deste, Posídon, e no cinturão igual a Ares, pois é absolutamente necessário que o filho de Atreu e de Aérope seja um composto de todos os deuses. Na verdade, nem Zeus, nem Posídon, nem Ares, seriam capazes de, cada um por si, isoladamente, representar completamente a beleza de Agamémnon. Se, porém, a História admitir uma tal bajulação, em que é que ela se torna, senão numa espécie de poesia em prosa, agora privada daquela altissonância e patenteando toda a inverosimilhança, a qual, uma vez destituída do metro, se mostra, por isso mesmo, ainda mais visível? Incorre, portanto, num grande, ou melhor, num enormíssimo defeito, quem não souber separar a História da Poética, mas, pelo contrário, introduzir na História os ornamentos da outra — o mito, o encómio e o exagero a estes inerente —, é como se alguém vestisse de púrpura e com uma indumentária de cortesã um desses atletas fortes, mais duros que um carvalho, e lhe besuntasse a cara com alvaiade e *rouge*. Ó Hércules! Como o tornarias ridículo e o desfigurarias com tal indumentária!

9. Não digo que não se deva, uma vez por outra, fazer um elogio numa obra histórica, mas o elogio deve ser feito numa ocasião oportuna e observar a moderação adequada ao facto. para que não se torne odioso aos futuros leitores. Numa palavra, este assunto, que desenvolverei daqui a pouco, deve ser regulamentado tendo em vista a posteridade.

Estás a ver como se afastam da verdade todos quantos crêem fazer bem ao dividir a História em duas partes, uma dirigida ao deleite, e outra à utilidade, e que por isso introduzem nela o encómio como elemento deleitoso e aprazível para qualquer

---

<sup>22</sup> “o Zeus deles” é uma expressão nitidamente irónica: não é, simplesmente, Zeus, mas si *o Zeus deles, o Zeus dos poetas* (até o artigo tem esse sentido, juntamente com o genitivo do pronome pessoal).

leitor? Em primeiro lugar, estabelecem uma falsa divisão. De facto, uma e só uma é a tarefa e a finalidade da História — a *utilidade*, a qual deriva unicamente da *verdade*. Quanto ao deleite, ele é bem melhor, caso acompanhe a utilidade, tal como a beleza acompanha um atleta. Pelo contrário, nada impede que Nicóstrato<sup>23</sup>, filho de Isídoto, pertença ao grupo de Hércules, ele que era um jovem valoroso e mais corajoso que qualquer um dos seus adversários, ainda que tivesse uma aparência exterior extremamente desagradável à vista, ao passo que era seu adversário o formoso Alceu de Mileto, o qual também era, segundo se diz, amado de Nicóstrato. Portanto, se a História, além do mais, proporcionar deleite, atrairá a si muitos amantes, mas, desde que ela possua somente, e na perfeição, a característica que lhe é própria — refiro-me à exposição da verdade —, pouco se importará com a beleza.

10. Além disso, devo acrescentar que, na História, quer a ficção desmedida, quer, sobretudo, os elogios exagerados, não proporcionam qualquer deleite a nenhum dos ouvintes<sup>24</sup>... desde que não entendas [por este termo] a escumalha e o povo comum<sup>25</sup>, mas sim aqueles que escutam como se fossem juízes, ou, mais ainda, por Zeus!, como sicofantas<sup>26</sup>, aos quais não escapará nenhum deslize, pois têm olhos mais perspicazes

---

<sup>23</sup> Este Nicóstrato é muito pouco conhecido. Viveu c. de 50 d.C., e foi famoso por ter sido vencedor, no mesmo dia, dos concursos de luta “grego-romana” e pancrácio (luta e pugilato), feito que, depois de Hércules, só havia sido conseguido por sete atletas, o último dos quais foi precisamente Nicóstrato. Assim se explica a ideia de pertencer ao grupo de Hércules, ou de sucessor de Hércules...

<sup>24</sup> “ouvintes”: Mais uma vez, Luciano alude à apresentação oral de obras literárias.

<sup>25</sup> “o povo comum”: O gr. diz “a maioria do povo”...

<sup>26</sup> Repito de outras notas: *sicofanta* era o indivíduo que promovia uma acção judicial contra outro, um delator, que, muitas vezes, fazia desse processo um modo de vida, pois, no caso de o réu ser condenado, uma parte dos bens deste revertia para o acusador. Este, no entanto, caso não obtivesse pelo menos 1/5 dos votos, arriscava-se a apanhar uma multa de 1000 dracmas e a sofrer outras penalizações de natureza cívica. Muitas vezes, o sicofanta apenas fazia chantagem, levando a vítima a entregar-lhe determinada quantia, só para se livrar de aborrecimentos. Para os gregos, a palavra tinha origem numa antiga proibição de exportar figos, *súka* (σῦκκα) para fora da Ática, etimologia que hoje não é universalmente aceite; mas o que é certo é que o termo *sicofanta* estava carregado dum sentido muito negativo, algo como o port. *bufo* ou, noutro sentido, *chantagista*. Aqui, a

que Argo<sup>27</sup> e espalhados por todo o corpo, e que examinam tudo quanto se diz com a minúcia dos cambistas<sup>28</sup>, a fim de rejeitarem imediatamente as moedas contrafeitas, aceitando [somente] as que foram testadas, que são legais e de cunho perfeito; é atendendo a estes que se deve escrever História<sup>29</sup>, e fazer pouco caso dos outros, mesmo que eles se desfaçam em elogios. Mas se, com desprezo pelos primeiros<sup>30</sup>, adociares a tua obra histórica com mitos, elogios e toda a espécie de bajulação, bem depressa a tornarás semelhante ao Hércules na Lídia<sup>31</sup>. É natural que já o tenhas visto pintado por aí, como escravo de Ônfale, vestindo uma roupa muitíssimo estranha, enquanto ela enverga a pele de leão daquele e tem na mão a sua maça, como se fosse o verdadeiro Hércules, e este, com uma túnica tingida de açafrão e púrpura, fiando lã e apanhando leves pancadas com a sandália de Ônfale — espectáculo bem vergonhoso, com a veste escorrendo ao longo do corpo e muito larga, e a virilidade do deus indecentemente efeminada.

11. Possivelmente, a maioria das pessoas elogiará essa tua maneira [de escrever], ao passo que aquela minoria que tu desprezas rirá com todo o gozo e até mais não poder ser, ao verem a incongruência, a inconsistência e a desarmonia da obra. Na verdade, o que é belo é aquilo que é próprio de cada coisa, pelo que, se alterares este ponto, a mesma coisa, devido ao mau uso, torna-se desengraçada. E já não falo do facto de os elogios serem eventualmente agradáveis a uma só pessoa, [ou seja,] àquela que é elogiada, mas insuportáveis para as outras pessoas, especialmente se contêm exageros prodigiosos, como

---

palavra sugere o cuidado com que os ouvintes localizavam as imperfeições da obra...

<sup>27</sup> “Argo” (inexacta a forma *Argos*), monstro de cem olhos e, entre outras funções, guarda da novilha Io (amada de Zeus), foi morto por Hermes. Os seus olhos foram transferidos para o pavão...

<sup>28</sup> “cambistas” (sentido literal), ou “banqueiros”, ou (é especialmente o caso) “verificadores de metais”, tinham a tarefa, nem sempre fácil, de verificar a pureza do metal das moedas...

<sup>29</sup> “escrever História”, gr. *süggráphein* (συγγράφειν), que já significa “escrever em prosa” (especialmente obras históricas); v. §4, nota a “aos que escrevem [obras históricas]”.

<sup>30</sup> Refere-se aos ouvintes exigentes e capazes de criticar o que está mal.

<sup>31</sup> Trata-se de uma das muitas aventuras de Hércules. A certa altura, vemo-lo como escravo de Ônfale, rainha da Lídia; enquanto ela envervou a pele de leão característica do herói, este vestia-se à maneira oriental...



faz a maior parte [desses historiadores], que procuram a benevolência dos elogiados e insistem, até tornarem a bajulação manifesta para toda a gente. Na verdade, nem sequer sabem fazer isso com uma certa habilidade, nem disfarçar a bajulação, mas, pelo contrário, precipitam-se a expor tudo isso num amontoado incrível e sem reboço.

12. Deste modo, não conseguem aquilo a que mais aspiram, pois aqueles que eles elogiam odeiam-nos ainda mais e rejeitam-nos como bajuladores [que são], e fazem muito bem, especialmente se forem pessoas sensatas<sup>32</sup>.

Tal como o caso de Alexandre: Tendo Aristobulo descrito o combate singular entre Alexandre e Poro<sup>33</sup>, e tendo lido perante o rei especialmente esse passo da obra (cuidava ele que daria ao rei um enorme prazer, atribuindo-lhe falsamente grandes feitos e fazendo-o cometer actos muito acima da verdade), Alexandre pegou no livro<sup>34</sup> e — como estavam nesse momento a navegar no rio Hidaspes — lançou-o directamente à água, dizendo: “*O mesmo devia fazer-te a ti, Aristobulo, por me pões a lutar em combate singular e a matar elefantes com uma única frechada.*” Certamente que Alexandre tinha de ficar furioso com esse facto, ele que não suportou a ousadia do arquitecto que se propunha dar ao monte Atos a sua figura e transformar o monte à imagem do rei, mas, pelo contrário, reconhecendo imediatamente que o homem era um adulator, nunca mais o empregou em qualquer obra.

13. Mas que deleite pode haver nesses elogios, a menos que uma pessoa seja a tal ponto insensata, que se compraz em ser elogiada por actos cuja falsidade é facilmente demonstrável? É como [sucede com] as pessoas<sup>35</sup> feias, principalmente algumas mulherzinhas<sup>36</sup>, que recomendam aos pintores que as pintem o mais bonitas possível, pois cuidam que terão melhor aspecto, se

---

<sup>32</sup> “se forem pessoas sensatas”: O gr. diz, literalmente, “se forem *viris* de espírito”. Há que dar um jeito...

<sup>33</sup> Poro, rei indiano.

<sup>34</sup> O “livro” era, de facto, um “rolo” de papiro...

<sup>35</sup> “pessoas”: O gr. *ánthrōpos* (ἄνθρωπος) é o termo geral para “pessoa” (homem ou mulher, ser humano); a tradução por “homens” é, neste contexto, inexacta.

<sup>36</sup> “mulherzinhas”, gr. *gúnaiá* (γύναια) é um diminutivo, aqui com conotação depreciativa; também podíamos traduzir por “jovensitas”...

o pintor lhes puser um pouco mais de *rouge* e misturar muito alvaiade na loção.

Tais são, na sua maioria, os historiadores actuais, que, com esta servidão, esperam retirar da sua historiografia o máximo de bens e de vantagens. É bom que odiemos esses fulanos, que, actualmente, não passam de bajuladores descarados e grosseiros, mas que, em tempos futuros, tornam toda a sua obra claramente suspeita, devido aos exageros. Em todo o caso, se alguém entender dever misturar o deleite ao longo de toda a obra histórica, existem, entre os demais ornamentos de estilo, outras maneiras de deleitar, mas compatíveis com a verdade, [ornamentos esses,] que [os historiadores], na sua maioria, desprezam, enquanto acumulam de enfiada aqueles que não ficam nada bem.

14. Vou, pois, contar-te os casos que me recordo de ter recentemente ouvido<sup>37</sup> na Jónia, e também, por Zeus!, ainda outro dia na Acaia, a alguns historiadores, que narravam a mesma guerra<sup>38</sup>, a actual. Pelas Graças!, que ninguém ponha em dúvida aquilo que vou dizer. Na verdade, eu até juraria que é verdade, se fosse de bom gosto introduzir um juramento numa obra séria<sup>39</sup>. Um deles começou pelas Musas, suplicando a essas divindades que participassem na sua obra. Estás vendo como este exórdio se adequa e ajusta bem à História e é próprio de um género literário como este!<sup>40</sup> Depois, descendo um pouco mais, comparou o nosso general a Aquiles, e o rei dos Persas a Tersites<sup>41</sup>, sem se aperceber de que Aquiles foi mais

---

<sup>37</sup> “ouvido”: Mais uma vez, Luciano refere-se às apresentações orais de obras literárias.

<sup>38</sup> Parece fazer referência a uma guerra contra o povo germânico dos Marcomanos, sob o comando de Lúcio Vero (130-169 d.C.), que aí foi morto em combate. Esta nota serve também para situar cronologicamente a obra de Luciano.

<sup>39</sup> “obra séria” pretende traduzir o gr. *súggramma* (σύγγραμμα), “escrito em prosa” (especialmente obra histórica), por oposição a “poesia”, que admite certas liberdades... poéticas...

<sup>40</sup> Ao interpretar a frase, não como interrogativa, mas como exclamativa (os manuscritos permitem-no), dou-lhe o sentido irónico que Luciano pretende.

<sup>41</sup> Tersites, guerreiro grego que combateu em Tróia, além ser de uma insolência extrema, tornou-se, para a posteridade, um dos símbolos da fealdade. Era particularmente odiado por Aquiles, por Ulisses e pelo comandante-geral da expedição: Agamémnon. Dele diz Homero (*Il.*, II,

valoroso ao matar Heitor, do que seria matando Tersites, e que, se à sua frente fugia um homem valente,

... *um mais valente ainda o perseguia*<sup>42</sup>.

Seguidamente, continuou, fazendo um elogio a si próprio, [dizendo] como era digno de narrar façanhas assim tão brilhantes. E descendo ainda mais, louvou a sua terra natal, Mileto, acrescentando que procedia melhor que Homero, que não fizera a mínima referência à sua pátria. Depois, já no final do exórdio, prometeu, explícita e claramente, exaltar o mais favoravelmente possível o nosso lado, e hostilizar o mais possível os Bárbaros. Então, deu início nestes termos à sua história, expondo as causas e o princípio da guerra: “*O infame Vologeso*<sup>43</sup>, *digno de má morte, iniciou a guerra pelo motivo seguinte...*”

15. Assim se exprimiu este. Um outro, ferrenho imitador de Tucídides, chegando-se o mais possível ao original, deu início à obra, tal como aquele, mencionando o seu nome, no mais gracioso de todos os exórdios, rescendendo ao tomilho ático. Ora repara: “*Crepereio Calpurniano, Pompeiopolitano*<sup>44</sup>, *escreveu a guerra entre os Partianos e os Romanos, a forma como guerrearam uns com os outros, começando exactamente no ponto em que ela se desencadeou.*” Assim, depois de um tal exórdio, que mais poderia dizer-te?... [Por exemplo,] o discurso pronunciado na Arménia, em que reproduziu o orador corcireu<sup>45</sup>, ou quando atribuiu uma peste aos Nisibenos<sup>46</sup>, por estes não terem tomado o partido dos Romanos, [passagem] em que copia tudo fielmente de Tucídides, com excepção do Pelásgico e das

---

216-219...): “*Era o homem mais feio que veio a Ílion; tinha as pernas tortas e coxeava de um pé; os ombros eram curvados e descaídos sobre o peito; a cabeça elevava-se pontiaguda, e dela despontava uma rala lanugem*”...

<sup>42</sup> *Iliada*, XXII, 158.

<sup>43</sup> “Vologeso”, rei dos Partos (região da Pérsia).

<sup>44</sup> “Pompeiopolitano”, i. é, de Pompeiópolis, cidade da Paflagónia... Todos estes “provincianismos” servem para ridicularizar a personagem.

<sup>45</sup> “corcireu”, i. é, de Corcira, lat. *Corcyúra*, gr. *Kérkúra* (Κέρκυρα), a actual Corfu, no mar Jónio, ao largo do Epiro. Cf. Tucídides, I, 32, em que a delegação dos Corcireus se dirige aos Atenienses.

<sup>46</sup> “Nisibenos”, de Nísibe, cidade da Mesopotâmia.

Grandes Muralhas<sup>47</sup>, em cujo interior moravam os infectados. Quanto ao resto, [a sua peste] também “teve início na Etiópia”, como a outra, “desceu<sup>48</sup> até ao Egípto” e “chegou à maior parte das terras do [Grande] Rei<sup>49</sup>” ... e ficou-se por aí, no que procedeu muito bem<sup>50</sup>. Então eu, pela minha parte, tendo-o deixado a enterrar os pobres “Atenienses” em Nísibis<sup>51</sup>, retirei-me, pois sabia exactamente o que ele iria dizer depois da minha retirada. Na verdade, está actualmente muito na moda [um historiador] considerar que está a imitar o estilo de Tucídides, se, com uma pequena modificação, citar expressões suas, pequenos farrapos, como tu dirias, mas a outro propósito<sup>52</sup>... Mas, por Zeus!, por pouco que me esquecia de uma outra coisa. De facto, esse tal historiador designa muitas das armas e máquinas de guerra com os nomes que os Romanos lhes dão, designando como estes, [por exemplo,] uma *trincheira*, uma *ponte*<sup>53</sup>, e outros que tais. Imagina-me lá como é digno da historiografia, e como convém a Tucídides meter entre os vocábulos áticos esses vocábulos

---

<sup>47</sup> “Pelásgico” (ou muralha Pelásgica), a Noroeste da cidadela de Atenas; as Longas Muralhas ligavam Atenas ao Pireu. É óbvio que, ao copiar descaradamente Tucídides (a peste em Atenas, no início da Guerra do Peloponeso), havia que eliminar as referências toponímicas só aplicáveis à Ática. Cf. Tucídides, II, 47-54.

<sup>48</sup> “desceu”: É evidente que, vista a geografia a partir da Europa, o caminho da Etiópia para o Egípto é *a descer*.

<sup>49</sup> “terras do [Grande] Rei”, ou seja, a Pérsia.

<sup>50</sup> “procedeu muito bem”, entenda-se: em não continuar, trazendo a peste (como em Tucídides) até ao Pireu, e daí para Atenas. É um fino apontamento irónico...

<sup>51</sup> “Atenienses em Nísibis”, mistura impossível, na mesma linha irónica da observação precedente.

<sup>52</sup> “pequenos farrapos, como tu dirias, mas a outro propósito”, frase que consta dos manuscritos, mas eliminada por alguns editores modernos (Dindorf, “Loeb”...), em meu entender sem uma boa razão. Não me parece que se trate de um comentário à margem e posteriormente introduzido no texto, pois a frase “*como tu dirias*” refere-se claramente ao destinatário de Luciano, que aproveita para citar um vocábulo que este usa, em sentido figurado, com alguma frequência ou com alguma graça; “*mas a outro propósito*” parece-me ser, no contexto, a tradução mais sugestiva de *ou di’ autén* (οὐ δι’ αὐτήν), lit.<sup>16</sup> “não por causa da mesma (situação)”, expressão que alguns editores emendam diversamente...

<sup>53</sup> “*trincheira*” (ou “*fosso*”), “*ponte*”: Luciano emprega aqui somente os vocábulos gregos *táphros* (τάρφος), *géphūra* (γέφυρα), e não (por “pudor”?) lat. *fossa* (ou *fossatum*), *pons*.

latinos, como se estes constituíssem uma [espécie de] veste de púrpura embelezadora, adequada e perfeitamente condizente.

16. Um outro desses tais compilou umas secas notas sobre os acontecimentos, num estilo completamente prosaico e pedestre, como um soldado, um carpinteiro ou um cantineiro desses que acompanham o exército, que redigissem e juntassem os factos de cada dia. Mesmo assim, esse ignorante não é muito censurável, pois revela-se imediatamente tal qual é e executa uma tarefa preliminar em benefício de outro mais hábil e que será capaz de elaborar uma história. O único defeito de que o acuso consiste no facto de ter dado ao seu livro um título muito pomposo comparado com o destino<sup>54</sup> deste tipo de escritos, por exemplo: “*De Calimorfo, Médico da Sexta Legião de Lanceiros, das Histórias Párticas...*” ... e acrescenta o número de cada livro<sup>55</sup>. Além disso, por Zeus!, fez um prefácio superfrígido, concluindo nos termos seguintes: “*É natural que um médico escreva uma obra histórica, pois Asclépio<sup>56</sup> é filho de Apolo, e Apolo Muságeta<sup>57</sup> é o pai de toda a cultura.*” E tendo começado por escrever no dialecto jónico, mudou, não sei lá por que motivo, para a língua comum; diz *iētrikéō*, *peirē*, *hokósa*, *noúsoi*<sup>58</sup>, enquanto o resto é em língua comum e, na sua maioria, em [baixa] linguagem de rua<sup>59</sup>.

17. Se me é permitido referir um homem sábio<sup>60</sup>, cujo nome omito, falarei somente das suas ideias e do seu recente escrito [feito] em Corinto, [escrito esse] que excede toda a expectativa. De facto, logo no início e no primeiro período do exórdio,

---

<sup>54</sup> “destino”: Refere-se, provavelmente, ao facto de essas simples notas se *destinarem* a ser literariamente tratadas por outros mais hábeis...

<sup>55</sup> “e acrescenta o número de cada livro”, diríamos: *Livro nº Tal...*

<sup>56</sup> Asclépio (Esculápio para os Romanos) era o deus da Medicina, arte em que fora instruído pelo centauro Quíron. Tinha o seu santuário em Epidaurou, no Peloponeso...

<sup>57</sup> “*Muságeta*”, gr. *Mousagētēs* (Μουσαγέτης), “condutor das Musas”.

<sup>58</sup> “*medicina, experiência* (ou *tentativa*), *quantos, doenças*”. Compare com as formas áticas: *iātrikē*, *peirā*, *hopósa*, *nósoi*.

<sup>59</sup> “de rua”, gr. *ek triódou* (τριόδου), lit.<sup>te</sup> “da encruzilhada”; note que os antigos viam as encruzilhadas como “três caminhos”: para a frente, para a direita e para a esquerda; os romanos diziam *trivium* (“três vias”), donde vem o nosso “trivial”... que bem pode ser a melhor tradução...

<sup>60</sup> “homem sábio”, propriamente, um filósofo, como se vê pelo seguimento.

interrogou dialecticamente<sup>61</sup> os seus leitores, apressando-se a expender uma tese subtil, segundo a qual somente o sábio<sup>62</sup> estaria em condições de escrever uma obra histórica. Um pouco depois, [vem] outro silogismo, e outro logo a seguir. Numa palavra, todo o exórdio está composto na mesma forma silogística, com bajulação até à saciedade e encómios grosseiros e absolutamente dignos de charlatães, ainda que não falhos de raciocínio silogístico e em forma dialéctica. No entanto, pareceu-me uma grosseria muitíssimo pouco própria de um sábio de longas barbas grisalhas o facto de dizer, logo no exórdio, que o nosso Imperador irá gozar do privilégio excepcional de ter filósofos a escrever os seus feitos. Mesmo assim, devia deixar-nos a nós a tarefa de pensar nesse elogio, em vez de ser ele próprio a dizê-lo.

18. Também não seria justo omitir aquele fulano que começa assim o seu exórdio<sup>63</sup>: “*Vou falar de Romanos e Persas*”, e em pouco adiante: “*De facto, tinha de acontecer mal aos Persas*”, e ainda: “*Era Ósroes, aquele a quem os Gregos chamam Oxíroes*”, e muitas outras frases do género. Estás vendo? Este é igual ao outro, com a diferença de que um<sup>64</sup> imita muito bem Tucídides, enquanto o outro imita Heródoto.

19. Um outro, notável pela força da sua palavra e igual a Tucídides, ou ainda um pouco melhor que ele, depois de descrever com a máxima precisão e o máximo vigor — assim o julgava — todas as cidades, todas as montanhas, todos as planícies e todos os rios, [exclama]<sup>65</sup>: “*Que o deus vingador faça cair tudo isto sobre as cabeças dos nossos inimigos!*” Tal era a friquidez, superior à da neve cáspia e à do gelo céltico. Quanto ao escudo do Imperador, mal lhe bastou todo um livro para o descrever, com uma Górgona no “umbigo”<sup>66</sup>, a qual tinha os

---

<sup>61</sup> “interrogou dialecticamente”: o verbo *sūnerōtāō* (συνερωτάω) “perguntar e obter resposta”, de forma repetida: é a célebre *dialectica*, em que um dos interlocutores tenta insidiosamente enredar o outro.

<sup>62</sup> “sábio”: v. nota *supra*...

<sup>63</sup> Nas diversas citações, o historiador introduz formas dialectais: três jónicas e uma eólica, com o que pretende dar elevação ao seu estilo.

<sup>64</sup> “um”: Refere-se a Crepereio, v. §15; “outro”... não nomeado...

<sup>65</sup> “Um outro... depois de descrever... *exclama*”: No texto grego falta obviamente o verbo da proposição principal...

<sup>66</sup> “umbigo”: Os escudos eram bojudos na parte central, com uma protuberância que fazia lembrar um “umbigo”, *omphalós* (ὀμφαλός).

olhos [pintados de] azul, branco e preto, o cinturão nas cores do arco-íris, e ainda dragões em espiral e enrolados em caracol; os calções pérsicos<sup>67</sup> de Vologeso e o freio do seu cavalo, por Hércules!, quantos milhares de palavras para [descrever] cada um deles, ou como era a cabeleira de Óroes, quando este atravessava o Tigre a nado, ou a caverna em que ele se refugiou, com hera, mirto e loureiros entrelaçados, que a tornavam completamente escura! Repara como estas descrições<sup>68</sup> são necessárias à História, e como, sem elas, não ficaríamos a saber nada do que se passou!<sup>69</sup>

20. Na verdade, é por carência de matéria útil, ou então por ignorância do que convém dizer, que eles se viram para as descrições de lugares e de cavernas; e quando entram em certos, e muitos, assuntos importantes, assemelham-se a um criado recém-enriquecido que acabou de herdar [os bens] do seu amo, e que nem sequer sabe como deve usar uma veste, ou como proceder nos banquetes como manda a etiqueta, mas, pelo contrário, muitas vezes, quando estão para servir<sup>70</sup> aves, carne de porco ou lebre, precipitam-se e atafulham-se com sopa de legumes ou com carne fumada, até rebentarem de tanto comerem. Este fulano, de quem falei acima, descreveu ferimentos altamente inacreditáveis e mortes estranhíssimas, como o caso de um homem que, ferido no dedo grande de um pé, expirasse logo ali; ou como bastou um grito do general Prisco, para que vinte e sete inimigos caíssem mortos. Além disso, no que toca ao número de mortos, mentiu, [exagerando] para lá do que está registado nos comunicados dos generais. De facto, [diz] que morreram perto de Europo<sup>71</sup> setenta mil, duzentos e trinta e seis [70.236] inimigos, enquanto da parte

---

<sup>67</sup> “calções pérsicos” é a maneira possível de traduzir a palavra persa (*adaptada ao grego*) *anaxürís*, mais usual no pl. *anaxürídes* (ἀναξυρίδες, pl. ἀναξυρίδες). Trata-se de calças compridas e largas, nalguns casos (pelo menos em Heródoto, I, 71) de couro...

<sup>68</sup> “estas descrições”: O gr. é, como de costume, mais vago: “estas coisas”...

<sup>69</sup> Note a ironia...

<sup>70</sup> “estão para servir”, ou “... apresentar”: É este, no contexto, o sentido do participio presente; errada a tradução “quando servem”; trata-se de uma espécie de “futuro imediato”...

<sup>71</sup> “Europo”, cidade da Síria, na margem direita do Eufrates, não a cidade do mesmo nome na Macedónia.

dos Romanos só houve dois mortos e nove feridos. Não sei se haverá alguém que, no seu juízo perfeito, acredite nisto.

21. Há ainda que dizer uma coisa que não é de somenos importância. De facto, no seu desejo de ser completamente ático e de apresentar uma linguagem pura no mais alto grau, este fulano até decidiu transformar os vocábulos latinos e escrevê-los com formas gregas, por exemplo chamando *Krónios* a *Saturninus*, ou *Phróntis* a *Fronto*, ou *Titánios* a *Titianus*<sup>72</sup>, e outros ainda mais ridículos. Além disso, o mesmo fulano escreveu, a respeito da morte de Severiano, que todas as outras pessoas estavam enganadas, cuidando que ele morrera com um golpe de espada, mas o homem ter-se-ia deixado morrer de fome, pois parecia-lhe que este era o género de morte menos doloroso; mas [o historiador] não sabia que esse sofrimento só durou — creio eu — três dias, e que a maior parte das pessoas aguenta sete dias sem comer... a menos que se suponha que Ósroes tenha ficado à espera de que Severiano morresse de fome, e que por isso não o atacou durante toda uma semana<sup>73</sup>.

22. E onde colocaremos, meu caro Fílon, aqueles que empregam expressões poéticas nas suas obras históricas? Dizem [por exemplo]<sup>74</sup>: “*O aríete*<sup>75</sup> ‘estrugiu’, e a muralha, ao desmoronar-se,

---

<sup>72</sup> *Krónios* (Κρόνιος), *Phróntis* (Φρόντις) e *Titánios* (Τιτάνιος) são nomes gregos com que o historiador pretende evitar os termos latinos. Sobretudo os dois últimos exemplos são absolutamente ridículos.

<sup>73</sup> A historieta é obscura. Parece deduzir-se que Severiano se fechara na sua tenda, vigiado por Ósroes, fazendo “greve” de fome; então, ao fim de três dias, o persa não esperou que a fome matasse, ao fim de sete dias, o seu inimigo, e resolveu atacá-lo. Como se vê, são “miudezas” que pouco ou nada interessam à História. De resto, a respeito deste Severiano, a confusão aumenta com o que se diz nos §§25-26 (q.v.).

<sup>74</sup> Os exemplos de linguagem poética (sobretudo homéricos) são muito difíceis de traduzir. Quando não haja, em port., um termo poético, podemos utilizar um termo pouco usual... que era isso, afinal, o que os leitores antigos apreendiam. Mas, mesmo assim, é ingrata a tarefa do tradutor. Convida-se o leitor a tentar encontrar termos menos usuais, que substituam os que, para facilitar, apresento entre aspas simples (‘...’).

<sup>75</sup> O aríete, ou carneiro (o texto diz, vagamente, “máquina” ou “engenho”), era um engenho concebido para “investir” contra as muralhas, abrindo-lhes brechas o fazendo-as ruir de alto a baixo.



‘fez um ruído surdo’; ou, na segunda parte da sua bela<sup>76</sup> história: “Edessa ‘estrepitava a toda a volta’ com o ruído das armas, e tudo era ‘fragor’ e ‘tumulto’”; ou ainda: “O general ‘congemina’ a melhor forma de atacar a muralha”. Mas a seguir enfiou-lhe<sup>77</sup> pelo meio uma grande quantidade de frases baixas, vulgares e próprias de mendigos<sup>78</sup>, como, por exemplo<sup>79</sup>: “O tribuno ‘epistolou’<sup>80</sup> para a ‘patrão’<sup>81</sup>...”; ou: “Os [próprios] soldados compravam o [equipamento] necessário”<sup>82</sup>...”; ou ainda: “Depois de se lavarem, cuidavam das suas coisas”<sup>83</sup>; e coisas como estas. Era como se um actor de tragédia tivesse um pé encarrapitado num coturno muito alto, e no outro pé tivesse uma sandália calçada.

23. Também poderás ver outros, que compõem exórdios brilhantes, patéticos e excessivamente longos, de tal modo que ficamos na expectativa de escutar, a seguir, narrações maravilhosas, mas, quanto ao corpo propriamente dito da sua História produzem uma coisa tão mesquinha e tão vulgar, que mais se parece com um menino, se é que já viste um qualquer [menino] *Eros*<sup>84</sup>, que, por brincadeira, põe uma enorme máscara

---

<sup>76</sup> “bela”, com carga irónica, pois a história (a historiografia) não tem de ser “bela”...

<sup>77</sup> “enfiou-lhe”: Luciano utiliza um composto que não parece ocorrer noutros escritores, e que tem todo o aspecto de termo vulgar... a condizer com o que vem a seguir.

<sup>78</sup> “próprias de mendigos”, talvez “do baixo calão”...

<sup>79</sup> Tal como no grupo precedente (palavras poéticas, nobres, não usuais), também aqui é por vezes difícil verter o carácter vulgar de certos termos, que coloco entre aspas simples (...).

<sup>80</sup> *epésteilen* (ἐπέστειλεν) “enviou (uma epístola)”, subentende precisamente o complemento *epistolén* (ἐπιστολήν) “epístola”. A tradução pelo (meu e... “inaudito”) *‘epistolou’* pretende dar a ideia de um *jargon* militar...

<sup>81</sup> *‘patrão’*, ou “senhor”, ou “seu amo”... em vez do título próprio, que não é aqui explicitado, mas que poderia ser “o rei”, “o Imperador”, “o cônsul”, enfim, a autoridade militar superior...

<sup>82</sup> *‘equipamento’ necessário*: O texto diz *tà egkhrézonta* (τὰ ἐγκρήζοντα) “as coisas necessárias”, designação, não técnica, entre os soldados, de uso estritamente vulgar, correspondente ao termo próprio *tà epitédεια* (τὰ ἐπιτήδεια), “equipamento”.

<sup>83</sup> Luciano acha a frase muito prosaica, mas não sei dizer porquê...

<sup>84</sup> “*Eros*”, “Amor”, lat. *Cupido*: aqui não se trata do deus Eros, mas do nome, muito vulgar, dado a escravos dos senhores romanos

de Hércules ou de um Titã. Imediatamente os ouvintes lhes gritam: “*O monte pariu um rato*”<sup>85</sup>.

Julgo que não deve ser assim, mas, pelo contrário, o conjunto deve manter-se uniforme, com a mesma “cor” e com o corpo a condizer com a cabeça, para que não se dê o caso de o elmo ser de ouro, mas a couraça — coisa extremamente ridícula — feita de retalhos de tecido ou de pedaços de couro podre, ou o escudo de vime, mas as grevas de pele de porco. De facto, poderás ver um número incalculável destes historiadores, que colocam a cabeça do colosso de Rodes<sup>86</sup> sobre um corpo de anão. Outros, pelo contrário, entram logo com corpos sem cabeça, sem exórdio e directamente no assunto. Estes tomam por modelo Xenofonte, que começa assim: “*De Dario e Parisátide nasceram dois filhos...*”<sup>87</sup>, bem como outros historiadores antigos, pois não sabem que certos exórdios, que o são na sua essência, passam despercebidos à maior parte das pessoas, como mostraremos noutra lugar.

24. Mesmo assim, ainda são suportáveis todas estas coisas, que constituem defeitos de expressão ou de disposição. Mas errar a respeito da situação dos lugares, não só em parasangas<sup>88</sup>, mas em jornadas inteiras, com qual desses belos [historiadores] se parece?<sup>89</sup> Um deles, sem nunca ter falado com um sírio, e sem sequer — como sói dizer-se — “*ter ouvido contar tais acontecimentos no barbeiro*”<sup>90</sup>, redigiu a sua obra com tal negligência, que, falando de Europa<sup>91</sup>, disse: “[*A cidade de*] *Europa*

---

<sup>85</sup> “*O monte pariu um rato*” é a forma usual do provérbio em português, mas o texto grego diz apenas o “título” da conhecida fábula: “*A montanha estava com dores de parto*”, ou lat. *mons parturiens...* A fábula é contada, p. ex., por Horácio (*Arte Poética*, 139), por Fedro (IV, 22).

<sup>86</sup> “colosso de Rodes”, gigantesca estátua que os Ródios erigiram (292-280 a.C.) em honra do Sol (Hélio), foi destruída por um sismo em 223 a.C., pelo que Luciano só conhece a estátua por descrições literárias.

<sup>87</sup> Início da *Anábasis*.

<sup>88</sup> A parasanga equivalia a 30 estádios, ou c. 6 quilómetros (pouco mais que a nossa *légua*; uma jornada, etapa ou *estação* era a distância percorrida num dia de marcha, mais ou menos cinco parasangas (30 km)...

<sup>89</sup> Nesta espécie de adivinha, Luciano sugere uma figura certamente bem conhecida do seu amigo Filon.

<sup>90</sup> É interessante notar que já naquele tempo as barbearias eram lugares de cavaqueira, informação e, naturalmente, de má língua.

<sup>91</sup> “Europa”, cidade da Síria, na margem direita do Eufrates, foi ocupada pelos Romanos em 165 d.C.; Luciano critica o mau historiador, por situar

*está situada na Mesopotâmia, dista duas jornadas do Eufrates, e foi fundada pelos Edéssios*". E como isso lhe não bastou, esse mesmo excelente fulano, nesse mesmo livro, arrancou [do seu lugar] a minha pátria, Samósata, com a sua acrópole e as suas muralhas, e transportou tudo para a Mesopotâmia<sup>92</sup>, de forma que a cidade era banhada por ambos os rios, que passavam, um de cada lado, muito juntinhos à cidade, e quase a rasar a muralha. Seria muito engraçado, ó Fílon, que eu agora me defendesse, perante a tua pessoa, da acusação de ser partiano ou mesopotamiano<sup>93</sup>, regiões para onde esse admirável historiador me levou e me fez colono.

25. Por Zeus!, também é absolutamente digno de fé o que o mesmo fulano disse a respeito de Severiano, jurando tê-lo ouvido da boca de um dos que haviam escapado desse episódio. Na verdade, Severiano não decidiu suicidar-se com um golpe de espada, nem ingerir veneno, nem enforcar-se, mas, pelo contrário, imaginou um género de morte digno de uma tragédia e surpreendente pela sua audácia. Foi o caso que o [nosso] homem possuía enormes taças cristalinas, do mais belo cristal. Então, quando decidiu firmemente suicidar-se, quebrou o maior desses vasos e, servindo-se de um dos estilhaços para o "sacrifício", cortou a garganta com o [pedaço de] cristal... como se não achasse um punhal ou uma lança que pudessem constituir uma morte viril e heróica!

26. Depois, como Tucídides compôs uma oração fúnebre de homenagem aos primeiros mortos daquela guerra<sup>94</sup>, também este entendeu por bem compor um discurso em honra de Severiano. Na verdade, todos esses [historiadores] entram em competição com Tucídides, que não tem culpa nenhuma dos desastres [ocorridos] na Arménia. Assim, uma vez sepultado Severiano com toda a pompa, faz subir ao túmulo um tal Afrânio Silão, centurião, [feito] rival de Péricles<sup>95</sup>, que tantos e

---

aquela cidade a *duas jornadas* (c. 60 km) do Eufrates.

<sup>92</sup> Samósata ficava na margem *direita* do Eufrates, pelo que não estava situada na *Mesopotâmia*, região entre o Eufrates e o Tigre.

<sup>93</sup> A acusação seria grave, pois esses povos estavam em guerra com Roma.

<sup>94</sup> Guerra do Peloponeso, 431-404 a.C.; v. Tucídides, II, 35-36... Trata-se do famoso discurso de Péricles.

<sup>95</sup> "rival de Péricles": A comparação entre um centurião romano e o grande Péricles contém uma pesada ironia...

tais factos meteu na sua retórica sobre o defunto<sup>96</sup>, que eu, pelas Graças!, fartei-me de chorar de tanto rir, especialmente quando o orador Afrânio, na parte final do seu discurso, recorda, muito comovido, a chorar e a soluçar, aquelas opíparas jantaras e brindes à saúde<sup>97</sup>. Em seguida, aplica-lhe um fecho<sup>98</sup> digno de Ájax: De facto, sacou da espada e, numa atitude muito nobre, como era natural num<sup>99</sup> Afrânio, suicidou-se sobre o túmulo, à vista de toda a gente... mas, por Eniálio<sup>100</sup>, não deixava de merecer ter morrido muito antes de<sup>101</sup> ter pronunciado tal discurso. Então — diz o historiador —, perante tal espectáculo, todos os presentes admiraram e gabaram muito Afrânio. Pela minha parte, porém, censurei-o, entre outras coisas, por quase só lembrar cozidos e assados<sup>102</sup> e por derramar [copiosas] lágrimas à simples recordação daqueles pastelões<sup>103</sup>, mas critiquei-o sobretudo por ter morrido sem antes ter degolado o autor e “ensaiador” do “drama”.

27. Embora pudesse, meu amigo, enumerar-te muitos outros [historiadores] iguais a estes, menciono, no entanto, somente uns poucos, após o que passarei logo<sup>104</sup> à minha segunda promessa, [ou seja] os meus conselhos sobre a melhor maneira de escrever História<sup>105</sup>. De facto, há alguns que omitem ou tratam

<sup>96</sup> O grego é mais vago: “... tantas e tais coisas... sobre ele...”.

<sup>97</sup> Nos banquetes, ou nas jantaras mais abundantes, era designado ou, mais frequentemente, tirado à sorte um “presidente de banquete”, *sūmposiárkhēs* (συμποσιάρχης), o qual, entre outras funções, fixa o número de taças que cada conviva tem de beber, de uma só vez e sem respirar...

<sup>98</sup> “fecho”: Luciano utiliza um termo técnico, *korōnís* (κορωνίς), uma linha curva que se traçava no fim de um livro ou de um capítulo...

<sup>99</sup> “num”: A falta de artigo definido, em grego, corresponde, muitas vezes, ao nosso “indefinido”. Note-se a ironia...

<sup>100</sup> *Enūálios* (Ἐνυάλιος), “Belicoso”, epíteto de Ares (o Marte romano).

<sup>101</sup> “muito antes de”: Leio *prò polloû... ê* (πρὸ πολλοῦ... ἤ...), onde outros lêem *prò polloû... eî*... (πρὸ πολλοῦ... εἰ...).

<sup>102</sup> “cozidos e assados” é tradução... *desesperada*; a primeiro, *zōmós* (ζωμός) significa (retiro de diversos dicionários que não se entendem) “caldo”, “sopa”, “molho”, “cozido”...; o segundo, *lopás* (λοπάς) é dado como significando “tacho”, “caçarola”, “prato chato” ou, daí, “comida servida em prato chato”, mas também (com leitura *lepás* (λεπάς) “lapa”, “marisco de concha”, talvez “ostra”... Era preciso estar lá para ver...

<sup>103</sup> “pastelões”, ou “empadões”, não salgados, mas doces.

<sup>104</sup> Na verdade, só passará a essa 2ª parte (a anunciada no título) no §34...

<sup>105</sup> “escrever História”: Como já se disse noutra nota (v. §4, nota a *escrevem*), o verbo *sūggráphō* (συγγράφω) significa “escrever em prosa”,

por alto os acontecimentos mais importantes e mais dignos de registro, ao passo que, por impreparação, falta de gosto e desconhecimento daquilo que deve ser expresso e daquilo que deve ser silenciado, tratam das coisas mais insignificantes com todo o vagar, toda a minúcia e todo o zelo; é como se uma pessoa, sem notar, sem elogiar e sem descrever para aqueles que nunca a tivessem visto, toda a beleza [da estátua] de Zeus em Olímpia, que é tão grande e tão imponente, admirasse o alinhamento e o polimento do pedestal, bem como a justa proporção da base, tudo isso descrito com todo o desvelo.

28. Eu próprio ouvi<sup>106</sup> um desses passar a correr, em menos de sete linhas, pela batalha junto de Europo<sup>107</sup>, ao passo que gastou vinte medidas, ou mais, de água<sup>108</sup> numa digressão sensaborona e sem o mínimo interesse para o nosso caso, na qual um certo cavaleiro mauritano, de seu nome Mausacas, errando cheio de sede pelas montanhas, terá encontrado uns camponeses sírios, que se preparavam para almoçar, os quais, ao princípio, teriam tido medo dele, mas depois, informados de que se tratava de um dos seus amigos, o acolheram e lhe deram de comer. De facto, acontecera que um deles tinha ido à terra dos Mauros, onde um seu irmão servia como soldado. A seguir, vêm longas histórias e narrativas, em que [o sírio] conta como andou em caçadas na Mauritânia, como viu muitos elefantes pastando no mesmo sítio, como pouco faltou para ser devorado por um leão, como comprou enormes peixes em Cesareia<sup>109</sup>. Mas este admirável historiador, pondo de lado tanta carnificina acontecida em Europo, tantas cargas de cavalaria, tréguas forçadas, vigias e contra-vigias, ficou até ao fim da tarde, vendo o sírio Málquion<sup>110</sup>, em Cesareia, a comprar por baixo preço enormes

---

nomeadamente *obra histórica*.

<sup>106</sup> “ouvi”: Mais uma vez, referência às recitações perante uma assistência; no entanto, Luciano refere-se à extensão *escrita* dessa referência — sete linhas —, o que pode ser entendido de duas maneiras: Ou Luciano leu, posteriormente, um exemplar *publicado*, ou, ao *escutar* uma descrição tão breve, a “traduziu”, por cálculo, a texto escrito...

<sup>107</sup> V. nota a *Europo*, §20.

<sup>108</sup> Trata-se de vinte, ou mais, medidas de água na clepsidra. É claro que *vinte* é, aqui, uma numeração indeterminada, no sentido do exagero; na verdade, as clepsidras podiam ser graduadas mais rápidas ou mais lentas...

<sup>109</sup> Cidade da Mauritânia, não da Capadócia...

<sup>110</sup> “Málquion”: Também poderíamos dizer “Malquião”.

escaros<sup>111</sup>. E se não tivesse caído a noite, certamente que teria jantado com o sírio, pois os escaros já estavam cozinhados. Se o fulano não tivesse descrito minuciosamente este episódio na sua história, nós ficaríamos numa grande ignorância, e seria um prejuízo insuportável para os Romanos, se o mauritano Mausacas, cheio de sede, não tivesse achado que beber, e tivesse regressado ao acampamento sem ter jantado. Mesmo assim, quantos factos ainda mais importantes<sup>112</sup> eu passo em claro, como, por exemplo, o de uma tocadora de flauta, que veio ter com eles de uma aldeia vizinha, como trocaram de presentes entre si, tendo o mauritano oferecido uma lança a Málquion, e este uma fíbula a Mausacas... enfim, muitos outros episódios deste género sobre a batalha junto de Europo... mas estes são os principais. Na verdade, poder-se-ia dizer, e com razão, que estes fulanos não reparam na rosa, mas olham atentamente para os espinhos até quase à raiz<sup>113</sup>.

29. Um outro, caro Fílon, também extremamente ridículo, que nunca pôs um pé fora de Corinto, que nem sequer foi até Cêncreas<sup>114</sup>, e que certamente nunca visitou a Síria ou a Arménia, começa assim (cito de memória): *“Os ouvidos são menos dignos de fé que os olhos. Escrevo, pois, sobre o que vi, não sobre o que ouvi.”* E viu tudo com tanta exactidão, que conta que os dragões dos Partianos (que para eles é um sinal de numeração — cada dragão guia, segundo creio, mil homens) são enormes dragões de verdade<sup>115</sup>, que nascem na Pérsia, um pouco para lá da Ibéria<sup>116</sup>, [dragões esses] que eles levam amarrados a longas lanças e flutuando no ar, de forma que, ao avançarem, mesmo de longe metem medo; mas, no próprio momento da luta, quando já estão corpo a corpo, soltam-nos e lançam-nos contra os inimigos. É claro que muitos dos nossos foram deste modo devorados, enquanto outros, enroscados nos

---

<sup>111</sup> “escaro”, peixe acantopterígio, lit.<sup>te</sup> “de barbatanas espinhosas”; outro nome: *labro*: “género de peixes acantopterígios comestíveis marítimos” (“Lello”)...

<sup>112</sup> “ainda mais importantes”: Ironia, já se vê...

<sup>113</sup> “até quase à raiz”, ou seja — uma de diversas interpretações —, “ao longo do caule” (“Loeb”); ou: “excepto a raiz”, “só faltando ver na raiz”...

<sup>114</sup> Povoação e porto de Corinto, a cerca de 12,5 km da cidade.

<sup>115</sup> “de verdade”, lit.<sup>te</sup> “vivos”.

<sup>116</sup> Não confundir esta *Ibéria* — região entre o Mar Negro e o Mar Cáspio — com a Ibéria hispânica. A confusão não chegava a tanto!

seus anéis, morriam sufocados ou completamente esmagados. A tudo isto ele diz ter assistido presencialmente, naturalmente em segurança, fazendo de uma árvore muito alta o seu posto de observação. E fez mesmo muitíssimo bem em não enfrentar as feras, pois, [se o fizesse,] não teríamos agora um historiador tão admirável, que, por seu próprio punho<sup>117</sup>, cometeu grandes e brilhantes feitos nesta guerra. De facto, correu muitos perigos e foi mesmo ferido na região de Sura<sup>118</sup>... obviamente quando caminhava do (monte) Craneu<sup>119</sup> para Lerna<sup>120</sup>. E leu tudo isto perante os Coríntios, que sabiam perfeitamente que o homem nunca tinha visto uma guerra, nem sequer pintada numa parede. O fulano não sabia como eram as armas e as máquinas de guerra, nem conhecia os termos “centúria” ou “divisão em coortes”; acontece-lhe chamar “falange oblíqua” à “falange em linha”, e chamar “em linha” ao movimento “frontal”<sup>121</sup>.

30. Um outro “excelente” historiador englobou e condensou em menos de quinhentas linhas todos os factos, desde o princípio até ao fim, acontecidos na Arménia, na Síria, na Mesopotâmia, junto do Tigre e na Média, e depois afirma ter escrito uma obra... histórica. Mesmo assim, pôs-lhe um título que por pouco não era mais extenso que o próprio livro: *Narrativa dos Recentes Feitos dos Romanos na Arménia, na Mesopotâmia e na Média, por Antioquiano, Vencedor nos Jogos Consagrados a Apolo* — creio que tinha uma vez ganho uma corrida de estádio longo<sup>122</sup> entre rapazes.

31. Também ouvi um que escreveu uma história sobre acontecimentos futuros, como a captura de Vologeso e a morte de Ósroes, que será lançado a um leão, mas sobretudo o triunfo, de nós tão desejado. E assim, nesta forma profética, depressa

---

<sup>117</sup> “por seu próprio punho”, ou “por sua própria mão” é a tradução literal de *apò kheirós* (ἀπὸ χειρός). Embora a expressão tenha geralmente um uso idiomático (v. dics.), o sentido literal contém uma grande ironia: o homem cometeu grandes feitos, não como combatente, mas como *escritor!*

<sup>118</sup> “Sura”, nome de diversas cidades (Lícia, Síria...).

<sup>119</sup> V. §3, nota a “Craneu”.

<sup>120</sup> Lerna era uma fonte nos arredores de Corinto.

<sup>121</sup> Devo dizer que tive dificuldade em perceber pelo menos alguns dos termos técnicos...

<sup>122</sup> “corrida de estádio longo”, ou seja 12 duplos estádios ou 24 estádios simples, c. 4.260 metros.

chegou ao fim da sua obra, mas não sem antes ter fundado, na Mesopotâmia, uma cidade, que era a maior das maiores e a mais bela das mais belas, que ainda agora está a cogitar e a considerar se deve chamar-lhe *Niceia*<sup>123</sup> — nome tirado de *níkē* —, *Homoneia* ou *Irénia*, coisa ainda hoje por decidir, pelo que essa bela cidade continua... *anónima*<sup>124</sup>, cheia de muito delírio e de estupidez histórica. O homem até já prometeu descrever o que há-de acontecer na Índia, bem como o périplo do mar exterior<sup>125</sup> ... e não fez apenas uma promessa, mas até já tem redigido o exórdio da “*Guerra Índica*”, e a Terceira Legião, os Celtas e um pequeno destacamento de Mauros, juntamente com Cássio<sup>126</sup>, já todos atravessaram o rio Indo. Quanto ao que eles hão-de fazer e como resistirão ao ataque dos elefantes, é o que este admirável historiador, dentro de não muito tempo, nos escreverá de Musíride ou de Oxídracas<sup>127</sup>.

32. Por ignorância, dizem muitas asneiras deste género, sem visitarem o que é digno de ser visto, e, mesmo que visitassem, sem serem capazes de o descrever devidamente. Então, imaginam e fabricam, como sói dizer-se, “*tudo o que a despropósito lhes vem à língua*”<sup>128</sup>; orgulham-se do número dos seus livros, especialmente dos títulos... e, de facto, estes são completamente ridículos, como por exemplo: “*De Fulano, das Vitórias Párticas, tantos livros*”; ou “*A Pártida, livro primeiro, livro segundo...*”, manifestamente por imitação da *Ática*<sup>129</sup>. Um outro, muito mais fino, e que eu cheguei a ler, diz: “*De*

---

<sup>123</sup> Gr. *Níkaia* (Νίκαια) “(cidade da) Vitória” ... *Homónoia* (Ὁμόνοια), “Concórdia”... *Eirēnia* (Εἰρηνία) “(cidade da) Paz”, estas duas últimas para celebrar o acordo entre Marco Aurélio e Lúcio Vero.

<sup>124</sup> “*anónima*” é mesmo o termo utilizado (*anōnimos*, ἀνώνυμος).

<sup>125</sup> “mar exterior”, por oposição ao Mediterrâneo, é o Oceano Atlântico.

<sup>126</sup> *Caius Auidius Cassius*, (m. 175 d.C.), lugar-tenente de Marco Aurélio.

<sup>127</sup> “Musíride ou de Oxídracas”, topónimos ou regiões da Índia, completamente desconhecidas da grande maioria dos leitores. É manifesta a intenção depreciativa, ao referir topónimos exóticos que ninguém conhece...

<sup>128</sup> Provérbio em dialecto dórico; diríamos: “todas as asneiras que lhes vêm à boca”, ou “... à cabeça”...

<sup>129</sup> “*Ática*”, ou “*Átida*”, descrição da Ática em dezassete livros, de Filócoro (séc. IV a.C.), ateniense de ilustre família...



*Demétrio Sagalasseu, as Partoníca*<sup>130</sup>. [E digo isto,]<sup>131</sup> não tanto para meter a ridículo ou troçar de histórias tão belas, mas no intuito de ser útil, pois todo aquele que evitar estes e outros defeitos já conseguiu, desde logo, uma boa parte do necessário para escrever correctamente uma obra histórica, ou melhor, já pouco lhe falta para tal... pelo menos se é verdade aquilo que diz a dialéctica, [ou seja,] “*a negação de um de dois contrários directos leva à aceitação do outro*”.

33. Ora bem: Agora que — [como] alguém diria — o terreno ficou completamente limpo, todos os espinhos e silvas que nele havia foram cortados, todo o lixo foi daqui transportado, e todas as irregularidades [do terreno] foram alisadas, começa tu<sup>132</sup> então a construir algo, a fim de provares que és bom, não só a demolir as obras de outros, mas também no que respeita a imaginar uma obra perfeita, da qual ninguém, nem mesmo Momo<sup>133</sup>, seria capaz de... *mofar*.

34. Afirmo, então, que aquele que se propõe escrever de maneira perfeita uma obra histórica deve vir já em si mesmo apetrechado com as seguintes duas qualidades: inteligência política e capacidade de expressão. A primeira é um dom da natureza, que não se ensina<sup>134</sup>, ao passo que a capacidade [de expressão] se consegue com muito exercício, labor continuado e imitação dos antigos. Portanto, estas duas qualidades não carecem de metodologia, pelo que não precisam dos meus conselhos. Na verdade, este meu livro não se propõe tornar inteligentes e perspicazes aqueles que assim não forem por natureza. De

---

<sup>130</sup> “*Sagalasseu*”, da cidade de Sagalasso, na Ásia Menor; “*Partoníca*”, um composto (*Partho-níkika*: Παρθονίκικα) inventado por este Demétrio, que significa “feitos vitoriosos na Pártia”. Embora o composto fosse perfeitamente inteligível, não deixa de ser ridículo.

<sup>131</sup> Os manuscritos têm (e assinalam) aqui uma lacuna, que tentei preencher da maneira mais simples... não necessariamente a mais certa...

<sup>132</sup> O Autor, Luciano, dirige-se a si mesmo.

<sup>133</sup> Momo é a personificação do sarcasmo, do mal-dizer, do gosto de pôr defeito em tudo. Neste passo (como nos *Diálogos dos Deuses*, 20, 2), Luciano joga com os termos *Mômos* (Μῶμος) e o verbo *môméō* (μωμέω) “criticar”, “troçar de”. Para verter o jogo de palavras, precisava de achar um sinónimo de *criticar*, *troçar*, que fosse foneticamente parecido com o nome da divindade. Seria um tanto forçado *momar* (que o “Morais” regista como *provincianismo*, com o sentido de “murmurar”. Optei por *mofar*...

<sup>134</sup> “que não se ensina”, ou: “que não se aprende nem se ensina”...

facto, ele teria um grande valor, melhor, um valor inestimável, se fosse capaz de remodelar e transfigurar tais situações, ou do chumbo fazer ouro, ou do estanho fazer prata, ou de um Cónon<sup>135</sup> fazer um Titormo, ou de um Leotrófides um Mílon.

35. Mas então onde é que está a utilidade desta [minha] técnica e dos meus conselhos? Não na criação das qualidades, mas na sua adequada utilização.<sup>136</sup> É como se, por exemplo, Iko, ou Heródico, ou Téon, ou qualquer outro treinador de atletismo, tendo recebido Perdicas<sup>137</sup> [como aluno] [*— se é que se trata daquele que se apaixonou pela madrasta e definiu de paixão, e não de Antíoco, filho de Seleuco [pela famosa Estratonice] —*<sup>138</sup>]], promettesse fazer dele um campeão olímpico, rival de Teágenes de Taso ou de Polidamante de Escotussa, e não apenas melhorar bastante, através da técnica, uma forte disposição natural para a prática do atletismo. Portanto, longe de nós essa coisa detestável, uma promessa que consistiria em pretender ter descoberto um método para uma matéria tão importante e tão difícil. Na verdade, não afirmo que pego em qualquer um e faço dele um historiador, mas sim que apontarei àquele que for naturalmente inteligente e tenha uma excelente prática da palavra certos caminhos correctos (se realmente assim se me afigurarem), os quais, se ele os utilizar, mais depressa e mais facilmente o conduzirão ao seu objectivo.

36. De toda a maneira, não poderias afirmar que um homem inteligente não necessita de doutrinação nem de instrução sobre matérias que desconhece, pois, nesse caso, sem qualquer aprendizado, tocaria cítara ou flauta, e saberia tudo o mais.

---

<sup>135</sup> Cónon e Leotrófides eram fracas figuras; Titormo e Mílon (ou Milão) eram símbolos de extrema fortaleza...

<sup>136</sup> No período que se segue, os manuscritos e os editores modernos não se entendem. Parece óbvio que as diversas famílias de manuscritos decorrem de arquétipos perdidos, que já conteriam lacunas, emendas antigas (não necessariamente certas!) e comentários à margem, os quais terão passado para o corpo de cópias posteriores... Luciano compara-se a um treinador de atletismo, que não pretende formar campeões, mas somente aperfeiçoar as qualidades virtuais já existentes na maior parte dos seus alunos...

<sup>137</sup> Há quem entenda que este Perdicas é um contemporâneo de Luciano e do seu amigo Fílon, e não uma das conhecidas personagens históricas...

<sup>138</sup> Esta frase pode constituir um comentário posterior (aliás, muito confuso), que teria acabado por se introduzir no texto... Trata-se de dois casos de paixão de um jovem pela madrasta...

Agora<sup>139</sup> sem ter aprendido é que ele não manejaria nenhum desses instrumentos, mas, instruído por alguém, facilmente aprenderia, e [depois] passaria a manejar [o instrumento] na perfeição e já sem ajuda<sup>140</sup>.

37. Dêem-nos então um discípulo deste género, que não seja falho de inteligência e de capacidade de expressão, mas sim de olhar penetrante, capaz de tratar de assuntos que lhe sejam confiados, que tenha um espírito militar aliado a um espírito civil<sup>141</sup>, [que tenha] experiência de estratégia militar e, por Zeus!, que já alguma vez tenha estado num campo de batalha e tenha observado soldados em exercício e em formação, que conheça as armas e as máquinas de guerra, o que é [uma formação] “*em coluna*” ou “*em linha*”, como são as “*centúrias*”<sup>142</sup>, os “*esquadrões de cavalaria*”, de onde vêm e o que são as designações “*fazer uma incursão*” “*fazer uma manobra envolvente*”... em resumo, que não seja um desses [historiadores] que ficam em casa e que confiam somente em informadores.

38. Muito especialmente e acima de tudo, que seja imparcial no seu juízo, que não tema ninguém nem espere [lucrar] seja o que for, pois, nesse caso, seria igual aos juizes corruptos, que, por dinheiro, proferem sentenças ditadas por favor ou por aversão. Que não se importe com o facto de Filipe ter tido um olho vazado pelo arqueiro Áster de Anfípolis, em Olinto, mas que o mostre tal qual ele era, nem que Alexandre fique furioso com o facto de ele descrever nua e cruamente o bárbaro assassinato de Clito em pleno banquete<sup>143</sup>, nem que Cléon, com o seu enorme poder na Assembleia do Povo e senhor da tribuna, o atemorize, para que não diga que ele é um homem cruel e exaltado, nem [o atemorize] toda a cidade de Atenas, se ele narrar o desastre da Sicília, a captura de Demóstenes, a morte

---

<sup>139</sup> “agora”, com sentido adversativo, é o correspondente quase literal do gr. *nûn dé* (νῦν δέ).

<sup>140</sup> “já sem ajuda”: o gr. tem *eph' hautou* (ἐφ' αὐτοῦ), “por si próprio”.

<sup>141</sup> “civil” ou “político”, gr. *politikós*, -έ, -όν (πολιτικός, -ή, -όν).

<sup>142</sup> Uma centúria é uma companhia de soldados de infantaria, em número variável segundo os locais e as épocas.

<sup>143</sup> V. *Diálogos dos Mortos*, 13, 3 (Filipe dirige-se a seu filho Alexandre): “... Clito, a quem tu, enquanto ele jantava, assassinaste, varando-o de lado a lado com uma seta, só pelo facto de ele ter ousado elogiar as minhas façanhas em comparação com as tuas”.

de Nícias, como [os soldados] estavam sequiosos, que espécie de água bebiam e como muitos deles foram mortos enquanto bebiam<sup>144</sup>. Na verdade, [o historiador] considerará — o que está absolutamente certo — que não irá ser culpabilizado por nenhuma pessoa de bom senso, pelo facto de narrar, tal como elas se passaram, acções desastrosas ou insensatas, pois não foi ele o seu autor, mas apenas o seu narrador. Assim, se são vencidos numa batalha naval, não foi ele quem afundou [os navios]; e se se puseram em fuga, não foi ele quem os perseguiu... a não ser<sup>145</sup> que [o historiador] tenha deixado de fazer uma prece, como seria seu dever! Realmente, se, omitindo os factos ou contando-os ao contrário, ele pudesse emendá-los, seria muito fácil a Tucídides, com uma simples penada, derrubar o baluarte de Epípolas<sup>146</sup>, ou afundar a trirreme de Hermócrates, ou traspasar o maldito Gilipo quando este tapava as passagens por meio de muros e fossos, ou, por fim, lançar os Siracusanos das pedreiras abaixo e permitir que os Atenienses fizessem o périplo da Sicília e da Itália, segundo os primeiros desejos de Alcibiades. Mas eu creio que nem Cloto<sup>147</sup> poderia voltar a fiar os acontecimentos passados, nem Átropo modificá-los.

39. A tarefa do historiador é só uma: contar as coisas como elas se passaram. No entanto, não poderá fazê-lo, se tiver medo de Artaxerxes, de quem é médico, ou se esperar [receber] um *kándüs*<sup>148</sup> de púrpura, ou um colar de ouro, ou um cavalo de Niseia, como paga dos elogios que mete na sua obra. Ora,

---

<sup>144</sup> Tucídides, VII, 82, ss. A descrição de Tucídides é realmente muito desprestigante para os Atenienses, mas nem por isso o grande historiador atenuou a narração dos factos.

<sup>145</sup> Ironicamente, Luciano diz que o historiador (e testemunha do acontecimento) poderia ser culpabilizado por não ter pedido a intervenção divina..., uma maneira de reafirmar a “inocência” do narrador.

<sup>146</sup> Tratava-se de uma muralha construída na colina de Epípolas, na parte ocidental de Siracusa. V. Tucídides, VII, 4, ss.

<sup>147</sup> As *Moiras* (ou *Parcas*), filhas de Zeus e de Témis (a Justiça), eram as divindades que presidiam ao destino dos humanos. Eram três: *Cloto*, *Láquesis* e *Átropo*. Láquesis determinava a parte de vida que cabia a cada pessoa e carregava a roca, que depunha nas mãos de Cloto, que “fiava”; Átropo, ao cortar o fio, punha termo aos dias de vida concedidos

<sup>148</sup> “*kándüs*” (κάνδυσ) é uma veste persa típica, de mangas largas... Claro que não pode traduzir-se, como, p. ex., *sari*...

não é assim que procederá um<sup>149</sup> Xenofonte — homem justo —, nem um Tucídides, mas, pelo contrário, mesmo que odeie pessoalmente certas pessoas, julgará muito mais obrigatório o interesse comum, porá a verdade acima da inimizade e, se amar uma pessoa, não lhe perdoará, no caso de ela errar.

40. É esta, como já disse, uma característica própria da História, e qualquer pessoa que se proponha escrever uma obra histórica deve sacrificar exclusivamente à verdade, sem se importar com qualquer outra coisa. Numa palavra, a única bitola, o único critério<sup>150</sup> exacto consiste em atender, não aos actuais ouvintes<sup>151</sup>, mas àqueles que, no futuro, tomem conhecimento das obras. Se, pelo contrário, [o historiador] cuidar apenas do presente, é natural que seja incluído no grupo dos bajuladores, aos quais desde há muito, logo desde o princípio, a História voltou as costas, não menos do que a cultura física relativamente à cosmética. Cita-se até a frase de Alexandre, que disse: “*Gostava muito, Onesícrito, de, após a minha morte, voltar por breve tempo à vida, para ver como as pessoas desse tempo leriam os meus feitos. Se actualmente as pessoas louvam e exaltam esses feitos, não é coisa de admirar, pois julgam vir a conseguir, com esse não pequeno isco, a minha benevolência.*” Algumas pessoas são mesmo levadas a acreditar em Homero, embora muitas das coisas que este escreveu a respeito de Aquiles tendam para a ficção, e apresentam como prova da sua veracidade este importante indício: Homero não escreveu sobre uma pessoa viva, pelo que não vêem motivo para que ele minta.

41. Portanto, que o historiador seja uma pessoa desta conformidade: destemido, incorruptível, imparcial, amigo da franqueza e da verdade, e que, como diz o [poeta] cómico<sup>152</sup>,

---

<sup>149</sup> “*um Xenofonte... um Tucídides*”, ou seja, um imitador destes historiadores.

<sup>150</sup> “a única bitola, o único critério”, lit.<sup>te</sup> “o único côvado, a única medida” (um côvado = c. 0,444 cm), naturalmente em sentido figurado...

<sup>151</sup> “ouvintes”... e “leitores”...

<sup>152</sup> Não sabemos a que poeta cómico se refere: talvez Aristófanes... mas o próprio Luciano parece citar de cor algum passo de comédia, sem poder identificar o seu autor... Em todo o caso, a expressão devia ser corrente, correspondente à nossa “*pão-pão, queijo-queijo*” ou “*chamar os bois pelos nomes*”.

“*chame figos aos figos, e gamela a uma gamela*”<sup>153</sup>, sem atender a ódios ou amizades e sem poupar ninguém, quer por piedade, quer por respeito, quer por súplicas, enfim, que [o historiador] seja um juiz imparcial, atento a todos, de modo que não conceda a cada um mais do que lhe é devido, [comportando-se,] nos seus livros, como um [autêntico] estrangeiro, um [homem] sem pátria, autónomo, independente do poder político<sup>154</sup>, sem considerar a opinião deste ou daquele, mas dizendo [simplesmente] o que se passou.

42. Foi Tucídides quem instituiu esta norma e quem distinguiu a virtude do defeito numa obra histórica, ao ver que Heródoto era altamente admirado, a ponto de darem aos seus livros os nomes das Musas. De facto, diz ele que, mais do que uma competição para o momento presente, escreve uma “*aquisição para sempre*”<sup>155</sup>; que não procura a ficção, mas pretende deixar à posteridade a verdade dos factos. Então introduz a ideia de *utilidade*<sup>156</sup>, que constitui o objectivo que o historiador sério deve colocar como fundamento da História, a fim de que — diz Tucídides —, se alguma vez ocorrerem situações semelhantes, ele possa, ao olhar para os escritos históricos anteriores, aplicá-los à situação presente.

43. Então agora venha de lá esse historiador, que já tenha estas qualidades de espírito. E quanto ao estilo e ao vigor de expressão, não deve dar início à obra já completamente excitado, com uma linguagem violenta e acerada, com períodos compactos, com uma argumentação retorcida e com todas as habilidades da Retórica, mas, pelo contrário, deve assumir uma atitude mais pacífica; o seu pensamento deve ser coerente e conciso, a expressão deve ser precisa e corrente, e capaz de expor o assunto com toda a clareza.

---

<sup>153</sup> O vocábulo *skáphē* (σκάφη), da família de *skáptō* (σκάπτω), “escavar”, aplica-se a muitos objectos côncavos, como, p. ex., “tina”, “cesta”... “barca”; os diversos tradutores hesitam...

<sup>154</sup> “independente do poder político” pareceu-me uma tradução razoável de *abasileutos* (ἄβασίλευτος), lit.<sup>16</sup> “sem rei” (... que mande nele).

<sup>155</sup> V. §5, nota a esta expressão.

<sup>156</sup> Para além de narrar a *verdade* dos factos, a Historiografia tem uma função *utilitária*, como se concretiza logo a seguir.

44. Assim como já havíamos estabelecido como objecto das qualidades de espírito do historiador a franqueza e a verdade, assim também, no que respeita ao estilo, o primeiro objectivo consiste em apresentar os factos com exactidão e expô-los com clareza, sem utilizar palavras inconvenientes<sup>157</sup>, desusadas, ordinárias ou de taberneiro, mas sim palavras que a maioria compreenda e as pessoas cultas aprovelem. Em todo o caso, porém, pode ornamentar [o discurso] com figuras de retórica que não ofendam [a sensibilidade] e tenham um aspecto espontâneo, pois, caso contrário, fará com que o discurso se pareça com pratos muito condimentados.

45. Que o seu pensamento, no entanto, participe e se aproxime um pouco do estilo poético, na medida em que este é grandiloquente e sublime, especialmente quando [o historiador] trata de linhas de combate, de batalhas terrestres ou navais, pois nessas circunstâncias necessitará de um certo vento poético que enfune as velas e ajude a manter o navio bem no alto, na crista das ondas. Que a sua linguagem, porém, caminhe rente ao chão, apenas se elevando de acordo com a beleza e com a grandeza dos factos narrados, pondo-se, na medida do possível, ao nível destes, acolhendo essa linguagem, mas sem se deixar possuir para além do que é conveniente. De facto, o maior dos riscos do seu estilo é então o de ficar desatinado e deixar-se cair no furor poético dos Coribantes, pelo que, em tal caso, deve obedecer ao freio e ser prudente, consciente de que a soberba dos cavalos<sup>158</sup> também é, na prosa literária, um defeito nada pequeno. Portanto, quando o pensamento vai a cavalo, mais vale que a expressão linguística o acompanhe a pé, segurando a sela, para não ser batida em velocidade.

46. No que respeita à disposição das palavras [interligadas], deve usar de moderação e bom senso, não as separando e isolando demasiado — pois isso seria muito forçado —, nem ligando-as

---

<sup>157</sup> “inconvenientes”, talvez “obscenas”, gr. *apórrētos* (ἀπόρρητος), “que não se deve dizer”... e outros sentidos (v. dics.).

<sup>158</sup> “soberba dos cavalos”, *hippotūphía* (ἵπποτυφία), termo veterinário, aqui aplicado ao estilo literário.

num ritmo quase poético, como muitos fazem<sup>159</sup>. O primeiro caso é censurável, e o segundo é desagradável ao ouvido.

47. No que toca propriamente aos factos, não deve mencioná-los ao acaso, mas só depois de repetidamente os ter analisado laboriosa e penosamente; de preferência, deve ter estado presente e ser testemunha ocular, mas, se tal não for o caso, deve ater-se aos narradores mais incorruptíveis, tidos por absolutamente incapazes de, por favor ou ódio, tirar ou acrescentar seja o que for aos acontecimentos. Neste último caso, deve ser penetrante e capaz de seleccionar o que for mais verosímil.

48. Quando tiver reunido todos os factos, ou quase todos, deve, em primeiro lugar, alinhar uns apontamentos e constituir um corpo [de dados] ainda sem elegância e sem estruturação. Seguidamente, depois de ordenar [esses dados], introduza então a elegância, dê cor ao estilo, acrescente figuras e ritmo.

49. Em resumo, que [o historiador] se assemelhe ao Zeus homérico, ora olhando para a terra dos “*Trácios domadores de cavalos*”<sup>160</sup>, ora para a terra dos Mísios; do mesmo modo, deve olhar, ora para o seu próprio lado, [o dos Romanos<sup>161</sup>,] mostrando-nos o que lhe pareceu, visto lá do alto, ora para o lado dos Persas, e depois para ambos os lados, quando já estejam a lutar. No que respeita a uma formação, não deve olhar para uma única ala, nem para um único cavaleiro ou um único peão... a não ser que um [outro] Brásidas<sup>162</sup> irrompa das

---

<sup>159</sup> O historiador não deve separar demasiado uma palavra de outra com a qual concorda ou à qual se liga directamente, nem, pelo contrário, agrupar palavras numa sequência rítmica típica da poesia. No primeiro caso, o sentido do período pode tornar-se obscuro; e no segundo, corre-se o risco de dar à prosa um ritmo próprio da poesia. Mesmo assim — Luciano não o diz —, sobretudo os oradores, utilizam muitas vezes um certo ritmo no final dos períodos, *diferente do da poesia*, mas agradável ao ouvido. São as chamadas *cláusulas métricas*.

<sup>160</sup> “*domadores de cavalos*”, ou “*criadores de cavalos*”, ou “*que andam (e combatem) a cavalo*”, ou simplesmente “*cavaleiros*”, é epíteto homérico (*Iliada*, XIII, 4), gen. pl. *hippopólōn Thrēikōn* (ἵπποπόλων Θρηϊκῶν).

<sup>161</sup> “o dos Romanos” parece ser um acrescento posterior.

<sup>162</sup> “Brásidas”, general espartano, morto em combate contra os Atenienses, em Anfípolis (422 a.C.). Demóstenes comandou o ataque e a tomada de Pilos (425 a.C.). Trata-se de episódios da Guerra do Peloponeso, narrados por Tucídides, IV, 11-12.



fileiras, ou que um [outro] Demóstenes rechace um ataque. Pelo contrário, deve fixar-se primeiramente nos gerais; se estes deram alguma ordem, deve tê-la escutado, e [saber] como, com que fundamento e com que intenção a deram. Quando já estiverem envolvidos na luta, que a sua visão esteja dividida [pelas duas partes], e então pese os acontecimentos como se fosse numa balança, que persiga com os que perseguem e fuja com os que fogem<sup>163</sup>. A tudo isto deve presidir a moderação: sem alongamentos excessivos, sem mau gosto, sem impetuosidade infantil, mas, pelo contrário, saia tranquilamente [do episódio]; faça uma paragem neste ponto, para passar a outro, se isso for premente; depois, já liberto deste último, regresse ao primeiro, sempre que ele o requeira; acorra a todos os acontecimentos e, na medida do possível, ponha-se a par do tempo: passe da Arménia à Média, e daqui, com um simples bater de asa<sup>164</sup>, passe à Ibéria<sup>165</sup>, depois à Itália, para não perder um acontecimento importante.

50. Acima de tudo, que [o historiador] transmita uma imagem semelhante à de um espelho: clara, brilhante, perfeitamente focada e que mostre as formas das coisas tais quais as recebeu, sem qualquer distorção, sem alteração de cor e sem mudança de aspecto. Na verdade, [os historiadores] não escrevem como os oradores, pois o que vai ser dito já aconteceu, e é isso mesmo que vai ser expresso. De facto, já ocorreu. Só é preciso ordenar e narrar [os factos]. Por isso, não têm de procurar *o que* hão-de dizer, mas sim *como* hão-de dizer. Em resumo, há que considerar que o historiógrafo se assemelha a um Fídias, a um Praxíteles, a um Alcâmenes ou qualquer outro [escultor]. De facto, estes não fabricaram nem o ouro, nem a prata, nem o marfim, nem qualquer outro material, mas este material já existia e lhes tinha sido fornecido pelos Eleus, pelos Atenienses ou pelos Argivos; esses escultores somente lhe deram forma, cortando o marfim, polindo-o, colando-o, ajustando-o e revestindo-o

---

<sup>163</sup> “que persiga com os que perseguem e fuja com os que fogem”: O grego é mais sintético: “*que persiga-juntamente*”, *sün-diokétō* (συνδιωκέτω) e “*que fuja-juntamente*”, *sün-pheugétō* (συνφευγέτω). NOTA: Alguns editores colocam aqui o § 50. Sigo (aqui e adiante) a numeração da “Loeb”.

<sup>164</sup> “bater de asa”: o termo grego *rhoizēma* (ρόιζημα) o silvo de um corpo em movimento rápido no espaço, ou um rápido bater de asas, ou, simplesmente, um “movimento rápido”...

<sup>165</sup> V. §29, nota a esta palavra.

de ouro. A sua arte consistia precisamente nisso: em manusear convenientemente o material.

51. Tal é, também, mais ou menos, a tarefa do historiador: dispor convenientemente os factos e apresentá-los o mais claramente possível. Quando uma pessoa, só de escutar, cuida estar a ver o que está a ser dito, e depois louva [o narrador], então, e só então, é que a obra pode ser dada por concluída e receber o elogio devido a esse “Fídias” da História.

52, Uma vez recolhidos todos os materiais, [o historiador] dará início à obra, eventualmente sem um exórdio, sempre que o assunto não obrigue a dar alguma explicação preliminar, a qual, nesse caso, funcionará como um preâmbulo que esclareça o que se irá dizer.

53. No entanto, sempre que fizer um exórdio, este deve constar somente de duas partes, e não de três, como fazem os oradores; então, omitindo a parte relativa à benevolência, procurará suscitar a atenção e o desejo de aprender dos ouvintes<sup>166</sup>. Na verdade, estes prestar-lhe-ão atenção, se ele lhes mostrar que vai falar de assuntos importantes, ou prementes, ou de interesse pessoal, ou de grande utilidade. Também tornará o que vem a seguir mais fácil de perceber e mais claro, se expuser previamente as causas e definir as linhas gerais dos acontecimentos.

54. Os melhores historiadores utilizaram exórdios deste género, [por exemplo] Heródoto, “*para que os acontecimentos ... não sejam apagados pelo decorrer do tempo ... importantes e admiráveis...*”<sup>167</sup> como são, mostrando as vitórias dos Gregos e as derrotas dos Bárbaros; e Tucídides, por seu lado, espera que essa guerra seja longa, mais memorável e mais importante que as precedentes. E de facto, aconteceu que foram grandes os sofrimentos que nela se verificaram.

---

<sup>166</sup> “dos ouvintes”: É evidente que se trata não só dos assistentes de uma leitura pública, mas também de futuros leitores.

<sup>167</sup> Luciano cita de cor, com algumas omissões propositadas (que indiquei com reticências) e com palavras próprias (que deixei de fora das aspas).

55. Depois do exórdio, longo ou curto, proporcional aos acontecimentos, a transição para a parte narrativa deve ser suave e natural. Na verdade, todo o restante corpo da obra histórica é, simplesmente, uma longa narrativa, a qual, por isso, deve ser ornamentada com as qualidades próprias da narrativa, avançando suavemente, regularmente, com passo sempre igual, sem altos e baixos. Então, que desponte a clareza, produzida, como já disse, pela expressão linguística e pelo encadeamento dos factos, que [o historiador] apresentará em separado, mas cabalmente, de modo, porém, que, uma vez tratado o primeiro, introduza o segundo, contíguo ao precedente e ligado [a ele] como que por uma corrente, de modo que não possam ser separados, e não haja muitos factos misturados uns com os outros, mas sim que o segundo não só seja vizinho do primeiro, mas também que esteja com ele intimamente relacionado e articulado pelas pontas.

56. A concisão é útil em todos os casos, mas principalmente quando não há falta de matéria narrativa. Ora, essa concisão deve consistir, não tanto nas palavras e nas frases, mas sim nos acontecimentos, ou seja, tratando por alto os factos miúdos e menos relevantes, e narrando cabalmente os de grande importância. Melhor ainda, muitos deles devem mesmo ser omitidos. De facto, se ofereceres um banquete aos teus amigos, e se já todos os pratos estiverem confeccionados, tu, no meio de guloseimas, de pratos de aves, de tantos assados<sup>168</sup>, de javali, de lebre, de miudezas<sup>169</sup>, não irás servir sardinha salgada e puré de legumes, só pelo facto de essas comidas já estarem preparadas, mas, pelo contrário, desprezarás as mais modestas.

57. Há que ser extremamente sóbrio na descrição de montanhas, muralhas ou rios, para não dares a ideia de estares a ostentar, [aliás] com grande falta de gosto, a tua riqueza vocabular, e de cuidares dos teus interesses, em detrimento da História; pelo contrário, depois de abordares [esses pormenores]

---

<sup>168</sup> “pratos de assados”: o gr. *lopás*, *-ádos* pode também significar (v. dics.) “ostra”... Os tradutores dividem-se. Embora saibamos do apreço em que eram tidas as ostras, não nos pareceu bem meter marisco no meio de tanta carne.

<sup>169</sup> “miudezas” é tradução, da minha responsabilidade, de pl. *hūpogástria* (ὕπογαστρία), lit.<sup>te</sup> “baixo-ventre”. Consulte dicionários...

rapidamente e apenas por motivo de utilidade e clareza, mudará de assunto, evitando assim a armadilha e todo o engodo que esse assunto contém, como vês fazer o magnânimo Homero, o qual, embora fosse poeta, passa rapidamente<sup>170</sup> por Tântalo, Ixíon, Tício e outros mais. Mas, se fosse Parténio, ou Eufóron, ou Calímaco a referir-se ao assunto, quantos versos é que julgas que qualquer deles gastaria para levar a água aos lábios de Tântalo?<sup>171</sup> Quantos versos para fazer girar Ixíon?<sup>172</sup> O próprio Tucídides utilizou muito raramente este género descritivo; repara como ele se afasta rapidamente, depois de descrever uma máquina de guerra, ou de expor um plano de cerco necessário e útil, ou a forma [do baluarte] de Epípolas<sup>173</sup>, ou o porto de Siracusa. Na verdade, ao descrever a peste<sup>174</sup>, dá a impressão de se alongar bastante, mas, se pensares bem no que aconteceu, verás que ele tinha pressa, mas que os próprios acontecimentos, que eram muitos, o impediam de se afastar

58. Se porventura for necessário introduzir alguma pessoa que vá pronunciar um discurso, põe-na a falar de maneira verosímil em relação à sua pessoa e de modo adequado ao assunto, mas da maneira mais clara possível. Então, é-te permitido fazer de orador e demonstrar a tua capacidade oratória.

59. Quanto a elogios e censuras, devem ser moderados, prudentes, não caluniosos, bem fundamentados, concisos e oportunos, pois as pessoas [em causa] estão fora do tribunal, pelo que incorrerias no mesmo delito que Teopompo, o qual acusava acintosamente quase toda a gente, fazendo disso uma

---

<sup>170</sup> “passa rapidamente”, melhor, descreve Ulisses, na sua visita ao reino de Hades, passando rapidamente (ou seja, sem se deter) por aqueles famosos torturados por más acções cometidas. Refere-se a *Odisseia*, XI, 576, ss.

<sup>171</sup> Tântalo é um dos grandes supliciados da mitologia. Cortou em pedaços o corpo de Pélops e ofereceu-o aos deuses num banquete sacrílego, o que lhe valeu a terrível punição: embora estivesse perto da água, não conseguia beber, pois esta escapava-se-lhe da concha da mão antes de chegar à boca.

<sup>172</sup> Ixíon, por ter cometido actos horrendos, foi amarrado a uma roda a que tinham ateadado fogo; esta roda girava eternamente...

<sup>173</sup> Tratava-se de uma muralha construída na colina de Epípolas, na parte ocidental de Siracusa. V. Tucídides, VII, 4, ss.

<sup>174</sup> Tucídides, II, 47-54.

ocupação permanente, de tal modo, que mais parecia um acusador que um historiador.

60. Em todo o caso, se vem à colação algum mito, deves citá-lo, embora sem acreditar cegamente nele, mas deves lançá-lo para o meio dos ouvintes, para que façam dele o que bem entenderem. Não corres perigo, ao não penderes para nenhum dos lados.

61. Em resumo, lembra-te sempre de uma coisa, que repetei muitas vezes: Não escrevas olhando só para o presente, para que os teus contemporâneos te elogiem e te honrem, mas, pelo contrário, escreve sobretudo a pensar na eternidade e nos vindouros, e reclama deles o prémio da tua obra, de modo que se diga a teu respeito: “*Este foi um homem livre, pleno de franqueza, sem nada de bajulador nem servil, mas [que punha] a verdade acima de tudo.*” É isto que uma pessoa, se for sensata, deveria pôr acima de todas as expectativas do momento presente, efémeras como estas são.

62. Repara no que fez o famoso arquitecto de Cnido: Tendo erigido a torre de Faros<sup>175</sup>, obra mais alta e mais bela que todas as outras, do alto da qual brilhava uma luz que se estendia a grande distância no mar, para [orientar] os navegantes, para que não fossem na direcção de Paretónia, a qual, segundo se dizia, era muito difícil e perigosa, no caso de chocar contra os recifes. Tendo, pois, acabado a obra, gravou o seu próprio nome numa concavidade da pedra, que cobriu de gesso<sup>176</sup>, após o que inscreveu aí o nome do monarca então reinante<sup>177</sup>. Ele sabia — o que veio a acontecer — que, dentro de muito pouco tempo<sup>178</sup>, as letras cairiam juntamente com o gesso, e

---

<sup>175</sup> “Faros”: A forma correcta é *Faro*... que nada tem que ver com a capital do Algarve. Trata-se do famoso *farol* da ilha de *Faros*, na baía de Alexandria, por isso mesmo mais conhecido por *farol de Alexandria*. Durou até ao séc. XIV, altura em que foi arrasado por um sismo.

<sup>176</sup> “gesso”, ou estuque, ou argamassa, ou algum tipo de argila...

<sup>177</sup> O farol de Alexandria foi iniciado no tempo de Alexandre Magno, conquistador do Egipto e fundador da cidade de Alexandria (331 a.C.); a construção continuou, depois da morte de Alexandre, no reinado de Ptolemeu I *Soter*, mas só foi concluída no reinado de Ptolemeu II *Filadelfo* (entre 285 e 246), portanto, mais de cinquenta anos depois de iniciada...

<sup>178</sup> ... Não tão pouco tempo como isso: v. nota precedente.

apareceria a inscrição: “*Sótrato, filho de Dexífanés, de Cnido, aos deuses salvadores, para bem dos navegantes*”. Assim, o arquitecto não olhava somente para o momento presente e para o seu curto tempo de vida, mas para o tempo actual e para o tempo futuro... pelo menos enquanto a torre estivesse de pé e a sua obra de arte subsistisse.

63. Portanto, é deste modo que se deve escrever a História, com verdade, atendendo mais à expectativa futura, do que, com lisonja, ao prazer dos elogiados no presente. É esta a “régua”, este o “fio de prumo” da História honesta. Se houver pessoas que se orientem por este princípio, será muito bom, e eu não terei escrito em vão; caso contrário, terei feito rebolar o meu “tonel” no Craneu<sup>179</sup>.

---

<sup>179</sup> V. §3. Luciano termina como começou...

## O [FILHO] DESERDADO

(Página deixada propositadamente em branco)



## INTRODUÇÃO

O [Filho] *Deserdado* é um exemplo daquilo a que os romanos chamavam *declamationes*, exercícios práticos propostos pelos mestres de Retórica aos estudantes. Chamavam-se em grego *progūmnásmata* (προγυμνάσματα), lit.<sup>te</sup> “exercícios preparatórios” ou *melétai* (μελέται), lit.<sup>te</sup> “estudos”.

Naturalmente, não só os estudantes se entregavam a este tipo de habilidades, mas os próprios advogados e oradores sentiam grande atracção por esta actividade meramente teórica, à qual acorria um público ávido de “espectáculo” ou de... “espectacularidade”.

Como as *declamationes* constituíam quase um género literário, iam crescendo constantemente os temas propostos ou inventados, mas era inevitável que, de umas escolas para outras, muitos temas se repetissem. Este, por exemplo, já fora tratado, que saibamos, por Séneca-o-Antigo (ou o Retor, ou Séneca-Pai: c. 55 a.C. - 37 d.C.), e será tratado, mais tarde, por Libânio de Antioquia (314 - 393 d.C.), ao qual alguns atribuem esta obra.

Tratava-se<sup>180</sup>, no fundo, de redacções, as quais, depois de escritas e bem decoradas, eram recitadas na aula ou perante uma audiência mais alargada, por vezes bastante numerosa e ávida de escutar discursos bem fartos e... “farfalhudos”, de temática bastante apelativa e, muitas vezes, a raiar o incrível, cheios de figuras de retórica aprendidas no ensino teórico, ponteados de vocabulário nobre colhido na leitura dos poetas e prosadores antigos, tudo ao serviço de uma imaginação mais ou menos feliz, que inventava situações que enriqueciam e desenvolviam o tema proposto.

Neste caso, o tema ou Argumento apontado refere-se a um aspecto do poder paternal, a *patrikē exousia* (πατρική ἐξουσία), ou, entre os Romanos, a *patria potestas*. Resumidamente (mas menos que o ARGUMENTO, q.v.):

*Um pai deserda e expulsa de casa o filho estroina e debochado, o qual acaba por se formar em Medicina, após o que, de regresso à sua terra natal, tendo tomado conhecimento de que o pai se encontrava num avançado estado de demência, cura-o, pelo que é reintegrado na família. Passado algum tempo, sua madrasta*

---

<sup>180</sup> Transcrevo este parágrafo da minha Introdução a outra *declamatio* de Luciano, *O Tiranicida*.

*enlouquece também, mas o enteado, alegando que, neste caso, a Medicina nada podia fazer, nega-se a tentar sequer tratá-la, pelo que o pai o põe em tribunal para responder num novo processo de deserdação. O discurso de defesa do réu incide precisamente sobre a sem-razão do pai.*

Temas como este suscitavam a inventividade do  *fingido* orador, que procurava ampliar o discurso até ao tempo determinado por lei, marcado em uma ou mais “clepsidras”.

Deve dizer-se que alguns críticos modernos acham que esta  *declamatio* não é de Luciano, e alguns até identificam como seu autor Libânio de Antioquia (314 - 393 d.C.), que foi mestre de Retórica em Constantinopla, protegido do Imperador Juliano, o Apóstata, por ter renegado a fé cristã, mas também mestre do famoso João Crisóstomo, o “Boca de Ouro”. A respeito da autoria dessa obra, muitas  *sugestões* são possíveis. Posso imaginar que o tema do filho deserdado era uma proposta recorrente nas escolas de Retórica e nas  *declamationes*, pelo que, a certa altura, poderiam surgir composições idênticas ou mesmo mais ou menos fielmente imitadas de outras tidas como autênticos modelos. Parece de admitir que Luciano, que viveu e foi formado nessas escolas e nesse ambiente, poderia ter,  *também ele*, elaborado discursos sujeitos a diversos temas, entre os quais este, porventura com maior ou menor influência de outras declamações, passadas, mas escritas e publicadas, ou até de declamações que estariam na moda. E o mesmo terá feito, certamente, Libânio, eventualmente muito chegado a esta obra de Luciano, numa demonstração de virtuosismo dirigido aos seus discípulos e ao público em geral.

A verdade é que o tradutor habitual de Luciano nota claramente, em algumas obras a este atribuídas, nomeadamente  *O [Filho] Deserdado*, por um lado, traços linguísticos típicos da época bizantina, mas também um vocabulário tirado de todo o grego anterior, sem grande critério estilístico ou semântico, sem coerência, numa revelação clara de falta do sentido da  *língua passada*. Por vezes, o autor desta  *declamatio* acumula sinónimos que fazem o desespero do tradutor... tudo para que a assistência fique de boca aberta perante a riqueza lexical do...  *homem*. Também no que respeita à sintaxe, nota-se o esforço, nem sempre conseguido, no sentido de alinhar com o grego clássico.

Enfim, pelos mesmos motivos, também é possível imaginar um Luciano, de língua materna síria, mas formado na escola grega (“primária” e “superior”), que, nos seus princípios, cheio de leituras de todos os poetas e prosadores que o antecederam, e ainda sem o sentimento íntimo dos graus estilísticos e epocais de todo o infinito léxico grego, visse (sem verdadeiramente *sentir*) todo esse léxico *quase* como nós, hoje, veríamos as entradas de um dicionário, sem que cada vocábulo fosse acompanhado da respectiva ocorrência; ou então imaginemos uma daquelas “retroversões” de português-grego, em que o dicionário propusesse, como correspondente a determinada palavra portuguesa, uma sequência de palavras gregas pertencentes a diversos estratos estilísticos e sem referência aos escritores que as usaram.

Em qualquer dos casos — imitação ou composição posterior, talvez bizantina (do mencionado Libânio?), ou obra de um “primeiro” Luciano, ou mesmo de um seu imitador, eventualmente seu discípulo — a *declamatio*, ou *progúmnasma* (προγύμνασμα), ou *melétē* (μελέτη) intitulada *O [Filho] Deserdado* revela um notável espírito inventivo, que amplifica o tema, acumulando-lhe pormenores que são autênticos “achados”, mas também, reconheça-se, à custa de repetições nitidamente para “encher”... ou talvez no intuito de cumprir o tempo de clepsidra.

Finalmente, fora do âmbito propriamente literário, deve dizer-se que este idealizado discurso de defesa, ou gr. *apología* (ἀπολογία), preenche, de algum modo, a falta de conhecimento da legislação, ou do uso judicial, a respeito do poder paternal, nomeadamente no que se refere à possibilidade legal, quase arbitrária, que o chefe de família (lat. *paterfamilias*) tem de repudiar um filho que, na verdade ou alegadamente, se mostra rebelde à ordem familiar estabelecida.

O problema aqui desenvolvido refere-se, não à primeira deserdação, mas à possibilidade, ou não, de, após a anulação desse repúdio, o pai voltar a usar do mesmo direito de deserdação (*apokéruxis*, ἀποκήρυξις).

(Página deixada propositadamente em branco)

## O [FILHO] DESERDADO

### ARGUMENTO:

*Certo [jovem], tendo sido deserdado<sup>181</sup>, formou-se [posteriormente] em Medicina. Tendo seu pai enlouquecido, e tendo sido desenganado dos outros médicos, [o filho] ministrou-lhe um certo fármaco, que o curou, pelo que foi novamente integrado na família. Passado algum tempo, tendo-lhe sido ordenado que curasse a sua madrastra, que [também] tinha enlouquecido, <dizendo não ser capaz (de fazê-lo)><sup>182</sup> foi <novamente> deserdado.*

1. Senhores jurados: Não é novo nem surpreendente o actual comportamento por parte de meu pai, nem é esta a primeira vez que ele se enfurece desta maneira, mas, pelo contrário, tem esta lei<sup>183</sup> sempre à mão e vem habitualmente a este tribunal. Neste momento, porém, sou vítima de uma coisa ainda mais inaudita, que consiste, não em ser réu de um crime pessoal, mas em correr o risco de sofrer uma pena devida à minha profissão, pelo facto de esta não estar em condições de atender a tudo o que este [homem] me ordena [que faça]. Que coisa haveria mais absurda do que curar por ordem deste [homem], e já não segundo as possibilidades da ciência, mas, pelo contrário, como meu pai pretende?! Muito gostaria eu que a Medicina possuísse um fármaco tal, que pudesse acalmar não só os doidos, mas também os que se enfurecem sem razão, a fim de curar esta doença de meu pai. Presentemente, os seus acessos de demência

---

<sup>181</sup> Sempre que ocorra, na tradução, o termo *deserdar...*, deve entender-se, “*repudiar, excluir da família e, portanto, deserdar*”.

<sup>182</sup> Há aqui uma lacuna, que tem sido diversamente preenchida, quer já em alguns manuscritos, quer pelos editores modernos. P. ex., em vez de “*dizendo não ser capaz*”, há quem proponha “*negando-se (a fazê-lo)*”. O primeiro sentido parece estar mais de acordo com o texto da *declamatio*, em que o jovem médico revela consideração pela madrastra, só não a curando, porque isso estava para lá das possibilidades da Medicina. Mas também poderia acontecer que o ARGUMENTO dissesse “*negando-se...*”, deixando ao orador (ou estudante de Retórica) a tarefa de ser mais preciso...

<sup>183</sup> Não conhecemos em pormenor a lei (de Sólon?) que permite ao pai deserdar o filho. Além do *repúdio público*, gr. *apokéruxis* (ἀποκέρυξις), o processo era (ou não) confirmado em tribunal. V. §8, onde são dadas algumas informações.

cessaram por completo, mas os acessos de fúria intensificam-se cada vez mais, e o pior de tudo é que ele é sensato com todas as outras pessoas, e desatina unicamente comigo, que o curei. Vede, pois, a paga que eu recebo por essa cura — novamente deserddado por ele, e pela segunda vez excluído da família, com se tivesse sido recebido por pouco tempo, [só] para sucessivamente ser expulso de casa de maneira ainda mais ignominiosa.

2. Ora, nos casos passíveis de cura, não espero que me dêem ordens. Ainda recentemente, sem que ele me chamasse, fui em seu auxílio. Quando, porém, se trata de um caso absolutamente desesperado, nem sequer decido tentar. No que respeita a essa mulher, tenho razões para estar mais receoso. De facto, no caso de falhar, imagino como seria tratado por meu pai, eu que, mesmo sem ter iniciado o tratamento, já estou deserddado. Sinto desgosto, senhores jurados, por a minha madrasta (era<sup>184</sup> uma excelente criatura) estar num estado tão penoso, e também pelo facto de meu pai se afligir por sua causa, mas — o mais importante de tudo — pelo facto de eu dar a impressão de estar a desobedecer e por não ser capaz de ajudar naquilo que me é pedido, quer pela extrema violência da doença, quer por incapacidade da ciência. Em todo o caso, não acho justo que seja deserddado um indivíduo que, desde logo, não promete aquilo que não pode fazer.

3. É fácil, com base na situação presente, perceber as acusações com que ele me deserddou da primeira vez. Eu, porém, defendi-me delas cabalmente, julgo eu, com a minha vida subsequente, mas, quanto a estas que ele agora invoca, vou refutá-las o melhor que for capaz, expondo-vos um pouco do que foi a minha vida.

Na verdade, eu, o [filho] rebelde, o desobediente, a vergonha de seu pai, que cometia actos indignos da família, entendi, nessa ocasião, que devia responder em poucas palavras às muitas acusações que ele me fazia, vociferando e espraiando-se [nelas]. Então, tendo saído de casa, achei que, para mim, o grande tribunal e o voto imparcial seriam a minha vida posterior, provando que era completamente alheio às acusações de meu pai, entregando-me às mais belas ocupações e convivendo com as pessoas mais virtuosas. Já então previa uma situação deste

---

<sup>184</sup> “era”, não por estar morta, mas antes da doença.

género e pressentia que um pai não completamente estabilizado pode enfurecer-se injustamente e inventar falsas acusações contra um filho. Havia até quem pensasse que tudo isso era um princípio de demência e um sintoma e primeira investida de uma doença que sobreviria dentro de não muito tempo — um ódio irracional, essa cruel lei<sup>185</sup>, as ofensas verbais sempre prontas, o severo tribunal, a gritaria, a fúria, numa palavra: tudo cheio de bίlis. Por tudo isto, eu presumia que talvez um dia ele viesse a necessitar da Medicina.

4. Então, tendo saído desta terra e frequentado os mais reputados médicos estrangeiros, foi com muito esforço e tenaz aplicação que me especializei na arte [da Medicina]. Ao regressar, porém, encontro o meu pai já claramente demente e desenganado dos médicos locais, que não viam as doenças a fundo nem as dividiam rigorosamente em classes. Aí, como é natural que um bom filho proceda, não lhe guardei rancor por me ter deserdado nem esperei que me mandassem chamar. Na verdade, eu não tinha qualquer motivo pessoal para o incriminar, pois todos aqueles desvarios lhe eram estranhos, mas sim, como já disse, próprios da sua doença. Tendo, pois, ocorrido [a sua casa] sem ter sido chamado, não o tratei imediatamente, pois não é nosso<sup>186</sup> costume proceder dessa maneira, nem a [nossa] profissão o aconselha, mas, pelo contrário, antes de tudo o mais, aprendemos a observar se a doença é curável ou se é incurável e está para além dos limites da [nossa] ciência. Então, se a doença for susceptível de ser dominada, metemos mãos à obra e empregamos todo o nosso zelo no sentido de salvar o doente; mas se virmos que o mal já se apoderou da pessoa e a venceu definitivamente<sup>187</sup>, nem sequer lhe tocamos, assim cumprindo uma norma dos médicos que nos precederam<sup>188</sup> nesta arte, os quais afirmam que não devemos ocupar-nos dos definitivamente vencidos [pela doença].

---

<sup>185</sup> A lei do repúdio e deserdação, que se tornou ideia fixa do pai do jovem.

<sup>186</sup> “nosso”, tanto pode tratar-se do plural majestático (= “meu”), como um plural autêntico, colectivo, ou seja, “nosso (dos médicos)”.

<sup>187</sup> “definitivamente”: O advérbio não está explicitamente no grego, mas sim implícito no perfeito, que, neste caso, indica uma situação permanente. Do mesmo modo, v. linhas adiante. É pelo menos curiosa esta ideia de que os doentes (tidos por) incuráveis devem ser abandonados à sua sorte...

<sup>188</sup> Entre outros, o próprio Hipócrates, “pai” da Medicina científica.

Tendo, pois, verificado que meu pai estava ainda dentro da [margem de] esperança, e que o mal não estava para além [das possibilidades] da ciência, observei longamente e analisei rigorosamente cada pormenor, após o que, finalmente, meti mãos à obra e, já com toda a confiança, meti-lhe o remédio pela boca dentro<sup>189</sup>, apesar de muitos dos presentes desconfiarem do remédio ministrado e desaconselharem esse tratamento, e se preparassem mesmo para me mover um processo.

5. Estava presente a minha madrastra, muito receosa e desconfiada, não por me odiar<sup>190</sup>, mas por temer e saber com precisão que ele se encontrava em muito mau estado. De facto, só ela tinha conhecimento de tudo, pois vivia com ele e acompanhava a sua doença. Mesmo assim, eu, sem qualquer temor — pois sabia que os sintomas não me enganariam e que a ciência não me trairia —, iniciei o tratamento no momento propício para a sua aplicação, apesar de alguns dos meus amigos me aconselharem a não ter assim tanta confiança, receando que um [eventual] falhanço me trouxesse uma acusação mais grave, a de que eu me vingara de meu pai, envenenando-o, por estar ressentido de todos os sofrimentos que ele me infligira.

Mas o principal foi o facto de ele ter ficado rapidamente curado, ter recuperado a sanidade mental e já ter consciência de tudo. As pessoas presentes ficaram maravilhadas, e a minha madrastra desfazia-se em elogios, e era de todos manifesto que se regozijava com o meu êxito e com a sanidade do marido. Então este — tenho de confessá-lo em seu favor<sup>191</sup> —, sem tardança e sem tomar o conselho de quem quer que fosse sobre este assunto, logo que ouviu da boca dos presentes tudo o que tinha acontecido, anulou a deserção e reconheceu-me novamente como seu filho, chamando-me seu salvador e seu benfeitor, e, reconhecendo que agora já obtivera uma prova cabal, desculpou-se do seu procedimento anterior. Este acon-

---

<sup>189</sup> “meti-lhe o remédio pela boca dentro”: o gr. diz “verti o fármaco”. Trata-se, pois de uma poção, como indica o verbo *egkhéō* (ἐγχείω) “verter”.

<sup>190</sup> “não por me odiar”: Esta pequena observação é muito subtil, por informar que o jovem também não tem nada contra a sua madrastra, pelo que não é por motivos pessoais que se recusara a tratá-la...

<sup>191</sup> “tenho de confessá-lo em seu favor”: Tal como disse a respeito da madrastra (v. nota ao início do §5), também aqui reconhece o sentimento de gratidão revelado por seu pai... para que o júri mais se convença da razão que lhe assistia no presente processo judicial.



tecimento regozijou muitos, ou seja, todas as pessoas de boa vontade que estavam presentes, mas entristeceu aqueles para os quais a deserdação de um filho era mais agradável que a sua reintegração. Vi mesmo, nessa ocasião, que nem todos estavam igualmente satisfeitos com o acontecido, mas uma ou outra cor de rosto alterada, um olhar agitado e uma cara furiosa, como a que resulta da inveja ou do ódio. Nós [os dois], porém, como era natural, estávamos entregues à alegria e à felicidade, por termos sido restituídos um ao outro.

6. Então, senhores jurados, [sucedeu que,] passado pouco tempo, a minha madrastra começou subitamente a sofrer de uma doença muito penosa e muito estranha. Logo desde o seu início, notei como era terrível. De facto, não tinha o aspecto simples e bem visível da demência, mas de um mal que desde há muito incubava na sua mente e que subitamente rebentou e saltou à vista. Ora, entre os muitos sintomas da demência incurável, observei um, e esse de um género inaudito, nesta mulher. Na verdade, em relação às outras pessoas, ela mostra-se afável e calma, e a doença é pacífica quando essas pessoas estão presentes, ao passo que, se vê algum médico, ou somente se ouve falar no seu nome, fica extremamente furiosa com ele — facto que constitui uma prova de que ela está muito mal e numa condição irremediável.

Ao ver tal coisa, fiquei aflito e tive compaixão dessa mulher, que bem merecia [essa compaixão] e que estava desgraçada sem o merecer.

7. Então meu pai, leigo na matéria (pois não conhece nem a origem, nem a causa, nem a intensidade do mal que a dominava), ordenou-me que a tratasse e lhe ministrasse o mesmo fármaco. De facto, cuida<sup>192</sup> ele que existe um único tipo de demência<sup>193</sup>, uma única doença, e que aquela enfermidade é a mesma [que a dele], pelo que deve receber um tratamento idêntico. Sempre, porém, que eu lhe dizia — o que era absolutamente verdade — que não era capaz de salvar a sua mulher e confessava que ela já estava completamente vencida pela doença, indignava-se e ficava furioso, dizendo que eu abandonava propositadamente e traía

---

<sup>192</sup> “cuida”: Alguns manuscritos têm o imperfeito, mas o presente é perfeitamente compreensível: (cuidava, e) “*ainda cuida*”.

<sup>193</sup> V. §30.

aquela mulher<sup>194</sup>, atribuindo à minha pessoa a impotência da ciência [médica]. Então comporta-se como costumam fazer as pessoas ofendidas. De facto, todas se enfurecem contra aqueles que lhes dizem francamente a verdade. Mesmo assim, porém, vou, na medida do possível, justificar-me contra o meu pai e em minha própria defesa e da minha ciência.

8. Em primeiro lugar, vou começar pela lei, nos termos da qual este homem pretende deserdar-me<sup>195</sup>, para que ele saiba que agora já não tem o mesmo poder que da outra vez. De facto, ó meu pai, o legislador não reconhece a todos [os pais] o direito de deserdar todos os filhos quantas vezes entenderem ou com toda a espécie de motivos, mas, assim como concedeu aos pais o direito de se enfurecerem a esse ponto, assim também pensou no interesse dos filhos, para que estes não fossem vítimas de injustiças. Por isso, não consentiu que a pena fosse arbitrária e sem julgamento, mas fez comparecer [as partes] em tribunal e escolheu como árbitros<sup>196</sup> pessoas que apreciassem o direito sem serem movidas por cólera ou por má vontade. Realmente, [o legislador] sabia que, com frequência, certas acusações irracionais provocam a fúria de muitas pessoas, um por dar ouvidos a uma falsa acusação, outro por acreditar num criado ou numa mulherzinha cheia de ódio. Por isso, considerou que o caso não devia estar fora da alçada da justiça<sup>197</sup>, e, também, que os filhos não deviam ser sumariamente condenados sem serem ouvidos, mas, pelo contrário, também têm direito à clepsidra<sup>198</sup> e lhes é dada a palavra, para que nada fique por analisar.

9. Ora, uma vez que, nos termos da lei, o pai tem [somente] o poder de acusar, mas, quanto a decidir se a sua acusação é

---

<sup>194</sup> “mulher”: O gr. *ánthrōpos* (ἄνθρωπος) “homem (em geral)”, “ser humano”, “criatura”, também se usa — facto relativamente raro — no feminino, com o sentido de “mulher”; naturalmente, o artigo ou o adjetivo concordam com o género feminino, p. ex. *hē kalē ánthrōpos* (ἡ καλή ἄνθρωπος) “a bela mulher” (“a bela *criatura*” pode, em port., referir-se também a um homem).

<sup>195</sup> “deserdar”: V. nota a *deserdado*, no ARGUMENTO.

<sup>196</sup> “escolheu como árbitros”, ou seja, não tirou à sorte os membros do júri, como era normal noutros tipos de processos (cf. §11).

<sup>197</sup> “fora da alçada da justiça”; O gr. diz, sinteticamente, *ákríton* (ἄκριτον), lit.<sup>o</sup> “não-julgado”.

<sup>198</sup> “têm direito à clepsidra”: O gr. diz, idiomáticamente, “(lhes) é vertida água”. Cada parte tinha direito a uma ou mais “clepsidras”, em que o escoamento da água marcava o tempo de intervenção.

razoável, vós é que sois os julgadores, não considereis, por agora, nem a matéria da sua acusação contra a minha pessoa, nem os fundamentos da sua fúria, mas antes examinai o facto seguinte, ou seja. se ainda pode ser concedido o direito de deserdar [um filho] àquele que, de uma vez por todas<sup>199</sup>, [o] deserdou, usando da faculdade que lhe é concedida por lei e gozando do poder paternal, mas que, depois, voltou atrás e anulou a deserdação. Ora, eu digo que seria o cúmulo da injustiça, se as punições e as condenações dos filhos fossem ilimitadas, se o medo fosse permanente, se a lei, num momento, pendesse para a dureza e, pouco tempo depois, afrouxasse, e logo a seguir fosse outra vez severa, numa palavra, se a justiça se alterasse neste ou naquele sentido, segundo o que em cada momento aproovesse aos pais. Ora, numa primeira instância, está certo que [a lei] lhes conceda toda a liberdade, que se indigne juntamente com [pai] o indignado e faça do progenitor a autoridade punitiva. Se, porém, ele tiver, de uma vez por todas, exercido esse direito, se tiver feito uso da lei e satisfeito a sua cólera, e se posteriormente, convencido de que [o filho] é pessoa digna, o reintegrar [na família], deve obrigatoriamente manter-se nesta posição, e nunca mais mudar de opinião, nem modificar a sua decisão nem alterar o seu julgamento.

Não existe, julgo eu, nenhum sinal que indique que um recém-nascido vai sair má ou boa pessoa, e por isso é permitido que aqueles que criaram filhos sem saberem [o que eles viriam a ser] rejeitem os indignos [de fazerem parte] da família.

10. Quando, porém, sem qualquer constrangimento e por direito próprio, um pai, por sua própria iniciativa e mediante provas dadas, volta a receber [um filho], que outro pretexto [terá] para mudar de opinião, ou que outra interpretação da lei? Na verdade, o legislador dir-te-ia: *“Se este [filho] era má pessoa e merecedor de ser deserdado, por que motivo o reintegras? Por que motivo o reintroduzes na tua casa? Porque é que revogaste a lei? Na verdade, eras livre e senhor de não o fazer. Ora, não te é lícito trocar assim das leis, nem fazer reunir os tribunais ao sabor das tuas tergiversações, nem fazer que as leis sejam ora revogadas, ora postas em vigor, e que os jurados tomem os seus lugares como [simples] testemunhas, ou melhor, como executantes*

---

<sup>199</sup> “de uma vez por todas” ou, mais *suave*, “já uma vez”. O mesmo um pouco adiante.

*das tuas decisões, umas vezes punindo, e outras reconciliando, segundo te aprouver. Geraste [o teu filho] uma só vez, criaste-o uma só vez, e por conseguinte tens o direito de o deserdar uma só vez, mas, neste caso, se entenderes que é justo fazê-lo. Todavia, esse teu procedimento incessante, eterno<sup>200</sup> e muito leviano excede em muito o poder paternal.”*

11. Por Zeus!, senhores jurados, não lhe consentais que, depois de ter voluntariamente procedido à minha reintegração, de ter anulado a antiga sentença do tribunal e de ter posto fim à sua cólera, ele reclame novamente a mesma punição e recorra outra vez ao poder paternal, cujo prazo de validade já passou de tempo e é muito velho e, só por isso mesmo, nulo e esgotado. Sim, reparai como, nos outros tribunais, em que os jurados são tirados à sorte, se alguém acha que a sentença foi injusta, a lei permite-lhe recorrer a outro tribunal. Se, porém, as partes concordarem de livre vontade em nomear os jurados e, tendo-os previamente escolhido, lhes confiarem a arbitragem, esse recurso já não é possível<sup>201</sup>. De facto, uma vez que podiam, desde logo, não recorrer a tais árbitros, se uma pessoa<sup>202</sup> os escolheu de sua livre vontade, é justo que se conforme com a sua sentença. Do mesmo modo, também tu, que tinhas a possibilidade de *não* reintegrar [o teu filho], caso o considerasses indigno [de fazer parte] da família, e se depois, considerando-o uma pessoa de bem, voltaste a recebê-lo, já não tens o direito de o deserdar. De facto, tu próprio deste testemunho de que ele não merecia essa punição, e já reconheceste que ele é pessoa de bem. Portanto, convém a reintegração seja irrevogável e que a reconciliação seja segura, depois de uma longa deliberação e de *dois* julgamentos: um, o primeiro, no qual me repudiaste, e o segundo, o teu próprio, quando mudaste de ideias e anulaste [o outro]. Ao desfazeres a primeira sentença, estás a confirmar a que tomaste a seguir. Fixa-te, pois, nesta última e mantém o teu próprio julgamento. Sê um [verdadeiro] pai, pois foi isso que decidiste, foi isso que aprovaste, foi isso que validaste.

---

<sup>200</sup> “*eterno*”, passe o exagero!

<sup>201</sup> “esse recurso já não é possível”: O gr. diz, vagamente, “já não”.

<sup>202</sup> “uma pessoa”, ou seja, “uma das partes”, naturalmente a condenada.

12. Se eu não fosse teu filho de sangue<sup>203</sup>, mas, tendo-me adoptado, quisesses deserdar-me, mesmo assim eu julgaria<sup>204</sup> que [isso] não te seria permitido. De facto, uma coisa que era possível, desde logo, *não* fazer, essa mesma é injusto, uma vez feita, desfazê-la<sup>205</sup>. Mas eu, [teu filho] de sangue, e novamente [como que] adoptado<sup>206</sup> por tua escolha e decisão, será justo que eu seja novamente expulso e outra vez privado dos laços de família? Ora, se se desse o caso de eu ser teu escravo, e tu, julgando, num primeiro momento, que eu era um perverso, me pusesses a ferros, mas posteriormente, convencido do contrário, [ou seja,] de que eu não tinha feito mal nenhum, me concedesses a liberdade, ser-te-ia porventura lícito, num momento de cólera, arrastar-me novamente para a mesma escravidão? De maneira nenhuma, pois as leis estabelecem que esses actos são firmes e válidos para sempre.

Sobre o facto de nunca mais lhe ser lícito deserdar aquele que, depois de deserdado, ele reintegrou voluntariamente [na família], embora tenha ainda muita coisa que dizer, ficar-me-ei por aqui.

13. Considerai agora que espécie de pessoa é que [meu pai] pretende deserdar. Já não alego que, nesse tempo, eu era uma pessoa comum, e hoje sou médico. Na verdade, a minha profissão não teria<sup>207</sup> nada que ver com este caso, nem o facto de nesse tempo eu ser muito novo e hoje ser um homem feito e com a convicção de que, pela minha idade, não cometeria qualquer delito. De facto, isso<sup>208</sup> seria, talvez, um fraco argumento. Mas se ele, naquele tempo, sem qualquer razão de queixa [de mim] — como eu poderia provar —, mas também sem ter recebido qualquer benefício, me expulsou de casa, agora [expulsa] aquele que foi o seu recente salvador e benfeitor. Que acto haverá

---

<sup>203</sup> “de sangue”, o gr. diz *phúsei* (φύσει), “por natureza”, ou “natural”.

<sup>204</sup> “julgaria”: O jovem (ou Luciano...) obviamente não tem a certeza quanto a este pormenor.

<sup>205</sup> Concretamente: Um homem, podendo *não* adoptar uma criança, não pode, uma vez adoptada, desfazer um acto que bem poderia não ter feito.

<sup>206</sup> “adoptado”: Na verdade, não se tratava de uma adopção propriamente dita, mas sim da reintegração na família de alguém que já não lhe pertencia, mas era de novo nela readmitida. Daí o meu acrescento (talvez abusivo): [como que].

<sup>207</sup> “não teria”... mas tem, como se verá.

<sup>208</sup> “isso”, ou seja, as duas situações acima mencionadas.

mais ingrato que este? Salvo por mim e tendo escapado a uma situação tão perigosa, na primeira ocasião paga-me desta maneira, sem ter a mínima consideração por aquela grande<sup>209</sup> cura e dela já tão facilmente esquecido, lançando ao abandono um homem que, podendo com justiça regozijar-se à conta das injustiças sofridas, não só não lhe guardou rancor, mas até o salvou e lhe devolveu a sanidade mental.

14. Na verdade, senhores jurados, depois de lhe prestar um bom serviço, que não é coisa de pouca monta nem banal, mesmo assim, sou julgado merecedor de um tal tratamento. Mas, mesmo que ele desconheça o que então se passou, todos vós sabeis como ele agia, como estava afectado e em que estado eu tomei conta dele. Quando os outros médicos estavam desesperados, quando os seus familiares o evitavam e nem sequer se atreviam a aproximar-se, eu pu-lo em estado de ser capaz de fazer acusações e de discutir a respeito das leis. E mais ainda, meu pai, tens diante de ti o exemplo, pois, quando tu estavas quase no estado em que agora se encontra a tua mulher, eu reconduzi-te à tua primitiva racionalidade. Não é, portanto, justo receber por esse feito uma tal paga, nem que tu agora uses essa razão somente contra mim. De facto, pela própria matéria da tua acusação é óbvio que eu te prestei um benefício nada desprezável. Na verdade, aquele que tu odeias pelo facto de não curar essa mulher, por ela se encontrar num estado terminal absolutamente deplorável, como é possível que tu não o ames ainda mais por te ter livrado de uma situação idêntica e não lhe estejas grato, agora livre de um mal tão horrível? Tu, porém — cúmulo da ingratidão —, mal recuperaste a razão, levas-me a tribunal, e, uma vez curado, pretendes punir-me, regressando ao teu velho ódio e citando a mesma lei. Que bela recompensa me dás pela minha arte, que condigna paga pelos meus remédios, ao recuperares a saúde unicamente para atacares o teu médico!

15. Será que vós, senhores jurados, ides permitir que este homem castigue o seu benfeitor, que expulse de casa o seu salvador, que odeie aquele que lhe restituiu a razão e que castigue

---

<sup>209</sup> “aquela grande...”: o pron.-adj. demonstrativo *ekeinos* (ἐκεῖνος) “esse”, “aquele”, pode incluir, como é o caso, um sentido magnificativo: “aquele grande / importante / famoso...”.

aquele que o pôs novamente de pé? Não... pelo menos se fizerdes justiça. Na verdade, mesmo que acontecesse<sup>210</sup> que eu, desta vez, fosse altamente culpado, mesmo assim ser-me-ia devida uma gratidão nada pequena, por cuja consideração e lembrança este homem faria bem em esquecer o presente e, olhando àqueles [meus bons serviços], conceder-me prontamente perdão, especialmente se o benefício fosse de tal ordem, que ultrapassasse todas as ofensas<sup>211</sup> subsequentes. É esta a vantagem que eu tenho sobre este homem, que eu salvei, que é meu devedor para toda a vida, a quem proporcionei a existência, a sanidade mental e a inteligência, muito especialmente quando todos os outros [médicos] estavam desesperados e se confessavam incapazes de vencer a doença<sup>212</sup>.

16. Na verdade, creio que o que torna ainda maior o meu bom serviço é o facto de eu, que na altura já não era seu filho nem tinha qualquer motivo imperioso para o tratar, que era livre e alheio [ao caso], que estava liberto de laços de sangue, mesmo assim não o desprezar, mas, pelo contrário, ter ocorrido voluntariamente, sem ter sido chamado, enviado... por mim mesmo<sup>213</sup>. Prestei-lhe assistência, fiquei junto dele, tratei dele, curei-o; preservei a vida de meu pai, e assim me justifiquei contra a minha deserdação; com a minha benevolência pus termo à sua cólera, com a minha ternura fiz anular a lei, com o meu grande serviço compreí<sup>214</sup> o meu regresso ao seio da família, e, numa circunstância tão perigosa, demonstrei a lealdade [devida] ao meu pai e, graças à minha arte, reintegrei-me [na família] e, no meio da adversidade, mostrei-me um autêntico filho.

Por quantos incómodos julgais que eu passei, por quantas canseiras, sempre presente, sempre ao seu serviço, sempre vigilante, ora cedendo ao pico da doença, ora aplicando a minha arte quando o mal se suavizava um pouco?! Ora, de todas as

---

<sup>210</sup> “mesmo que acontecesse”, hipótese irreal do ponto de vista do réu, mas (não vá o júri considerá-la!), há que tirar-lhe a gravidade que pudesse ter.

<sup>211</sup> “todas as ofensas”: O gr. diz, vagamente, “todas as coisas”.

<sup>212</sup> “incapazes de vencer a doença”: O gr. diz “inferiores à doença”; uma tradução por “vencidos pela doença” poderia dar a impressão de que os médicos é que estavam doentes...

<sup>213</sup> “enviado... por mim mesmo” (ou “auto-enviado”): Entendi traduzir à letra o gr. *autepággeltos* (αὐτεπάγγελτος); também poderia verter-se por “espontaneamente”, “por minha própria iniciativa”...

<sup>214</sup> “comprei”, é esse mesmo o termo: *epriámēn* (ἐπριάμην).

tarefas da Medicina, a mais perigosa consiste em tratarmos pessoas deste género e aproximarmo-nos delas nesse estado, pois muitas vezes, quando o mal se exacerba, soltam a sua fúria contra os que estão próximos. Apesar disso, porém, não recuei nem me acobardei perante esses riscos, mas, pelo contrário, à força de conviver com a doença e de a analisar e atacar<sup>215</sup> por todos os ângulos, acabei por dominá-la por meio desse tal<sup>216</sup> fármaco.

17. Que, ao ouvir estas palavras, ninguém objecte: “*Qual é a grande dificuldade em ministrar um fármaco?*” Na verdade, antes disso há que fazer muitas outras coisas, como abrir o caminho para [receber] a beberagem, preparar o corpo para uma cura mais fácil, cuidar do estado geral [do paciente], purgá-lo, fazendo-o emagrecer, dar-lhe uma alimentação adequada, fazê-lo movimentar-se tanto quanto isso for útil, cuidar de que ele durma bem e arranjar-lhe períodos de isolamento — tudo isto são coisas que os pacientes de outra qualquer doença serão facilmente levados a aceitar; mas os loucos, devido à liberdade sem peias<sup>217</sup> da sua mente, são difíceis de conduzir, difíceis de refrear, perigosos para o médico e muito renitentes ao tratamento. Muitas vezes, quando julgamos, cheios de esperança, estar já muito perto do fim, cometemos um pequeno erro, que faz com que a doença atinja de novo o seu pico e destrua facilmente toda a nossa acção, dificulte a cura e ponha em causa a ciência [médica].

18. Será que vós permitis aqui a este homem que deserde um indivíduo que sofreu todos estes incómodos, que enfrentou uma doença tão penosa e venceu um mal que é, de todos os males, o mais difícil de dominar? Será que consentis que ele interprete as leis como bem entende e contra o seu benfeitor, e deixais que ele hostilize a natureza?

Eu, senhores jurados, obedecendo à natureza, salvo e preservo [a vida de] meu pai, apesar das suas ofensas, ao passo que ele tenta destruir e excluir da família o filho, seu salvador, de

---

<sup>215</sup> “analisar e atacar”: o gr. *antexetázō* (ἀντεξετάζω) concentra os dois sentidos, o segundo dos quais é dado pelo preverbo *ant(i)-*.

<sup>216</sup> “desse tal” medicamento, e não “de um” medicamento; o artigo é, muitas vezes, fortemente definido.

<sup>217</sup> “liberdade sem peias”: O gr, diz simplesmente “liberdade”.



acordo, segundo afirma, com as leis. Ele é inimigo do filho, eu sou amigo do pai<sup>218</sup>; eu respeito a natureza, ele despreza e ofende os direitos da natureza. Ó pai que odeia sem razão! Ó filho que ama ainda com menos razão! Sim, acuso-me a mim próprio, que a isso me obriga meu pai, já que, por ser odiado, amo sem dever fazê-lo, e amo ainda mais do convinha. No entanto, a natureza ordena que os pais amem os seus filhos, mais do que os filhos aos pais. Mas este homem despreza deliberadamente não só as leis, as quais preservam dentro da família os filhos que não cometeram quaisquer actos condenáveis, mas também a própria natureza, que impele os progenitores a amarem ternamente os seus filhos. Não se pode dizer que ele, embora tenha motivos de sobra para me querer bem, me ofereça e retribua com uma afeição ainda maior, ou pelo menos que me imite e me iguale no amor. Mas — ó desgraça! — além disso, odeia quem o ama, expulsa quem lhe quer bem, é injusto para com o seu benfeitor, deserda quem o venera e manipula contra mim as leis protectoras dos filhos<sup>219</sup>, tornando-as inimigas dos filhos. Mas que batalha, meu pai, estás provocando, a das leis contra a natureza!

19. Mas as coisas não são, não são mesmo, como tu pretendes. Tu, meu pai, interpretas erradamente leis que estão muito bem feitas. A lei e a natureza não se guerreiam em matéria de afectos, mas, pelo contrário, uma acompanha a outra, e ambas lutam em conjunto pela eliminação de injustiças. Estás a ultrajar o teu benfeitor, a ofender a natureza. Então porque é que, juntamente com a natureza, ofendes também as leis? Mas tu não admites que elas pretendem ser boas, justas e protectoras de todos os filhos<sup>220</sup>, ao acirrá-las repetidamente contra um

---

<sup>218</sup> O grego diz toda a frase com a maior concisão: ele é *misópais* [(μισόπαις), “inimigo-do-filho”], e eu sou *philopátōr* [(φιλοπάτωρ), “amigo-do-pai”]. Em port. há palavras (de origem grega) com a mesma formação, p. ex., *misó-gino*, “que tem aversão às mulheres”, ou *filó-gino*, “que ama as mulheres”. Neste caso, não dá “jeito” transpor para \**misopedo* (??) e \**filópatro* (menos mau: melhor seria \**patrófilo*).

<sup>219</sup> “protectoras dos filhos” ... “inimigas dos filhos”, são, no texto, palavras compostas respectivamente de 1º elemento *philo-* e *miso-*: (ac. pl.) *philópaidas* (φιλόπαιδας) e *misópaidas* (μισόπαιδας).

<sup>220</sup> “protectoras de todos os filhos”: O sentido *generalizante* é expresso pelo composto (ac. pl.) *philópaidas* (φιλόπαιδας), “amigo dos filhos” (também podia ser, noutro contexto, “amigo de um filho” ou “amigo do seu filho”).

só filho, como se fosse contra muitos, e não as deixando ser brandas nos castigos, elas que [só] pretendem ser brandas nas relações afectuosas dos filhos em relação aos pais. E no entanto, as leis não foram feitas contra aqueles que não cometeram qualquer delito. Todavia, há mesmo leis<sup>221</sup> que permitem que se proceda a um julgamento por ingratidão, contra os que não pagam com o bem àqueles que bem lhes fizeram. Mas o meu pai, além de não retribuir o bem [com o bem], ainda se julga no direito de me punir pelos bons serviços recebidos. Pensai bem se ele ultrapassou os limites máximos da injustiça.

Portanto, está, julgo eu, cabalmente demonstrado que já não lhe é lícito deserdar-me, por já ter esgotado, de uma vez por todas, o poder paternal e ter usado essas leis, nem é justo, por outro lado, expulsar de casa e excluir da família<sup>222</sup> um benfeitor em tão alto grau.

20. Mas agora voltemo-nos para o próprio motivo da deserdação e examinemos qual é, no fundo, a acusação. Aqui, é forçoso recuar até à intenção do legislador. Então, mesmo que, por momentos, admitamos a ideia de que te é lícito deserdares-me quantas vezes entenderes, e, além disso, mesmo que te concedamos esse tal poder contra o teu benfeitor, mesmo assim não poderás, julgo eu, deserdar-me sem mais nem menos e por todo e qualquer motivo. Na verdade, o legislador não diz que “*qualquer que seja a acusação, o pai pode deserdar [o filho], bastando-lhe apenas querer e alegar [quaisquer] motivos de censura*”. Se assim fosse, para que serviria o tribunal? Pelo contrário, senhores jurados, a lei deixa ao vosso critério esse ponto, o de saber se o pai ficou furioso por motivos graves e justos, ou não. Examinai, pois, desde já, este ponto. Quanto a mim, vou começar pelos factos posteriores à sua demência.

21. O primeiro acto [resultante] da sanidade do meu pai consistiu em anular a deserdação. Eu era o seu salvador, o seu

---

<sup>221</sup> O jovem médico (ou Luciano) refere-se a uma espécie de “lei moral”, não formalmente codificada, que poderia servir de argumento adicional. Embora pudesse haver (nomeadamente na Atenas do tempo de Sócrates e na Macedónia) alguma lei que condenasse a *ingratidão*, o Direito Romano não previa tais situações.

<sup>222</sup> “expulsar de casa e excluir da família”: O texto grego é mais sintético: “expulsar de casa e excluir”.

benfeitor, o seu tudo [na vida]. Nenhuma acusação, julgo eu, me poderia ser feita nessa base. Posteriormente, porém, porque me acusas de tudo<sup>223</sup>? A que cuidados, a que obrigações de um [bom] filho é que eu faltei? Quando é que eu dormi fora de casa? De que bebedeiras fora de horas me acusas? De que farras? Onde está a minha vida libertina? Que proxeneta<sup>224</sup> é que eu maltratei<sup>225</sup>? Quem me acusou disso? Ninguém. No entanto, estes são os comportamentos com base nos quais a lei permite deserdar [um filho].

“*Mas a tua madrasta caiu doente*” [— dizes tu —]. E daí, acusas-me desse facto e responsabilizas-me pela sua doença? “*Não*” — diz ele.

22. Então em que ficamos? “*Ordenei-te* [— dizes tu —] *que a curasses, mas tu negaste-te a fazê-lo, e [só] por isso, pelo facto de desobedeceres ao teu pai, já serias merecedor de ser deserdado.*” Eu, porém, deixo para daqui a pouco o facto de, por não ser capaz de obedecer às ordens deste homem, dar a impressão de estar a desobedecer-lhe. Ora, antes de mais, afirmo simplesmente uma coisa, ou seja, que nem a lei lhe permite a ele ordenar tudo [o que quiser], nem eu sou absolutamente obrigado a obedecer em tudo. No que respeita a ordens, o incumprimento de algumas é inócuo, ao passo que o de outras é passível de [suscitar] cólera e castigo, como, por exemplo, se tu estás doente e eu não faço caso [de ti]; se tu me ordenas que eu cuide dos negócios da casa, e eu sou negligente; se me mandas inspeccionar a nossa propriedade [agrícola], e eu sou desleixado. Todos estes casos, e outros idênticos, constituem motivos razoáveis de censura paterna. Quanto aos outros casos, eles são só da nossa conta, da [conta] dos filhos, estão no âmbito das nossas profissões e

---

<sup>223</sup> “me acusas de tudo”: Segue-se uma lista de motivos que poderiam levar um pai a repudiar e deserdar um filho. Talvez este aluda às primeiras acusações, que levaram à primeira acção judicial que o deserdou...

<sup>224</sup> “proxeneta”: O gr. *pornoboskós* (πορνοβοσκός) tem os dois géneros, tal como o port. *proxeneta*; este vem do gr. *proxenētēs* (através do lat. *proxenēta*), masculino, que tem o feminino *proxenētria*; em port., a forma masculina pode servir também para o feminino. Embora possamos supor que se trata, geralmente, de um *dono* de bordel, o texto deixa-nos na dúvida... Talvez o moço tivesse tido problemas com *donos* e *donas* de bordéis...

<sup>225</sup> “(eu) maltratei”: O gr. tem a voz passiva, *húbristai*, que não dá a noção de género, ao contrário do port.: “foi maltratado / maltratada”. A fim de manter a dúvida (v. nota *supra*), traduzi pela voz activa.

do uso que delas fazemos, especialmente se o pai não sofre daí qualquer dano. De facto, se um pai diz ao [filho] pintor: “*Meu filho, pinta isto, não aquilo*”, ou ao [filho] músico: “*Toca esta melodia, não aquela*”, ou ao [filho] ferreiro: “*Forja desta maneira, não daquela*”, poderia alguém admitir que o pai deserdasse o filho, só porque este entendeu não praticar a sua arte como o pai entendia? Certamente que ninguém, julgo eu.

23. No que toca à Medicina, quanto mais venerável e útil [ela for] à vida humana, mais independente convém que seja aquele que a exerce, pelo que é justo que a sua arte tenha como uma certa prerrogativa o direito à sua aplicação [prática], e que esta coisa sagrada, ensinada pelos deuses e dom de homens sábios, não esteja sujeita a quaisquer constrangimentos ou ordens, nem fique sob a escravidão de uma lei ou de uma votação<sup>226</sup>, ou de uma punição de tribunal, nem sujeita ao medo, à ameaça de um pai ou à fúria de um leigo na matéria<sup>227</sup>. Portanto, se eu te dissesse, assim claramente e em termos precisos, “*Não quero, não trato [dessa pessoa<sup>228</sup>], ainda que seja capaz, pois aprendi esta profissão somente para mim próprio e para o meu pai, mas para as outras pessoas quero ser [apenas] um leigo na matéria*”, que tirano, por mais violento que fosse, me obrigaria a exercer a minha profissão contra a minha vontade?<sup>229</sup> De facto, essa acção [médica], há que consegui-la — julgo eu — através de preces e súplicas, e não de leis, de fúrias e de tribunais. Há que persuadir o médico, e não ordenar; fazer que ele queira, e não que receie; não o obrigar a proceder ao tratamento, mas a fazê-lo vir de sua livre vontade e com muito prazer. Ora, a arte [da Medicina] é independente do constrangimento paterno,

---

<sup>226</sup> “de uma votação”, é emenda moderna; os manuscritos têm *phóbon* (φóβον) “medo”; logo a seguir, os manuscritos têm “votação”, que editores modernos emendam para “medo”. Dada a proximidade das duas palavras, é natural que um copista se tenha enganado de linha... e o erro de cópia (que teria de ser muito antigo) terá passado para todos os subsequentes manuscritos.

<sup>227</sup> “leigo na matéria”, refere-se concretamente ao pai (cf. §7).

<sup>228</sup> “*dessa pessoa*” (a madrastra): O verbo não tem qualquer complemento, o qual também poderia ser “*qualquer pessoa*”, “*mais ninguém*”, como, de resto, se diz explicitamente logo a seguir.

<sup>229</sup> Deduz-se daqui que os médicos não estavam ética e profissionalmente obrigados a socorrer os doentes, se, pura e simplesmente, não quisessem fazê-lo. Ver a seguir...

pois as cidades conferem aos médicos, publicamente, honorarias, lugares de prestígio<sup>230</sup>, isenções e outros privilégios.

24. É isto, simplesmente, o que eu teria a dizer em favor da minha profissão. E mesmo que fosses tu que ma tivesses ensinado, que te tivesses interessado e tivesses gasto muito dinheiro com a minha formação, eu poderia recusar essa única [e primeira] cura<sup>231</sup>, que era possível. Mas agora reflecte bem como estás a proceder de modo completamente irracional, ao não permitires que eu use liberalmente daquilo que me pertence [em exclusivo]. Eu formei-me nesta profissão, quando já não era teu filho nem estava sujeito à tua autoridade legal; no entanto, aprendi-a em tua intenção (e tu foste o primeiro a beneficiar dela), sem ter, nesse aprendizado, nenhuma ajuda da tua parte. A que mestre pagaste? Ou que preparado de medicamentos [pagaste]? Nem uma! Pelo contrário, eu, o pobre, eu, privado de meios de vida, aprendi [a profissão] devido à piedade dos meus mestres; as ajudas que tive de meu pai para os meus estudos foram estas: tristeza, solidão, miséria, ódio do pessoal da casa e aversão dos familiares. Então agora, em paga de tudo isto<sup>232</sup>, ainda te arrogas o direito de mandar<sup>233</sup> na minha profissão e pretendes ser senhor<sup>234</sup> de bens que eu adquiri quando tu [já] não eras meu senhor? Contenta-te, pois, com o facto de eu já antes te ter feito bem espontaneamente, sem te dever fosse o que fosse e sem que tu pudesses, nessa altura, reclamar [uma dívida de] gratidão.

25. Certamente que o bom serviço que eu [te] prestei não constitui uma obrigação para o futuro, nem o bem que [te] fiz

---

<sup>230</sup> O lugar de prestígio, *proedria* (προεδρία) era reservado, nos espec-táculos, aos altos funcionários, a visitantes ilustres e a pessoas de grande mérito, como era o caso de certos médicos.

<sup>231</sup> “única [e primeira] cura”, refere-se à cura do pai, e não à da ma-drasta, que haveria de recusar.

<sup>232</sup> “de tudo isto”, pode referir-se *aos bons meus serviços*, ou *aos sofrimentos que me causaste* (imediatamente acima enumerados); nesta última interpretação, ressalta o sentido irónico.

<sup>233</sup> “mandar em”: O verbo grego é *chrêstai* (χρησθαι), “utilizar”, sentido que me pareceu demasiado suave; talvez “utilizar (a teu bel-prazer)”...

<sup>234</sup> “senhor”: Traduzi assim *despótēs* (δεσπότης), em vez de “dono”, porque, logo a seguir, utiliza a mesma palavra com o sentido de “senhor”, ou seja, “meu pai”. Havia que traduzir por uma só palavra.

se torna um motivo para que [me] dê ordens contra a minha vontade ou se estabeleça o costume, segundo o qual quem uma vez curou certa pessoa deve, para sempre, curar todas quantas o que foi curado quiser. É que, dessa maneira, estaríamos a eleger de braço no ar<sup>235</sup>, como nossos senhores absolutos<sup>236</sup>, mas contra os nossos interesses, os nossos futuros pacientes, recebendo como salário o facto de sermos seus escravos e de obedecermos a todas as ordens que nos dessem. Que coisa haveria mais injusta que esta? Lá porque eu, quando tu caíste gravemente doente, te restabeleci, já te achas no direito de usar e abusar<sup>237</sup> da minha profissão?

26. É isto o que eu poderia dizer [ao meu pai], se ele me mandasse executar actos exequíveis e eu me recusasse terminantemente a obedecer forçadamente a todas as suas ordens. Neste caso, porém, repara bem de que género são as suas ordens: “Uma vez que me curaste — diz ele — quando eu estava demente, e uma vez que a minha mulher sofre da mesma demência — assim julga ele — e está igualmente enganada dos outros médicos, e já que podes fazer tudo isso, como já demonstraste, cura-a também a ela e livra-a da sua doença.” Ao ouvi-lo falar desta maneira, a coisa pareceria muito razoável, principalmente para um leigo e desconhecedor da Medicina. Se, porém, escutardes a minha justificação em favor da minha profissão, ficareis a saber que nem tudo nos é possível, que a natureza destas doenças não é [sempre] a mesma, que não é o mesmo o seu tratamento, nem os mesmos fármacos são eficazes para todos tipos [de demência]. Então, ficará absolutamente claro que há uma enormíssima diferença entre não querer e não ser capaz. Consenti que eu disserte cientificamente sobre esta matéria e não julgueis a minha exposição uma coisa sensaborona, despropositada, estranha [a este caso] e intempestiva.

27. Em primeiro lugar, a natureza e a composição dos corpos não são as mesmas, muito embora haja acordo quanto ao

---

<sup>235</sup> “eleger de braço no ar” é o significado usual de *kheirotonéō* (χειροτονέω). Neste caso, parece não se referir a uma votação secreta, em urna.

<sup>236</sup> “senhores absolutos”: O gr. (acusat.) *despótās* (δεσπότης) já contém a conotação de “absoluto”, “arbitrário”... Lembre-se do port. *déspota*...

<sup>237</sup> “usar e abusar”: O gr. diz só “abusar”, *katakhrêsthai* (καταχρησθαί). Foi força de expressão (terá sido?) da minha parte.

facto de serem compostos pelos mesmos elementos<sup>238</sup>, mas uns têm maior ou menor quantidade de certos elementos relativamente a outros [corpos]. E o mesmo digo também em relação aos corpos dos homens<sup>239</sup>, ou seja, não são todos iguais nem parecidos em termos quer de composição, quer de constituição. Assim, é forçoso que as doenças que neles se instalam sejam diferentes na intensidade e na forma, e que alguns [corpos] sejam fáceis de curar e respondam francamente ao tratamento, ao passo que outros são casos absolutamente desesperados e são duramente afectados pelas doenças. Portanto, julgar que toda e qualquer espécie de febre, toda e qualquer espécie de tísica, de peripneumonia<sup>240</sup> ou de demência são uma só e a mesma doença, de natureza igual em todos os corpos, não é próprio de pessoas sensatas e racionais, nem de quem tenha estudado essas matérias, mas, pelo contrário, a mesma doença, num corpo é fácil de curar, e num outro já não. Do mesmo modo, julgo eu, se lançares o mesmo trigo em solos diferentes, num caso em terreno plano, solo [arável] profundo, bem irrigado, soalheiro, exposto a ventos favoráveis e bem lavrado, ele cresce, e o fruto é viçoso, bem cheio e abundante, o que não acontece no outro caso, [quando lançado] numa montanha ou em terreno pedregoso ou sombrio, ou no sopé de um monte, numa palavra, segundo a natureza dos diversos terrenos. De igual modo, as doenças propagam-se facilmente e desenvolvem-se, ou tornam-se menos intensas, em função dos “terrenos”<sup>241</sup> que as recebem. Mas o meu pai, passando por cima deste facto e deixando tudo isso por examinar, pretende que todas as demências sejam iguais em todos os corpos, e que a terapia deve ser a mesma.

---

<sup>238</sup> Julgo que Luciano se refere à teoria dos quatro elementos (terra, água, ar e fogo), ou à teoria dos *humores* (v. §38), e não (ainda que possível) à teoria atómica, que ele conhecia, quer da obra de Demócrito, quer na versão de Epicuro (e talvez até através da obra de Lucrecio).

<sup>239</sup> “dos homens”, “masculinos”, ou seja dos homens, dos *varões*. O caso dos corpos “femininos”, das mulheres” será tratado a seguir (§28).

<sup>240</sup> “*peripneumonia*” ou “*peripleumonia*” (v. *Contra os Assalariados dos Grandes*, §31) são mesmo vocábulos gregos: *peripneumonia* (περιπνευμονία) e *peripleumonia* (περιπλευμονία) ou seja, inflamação dos pulmões, talvez “pleurisia”. Claro que não se trata da peripneumonia bovina!

<sup>241</sup> “terrenos”, mesmo termo (mas agora em sentido figurado) que o usado imediatamente acima (“terrenos”, i. é, propriamente, solos”).

28. Além de todos estes factos, é fácil compreender que os corpos das mulheres<sup>242</sup> diferem completamente dos corpos dos homens, no que respeita quer à [própria] diferença da doença<sup>243</sup>, quer à esperança ou desesperança de cura. De facto, os corpos dos homens são sólidos, vigorosos e exercitados por trabalhos fatigantes, pela sua movimentação e pela vida ao ar livre, ao passo que os das mulheres são flácidos, frouxos, criados à sombra, pálidos por carência de sangue, por falta de calor e por afluência excessiva do elemento húmido<sup>244</sup>. Por isso, os seus corpos são mais susceptíveis que os dos homens, mais sujeitos às doenças, mais renitentes ao tratamento e, sobretudo, são mais atreitos à demência. Então, como, por um lado, têm, em grau elevado, um temperamento irascível, frívolo e instável, e, por outro lado, são fisicamente pouco robustas, caem facilmente nesta doença.

29. Não é, por isso, justo exigir dos médicos o mesmo tratamento para ambos [os sexos], sabendo nós como eles, logo desde o princípio, diferem intimamente ao longo de toda a vida, pelas suas actividades e pelas suas ocupações. Portanto, sempre que disseres “*enlouqueceu*”, acrescenta que quem *enlouqueceu* foi *uma mulher*, e não confundas nunca estas noções, metendo-as todas sob a designação de *demência*, como se parecessem ser a mesma coisa, mas, pelo contrário, divide-a, como é justo, segundo a sua natureza e reflecte no que é possível fazer em cada caso. Na verdade, é isso que nós — como me recordo de ter dito logo no início do meu discurso — observamos em primeiro lugar, ou seja, a natureza do corpo do paciente, a proporção dos humores<sup>245</sup>, qual deles possui em maior quantidade, se o mais quente ou o mais frio, se [o paciente] é jovem ou idoso, se é alto ou baixo, gordo ou magro, e assim por diante. Em resumo, se um indivíduo<sup>246</sup> examinar previamente estas

---

<sup>242</sup> “os corpos das mulheres”: v. §27, nota a “corpos masculinos”.

<sup>243</sup> Parece referir-se ao caso particular e à loucura, mas com aplicação à generalidade das doenças, como se verá um pouco adiante.

<sup>244</sup> Referência à teoria dos quatro humores: sangue, bílis amarela, bílis negra e flegma ou fleuma (humor corporal responsável pela indolência)...

<sup>245</sup> “a proporção dos humores”: o gr. diz “a mistura”, (acusat.) *krásin* (κρᾶσιν), referência à teoria dos humores.

<sup>246</sup> “um indivíduo”: Note-se que não se diz “um médico”, mas sim — entenda-se — um médico ou qualquer outra pessoa (referência àquilo que o pai *não fez*... nem podia fazer).



características, será absolutamente digno de fé, quer quando desilude [o doente], quer quando lhe dá esperanças.

30. Efectivamente, existem mil espécies de demências, que têm muitíssimas causas, mas não as mesmas designações. Na verdade, não são a mesma coisa<sup>247</sup> *estar paranóico, estar delirante, estar enraivecido e estar doido varrido*<sup>248</sup>, mas todas estas designações se aplicam a essa doença em maior ou menor grau. E quanto às suas causas, são umas para os homens e outras para as mulheres, e no que toca às dos homens, as dos jovens são umas, e as dos velhos são outras; por exemplo, nos jovens, é a excessiva abundância de humores, ao passo que, no caso dos velhos, uma calúnia inoportuna<sup>249</sup> ou uma zanga irracional com membros da família bastam inicialmente para os perturbar e, logo a seguir, os levar à loucura. No caso das mulheres, muitos factores as afectam e as levam facilmente a [contrair] esta doença, especialmente um profundo ódio contra alguém, ou a inveja de um inimigo bem sucedido, ou um desgosto, ou uma fúria. A pouco e pouco, estes sentimentos vão incubando, e, alimentados ao longo do tempo, desembocarão em loucura.

31. Foi uma coisa destas, meu pai, que aconteceu à tua mulher; talvez ela tenha tido recentemente algum desgosto. Em boa verdade, ela não odiava ninguém<sup>250</sup>, e no entanto está dominada [pela doença] e, nestas circunstâncias, não é susceptível de ser curada por nenhum médico. Se algum outro lhe prometer [a cura] e a livrar [da doença], então odeia-me como sendo culpado. Todavia, meu pai, não hesitarei em dizer que, mesmo que o seu estado não fosse completamente desesperado, mas se, pelo contrário, se vislumbrasse uma breve esperança de salvação, mesmo assim não meteria facilmente mãos à obra, nem ousaria sem mais nem menos dar-lhe um remédio a beber, com receio do que pudesse vir a acontecer<sup>251</sup>

---

<sup>247</sup> Seguem-se quatro tipos de doenças mentais, cuja caracterização diverge nos diversos dicionários (incluindo os de sinónimos), nos próprios autores gregos e, naturalmente, nos vários tradutores modernos... Julgo que seria necessário consultar uma obra de um médico antigo, como certamente fez Luciano...

<sup>248</sup> Ou: *a paranóia, o delírio, a raiva e a loucura exasperada...*

<sup>249</sup> “calúnia inoportuna...”: Parece aludir também ao seu caso particular.

<sup>250</sup> “não odiava ninguém” ou (lendo “nada”) “não tinha quaisquer ódios.

<sup>251</sup> “do que pudesse vir a acontecer”, lit.<sup>te</sup> “do acaso”, na eventualidade de a coisa correr mal.

e das [consequentes] calúnias vindas de muitas pessoas. Tu bem vêes como toda a gente pensa que existe um certo ódio de todas as madrastas contra os enteados<sup>252</sup>, e, embora elas sejam boas pessoas, deixam-se levar por uma certa cólera feminina, que lhes é comum. Poderia dar-se o caso, se a doença evoluísse mal e se os fármacos não fossem eficazes, de alguém suspeitar de que o tratamento havia sido viciado e fraudulento.

32. É este, meu pai, o caso da tua esposa, e digo-te isto depois de o ter estudado muito bem. Ela nunca ficará curada, mesmo que tome dez mil vezes o fármaco. Portanto, não vale a pena tentar, a menos que estejas a pressionar-me unicamente para que eu falhe e pretendas [com isso] causar-me má reputação. Deixa-me ser invejado pelos meus colegas de profissão. Se, porém, me deserdares outra vez, eu, embora abandonado de todos, não farei votos por que te aconteça nada de mal. Mas então e se — oxalá tal coisa não se concretize! — a doença regressar novamente? Na verdade, este tipo de males, quando excitados, têm tendência a repetir-se. Que deverei fazer? Nessa altura, fica sabendo, tratar-te-ei, e nunca abandonarei o posto que a natureza assignou aos filhos, nem me esquecerei — tanto quanto puder — da minha família. E se tu, a seguir, recuperares a razão, será que devo porventura acreditar que tu me reintegras novamente [na família]? Estás a ver? Ao procederes desta maneira, estás [agora mesmo] a atrair a doença e a suscitar o mal. Ainda só ontem ou anteontem recuperado de uma tão grave doença, já te agitas e gritas, e, pior que isso, te enfureces, te entregas ao ódio e invocas as leis. Creio, meu pai, que foram esses os primeiros sintomas da tua antiga loucura.

---

<sup>252</sup> “enteados”: O termo grego é (pl.) *prógonoi* (πρόγονοι), “que nasceram antes (do segundo casamento)”.

## **O NAVIO ou OS DESEJOS**

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

O título desta obra, *O Navio* ou *Os Desejos*, marca duas fases narrativas, a primeira das quais, à volta de um navio, com descrições objectivas, mais uma divagação de uma das personagens, sugere, por proposta de um dos intervenientes, quatro (que haveriam de ser três) excursos pelo campo infinito da fantasia: — *Que é que tu fazias, se...*

Note-se desde já que um dos dialogantes, Licino (Luciano, é claro) assume a posição crítica, que torna esta obra, extremamente divertida, numa peça satírica contra as ambições desmedidas e os consequentes actos de que o homem é capaz. No final, como *fábula* que é, o próprio Licino extrai a lição de moral.

Quatro amigos deslocam-se de Atenas ao Pireu, a fim de observarem e visitarem um enorme navio graneleiro, o *Ísis*, proveniente do Egipto com um enorme carregamento de trigo, e com destino à Itália. Normalmente, a rota desses navios passava a sul de Creta, mas uma série de tempestades fez que a rota fosse alterada, e o navio acabou por fazer “escala técnica” no Pireu.

Com os seus cerca de 55 metros (cento e vinte côvados) de comprimento, e cerca de 14 metros de largura e mais ou menos outros tantos de fundura a contar da coberta, atraiu uma grande multidão de curiosos, entre os quais quatro amigos: Licino (personagem que em muitos diálogos representa claramente Luciano), Adimanto, Samipo e Timolau.

No meio da confusão, Adimanto perde-se dos outros três (ou o contrário), e só voltam a encontrar-se já no caminho para Atenas. Adimanto está tão profundamente absorto em fantasias, que é preciso puxarem-lhe pelo manto, para ele “regressar” à realidade. De facto, o homem, informado da enorme fortuna que aquele navio e o respectivo negócio do trigo representavam para o seu proprietário, põe-se a imaginar o que faria se fosse ele o feliz possuidor daquela autêntica mina...

A sua divagação sugere a Timolau a ideia de cada um imaginar, sem qualquer freio ou limitação, uma situação ideal, por mais incrível que pareça: “*Caberá a cada um de nós fixar a medida do seu desejo, e os deuses, supostamente, concedê-los-ão*”

*todos, mesmo que, por sua natureza, sejam inacreditáveis. E — o mais importante de tudo — este processo mostrará quem é que melhor aproveitaria da riqueza e [da realização] do seu desejo, pois revelará que espécie de homem se tornaria, caso ficasse rico.”* (§16, fim).

Licino propõe a seguinte ordem de intervenção: Adimanto (por já ter iniciado o “processo”), Samipo, Timolau e, por fim, *calculadamente*, o próprio Licino (§17, fim).

Adimanto aproveita a fantasia em que já estava metido, ou seja, “torna-se” dono do navio e de tudo o que ele transportava: trigo, tripulação e passageiros... e ainda um mocetão egípcio... para fins eróticos... Mas, não contente com toda essa fortuna, acrescenta (§18): “*E que cada grão de trigo, dos muitos que estão dentro [do navio], se transforme em moeda de ouro cunhada, todos em daricos*<sup>253</sup>”. Ora, como a cobiça humana não tem limites, Adimanto, por “feliz” sugestão de Timolau (§20), resolve pedir uma coisa menos cansativa: nada mais, nada menos, do que desenterrar um tesouro no pátio de sua casa, debaixo da estátua de Hermes (o deus do lucro, entre outros atributos) Depois... vem a narração do que faria com tanto dinheiro...

Samipo, o segundo interveniente formula um desejo bizarro (§§28, ss.): “*Peço ... para me tornar rei, não, porém, como Alexandre, filho de Filipe, ou como Ptolemeu, ou Mitridates, ou qualquer outro que tenha obtido a realeza sucedendo a seu pai, mas peço para começar por ser um salteador e ter uns trinta camaradas e cúmplices, todos muito leais e belicosos; então, em breve, com a chegada de uns após outros, serão trezentos, depois mil, e, passado não muito tempo, dez mil, até ao total de cinquenta mil de infantaria, mais cerca de cinco mil de cavalaria.”* Com este exército, ei-lo que parte à conquista do mundo...

Quanto a Timolau (§§41, ss.), envereda pela magia, pedindo uma série de anéis mágicos com diversas utilidades: saúde, invisibilidade, força, capacidade de voar, de adormecer pessoas, de abrir portas e fechaduras, de se tornar amado de formosos adolescentes, de mulheres e de populações, e, no cúmulo de tudo, algo muito mais importante, que consiste em viver mil anos... Com todos estes poderes, dá rédea solta à imaginação...

Finalmente (§46), Licino, embora despojado do seu tempo de intervenção pelos outros, que gastaram quase todo o tempo

---

<sup>253</sup> O *darico* era uma moeda de ouro com a efigie do rei Dario, ou, mais tarde, de outros reis persas.

e espaço que lhe fora atribuído, despreza todos aqueles desejos que não chegam a ser realidade, mas apenas uma efêmera fantasia: *“Quanto a mim, uma coisa me basta, em vez de todos os tesouros e da própria Babilónia: rir às gargalhadas, e com todo o gosto, do tipo de desejos que vós formulastes... apesar de vos reclamardes da filosofia”*

A fala de Licino, tanto mais concisa e lapidar, quanto as outras intervenções foram longas, funciona como uma “moralidade da fábula”. Mais uma vez, temos aqui o Luciano de sempre, que gosta de se divertir, de nos divertir, mas também de nos alertar para as vaidades do mundo, para aquilo a que se chama a *“felicidade vazia”* (§11). A sua posição *teórica* está muito próxima das ideias dos filósofos cínicos, embora, na realidade, Luciano não desdenhe completamente dos bens materiais. Far-nos-ia falta um outro Luciano, que criticasse o primeiro...

(Página deixada propositadamente em branco)



## O NAVIO OU OS DESEJOS

1. LICINO — Eu não te dizia que é mais fácil um cadáver fedorento, jazente em campo aberto, passar despercebido<sup>254</sup> aos abutres, do que escapar a Timolau um espectáculo extraordinário, mesmo que tivesse de ir por ele, de um só fôlego e correndo até Corinto? Como tu és curioso e apressado neste tipo de coisas!

TIMOLAU — Mas que hei-de eu fazer, ó Licino, se tenho muito vagar e estou informado de que um enormíssimo navio, de dimensões muito acima do comum, está acostado no Pireu, um desses graneleiros que transportam trigo do Egipto para a Itália?! Julgo que também vós ambos, tu e Samipo, não viestes da cidade<sup>255</sup> com outro propósito senão o de ver o navio.

LICINO — Por Zeus!, Adimanto de Mirrinunte<sup>256</sup> também vinha connosco, mas não sei onde ele está agora, perdido no meio da multidão de espectadores. De facto, até ao momento de chegarmos junto do navio e de subirmos para dentro dele, tu, Samipo, ias — creio eu — à nossa frente, atrás de ti ia Adimanto, e depois ia eu, agarrado a ele com ambas as mãos, e foi ele que me guiou ao longo da escada, pegando-me pela mão, pois eu estava calçado, e ele descalço<sup>257</sup>. Depois disso, nunca mais o vi, nem dentro do navio, nem depois de descermos.

2. SAMIPO — Sabes, ó Licino, em que sítio é que ele nos deixou? Foi — julgo eu — quando saiu do camarote<sup>258</sup> aquele belo rapagão, vestido com uma túnica de pura lã, com a cabeleira apanhada ao alto na parte de trás, e que voltava a cair separadamente sobre uma e outra parte do rosto<sup>259</sup>. Portanto, se

---

<sup>254</sup> “passar despercebido ... escapar...”: Diga-se que o texto tem um único verbo, não repetido...

<sup>255</sup> “cidade”: O vocábulo *ástü* (ἄστυ) significa, aqui, “a cidade de Atenas”, por oposição ao campo ou aos arredores.

<sup>256</sup> “Mirrinunte”, demo e povoação da Ática.

<sup>257</sup> “calçado ... descalço”: Pelos vistos, fazia diferença... Ao mesmo tempo, ficamos a saber que a “pata ao léu” não era só apanágio de Sócrates, dos cínicos e dos pobres em geral...

<sup>258</sup> Um navio tão grande não transportava somente carga no porão, mas possuía também instalações para passageiros e tripulação.

<sup>259</sup> Embora me seja difícil de visualizar (e de traduzir!) a situação, tratava-se, sem dúvida, de um penteado muito sofisticado.

bem conheço Adimanto, creio que ele, ao ver um trabalho tão sofisticado, disse adeus ao construtor egípcio que nos guiava na visita ao navio, e foi chorar<sup>260</sup> atrás [do jovem]. Sim, que o tipo é muito dado a lágrimas em coisas de amor.

LICINO — Mesmo assim, ó Samipo, esse rapazote não me pareceu assim tão formoso, a ponto de espantar Adimanto, atrás do qual andam tão belos jovens, todos de condição livre, de falinha tão elegante, cheirando a palestra<sup>261</sup>, junto dos quais não é vergonha chorar. Este, porém, além de ter pele escura e lábios grossos, é excessivamente magro de pernas, falava com uma voz lânguida, arrastada e gutural, grego, sem dúvida, mas com o sotaque e a entoação da sua terra; além disso o cabelo e as madeixas entrançadas e encaracoladas dizem que não se trata de uma pessoa livre.

3. TIMOLAU — Isso, Licino, ou seja, o cabelo [comprido], é um sinal de nobreza entre os Egípcios. Na verdade, todos os rapazes de condição livre usam o cabelo entrançado até à idade da puberdade<sup>262</sup>, ao contrário dos nossos antepassados, que consideravam uma coisa bela que os velhos usassem cabelos compridos e segurassem ao alto um topete mantido por uma cigarra de ouro.

SAMIPO — Fizeste bem, Timolau, em nos recordares os escritos de Tucídides, o que ele disse, na introdução da sua obra, a respeito do nosso antigo luxo no tempo dos Jónios, quando estes vieram em massa colonizar a nossa região.

4. LICINO — Mas... agora me lembro, ó Samipo, em que sítio é que Adimanto nos deixou. Foi quando estivemos muito tempo parados junto do mastro, olhando lá para cima, contando os pedaços de peles [cosidas uma às outras]<sup>263</sup> e admirando o marinheiro que subia lá acima através das cordas, corria com

---

<sup>260</sup> Parece que as declarações de amor acompanhadas de lágrimas estavam na moda, como se confirma numa parte da fala seguinte, de Licino.

<sup>261</sup> “palestra”, ou ginásio e escola de diversos tipos de luta, escola de educação física...

<sup>262</sup> “idade da puberdade”, gr. *tò ephēbikón* (τὸ ἐφηβικόν), ou seja, até serem adolescentes, mancebos ou *efebos*, gr. *éphēboi* (ἔφηβοι), o que varia entre os 16 e os 18 anos.

<sup>263</sup> Um mastro daquelas dimensões requeria um grande número de peles para formar a vela. A curiosidade mandava que as contassem...

toda a segurança sobre a verga superior e segurava os cabos [de manobra]<sup>264</sup>.

SAMIPO — Dizes bem... Mas agora que devemos fazer? Esperar aqui por ele, ou preferes que eu suba de novo ao navio?

TIMOLAU — De maneira nenhuma! Vamos mas é embora, pois é natural nos tenha passado adiante e se apresse a chegar à cidade, uma vez que não pôde encontrar-nos. Se assim não for<sup>265</sup>, Adimanto conhece bem o caminho, pelo que não há que recear que ele se perca, se nós o deixarmos para trás.

LICINO — Vejam lá se não ficará mal abandonar um amigo e irmo-nos embora... Em todo o caso, ponhamo-nos a caminho, se Samipo for também dessa opinião.

SAMIPO — Claro que sou... Talvez ainda encontremos alguma palestra<sup>266</sup> aberta ...

5. ... Mas, de caminho, vamos conversando. Que grande navio! Cento e vinte côvados<sup>267</sup> de comprimento, dizia o construtor; de largura, mais de um quarto do comprimento; e desde a coberta até à parte mais funda do porão, que é a sentina, vinte e nove côvados. Quanto ao resto, que mastro tão alto, que antena pode sustentar! Que cabo<sup>268</sup> do traquete para o sustentar!<sup>269</sup> Como a popa se eleva numa curva suave que termina em “pescoço de ganso”<sup>270</sup> doirado! E, na outra ponta, simetricamente, a proa eleva-se alongada para a frente, tendo em cada lado a [figura da] divindade epónima do navio, [a deusa] Ísis. Quanto ao resto dos apetrechos, as pinturas, a vela de gávea flamejante, e especialmente as âncoras, os cabrestantes,

---

<sup>264</sup> “cabos [de manobra]”, pl. *kerotax* (κεροτάξ). Segundo Bailly, *nome de dois cabos que vão das extremidades da verga até uma roldana fixada no mastro, a que se chama ‘banacinas’ [ou ‘amantilhos’]; ou mecanismo de corda, movido à mão, com que o marinheiro manobrava as antenas.*

<sup>265</sup> “Se assim não for”, i. é, se ainda estiver no navio.

<sup>266</sup> Ver nota a “palestra”, §2.

<sup>267</sup> “cento e vinte côvados”, c. de 55 metros (1 côvado = 0,462 cm); pelas mesmas contas, o navio teria de largura c. 14 m, e de fundura, a contar da coberta, c. 13,5 m.

<sup>268</sup> “cabo, ou *estai* do traquete”...

<sup>269</sup> Alguns navios (caso deste) tinham um mastro removível, que só era içado em viagem. O cabo servia, pois, para içar, sustentar e arrear o mastro.

<sup>270</sup> “pescoço de ganso”, ou somente “ganso”, *khēniskos* (χηνίσκος), refere-se à forma curva em forma de pescoço de ganso, que conferia à popa um aspecto mais imponente.

os guindastes e as cabines na zona da popa — tudo isso me pareceu admirável ...

6. ... A multidão de marinheiros parecia-se com um exército, e dizia-se que [o navio] transportava uma tão grande quantidade de trigo, que chegava para alimentar todos os habitantes da Ática durante um ano. E tudo aquilo era manobrado por um homenzinho muito baixinho, já velho, que movimentava aqueles enormes lemes com uma fina vara. Na verdade, o homem foi-me apontado: era um tipo calvo no alto [da cabeça], de cabelo encarapinhado, chamado, creio eu, Héron.

TIMOLAU — Era um homem admirável no seu ofício, segundo diziam os tripulantes, e que sabia das coisas do mar melhor que Proteu<sup>271</sup>...

7. ... Será que vocês ouviram dizer como ele conduziu o navio até aqui, os tormentos por que passaram durante a viagem e como a estrela [dos marinheiros] o salvou?

LICINO — Não, Timolau, mas, já agora, escutaríamos com prazer essa história.

TIMOLAU — O próprio capitão do navio, bom homem e excelente conversador, contou-me [esse episódio]. Disse ele que, tendo eles zarpado de Faro<sup>272</sup> com um vento não muito forte, ao fim de sete dias chegaram à vista de Acamante<sup>273</sup>; depois, devido a um zéfiro<sup>274</sup> contrário, foram arrastados aos ziguezagues até Sídon<sup>275</sup>; daí, açoitados por uma grande tempestade, chegámos dez dias depois às ilhas Quelidónias<sup>276</sup>, passando por Áulon<sup>277</sup>, onde por pouco não morreram todos afogados.

---

<sup>271</sup> Proteu, deus marinho, pastor de focas e de outros animais marinhos, tinha, entre outros, o dom de se transformar no que quer que fosse, até mesmo em água, em fogo... Se alguém tinha obrigação de conhecer bem o mar, era esse deus... só ultrapassado pelo egípcio Héron...

<sup>272</sup> “Faro”, ilha da baía de Alexandria, onde se encontrava o célebre farol, uma das sete maravilhas do mundo.

<sup>273</sup> “Acamante”, promontório na costa ocidental da ilha de Chipre.

<sup>274</sup> “zéfiro”, vento algo forte, por vezes chuvoso, dos lados do Oeste, portanto, contrário à rota normal do navio, que era de oriente para ocidente. Também (mas não neste caso) um vento suave... uma brisa...

<sup>275</sup> “Sídon”, cidade da Fenícia, a sudeste de Chipre. Quer dizer, devido ao vento de ocidente, perderam terreno.

<sup>276</sup> “ilhas Quelidónias”, lit.<sup>te</sup> “ilhas das Andorinhas”, cinco ilhotas ao largo da Cilícia. Avanço nulo!

<sup>277</sup> “Áulon”, braço de mar entre Chipre e a Cilícia. Só atrasos de vida!

8. Eu próprio sei bem, por já ter costeado as ilhas Quelidónias, como as ondas são alterosas nesse sítio, especialmente quando o [vento] Líbio<sup>278</sup> se junta ao Noto<sup>279</sup>, pois é nessa zona que o mar da Panfília se separa do mar da Lícia, e onde as vagas, por acção de muitas correntes, vão rebentar contra o promontório, onde as rochas são escarpadas e muito aguçadas pelo bater das ondas, o que torna a zona de rebentação muito temível e produz um forte estrondo, e onde as ondas, muitas vezes, atingem a altura da falésia.

9. O capitão do navio contou que foi uma dessas situações que os surpreendeu, ainda de noite e no meio de trevas profundas, mas [disse também] que os deuses, compadecidos com as suas lamentações, mostraram-lhes uma luz<sup>280</sup> dos lados da Lícia, para que eles vissem bem onde estavam, ao mesmo tempo que um dos Dioscuros<sup>281</sup> colocou uma estrela brilhante<sup>282</sup> no cesto da gávea e conduziu o navio para o lado esquerdo, direito ao alto mar, quando ele já estava a ser arrastado contra a escarpa. Daí, tendo saído da rota prevista, navegaram através do mar Egeu, e avançando obliquamente contra os ventos etésios<sup>283</sup>, no septuagésimo dia desde que haviam partido do Egipto atracaram ontem no Pireu, depois de se terem desviado para [uma rota mais a] sul, em vez de deixarem Creta à sua direita, dobrar o cabo Málea<sup>284</sup>, e neste momento já estarem na Itália.

---

<sup>278</sup> “[vento] Líbio”, vento de sudoeste, que sopra do norte de África “da Líbia”. Vento geralmente chuvoso...

<sup>279</sup> “Noto”, vento do sul, vento suão, de fortes rajadas e causador de ondas alterosas...

<sup>280</sup> “uma luz”, um fogo... certamente um *farol*.

<sup>281</sup> Os Dioscuros são os gémeos Castor e Pólux. Entre outros atributos, são protectores dos marinheiros. O texto diz “*um dos Dioscuros*”, sem especificar qual, pois, segunda uma lenda longa de contar aqui, Castor foi morto numa luta, e Pólux, que seu pai, Zeus, queria imortalizar, exigiu que ele e seu irmão fossem, à vez, seis meses mortais e seis meses imortais. Por isso, aqui, o autor (ou o capitão do navio) não quer especificar: tanto faz...

<sup>282</sup> É o *fogo-de-santelmo*, prenúncio de bonança.

<sup>283</sup> “ventos etésios” são ventos que, no mar Egeu, sopram anualmente durante quarenta dias...

<sup>284</sup> Na Lacónia (Peloponeso).

LICINO — Por Zeus!, e dizes tu que esse tal Héron é um piloto admirável, tão velho como Nereu<sup>285</sup>, mas que se afastou tanto da rota? ...

10. ... Mas... que é isto? Aquele tipo acolá não é Adimanto?

TIMOLAU — É mesmo ele, Adimanto em pessoa. Brademos-lhe então: Adimanto! É a ti que eu chamo, a ti, [Adimanto] de Mirrinunte<sup>286</sup>, filho de Estrômbico.

LICINO — Das duas, uma: ou está zangado connosco, ou está surdo. É Adimanto, sim, e não outra pessoa. Agora estou a vê-lo claramente, com o seu manto, com aquele seu modo de andar e com a cabeça rapada até ao couro [cabeludo]. Mas apressemos o passo, a fim de o alcançar ...

11. ... Ó Adimanto, se não te fizéssemos virar para trás, puxando-te pelo manto, não ligarias aos nossos brados, mas, pelo contrário, tens o ar de estar absorto numa qualquer meditação e de estar a revolver — assim parece — um assunto de não pequena importância, nem desprezável.

ADIMANTO — Nada de grave, Licino, mas foi só um pensamento fútil que me assaltou enquanto caminhava, e que fez com que não vos ouvisse, completamente fixado nele com toda a minha mente.

LICINO — E que pensamento era esse? Não hesites em no-lo dizer... a menos que seja coisa de grande secretismo. Mesmo assim, nós fomos iniciados, como tu sabes, pelo que aprendemos a guardar segredo.

ADIMANTO — É que tenho vergonha de vo-lo dizer, tão infantil vos parecerá esse pensamento.

LICINO — Será, porventura, algum assunto amoroso? Na verdade, não contarias tal coisa a profanos<sup>287</sup>, mas a pessoas iniciadas à luz do brilhante facho [do amor]<sup>288</sup>.

ADIMANTO — Nada disso, admirável [amigo], mas antes estava imaginando para comigo mesmo uma... — como muita

---

<sup>285</sup> “Nereu”, “o Velho do Mar”, divindade marinha, pai das Nereidas; tal como Proteu (v. §6, nota), tem o poder de se transformar no que quiser.

<sup>286</sup> “Mirrinunte”, demo e povoação da Ática.

<sup>287</sup> “profanos”... quer dizer, não iniciados no amor, como se vê logo a seguir.

<sup>288</sup> “à luz do brilhante facho [do amor]”, referência indirecta ao facho que constituía um dos apetrechos da iniciação nos mistérios. Aqui, seria propriamente o facho que iluminaria as noites de amor. Muito subtil!

gente lhe chama — ... uma “*felicidade vazia*”, quando vós me encontrastes no cúmulo da minha riqueza e do luxo.

LICINO — Nesse caso, é coisa muito fácil: “*Hermes em comum*”<sup>289</sup>, como sói dizer-se, e traz para aqui essa fortuna e compartilha-a connosco ...

12. ... Sim, é justo que, sendo nós teus amigos, gozemos de uma parte do luxo de Adimanto.

ADIMANTO — Ora, eu separei-me de vós logo no início da subida ao navio, assim que te deixei em segurança, Licino. De facto, enquanto eu estava a medir a grossura da âncora, vós, não sei lá como, desapareceste ...

13. ... Depois de ter observado tudo, perguntei a um dos marinheiros quanto rendimento médio por ano é que o navio dava ao seu proprietário, ao que ele respondeu: “*Doze talentos*<sup>290</sup> áticos, calculando por baixo”. Então, ao regressar, vinha fazendo as minhas contas: “*Se alguma divindade, de repente, fizesse com que esse navio fosse meu, que vida tão feliz eu passaria, fazendo bem aos meus amigos, umas vezes navegando nele eu próprio, outras vezes mandando os meus criados. Depois, com uma parte desses doze talentos, construiria uma casa num local agradável, um pouco acima do Pórtico Pécile*<sup>291</sup>, deixaria a casa paterna nas margens do Ilisso<sup>292</sup> e compraria criados, vestes, carros e cavalos...”

---

<sup>289</sup> “*Hermes em comum*”; Hermes (o Mercúrio dos Romanos) era, entre muitos atributos, o deus dos achados. Esta expressão idiomática significa que, quando, de entre várias pessoas em companhia, uma delas acha algo valioso, logo os outros se lhe dirigem, dizendo: “*É para nós todos*”. Há uma historieta em que o *não-achador* diz para o *achador*: “*Estamos ricos!*”, ao que o outro responde: “*Estamos, não: estou!*”... Aqui não se chega a tanto...

<sup>290</sup> O talento não existiu nunca como moeda: era aquilo a que chamamos “moeda de conto” (como o nosso *conto de réis* = um milhão de réis, do tempo da monarquia). Um (1) talento era, pois, um valor elevadíssimo, pois valia 60 minas (um cavalo de raça valia 12 minas); 1 mina = 100 dracmas; 1 dracma = 6 óbolos. Fazendo contas no ar, com 12 talentos podiam comprar-se... 60 cavalos de raça... No *Diálogo das Cortesãs*, 8, §3, uma amante de luxo em exclusividade custou a um apaixonado a bonita quantia de 1 talento = 60 minas = (p. ex.) a cinco cavalos de raça!

<sup>291</sup> “*Pórtico Pécile*”, *Poikilē Stoá* (Ποικίλη Στοά), galeria em Atenas, decorada com pinturas de Polignoto e outros artistas; também célebre por aí funcionar a Escola Estóica, fundada por Zenão de Cício (cid. de Chipre). Não confundir com Zenão de Eleia, o das *aporias*... (“*Zénon, cruel Zénon, Zénon d’Élée...*”).

<sup>292</sup> O ribeiro chamado Ilisso nasce no monte Himeto. Naturalmente, essa zona habitacional tinha muito menos prestígio que a do Pórtico...

Nesse preciso momento<sup>293</sup>, já eu estava embarcado, felicitado por todos os passageiros, respeitado pela tripulação e considerado quase como um rei, já estava a pôr em ordem o que respeitava ao navio e já avistava o porto ao longe, quando tu, Licino, chegaste, me afundaste a fortuna e me viraste o barco, que avançava tão bem com o vento em popa dos meus desejos<sup>294</sup>.

14. LICINO — Sendo assim, meu caro, pega em mim e leva-me à presença do general<sup>295</sup>, como se eu fosse um pirata ou um corsário que tivesse provocado tamanho naufrágio, mesmo sendo em terra, entre o Pireu e a cidade. Mas repara como eu te vou compensar desse prejuízo: Toma lá já, se quiseres, cinco navios mais belos e maiores que esse navio egípcio, e — o mais importante de tudo — impossíveis de afundar, e que talvez te carreguem cinco vezes por ano um carregamento<sup>296</sup> de trigo do Egipto, se bem que seja evidente que tu, excelente armador, serás, nessa altura, insuportável para nós, já que, se sendo proprietário de um único navio, este, fingias que não nos ouvias, no caso de possuíres cinco, todos eles, para mais, com três mastros<sup>297</sup> e insubmersíveis, é óbvio que nem sequer olharás para os amigos. Pois então, caro amigo, faz boa viagem, que nós iremos sentar-nos no Pireu, perguntando aos marinheiros provenientes do Egipto ou da Itália se algum deles viu por aí o grande navio de Adimanto, o *Ísis*.

15. ADIMANTO — Estás vendo? Por isso mesmo é que eu hesitava em contar-vos o que estava a pensar, pois sabia que riríeis e escarneceríeis do meu desejo. Pois então, faço uma pequena paragem, para que vós vos adianteis, e depois vou entrar novamente no navio. Sim, é muito melhor conversar com os marinheiros, do que ser escarnecido por vós.

---

<sup>293</sup> “Neste preciso momento”, ou seja, quando os amigos lhe interromperam o devaneio.

<sup>294</sup> “com o vento em popa dos meus desejos”: Bela imagem, que a tradução *literal* não precisa de embelezar...

<sup>295</sup> Em Atenas, o *general, stratēgós* (στρατηγός) era, entre outras coisas, o equivalente a um “ministro da guerra”, que, p. ex., administrava a justiça nesses domínios, nomeadamente os crimes de pirataria.

<sup>296</sup> “carreguem ... um carregamento...”, diríamos antes “transportem um carregamento...”. Trata-se de uma particularidade da sintaxe grega, com o chamado “acusativo de objecto interno”. Bastam alguns exemplos (traduzidos à letra): *correr uma corrida; vencer uma vitória...*

<sup>297</sup> “três mastros”: A informação é nova... mas bem-vinda.



LICINO — De maneira nenhuma, pois nós também paramos e depois subiremos juntamente contigo.

ADIMANTO — E eu retiro a escada depois de entrar...

LICINO — Nesse caso, nós iremos atrás de ti a nado. Não cuides lá que é fácil para ti obter navios tão grandes, sem os teres comprado nem construído, e nós não conseguirmos dos deuses força para nadar muitos estádios sem ficarmos derreados. E no entanto, ainda há dias<sup>298</sup>, como sabes, todos nós, amigos, embarcámos num pequeno bote, por quatro óbolos cada um, para [a ilha de] Egina, a fim de assistirmos à festa de Enódia<sup>299</sup>, e tu não punhas quaisquer objecções a que nós viajássemos no mesmo barco, e agora irritas-te por nós querermos embarcar contigo, e até queres retirar a escada depois de teres entrado. És muito presunçoso, Adimanto, e não “cospes no peito”<sup>300</sup>, e nem sequer sabes que espécie de armador<sup>301</sup> és tu. Vê lá como te subiu à cabeça a tua casa construída no melhor local da cidade, bem como a multidão de criados. Em todo o caso, meu caro, por Ísis [te peço], não te esqueças<sup>302</sup> de nos trazer do Egipto esses finíssimos peixes de conserva<sup>303</sup> do Nilo, ou um perfume de Canopo, ou uma íbis de Mênfis, ou então — se o navio aguentar — uma das pirâmides.

16. TIMOLAU — Basta de brincadeira, ó Licino. Estás a ver como fizeste corar Adimanto, ao inundares de fartas gargalhadas o barco, a ponto de este ficar a transbordar e já não aguentar a torrente?! ...

... Ora bem... como ainda temos uma longa caminhada até à cidade, dividamos o caminho em quatro troços e, ao longo dos estádios<sup>304</sup> atribuídos a cada um de nós, peçamos aos deuses

---

<sup>298</sup> “há dias”: O gr. *prótiēn* (πρότιεν) significa, propriamente, “anteontem” (por oposição a “ontem”), mas também, de maneira mais vaga, “aqui há dias”, “recentemente”.

<sup>299</sup> “Enódia”, (deusa) protectora dos caminhos, é epíteto de Hécate, deusa infernal.

<sup>300</sup> “cuspir no peito” era um gesto destinado a afastar a deusa Némesis, a qual, entre outras coisas, castigava os orgulhosos. Tratava-se, pois de um gesto *apotropaico* (como, por cá, *bater na madeira*...).

<sup>301</sup> “espécie de armador”, ou seja, um armador de fantasia, ou então (talvez...) um armador que, como tal, está sujeito às vicissitudes do destino...

<sup>302</sup> “não te esqueças”: O gr. diz “lembra-te”...

<sup>303</sup> “de conserva”, salgados ou fumados...

<sup>304</sup> O estádio era a base das medidas itinerárias. Um estádio equivalia a ±177,5m. Segundo Diógenes Laércio (c. 200-250 d.C.), a distância entre

o que a cada um agradar. Deste modo, a fadiga passará sem darmos por ela, ao mesmo tempo que nos divertimos, como se tivéssemos mergulhado num sonho muitíssimo agradável e da nossa escolha, o qual nos proporcionará todo o bem que nós quisermos. Caberá a cada um de nós fixar a medida do seu desejo, e os deuses, supostamente, concedê-los-ão todos, mesmo que, por sua natureza, sejam inacreditáveis. E — o mais importante de tudo — este processo mostrará quem é que melhor aproveitaria da riqueza e [da realização] do seu desejo, pois revelará que espécie de homem se tornaria, caso ficasse rico.

17. SAMIPO — Muito bem, Timolau, concordo contigo; e quando chegar a minha vez, pedirei o que me parecer. Quanto a Adimanto, nem é preciso perguntar se ele concorda, uma vez que já está com um pé no navio. Só falta que isso agrade também a Licino.

LICINO — Pois então, fiquemos ricos, se isso é o melhor... e também para que não dê a ideia de que invejo a felicidade de todos vós.

ADIMANTO — Ora então, quem será o primeiro?

LICINO — Tu, Adimanto, e logo a seguir Samipo, e depois Timolau; quanto a mim, ficarei com o curto meio estádio antes do Dípilo<sup>305</sup>, para formular o meu desejo, e mesmo assim a correr.

18. ADIMANTO — Pois bem, já agora não vou largar o meu navio, mas, já que me é dada a possibilidade, vou acrescentar [mais alguma coisa] ao meu desejo. Que Hermes, o deus do lucro, dê o seu assentimento a tudo. Sim, que o navio e tudo o que nele se contém me pertençam: a carga, os mercadores, as mulheres, os marinheiros e todos os restantes objectos mais agradáveis.

SAMIPO — Esqueceste-te de [mencionar] uma coisa que já tens no navio.

---

Atenas e o Pireu era de 40 estádios, ou seja,  $\pm 7$  km. Assim, a cada membro do grupo cabiam 10 estádios ( $\pm 1,775$  km) para formular os seus desejos. Verá que o último, Licino (Luciano!) — aliás sem se importar —, fica com muito menos espaço... e tempo: meio estádio! V. §39, nota a “seis estádios”.

<sup>305</sup> O Dípilo, gr. *tò Dípilon* (τὸ Δίπυλον), lit.<sup>te</sup> “Dupla Porta”, era a principal entrada de Atenas, a noroeste da cidade.

ADIMANTO — Referes-te, ó Samipo, daquele moço, o da grande cabeleira. Pois então, que também esse me pertença. E que cada grão de trigo, dos muitos que estão dentro [do navio], se transforme em moeda de ouro cunhada, todos em daricos<sup>306</sup>.

19. LICINO — Que é lá isso, ó Adimanto?! Assim o teu barco irá afundar-se, uma vez que o peso do trigo não é o mesmo que igual volume de ouro.

ADIMANTO — Não sejas invejoso, Licino, mas, quando chegar a tua vez de [formular] um desejo, transforma, se quiseres, todo o Parnete<sup>307</sup> em ouro e fica com ele, que eu ficarei caladinho.

LICINO — Mas eu procedi desse modo pela tua segurança, para não morrermos todos juntamente com o ouro. No que respeita às outras coisas, nem são [perdas] muito graves<sup>308</sup>, mas [o pior é que] o formoso rapagão irá afogar-se, coitadinho, não sabe nadar.

TIMOLAU — Não te dê cuidado, Licino, pois os golfinhos mergulharão por debaixo dele e trá-lo-ão para terra. Ou julgas que um certo citaredo<sup>309</sup> foi salvo por eles — foi este o salário que recebeu pelo seu canto —, ou que o cadáver de um outro jovem<sup>310</sup> foi igualmente transportado para o Istmo no dorso de um golfinho, e que o novo servo de Adimanto<sup>311</sup> terá a falta de um golfinho apaixonado?

ADIMANTO — Também tu, Timolau, imitas Licino e lhe acrescentas mais sarcasmos, tanto mais que foste tu que introduziste o tema?

20. TIMOLAU — Na verdade, seria melhor e mais verosímil, se imaginasses achar um tesouro debaixo da cama, que

---

<sup>306</sup> O darico era uma moeda de ouro com a efigie de Dario.

<sup>307</sup> “Parnete”, a mais alta das montanhas que rodeiam Atenas (1.413m).

<sup>308</sup> Há quem entenda (“Loeb”): “na verdade, o teu pedido é moderado”.

<sup>309</sup> “um certo citaredo”: Aríon, músico e cantor, ao regressar a Corinto com o dinheiro ganho pelas suas artes, foi assaltado pela tripulação do barco em que seguia. Como última vontade, pediu aos bandidos que o deixassem cantar pela derradeira vez. À sua voz, afluíram os golfinhos. Aríon lançou-se ao mar, e foi transportado para terra por um deles...

<sup>310</sup> “um outro jovem”, Melicertes. Sua mãe suicidou-se, lançando-se ao mar com o filho nos braços, o qual, naturalmente, também pereceu...

<sup>311</sup> “o novo servo de Adimanto”, o formoso jovem acima mencionado.

era para não teres o trabalho de transportar o ouro do navio até à cidade.

ADIMANTO — Dizes bem, faça-se que eu desenterre um tesouro debaixo do Hermes de pedra que tenho lá no pátio [da minha casa] — qualquer coisa como mil medimnos<sup>312</sup> de moedas de ouro. E logo em primeiro lugar, segundo Hesíodo, uma casa, para que fique magnificamente instalado. Também já adquiri<sup>313</sup> todos os terrenos à volta da cidade (excepto os que dão para o Istmo e para Delfos)<sup>314</sup>, e em Elêusis os que dão para o mar, e também uma pequena área na zona do Istmo<sup>315</sup>, por causa dos jogos, no caso de me deslocar aos Jogos Ístmicos, e ainda a planície de Sícion, enfim... todas as terras arborizadas, bem irrigadas e férteis — tudo isso pertencerá brevemente a Adimanto. Também terei baixela de ouro para [nela] comer, e taças que não sejam leves, como as de Equécates, mas cada uma com dois talentos<sup>316</sup> de peso.

21. LICINO — Então e depois, quando o escanção te servir uma taça com esse peso, ainda por cima cheia, como tomarás das suas mãos, sem esforço, não uma caneca<sup>317</sup>, mas um objecto tão pesado como o de Sísifo?<sup>318</sup>

---

<sup>312</sup> O medimno era uma medida de capacidade para sólidos, equivalente a cerca de 39 litros, pelo que “mil medimnos”... é obra: 39.000 *litros* de moedas de ouro! Neste caso, porém o jogo mandava que ninguém fosse pobre de pedir... ou pobre a pedir, já que aos deuses (e à fantasia) nada é impossível.

<sup>313</sup> “já adquiri”: Dito e feito!

<sup>314</sup> “as que dão para o Istmo e para Delfos”: Os manuscritos (e os editores modernos) não se entendem. Sigo a lição dos mss. AΩ. Outros entendem: “excepto os [terrenos] de tomilho e pedras”.

<sup>315</sup> “uma *pequena área* na zona do Istmo”, não “briga” com o que se disse imediatamente antes...

<sup>316</sup> O talento, além de ser moeda de conto, era também uma medida de peso: 1 talento equivalia, no antigo sistema ático, a quase 36 kg (noutros sistemas: 37 kg e 26 kg). De toda a maneira... era obra!

<sup>317</sup> “caneca”, “*esquifo*”, gr. *skúphos* (σκύφος) era uma espécie de malga ou caneca, de fundo chato e com duas asas horizontais. Imagino-lhe um tamanho médio de... uma litrada (para se lhe pegar com ambas as mãos, ainda podia ser maior!).

<sup>318</sup> Sísifo é um dos famosos condenados e torturados do reino de Hades. Como punição, tinha de empurrar, montanha acima, um rochedo muito pesado, o qual, ao chegar ao cume, rebojava por aí abaixo, pelo que Sísifo tinha de recomeçar eternamente a sua expiação. É o “suplício de Sísifo”.

ADIMANTO — Ó homem, não me desfaças o desejo! Pois também mandarei fazer mesas todas de ouro e camas de ouro... e se não te calas, até os próprios criados [serão de ouro].

LICINO — Vê lá mas é se, como aconteceu a Midas, a tua comida e a tua bebida não se transformem em ouro, e tu, infeliz, morras consumido por uma fome opulenta<sup>319</sup>,

22. ADIMANTO — Tu, Licino, disporás daqui a pouco as tuas coisas da maneira mais credível, quando for a tua vez de pedir ...

... Além disso, as minhas vestes serão de púrpura, a minha vida será deliciosa, o meu sono prolongado e o mais doce possível, terei um cortejo de amigos e [muitas] solicitações, com toda a gente e temer-me e a prosternar-se diante de mim, alguns logo de madrugada passando pela minha porta, rua abaixo, rua acima, e entre eles Cleéneto e Demócrito<sup>320</sup>, esses grandes homens, aos quais, quando eles chegam e pretendem ser recebidos primeiro que os outros, sete grandalhões bárbaros barram o caminho e, sem demora, lhes batem com a porta na cara, tal qual como eles agora fazem [aos outros]. Então eu, sempre que me apetecer, espreito cá de longe, como o sol [nascente], mas nem sequer olharei para alguns deles; mas, se está por lá algum pobre como eu era antes de [achar] o tesouro, tratá-lo-ei com afecto e convidá-lo-ei a que, depois do banho, venha [a minha casa] à hora do jantar. Então os outros, os ricos, hão-de ficar sufocados [de inveja], ao verem as minhas carruagens, os meus cavalos e formosos jovens... para aí uns dois mil, o que há de mais viçoso e na flor da idade.

23. Depois, haverá jantares em baixela de ouro — pois a prata é coisa reles e não está à minha altura —, com peixe salgado<sup>321</sup> da Ibéria, vinho da Itália, azeite da Ibéria, e cá o nosso mel, não extraído pelo fogo<sup>322</sup>, e iguarias de todo o mundo,

---

<sup>319</sup> “por uma fome opulenta” é mesmo a bela e poética expressão no texto grego: *limôi polütelei* (λιμῶ πολυτελεῖ).

<sup>320</sup> “Demócrito” ou, segundo outros mss., “Demócrates”. É claro que não se trata nem do filósofo Demócrito, nem do orador Demócrates.

<sup>321</sup> “peixe salgado”, ou fumado, ou de conserva... [Ocorre-me o... bacalhau com grão...!]

<sup>322</sup> “não extraído pelo fogo”, gr. *ápūron* (ἄπυρον), ou seja tirado ao natural. É o famoso mel do monte Himeto...

como javalis, lebres, toda a qualidade de aves, a ave de Fásis<sup>323</sup>, o pavão da Índia e o galo da Numídia. Os que confeccionam cada um desses pratos são autênticos especialistas em manjares e molhos. Se eu pedir uma caneca<sup>324</sup> ou uma taça a fim de fazer um brinde a algum [convidado], aquele que beber ficará com o vaso [por onde bebeu] ...

24. ... Os ricos de hoje em dia, comparados comigo, são, a bem dizer todos eles, uns Iros<sup>325</sup>, e Dionico já não ostentará com grande pompa<sup>326</sup> o seu prato de prata ou a sua taça, principalmente ao ver os meus criados servirem-se de tanta [baixela de] prata<sup>327</sup>. E a cidade receberá de mim os seguintes benefícios extraordinários: distribuições de cem dracmas por mês a cada cidadão, e metade desta quantia a cada meteco<sup>328</sup>; como obras públicas para embelezamento<sup>329</sup>, teatros e banhos; farei com que o mar chegue junto do Dípilo<sup>330</sup>, onde haverá um porto com água trazida através de um grande canal, que é para que o meu navio possa aí ancorar e ser completamente avistado desde o Ceramico<sup>331</sup>...

25. ... E para os meus amigos, o seguinte: para Samipo, ordenaria ao meu ecónomo que lhe pesasse vinte medimnos<sup>332</sup>

<sup>323</sup> “ave de Fásis” é o faisão < gr. *phasianòs (órnis)*, φασιανός ὄρνις.

<sup>324</sup> “caneca”, v. §21, nota a esta palavra.

<sup>325</sup> “Iro” é um mendigo na *Odisseia*. Note o plural.

<sup>326</sup> “com grande pompa” é interpretação minha...

<sup>327</sup> “de prata” é a lição dos mss., que o editor moderno Warmington (v. “Loeb”, VI, p. 459) emenda para “de ouro”, por sugestão do início do §23, mas, nesse passo, também se diz que a prata é coisa reles (que bem podia ser usada pelos criados...). Não é obrigatório emendar.

<sup>328</sup> O meteco, *métoikos* (μέτοικος) era o estrangeiro residente.

<sup>329</sup> “como obras públicas para embelezamento”: Sigo, simplesmente, os manuscritos, As emendas modernas não me convencem.

<sup>330</sup> Repito a nota do §17, fim: O Dípilo, gr. *tò Dípilon* (τὸ Δίπυλον), lit.<sup>te</sup> “Dupla Porta”, era a principal entrada de Atenas, a noroeste da cidade.

<sup>331</sup> Gr. *Keraméikós* (Κεραμεικός) «Ceramico», palavra *grave*, lit.<sup>te</sup> «bairro dos oleiros» (dif. de adj. *κεραμικός* «de barro», «cerâmico»). A terminação *...-eikós* (em que *-ei-*, ainda no grego, já evolvera para [i longo] e que em latim se escrevia o pronunciava com *-ī-*, *Ceramīcus*: acento na penúltima), é diferente de *...-īkós* (com *-ī-* breve), que obriga a que, em latim (e, daí, em português) o acento vá para a penúltima sílaba. Resumindo: port., adj. *cerâmico*, mas subst. próprio *Ceramico*.

<sup>332</sup> O medimno era uma medida de capacidade para sólidos, equivalente a cerca de 39 litros, pelo que “vinte medimnos” equivalem a 780 *litros* de

de moedas de ouro; para Timolau, cinco *quénices*<sup>333</sup>, e para Licino uma *quénice*, e mesmo assim rasa<sup>334</sup>, por ele ser muito linguareiro e por trocar do meu desejo. Era esta a vida que eu desejaria levar, rico até mais não poder ser e gozando fartamente de luxos e de todos os prazeres. Tenho dito, e que Hermes faça com que estes desejos se realizem.

26. LICINO — Então tu não sabes, ó Adimanto, como toda essa tua fortuna está pendente de um fio extremamente fino, e que, se este se quebrar, tudo isso desaparece e o teu tesouro será transformado em carvão?

ADIMANTO — Que queres tu dizer com isso, ó Licino?

LICINO — [Quero dizer] que é incerto, meu caro, quanto tempo é que tu viverás assim rico. De facto, quem sabe se, no momento em que te apresentam a tal mesa de ouro, e antes que tu estendas a mão e proves sequer o pavão ou o galo da Numídia, não exalarás a tua alminha e te irás [desta vida], deixando todas essas iguarias<sup>335</sup> aos abutres e aos corvos?! Ou queres que eu te enumere aqueles que morreram antes de [poderem] gozar da sua fortuna, bem como alguns outros que, ainda em vida, se viram privados do que possuíam, por acção de um espírito invejoso de tamanha felicidade? Nunca ouviste falar de Creso e de Polícrates, personagens muito mais ricas que tu, mas que, num instante, ficaram despojados de todos os seus bens?

27. Mas, para não falarmos desses indivíduos, cuidas que a tua boa saúde será [sempre] coisa certa e segura? Será que não vês que, na sua maioria, os ricos passam uma vida desgraçada, cheios de sofrimentos, uns sem serem capazes de andar, alguns outros cegos, outros sofrendo de dores internas? Bem sei, muito embora tu não o digas, que não consentirias, em troca do dobro dessa tua fortuna, “suportar”<sup>336</sup> o mesmo que

---

moedas de ouro! (v. §20, nota a “medimnos).

<sup>333</sup> A “quénice”, gr. *khoínix* (χοῖνιξ) era uma medida de capacidade equivalente a pouco mais de um litro.

<sup>334</sup> “rasa”, ou seja, sem lhe deixar o “cogulo”, mas antes, passando-lhe com a mão (ou uma rasoira), para retirar o excesso. Neste caso, notam-se a maldade e a ironia.

<sup>335</sup> “todas essas iguarias”: O texto grego é mais vago: “tudo”...

<sup>336</sup> “suportar”: O verbo gr. *páskhein* (πάσχειν), “sofrer”, pode ter, em contexto adequado (como aqui), o sentido da homossexualidade masculina

o rico Fanómaco e fazer de fêmea como ele. E já nem falo de todas as intrigas que acompanham a riqueza, bem como dos latrocínios, da inveja e do ódio por parte de muita gente. Estás a ver de quantas complicações é causa esse teu tesouro?

ADIMANTO — Estás sempre a contradizer-me, ó Licino! Pois então, já nem sequer uma *quénice* receberás, por denegrires o meu desejo [do princípio] até ao fim.

LICINO — Já estás a proceder como a maior parte dos ricos, ao retirares e desfazeres a tua promessa... Mas agora, ó Samipo, é a tua vez de formulares o teu desejo.

28. SAMIPO — Eu cá — como vós sabeis, sou um continental, um arcádio de Mantinea — não vou pedir nenhum navio, que, de resto, seria impossível de ser ostentado perante os meus concidadãos; também não vou importunar os deuses com ninharias<sup>337</sup>, pedindo-lhes um tesouro e ouro amoedado. Mas, na verdade, os deuses podem fazer tudo, mesmo as coisas que se afiguram enormes; além disso, a regra estabelecida por Tímolau para o nosso pedido manda que não hesitemos em pedir, na suposição de que os deuses não se negarão a nada. Peço, pois, para me tornar rei, não, porém, como Alexandre, filho de Filipe, ou como Ptolemeu, ou Mitridates, ou qualquer outro que tenha obtido a realeza sucedendo a seu pai, mas peço para começar por ser um salteador e ter uns trinta camaradas e cúmplices, todos muito leais e belicosos; então, em breve, chegando uns após outros, serão trezentos, depois mil, e, passado não muito tempo, dez mil, até ao total de cinquenta mil de infantaria, mais cerca de cinco mil de cavalaria.

29. Então eu, aplaudido por todos, sou proclamado seu chefe e considerado o mais apto para comandar homens e tratar dos nossos interesses. Como é agradável esta situação, ser maior que os outros reis, eleito chefe por mérito próprio pelo exército, sem me tornar herdeiro de outro, que, [esse sim,] trabalhou para obter a realeza. Neste caso, a situação é mais ou menos igual à do tesouro de Adimanto, facto que não é

---

*passiva*, muitas vezes em ligação com o oposto, *poiéin* (ποιεῖν), “fazer”, mas com o sentido da homossexualidade masculina *activa*. Em port. há expressões populares adequadas (*ir ao c.* e *levar no c.*).

<sup>337</sup> “importunar ... com ninharias”, é um só verbo, *mikrologéomai* (μικρολογεομαι). Como dizê-lo numa só palavra?



tão agradável como quando um homem vê que obteve o poder pelo seu próprio esforço.

LICINO — Ena pai<sup>338</sup>, ó Samipo, o que tu pediste não é coisa pouca, mas sim o supra-sumo de todos os bens — ser eleito pelos cinquenta mil soldados como o melhor para comandar um tão grande exército. Tinha-nos passado despercebido o facto de Mantineia haver criado um tão grande e tão admirável rei e comandante<sup>339</sup>. Pois então reina e comanda os teus soldados, dispõe em linha a tua cavalaria e os guerreiros armados de escudos. Na verdade, quero saber para onde ireis em tão grande número e partindo da Arcádia, e contra que desgraçados marchareis em primeiro lugar.

30. SAMIPO — Então vai escutando, ó Licino, ou melhor, se assim te aprouver, acompanha-nos, pois nomear-te-ei comandante dos cinco mil soldados de cavalaria.

LICINO — Nesse caso, ó rei, estou-te grato por esta honra, pelo que, à maneira dos Persas, me prosterno diante de ti, de cabeça baixa e com as mãos atrás das costas, venerando a tua alta tiara e o teu diadema... Mas... nomeia comandante da cavalaria antes um desses [homens] robustos, pois eu sou terrivelmente ignorante de cavalos, e nunca por nunca, em toda a minha vida, montei sequer um cavalo. Assim, receio, mal o trombeteiro dê o sinal de atacar, cair [do cavalo abaixo] e ser espezinhado, no meio da multidão, sob tão grande quantidade de cascos, ou então que o meu cavalo, por ser muito fogo, tome o freio nos dentes e me leve por aí fora para o meio dos inimigos, ou então será preciso amarrarem-me à sela, para eu ficar aí firme e segurar as rédeas.

31. ADIMANTO — Eu é que comandarei, ó Samipo, a tua cavalaria, e Licino ficará com a ala direita. Tenho o direito de receber de ti o posto mais elevado, eu que te presenteei com tantos medimnos de moedas de ouro.

---

<sup>338</sup> “ena pai”... até se parece com o gr. *papai* (παπαί)...

<sup>339</sup> “rei e comandante ... reina e comanda”: tentei manter a correspondência linguística que existe no texto grego; na segunda designação (a primeira é óbvia), a ideia de *stratēgós* (στρατηγός), lit.<sup>te</sup> “condutor ou comandante do exército”, geralmente traduzido por “general”, é repetida de outra forma: *hēgou tōn stratiōtōn* (τῶν στρατιωτῶν), comanda os soldados (palavra esta que contém o elemento *strat-ós* (στρατός), “exército”).

SAMIPO — Ora então perguntemos aos próprios cavaleiros se estão dispostos a aceitar-te como seu comandante: “*Cavaleiros: Quem achar que Adimanto deve ser o seu comandante, levante o braço.*”

ADIMANTO — Como vês, Samipo, todos levantaram o braço.

SAMIPO — Nesse caso, toma tu [Adimanto,] o comando da cavalaria; que Licino fique com a ala direita, e que aqui o Timolau se encarregue da ala esquerda; quanto a mim, ocuparei a parte central, como é uso entre os reis dos Persas, sempre que estão presentes ...

32. ... Avancemos agora mesmo sobre Corinto, através da região montanhosa, depois de fazermos uma prece a Zeus soberano. E quando nos tivermos apoderado de todo o território da Grécia — na verdade, não haverá ninguém que nos resista, tal o número dos nossos homens armados, pelo que venceremos sem combate —, embarcaremos nas trirremes, e meteremos os cavalos nos barcos de transporte de cavalos<sup>340</sup>, pois estará já disponível em Cêncreas<sup>341</sup> trigo em quantidade suficiente, bem como os navios necessários e tudo o resto. Atravessaremos o mar Egeu até à Jónia e, depois de termos oferecido um sacrifício a Ártemis, de termos tomado facilmente as cidades desprovidas de muralhas e de termos aí deixado governadores, avançaremos contra a Síria, passando pela Cária, depois pela Lícia, pela Panfília, pela Pisídia, pela Cilícia marítima e pela [Cilícia] montanhosa, até chegarmos ao Eufrates.

33. LICINO — Ó meu Senhor, faz-me o favor de me deixares ficar como sátrapa<sup>342</sup> da Grécia, pois sou tímido e não suportaria facilmente estar muito longe dos negócios de minha casa. Desconfio que tencionas marchar contra os Arménios e os Partos, nações muito belicosas e muito hábeis no uso do arco. Portanto, entrega a ala direita a outra pessoa e deixa-me ser um outro Antípatro<sup>343</sup>, mas da Grécia, não vá algum [ini-

---

<sup>340</sup> “barcos de transporte de cavalos” é uma só palavra: *hippagōgoi* (ἵππαγωγοί).

<sup>341</sup> “Cêncreas”: Povoação e porto de Corinto, a cerca de 12,5 km da cidade.

<sup>342</sup> “sátrapa”, entre os Persas, governador de província.

<sup>343</sup> Antípatro, general de Alexandre, ficou como governador da Macedónia durante as expedições do monarca.

migo], na região de Susos ou de Bactros<sup>344</sup>, trespassar-me com uma frechada, atingindo este infeliz comandante de falange numa parte [do corpo] desprotegida.

SAMIPO — Ó Licino, estás a querer fugir ao recrutamento, meu cobarde. Olha que a lei manda cortar a cabeça a todo aquele que for visto a desertar das fileiras. Mas, como já estamos nas margens dos Eufrates e já construímos uma ponte sobre o rio, e uma vez que todas as regiões por onde passámos estão em segurança e todas elas estão sob o mando de governadores nomeados por mim para cada nação, e visto que outras tropas partirão entretanto para conquistar a Fenícia e a Palestina, e em seguida o Egipto ...

34. ... Tu, Licino, faz atravessar primeiro a ala direita; a seguir vou eu, e Timolau vai atrás de mim; depois de todos [passarem], tu, Adimanto, faz avançar a cavalaria. Ora, ao atravessarmos a Mesopotâmia, nenhum inimigo nos fez frente, mas, pelo contrário, os homens entregaram-se espontaneamente, a si mesmos e às suas cidadelas. Depois, tendo marchado de imprevisto contra Babilónia, penetrámos no interior das muralhas, e [agora] somos<sup>345</sup> senhores da cidade. Ora o rei, que se encontrava perto de Ctesifonte<sup>346</sup>, foi informado da nossa ofensiva, pelo que, tendo-se dirigido a Seleucia<sup>347</sup>, está [neste momento]<sup>348</sup> a recrutar o maior número possível de cavaleiros, e a mandar vir também arqueiros e fundibulários. Os nossos espões informam-nos de que [o rei] já reuniu cerca de um milhão<sup>349</sup> de combatentes, dos quais duzentos mil arqueiros a cavalo... e ainda não chegaram os Arménios, nem os habitantes das margens do mar Cáspio, nem os de Bactros, mas somente

---

<sup>344</sup> “Susos ... Bactros”, formas preferíveis a *Susa* e *Bactra*, formas influenciadas pela morfologia grega, pois são neutros do pl.: *tà Sou̓sa* (τὰ Σοῦσα) e *tà Báktra* (τὰ Βάκτρα). Na adaptação ao port., os neutros dão masculinos, neste caso, masculinos do plural. É a regra!

<sup>345</sup> “[agora] somos”: Muitas vezes, o narrador fala no presente... como coisa feita, como facto consumado...

<sup>346</sup> “Ctesifonte”, cidade da Assíria, nas margens do Tigre, onde era a residência de Inverno dos reis Arsácidas...

<sup>347</sup> “Seleucia” (melhor que *Seleuceia*), tal como Ctesifonte, nas margens do Tigre.

<sup>348</sup> “[neste momento]”: v. nota *supra* a “[agora mesmo]”.

<sup>349</sup> “um milhão”: O gr. diz “cem vezes dez mil”, *hekatòn mūriádas* (ἑκατὸν μυριάδες). Logo a seguir, “duzentos mil”, gr. “vinte [vezes dez mil]”...

os da vizinhança e dos arredores do Império. Vede com que facilidade ele recrutou tantos milhares<sup>350</sup> [de combatentes]. Portanto, é tempo de ver o que devemos fazer.

35. ADIMANTO — Eu acho que vós, os de infantaria, deveis marchar contra Ctesifonte, enquanto nós, os de cavalaria, devemos permanecer aqui, para defender Babilónia.

SAMIPO — Também tu te acobardas, ó Adimanto, por estares próximo do perigo? Qual é a tua opinião, Timolau?

TIMOLAU — Avançar com todo o exército contra os inimigos, sem esperar que eles se preparem melhor devido aos aliados que lhes chegam de toda a parte, mas, pelo contrário, devemos atacá-los enquanto esses [também] nossos inimigos ainda vêm a caminho.

SAMIPO — Dizes bem. E tu, Licino, que te parece?

LICINO — Eu vou explicar. Uma vez que estamos cansados de tanto caminhar, desde quando, logo de manhã, descemos até ao Pireu, e depois de termos já avançado para aí uns trinta estádios, e com um sol tão ardente, sobretudo por volta do meio dia, [sugiro] que vamos até às oliveiras e descansemos [sentados] numa coluna estendida no chão; depois, tendo recuperado [o fôlego]<sup>351</sup>, completaremos o resto do caminho até à cidade.

SAMIPO — Bendita criatura! Então cuidas que ainda te encontras em Atenas, tu que [afinal] estás acampado perto de Babilónia, na planície fronteira às suas muralhas, rodeado por tantos soldados e a deliberar a respeito da guerra?

LICINO — Ainda bem que mo lembraste. E eu que cuidava estar no meu juízo perfeito e a dar a minha opinião completamente acordado!

36. SAMIPO — Ora então, avancemos, por favor. E, como homens que sois, mostrar-vos-eis valentes no meio dos perigos e não atraçoareis o vosso sentimento patriótico. De facto, os inimigos já passaram ao ataque. Portanto, que a palavra de ordem seja *Eniálio*.<sup>352</sup> Logo que o trombeteiro dê o sinal [de atacar], soltai o grito de guerra, batei com as lanças nos vossos escudos,

---

<sup>350</sup> “tantos milhares”: o texto diz “tantos *dez milhares*”...

<sup>351</sup> “tendo recuperado [o fôlego]”, outros entendem: “tendo-nos levantado”.

<sup>352</sup> “*Eniálio*” é um epíteto de Ares, o deus guerreiro por excelência (o Marte dos Romanos)

precipitai-vos para o meio dos inimigos e irrompei por entre as flechas, a fim de não apanharmos frechadas, se lhes dermos tempo para dispararem de longe... Neste momento, já passámos ao corpo-a-corpo, a ala esquerda e Timolau desbarataram os que se lhes opunham [directamente], que eram Medos; Aqui na minha zona<sup>353</sup>, a luta está indecisa — são Persas, e entre eles está o seu rei. A cavalaria dos Bárbaros ataca em peso a nossa ala direita; portanto, ó Licino, mostra-te um homem valente e encoraja os teus [soldados] a receber a investida.

37. LICINO — Mas que azar o meu! Toda a cavalaria contra mim, só eu fui considerado próprio para ser atacado! Está-me cá a parecer que, se eles nos forçarem muito, vou mas é desertar e refugiar-me no ginásio, deixando-vos a vós a combater.

SAMIPO — De maneira nenhuma! Na verdade, estás, por tua vez, a dominá-los. E eu, como vês, vou lutar em combate singular com o [próprio] rei. Sim, ele está a desafiar-me, pelo que seria extremamente vergonhoso recuar.

LICINO — Por Zeus!, eis-te ferido por ele, logo no início. Na verdade, é próprio de um rei ser ferido ao lutar pelo seu império.

SAMIPO — Dizes bem. Pelo menos, a ferida é ligeira e não é numa parte visível do corpo, pelo que não aparecerá, mais tarde uma cicatriz muito feia. Mas agora, estás a ver como eu o acometi e, de um só golpe da minha lança, o trespassei a ele mais ao cavalo, e como a seguir lhe cortei a cabeça, lhe tirei o diadema e agora mesmo me tornei rei, adorado por todos? ...

38. ... Que os Bárbaros se prosternem. Quanto a vós, [gregos,] comandar-vos-ei segundo a lei grega, somente com o título de [vosso] chefe supremo<sup>354</sup>. Na sequência disto, imaginai quantas cidades eu fundarei e às quais darei o meu nome, e quantas outras eu tomarei à força e destruirei, por terem insultado o meu Império! De entre tosas as pessoas, vingar-me-ei especialmente de Cídias, o ricaço meu vizinho, que me escorraçou

---

<sup>353</sup> Recorde-se que Samipo ocupa a parte central, entre as duas alas (v. §31)

<sup>354</sup> “chefe supremo”: o gr. diz “único general”, *heís stratēgós* (εἷς στρατηγός); também poderia traduzir-se por “caudilho”, “generalíssimo”, ou mesmo o desusadíssimo... “condestável” (regedor e defensor do... Império!).

da minha propriedade, fazendo recuar, a pouco e pouco, os marcos fronteiros.

39. LICINO — Pára já aí, ó Samipo. Na verdade, depois de teres ganho uma tão importante batalha, já é tempo de celebrar a vitória com um banquete<sup>355</sup> em Babilónia; além disso, o teu “Império” já esgotou os [seus] seis estádios<sup>356</sup>, e está na vez de Timolau pedir aquilo que entender.

SAMIPO — Mas então, ó Licino, que é que te parecem os meus pedidos?

LICINO — Parecem-me, ó tu, o mais admirável dos reis, muitíssimo mais penosos e violentos que os de Adimanto, pois este vivia no luxo, brindando à saúde e presenteando os seus convidados com taças de dois talentos de ouro, ao passo que tu não só foste ferido em combate singular, mas também andas de noite e de dia cheio de medo e de preocupações. Realmente, tinhas a temer não só as investidas dos teus inimigos, mas também milhares de intrigas e invejas vindas das pessoas mais chegadas, só ódio e bajulação, nenhum amigo verdadeiro, pois todos pareciam sê-lo, mas só por medo ou calculismo. Quanto a desfrutar dos prazeres, nem em sonho, mas só a vanglória, a púrpura bordada a ouro, a fita branca à volta da fronte, guarda-costas a precederem-te e, quanto ao resto, tribulações insuportáveis e muitos aborrecimentos, ou porque é preciso receber em audiência delegações vindas do inimigo, ou fazer justiça, ou enviar instruções aos teus súbditos, ou porque uma nação se revoltou, ou porque estás a ser atacado por povos de fora do Império. Há que recluir e estar atento a tudo... enfim... és considerado por todos, menos por ti, um homem feliz...

40. ... Além disso, como não considerar humilhante o facto de tu adoeceres da mesma maneira que as pessoas vulgares, ou o facto de a febre não te reconhecer como rei nem a morte ter medo dos teus guarda-costas? Pelo contrário, esta apresenta-se quando muito bem entende e leva-te por entre lamentações e sem respeito pelo teu diadema. Então tu, personalidade tão

---

<sup>355</sup> “celebrar com um banquete”, um só verbo: *euōkheisthai* (εὐωχεῖσθαι).

<sup>356</sup> V. §16, nota a “estádios”. Por este passo, poderíamos julgar que a distância entre o Pireu e Atenas era de 24 estádios (6 por cada um dos quatro), e não 40, como digo na nota ao §16. A verdade é que três amigos só alcançaram o quarto muito mais adiante (já a c. 16 estádios do Pireu).

proeminente, despenhado do alto do teu trono real, seguirás o mesmo caminho que as demais pessoas, igual a elas e empurrado no meio do rebanho de mortos, deixando cá neste mundo um alto monte de terra, ou uma grande coluna, ou uma pirâmide com arestas bem definidas, tudo isso honras tardias e que tu já não sentes. Essas estátuas e esses templos que as cidades erigiram em tua honra, e até mesmo o teu grande nome, tudo isso ruirá brevemente e cairá no esquecimento. Mas mesmo que esses monumentos tenham uma longa duração, que prazer darão a quem já nada sente? Estás a ver que grandes problemas, como temores, preocupações e trabalhos, vais ter<sup>357</sup> ainda em vida, e o que te restará depois da tua partida?...

41. ... Mas agora, Timolau, é a tua vez de formular o teu pedido. Faz por ultrapassar estes [dois], é natural num homem inteligente e que sabe tirar partido das coisas.

TIMOLAU — Então vê lá, ó Licino, se aquilo que eu vou pedir é irrepreensível, ou se alguém poderá criticá-lo. Para já, não vou pedir nem ouro, nem tesouros, nem medimnos de moedas, nem reinos, nem guerras, nem temores pelo poder — coisas que tu censuraste, e com muita razão. Na verdade, tais bens são inseguros, envolvem intrigas e há neles mais dor que prazer...

42. ... Pois eu quero que Hermes venha ter comigo e me ofereça uns certos anéis com os seguintes poderes: o primeiro, para que eu seja sempre robusto, goze de boa saúde física, seja invulnerável e livre de dores; o segundo, para que aquele que o usa se torne invisível, como o anel de Giges; outro [o terceiro], que me torne mais forte que dez mil homens, a ponto de eu sozinho levantar facilmente um peso que dez mil homens mal pudessem mover; outro [o quarto], para poder voar e elevar-me muito acima da terra, e para isso tenho de possuir um anel. Para fazer mergulhar no sono todos quantos eu quiser, e fazer que, só com a minha aproximação, toda a porta se abra, todo o ferrolho deslize e toda a tranca seja retirada, bastará um único anel para estas duas faculdades<sup>358</sup>...

---

<sup>357</sup> “vais ter”: Licino fala como se o pedido de Samipo estivesse prestes a concretizar-se.

<sup>358</sup> “Há quem entenda: “um anel para *cada uma* destas faculdades”, A verdade é que o texto diz *um único anel*... a menos que o numeral *heis* (εἷς),

43. ... Mas — a coisa mais importante e a mais agradável de todas —, desejo ter um outro anel, o qual, ao pô-lo [no dedo], me torne amado de formosos adolescentes, de mulheres e de populações inteiras, que não haja ninguém que não goste de mim, e em cuja boca eu seja a pessoa mais amorosa [do mundo], de tal modo que muitas mulheres, não suportando a paixão, enforcam-se, e os jovenzinhos fiquem loucos por mim e se considerem felizes só pelo facto de eu olhar para eles, mas que morram [de desgosto], se eu os desprezar... Em suma, quero ser mais belo que Jacinto<sup>359</sup>, ou Hilas, ou Fáon de Quios...

44. ... Mas não quero possuir todos esses bens com um tempo de vida curto, nem viver à medida da vida humana, mas antes quero viver mil anos, passando de jovem a... jovem<sup>360</sup> de dezassete em dezassete anos, despojando-me continuamente da velhice, tal como as cobras. Se tiver isto, não precisarei das outras coisas, pois todos os bens alheios me pertencerão, na medida em que serei capaz de abrir todas as portas, pôr os guardas a dormir e entrar sem ser visto. E se houver na Índia ou nas terras hiperbóreas um espectáculo extraordinário, ou algum objecto precioso, ou quaisquer alimentos agradáveis de comer ou beber, não os mandarei buscar, mas eu próprio vorei até lá e gozarei deles até me fartar. E o grifo, quadrúpede alado, ou a fénix, uma ave que existe na Índia, mas nunca foi vista por outras pessoas, eu vê-los-ei. Somente eu conhecerei as nascentes do Nilo, que parte da Terra é desabitada, se existem antípodas em relação a nós,<sup>361</sup> que habitem e ocupem o hemis-

---

“um”, “um único”, já tenha (como veio a ter, o valor de artigo indefinido: “um (qualquer)”. Se esta obra é realmente da autoria de Luciano, não me parece que este tenha usado um (já então?) vulgarismo.

<sup>359</sup> Informação mitológica mínima: Jacinto (ou *Hiacinto*) foi amado por Apolo, que o matou acidentalmente e depois transformou o seu sangue numa nova flor, o *jacinto*; Hilas, amado por Hércules, foi raptado pelas ninfas; Fáon de Quios, velho e feio barqueiro em Lesbos, transportou gratuitamente no seu barco uma velhinha, que, afinal, era Afrodite disfarçada, a qual, como recompensa, lhe deu um frasquinho com um bálsamo, um “creme de beleza”, que o rejuvenesceu, tornando-se — garante a lenda — perdidamente amado da poetisa Safo, a qual, perante a indiferença do “jovem”, se lançou ao mar do alto de uma falésia...

<sup>360</sup> “de jovem a... jovem”, e não de jovem a velho...

<sup>361</sup> “antípodas em relação a nós”, *antípodes hēmīn* (ἀντίποδες ἡμῖν): O grego sentia este termo, *antípodas*, como uma situação simétrica, de pés tocando outros pés; daí que tenha traduzido, sem receio, gr. *hēmítonon*



fério austral da Terra. Conhecerei facilmente a natureza das estrelas, da Lua e do Sol, sem ser afectado pelo fogo; e ainda — a coisa mais agradável de todas — num só e mesmo dia irei a Babilónia anunciar quem venceu em Olímpia e, depois de, se calhar, ter almoçado na Síria, cearei na Itália. E se tiver algum inimigo, vingá-lo-ei dele sem ser visto, mandando-lhe um pedregulho à cabeça, para que fique com o crânio esmagado; farei bem aos meus amigos, lançando ouro sobre eles, quando estiverem a dormir; E ainda, se vir algum tipo soberbo, ou um tirano rico e insolente, levanto-o nos ares até à altura de vinte estádios<sup>362</sup>, e depois deixo-o cair sobre os rochedos. Também poderei ter relações livremente com os meus amorzinhos, pois penetro em suas casas sem ser visto, pondo toda a gente a dormir, menos eles. E como será bom espiar os beligerantes, pairando lá no alto fora do alcance de tiro<sup>363</sup> e, se assim o decidir, pondo-me do lado dos que estão em inferioridade e pondo a dormir os que estavam a dominar, proporcionarei a vitória aos que batiam em retirada, e agora voltam para trás. Numa palavra, farei da vida dos homens um divertimento de crianças, tudo me pertencerá e parecerei um deus aos olhos das outras pessoas. Esta é a suma felicidade, que não pode ser destruída nem vítima de conspirações, tanto mais que dura uma longa vida cheia de saúde...

45. ... Então, Licino, que é que tens a criticar no meu desejo?

LICINO — Nada, Timolau. Na verdade, não é nada seguro contrariar um homem que voa e tem mais força que dez mil. Em todo o caso, responde-me a isto: Viste porventura, entre tantos povos que sobrevoaste, um homem já velho, muito avariado da cabeça, montado num pequeno anel e com o poder de mover todas as montanhas com a ponta de um dedo, um homem amado por toda a gente, mesmo sendo careca e com o nariz achatado? Mas então diz-me cá mais uma coisa: Por que raio é que um único anel não haveria de poder fazer tudo

---

(ἡμίτομον), lit.<sup>te</sup> “meio corte”, “meia parte”, por... “hemisfério”. A ideia de que a Terra é redonda há muito que não era novidade: Pitagóricos (c. 525 a.C.), Aristóteles, Heraclides Pôntico (c. 388-315 a. C.; a Terra gira à volta do seu eixo), Aristarco de Samos (310-230 a.C.: a Terra gira à volta do eixo e também à volta do Sol).

<sup>362</sup> “vinte estádios”, ±1,775 km Um estádio equivalia a ±177,5 m.

<sup>363</sup> “de tiro”, quer dizer, de setas, lanças, pedras...

isso, mas, pelo contrário, hás-de caminhar carregado com tantos anéis enfiados na mão esquerda, um em cada dedo? Ou melhor: o seu número ultrapassa [o número de dedos], pelo que vai ser preciso que a mão direita vá em auxílio [da outra]. Mesmo assim, ainda te falta um anel, e bem necessário, o qual, quando tu o puseres, porá fim à tua loucura e acabará com esse teu desvario. Ou será que o eléboro<sup>364</sup> terá o mesmo efeito, se tomado numa dose mais pura?

46. TIMOLAU — Finalmente, Licino, chegou a tua vez de formular um desejo, para que fiquemos a saber se aquilo que tu, censor dos outros, vais pedir é irrepreensível e livre de censura.

LICINO — Eu não preciso de formular nenhum desejo, pois já chegámos em frente do Dípilo. Além disso, aqui o nosso excelente [amigo] Samipo, com o seu combate singular em Babilónia, e tu, Timolau, ao almoçares na Síria e ao ceares na Itália, utilizastes abusivamente os estádios que me foram atribuídos — e fizestes muito bem! De resto, eu não aceitaria ser rico por pouco tempo, para, pouco depois, me afligir por causa de uma riqueza tão efémera<sup>365</sup>, ao comer pão de cevada sem acompanhamento<sup>366</sup>, como vos acontecerá daqui a pouco, logo que a vossa felicidade e a vossa enorme riqueza ganharem asas e voarem, enquanto vós, tendo descido à terra, privados dos vossos tesouros e dos vossos diademas, como que despertados de um sonho agradabilíssimo, achareis em vossa casa coisas muito diferentes, tal como os actores trágicos que desempenham o papel de reis, mas que, ao abandonarem o teatro, quase todos passam fome, eles que, pouco tempo antes, eram uns Agamémnones<sup>367</sup> ou uns Creontes. Por isso, também vós, como é natural, ficareis muito tristes e desagradados da situação em vossas casas, especialmente tu, Timolau, ao acontecer-te o mesmo que a Ícaro: Quando as tuas asas derreterem, tu, caído lá do alto do céu, caminharás por terra, privado de todos esses famosos anéis, que se desenharam dos teus dedos. Quanto a

---

<sup>364</sup> Planta a que se atribuía a propriedade de curar a loucura.

<sup>365</sup> “efémera”: O termo grego, *hūpēnēmios* (ὕπηνέμιος) significa “que tem vento por dentro”, “oco”, “vazio”, ou “que pode ser levado pelo vento”, ao passo que “efémero” quer dizer, em grego, “que dura um único dia”... mas vai tudo dar ao mesmo!

<sup>366</sup> “pão de cevada sem acompanhamento”, ou, mais conciso e mais próximo do original, “pão (de cevada) seco”... “pão seco”...

<sup>367</sup> “Agamémnones... Creontes”: Note o plural, com forte carga irónica.

mim, uma coisa me basta, em vez de todos os tesouros e da própria Babilónia: rir às gargalhadas, e com todo o gosto, do tipo de desejos que vós formulastes... apesar de vos reclamardes da filosofia<sup>368</sup>.

---

<sup>368</sup> “apesar de vos reclamardes da filosofia”, ou seja, apesar de vos gabardes de serdes filósofos.

(Página deixada propositadamente em branco)

## **A MORTE DE PEREGRINO**

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Peregrino (100 – 165 d.C.) é uma personagem bem real, um aventureiro e um dos “ódios de estimação” de Luciano (juntamente com um tal Alexandre, “o falso profeta”), que é praticamente a nossa única fonte de informação. Natural da cidade de Pário, na Mísia (Ásia Menor), cedo se terá revelado uma pessoa dissoluta e sem quaisquer escrúpulos: Apanhado em acto de adultério, teve de fugir precipitadamente pelo telhado da casa (e mesmo assim mui mal tratado: v. §9); também estuprou um “formoso rapazinho”, pelo que só se safou da justiça, dando uma indemnização ao pai do moço (§9). Mas o acto que o marcou por toda a vida foi o assassinato de seu próprio pai... que “insistia” em viver para lá dos sessenta anos. Por esta acusação, da qual sentiu que não podia livrar-se, fugiu apressadamente de Pário e refugiou-se na Palestina, onde não só se converteu ao Cristianismo, mas chegou a ser uma personagem venerada pelos cristãos e elevada à mais alta hierarquia daquela seita judaica. Como aconteceu a muitos outros cristãos, foi preso pelas autoridades romanas, mas solto algum tempo depois. Apanhado em grave violação da lei judaica (a comer algo proibido), e por isso irradiado da comunidade, sai da Palestina e dirige-se ao Egipto, onde frequenta a Escola Cínica de Agatobulo. Formado nos preceitos desta Filosofia, viaja pela Itália e pela Grécia, onde vai acumulando prestígio e fortuna, quer pela “aura” que sempre desponta nos perseguidos, quer pela sua insolência levada ao extremo, quer (no caso da fortuna), pelas generosas dádivas do “vulgo ignaro”.

Todos estes dados biográficos são-nos fornecidos por um orador (de nome omitido por Luciano... para se omitir a ele próprio), que pronuncia a respeito de Peregrino-Proteu-Fénix uma estranha oração fúnebre... antes da morte do homem, na qual, em vez de exaltar o ilustre futuro defunto, leva todo o tempo (§§7-30) a revelar o seu vergonhoso cadastro.

Este discurso (e, antes dele, um breve apontamento laudatório pronunciado pelo seu discípulo dilecto Teágenes: §4) é motivado pelo anúncio, feito pelo próprio Peregrino-Proteu-Fénix, de que iria imolar-se publicamente pelo fogo, logo após o encerramento dos Jogos Olímpicos.

A seguir a este longo “discurso de outrem” reproduzido por Luciano (que parece não o assumir como seu... mas que é mesmo seu!) e transmitido ao seu amigo Crónio, entra em cena o próprio Luciano (§§31-45), que afirma ter assistido à “cerimónia” da imolação.

Então, satisfeita a “vingança” que consistiu na biografia pregressa do seu perverso e (não muito assumido) inimigo, Luciano mostra-nos o homem nos últimos momentos antes do seu sacrifício, por amor da Humanidade (§33): “*Quero — disse ele — ser útil aos homens, mostrando-lhes de que modo devem desprezar a morte. Portanto, todos os homens devem tornar-se noutros tantos Filoctetes*” (v. nota a este nome).

Morre o homem, fica a fama, a *Fama* personalizada, da qual disse Virgílio, quase dois séculos antes (IV, 174-175):

*Fama, malum qua non aliud uelocius ullum;  
mobilitate uiget uiresque acquirit eundo...*

*“Fama, mais veloz que a qual,|| não existe outro flagelo;  
movimento a revigora,|| ganha forças com o andar”...*

No regresso a Delfos, Luciano encontra muitas pessoas que se deslocavam a Harpina, a fim de assistir à imolação, a qual, segundo boato surgido na véspera, teria lugar ao nascer do sol. Apesar de informadas por Luciano de que o acto já se havia consumado, não faltou quem prosseguisse no seu caminho, com o propósito de ver o local do “sacrifício” e recolher alguma relíquia do... “santo”. Luciano refere-se a este gosto das relíquias, numa obra escrita não muito tempo depois desta carta ao seu amigo Crónio. Leia-se em *O Bibliómano Ignorante*, §14:

*“Ainda há coisa de pouco tempo, um outro fulano comprou por um talento o cajado do filósofo cínico Proteu, que este atirou fora quando se lançou na fogueira. Agora, conserva essa preciosa relíquia e ostenta-a, tal como os Tegeatas ostentam a pele do javali calidónio, ou os Tebanos os ossos de Gérion, ou os Menfitas as madeixas de Ísis. O dono deste maravilhoso objecto até te ultrapassou em ignorância e descaramento. Estás a ver como ele está doido varrido, mesmo a precisar de umas boas cajadadas na cabeça.”*

Como se vê, o fenómeno das relíquias já estava muito generalizado na Antiguidade. *A Relíquia* de Eça de Queirós vem já muito no fim da lista!



O próprio Luciano contribui conscientemente para fortalecer a deusa Fama, ao inventar, para uso dos ingénuos, patranhas miraculosas (§39):

*“... mas quanto aos imbecis e aos que ficavam de boca aberta a ouvir, eu acrescentava, em estilo trágico, algum pormenor de minha invenção, por exemplo, quando a pira foi ateada e Proteu se lançou nela, primeiro houve um grande sismo, acompanhado de um rugido vindo [do interior] da terra, após o que um abutre levantou voo do meio das chamas e dirigiu-se para o céu, dizendo com uma fortíssima voz humana:*

*Abandonei esta terra, | vou a caminho do Olimpo.*

*Então as pessoas ficaram estupefactas, sentiram calafrios e prosternaram-se, e [depois] perguntavam-me se o abutre se tinha dirigido para Oriente<sup>369</sup> ou para Ocidente, ao que eu lhes respondia o que me vinha à cabeça.”*

Veja-se também um passo do §41:

*“Imagina tu o que naturalmente vai seguir-se daqui em diante”,* ou seja, fundação de oráculos, santuários, sacerdotes... dinheiro a afluir com abundância... tudo à conta do “sacrifício” de Peregrino-Proteu-Fénix pela Humanidade.

Mas Luciano ainda não está satisfeito, e então, à laia de nota póstuma, ainda conta mais alguns episódios do já referido cadastro do santo filósofo.

Se tudo isso é verdadeiro, não admira que a designação de *cínico*, que honrosamente atribuímos a Antístenes, Diógenes, Menipo e mais alguns, tenha descambado num sentido altamente, ou profundamente, pejorativo... como outras designações: *demagogo* (“condutor / orientador do Povo”), *sofista* (“sábio”, “especialista numa ciência, na poesia...”, “intelectual”...), *déspota* (“senhor”, “patrão”...)...

---

<sup>369</sup> “para Oriente”, ou seja, da esquerda para a direita: sinal favorável; caso contrário, “para Ocidente”, da direita para a esquerda, é mau augúrio.

(Página deixada propositadamente em branco)

## A MORTE DE PEREGRINO

De Luciano para Crónio<sup>370</sup> — Saúde!

1. O desventurado Peregrino, ou *Proteu* — como ele gostava de se chamar a si próprio —, teve a mesma sorte que o famoso Proteu homérico. Realmente, este, levado pelo amor da glória, transformava-se em toda a espécie de coisas, mudava-se em mil formas, até que, por fim, se transformou em fogo. Mas vede a que ponto se apoderou deste [novo] “Proteu” o amor da glória: Ainda recentemente, o nosso homem ficou completamente feito em carvão, à semelhança de Empédocles<sup>371</sup>, com a diferença de que este último tentou passar despercebido ao lançar-se na cratera<sup>372</sup> [do Etna], enquanto o nosso valentão esperou pelo mais concorrido dos festivais gregos<sup>373</sup>, para amontoar uma pira com a maior altura possível e lançar-se nela, perante um tão grande número de testemunhas e depois de ter dirigido aos Gregos, não muitos dias antes da sua façanha, um discurso sobre tal acontecimento.

2. Até se me afigura estar a ver-te a rir às gargalhadas da loucura do velho, ou melhor, até te oiço a exclamar o que seria natural que exclamasses: “*Oh que estupidez! Oh que vanglória! Oh...*”... tudo o mais que costumamos dizer em ocasiões semelhantes. Tu, porém, falarias assim lá de longe e com toda a segurança, ao passo que eu disse aquelas palavras muito antes [de ti], junto da própria pira e perante uma grande multidão

---

<sup>370</sup> Esta obra assume a forma de carta, cujo destinatário era um seguidor de Platão, ou, segundo outros, de Epicuro.

<sup>371</sup> Empédocles, filósofo e cientista, nascido no primeiro quartel do séc. V a.C., em Agrigento (Sicília), ocupou-se sobretudo de Biologia, Medicina, Física, Retórica, etc. Segundo uma versão mais ou menos lendária, suicidou-se, lançando-se na cratera do Etna.

<sup>372</sup> “na cratera”: O gr. diz “nas crateras”. Tente perceber ou informar-se.

<sup>373</sup> “o mais concorrido dos festivais gregos”, os Jogos Olímpicos. Trata-se, neste caso, dos Jogos de 165 d.C., facto que nos serve para atribuir a esta data (ou a uma data pouco posterior) a obra de Luciano, que foi testemunha ocular do acontecimento e que, logo ali, exprimiu sobre o caso a sua opinião, que haveria de desenvolver pouco depois, em forma mais elaborada.

de pessoas a ouvir-me, algumas das quais — todas quantas admiravam essa loucura do velho — ficaram furiosas comigo. Outras pessoas houve, no entanto, que também troçavam da criatura; mas pouco faltou para que eu fosse despedaçado pelos cínicos, como Actéon<sup>374</sup> pelos seus próprios cães, ou o seu primo Penteu pelas Ménades.

3. Toda a “encenação da peça” se passou desta maneira: Tu conheces o “poeta<sup>375</sup>”, que espécie de homem ele era, quantas “tragédias” representou durante toda a sua vida, superior a Sófocles e a Ésquilo. Ora, logo que eu cheguei à Élide<sup>376</sup>, e indo a atravessar o ginásio, ouvi um certo [filósofo] cínico, que, com voz forte e gutural, pregava as ideias costumadas e triviais a respeito da virtude, ao mesmo tempo que ofendia toda a gente sem excepção. Seguidamente, e a terminar, virou a sua gritaria para Proteu... Mas eu vou, na medida do possível, tentar reproduzir fielmente o que foi dito. Tu, é claro, reconhecê-lo-ás, pois muitas vezes assististe a tais gritarias.

4. *“Quem haverá aí — disse ele — que se atreva a afirmar que Proteu é possesso de vanglória? Ó terra! Ó sol! Ó rios! Ó mar! Ó tu, Héacles, nosso patrono! Proteu, ele que foi preso na Síria, ele que renunciou a cinco mil talentos em favor da sua pátria<sup>377</sup>, ele que foi banido da cidade de Roma, ele que é mais brilhante que o sol, ele que é capaz de rivalizar com o próprio [Zeus] Olímpico! Só porque decidiu partir desta vida através do fogo, já algumas pessoas atribuem esse acto a [um desejo de] vanglória?! Então Héacles não fez a mesma coisa.”<sup>378</sup> E Asclépio*

---

<sup>374</sup> Actéon, famoso caçador, foi vítima, segundo uma das versões do mito, do ódio de Ártemis (deusa caçadora), por tê-la espiado, quando a deusa se banhava. Ártemis transformou-o em veado e açulou os cães contra ele. Quanto a Penteu, foi despedaçado pelas Ménades, companheiras de Dioniso (Baco), ao ser surpreendido a observar os ritos báquicos, a que só as mulheres podiam assistir...

<sup>375</sup> “poeta”, *poiētēs* (ποιητής) no sentido grego de “autor” (especialmente de obra em verso, mas também em prosa, de obra musical, etc.).

<sup>376</sup> A Élide fica no Peloponeso, e é a região de Olímpia.

<sup>377</sup> Esta “renúncia” a uma quantia tão elevada poderia estar relacionada com o suposto assassinato de seu próprio pai, que o obriga a fugir e, conseqüentemente, a abandonar os bens paternos. Esta quantia é desmentida mais adiante (v. §15, fim).

<sup>378</sup> Héacles era filho de Zeus e da mortal Alcmena, esposa de Anfitrião. De uma história mitológica riquíssima e variada (os 12 trabalhos...),

*e Dioniso não foram queimados pelo raio? E Empédocles não acabou lançando-se na cratera?”*

5. Quando Teágenes — assim se chamava o pregador — acabou de falar, eu perguntei a um dos assistentes: “*Que quer ele dizer com aquilo do fogo? Que é que Hércules e Empédocles têm que ver com Proteu?”* “*É que* — respondeu ele — *dentro de não muito tempo Proteu irá imolar-se pelo fogo, durante os Jogos Olímpicos.*” “*Como é isso?* — disse eu — *E porquê?*”... Ele tentava explicar-me, mas o cínico berrava de tal modo, que não me era possível ouvir mais nada. Por isso, fui ouvindo o homem despejar o resto [do discurso], em que narrava mais umas quantas exageradas maravilhas a respeito de Proteu. De facto, não se dignou sequer compará-lo com o homem de Sinope<sup>379</sup> ou com o seu mestre Antístenes, nem mesmo com o próprio Sócrates, mas até convocou Zeus para a liça. Por fim, decidiu mantê-los a todos em pé de igualdade, e terminou assim o seu discurso:

6. “*O mundo* — disse — *contemplou duas obras-primas: o Zeus Olímpico e Proteu; seus criadores e artistas, foram, de uma delas, Fídias, e da outra a Natureza. Agora, porém, este [último], nosso motivo de orgulho, vai passar [da convivência] dos homens para a dos deuses, transportado nas asas do fogo<sup>380</sup>, deixando-nos órfãos.*” E depois de se espriar, todo alagado em suor, nesta dissertação, começou a chorar de maneira extremamente ridícula e a puxar os cabelos, evitando, no entanto, arrancá-los. Por fim, levam-no dali, ainda a soluçar, acompanhado de alguns cínicos que tentavam consolá-lo<sup>381</sup>.

7. Nesse momento, um outro fulano sobe rapidamente [à tribuna], sem dar tempo a que a multidão se dispersasse, e

---

interessa aqui referir o seu suicídio pelo fogo, no monte Eta (Tessália), que eliminou a parte humana, pelo que Hércules foi recebido no Olimpo a título “efectivo” e casou com Hebe, a “Juventude”...

<sup>379</sup> “o homem de Sinope” é Diógenes, talvez o mais famoso e o mais truculento dos cínicos. Antístenes, amigo e, inicialmente, discípulo de Sócrates, foi o fundador da Escola Cínica.

<sup>380</sup> “nas asas do fogo”: A ideia de *asas* não está no texto... Por vezes, o tradutor não resiste à tentação de embelezar... quem nem sequer precisa...

<sup>381</sup> “que tentavam consolá-lo”, ou “que o iam consolando”, em gr., “consolando-o”, mas o participio presente, correspondente, aqui, ao imperfeito, transmite o “aspecto” de *acção contínua* ou de *esforço, tentativa*, etc.

derramou a sua libação sobre as vítimas anteriores<sup>382</sup> ainda quentes. Em primeiro lugar, pôs-se a rir por longo tempo, e era manifesto que o fazia lá de dentro [do coração]. Depois, começou [a discursar] mais ou menos nestes termos: “*Uma vez que o abominável Teágenes terminou o seu maldito discurso com lágrimas de Heraclito*<sup>383</sup>, eu, pelo contrário, vou começar pelo riso de Demócrito.” E começou novamente a rir a bandeiras despregadas, de tal maneira, que induziu muitos de nós a rir da mesma maneira.

8. Depois, voltando ao normal, disse:<sup>384</sup> “*Meus senhores, que outra coisa devemos nós fazer, ao escutarmos um palavreado tão ridículo e ao vermos homens já muito velhos a darem, por assim dizer, ‘piruetas’ na praça pública, por causa de uma desprezível gloriola? Mas, para que saibais que espécie de ‘obra-prima’ é este que vai imolar-se pelo fogo, escutai-me, pois eu acompanhei desde os seus princípios o carácter deste homem e observei muito bem o seu estilo de vida. Alguns desses factos, tive conhecimento deles através dos seus concidadãos, que necessariamente o conheciam muitíssimo bem.*”

9. “*Esta criação e obra-prima da Natureza, autêntico ‘cânone’ de Policlito*<sup>385</sup>, mal atingiu a idade adulta, foi surpreendido em acto de adultério, lá na Arménia, pelo que levou uma valente sova, acabando por fugir saltando pelo telhado e com um rábano enfiado no cu<sup>386</sup>. Seguidamente, tendo estuprado um formoso

---

<sup>382</sup> “vítimas anteriores”, entenda-se, do ofertante anterior... e não suas próprias (não haveria tempo, pois a multidão tendia a dispersar-se...).

<sup>383</sup> “*lágrimas de Heraclito... riso de Demócrito*”: Os antigos costumavam opor a melancolia de um com o desbragamento do outro...

<sup>384</sup> Começa aqui uma longa e estranha “oração fúnebre”, em que o orador, também da Escola Cínica, evoca a vida vergonhosa do defunto, obviamente com o “beneplácito” de Luciano!, para quem Peregrino era uma espécie de ódio de estimação (como o “falso profeta” Alexandre...).

<sup>385</sup> A estátua de Policlito (melhor que *Policleto*), que representava um jovem nu com uma lança, o *Dorüphóros* (Δορυφόρος) foi considerada pelo próprio escultor, num livro intitulado, precisamente, *Kanón* (Κανών), como um “cânone” ou “modelo”. Este cânone foi universalmente aceite por quase todos os escultores da Antiguidade e de épocas posteriores.

<sup>386</sup> A punição dada aos adúlteros surpreendidos nesse acto consistia (pelo menos nos tempos de Aristófanes (*Nuvens*, 1083-4) em ... citemos, da minha tradução (fala do Raciocínio Justo): “*O quê? Então e se ele, quer dizer, o adúltero, por te ter dado ouvidos, for enrabanado e lhe queimarem*

*rapazinho, safou-se de ser levado perante o governador da [província da] Ásia, pagando aos pais do rapaz, que eram pobres, a quantia de três mil [dracmas].*<sup>387</sup>

10. *“Parece-me bem deixar de lado estas e outras [façanhas] do mesmo género, pois nesse tempo ele era uma massa de argila por moldar, e ainda não nos tinha sido criada esta ‘estátua’ perfeita. Todavia, o que ele fez a seu pai é muitíssimo digno de ser escutado, embora todos vós saibais e tendais ouvido dizer como ele estrangulou o velhote, por não suportar que ele continuasse a envelhecer depois dos sessenta anos. Então, como o caso se tivesse espalhado, condenou-se a si próprio ao exílio e passou a errar de terra em terra.”*

11. *“Foi por essa época que ele aprendeu a fundo a maravilhosa<sup>388</sup> doutrina dos Cristãos, associando-se, na Palestina, aos seus sacerdotes e escribas. Que mais dizer? Em breve fê-los parecer uns meninos<sup>389</sup>, tornando-se, numa só pessoa, profeta, tiasarca<sup>390</sup>, dirigente de sinagoga e tudo o mais; e quanto aos livros [sagrados], interpretava e explicada uns, e ele próprio escrevia outros; e eles veneravam-no como um deus, recorriam a ele como legislador e intitulavam-no seu protector, juntamente com aquele que ainda hoje veneram, ou seja, o homem que foi crucificado na Palestina, por ter introduzido esta seita no mundo.”*

12. *“Então, devido a esta prática, Proteu foi preso e lançado no cárcere, facto que lhe conferiu, para o resto da sua vida, um prestígio nada insignificante, bem como a fama milagreira e a glorificação que ele tanto ambicionava. Enquanto esteve preso, os cristãos, que sentiam o sucedido como uma grande desgraça, tudo fizeram no sentido de o arrancar da prisão; depois, como isso se revelasse impossível, optaram por uma outra forma de apoio, não de maneira esporádica, mas com toda a assiduidade: Logo de*

---

*os pêlos do rabioso que com cinza quente? Terá o desgraçado algum argumento que prove que não é... rabicha?”*

<sup>387</sup> Três mil dracmas = 30 minas, ou seja, metade de 1 talento. No tempo de Aristófanos, com 12 minas comprava-se um cavalo de boa raça.

<sup>388</sup> “maravilhosa”: O adjectivo pode ter um sentido irónico mais ou menos subtil. Também há quem suponha que toda esta alusão ao Cristianismo tenha sido um acrescento de algum copista... cristão.

<sup>389</sup> “meninos”... na obediência...

<sup>390</sup> “tiasarca”, chefe de um tiaso, gr. *thiasos*, confraria ou assembleia religiosa, “presidente de Assembleia” (cristã).

*manhãzinha, era possível ver, esperando junto da prisão, velhas, viúvas e crianças órfãs, ao passo que as principais personalidades [da seita] dormiam de noite na prisão com ele, depois de subornarem os guardas. Depois mandavam vir acepipes variados, liam os livros sagrados, e o excelente Peregrino — na altura, ainda usava esse nome — era por eles chamado ‘o novo Sócrates’.*”

13. *“Além disso, até das cidades da Ásia vinham pessoas, por delegação dos Cristãos e a expensas dessas comunidades, a fim de apoiarem, defenderem e consolarem o homem. As pessoas revelam uma incrível prontidão, logo que algum acontecimento deste género se torna público. Em pouco tempo, gastam o que têm e o que não têm.<sup>391</sup> Foi assim que afluiu às mãos de Peregrino muito dinheiro vindo dessas pessoas, a pretexto da sua prisão, pelo que amealhou uma fortuna nada módica. Na verdade, estes desgraçados estão convictos de que serão absolutamente imortais e viverão para todo o sempre, e por isso desprezam a morte, e muitos até se lhe entregam voluntariamente<sup>392</sup>. Além disso, o seu primeiro legislador<sup>393</sup> persuadiu-os de que passariam todos a ser irmãos uns dos outros, logo que, tendo mudado de religião, renegassem os deuses gregos e passassem a adorar o célebre sofista [que foi] crucificado<sup>394</sup>. E vivem segundo a lei deste. Por isso, desprezam por igual todos os bens e consideram-nos comuns, prática que receberam por tradição, sem exigirem qualquer garantia séria. Portanto, se lhes aparece algum charlatão ou vigarista capaz de se aproveitar da situação, fica imediatamente riquíssimo e a trocar de pessoas tão ingénuas.”*

14. *“Mesmo assim, Peregrino foi solto pelo governador da Síria desse tempo, homem muito dado à Filosofia, o qual, apercebendo-se*

---

<sup>391</sup> “As pessoas ... .. e o que não têm”: Entendo estes dois períodos como tendo alcance geral, e não aplicado concreta e exclusivamente a este caso; “o que têm e o que não têm”: O gr. diz apenas “tudo”, que pode entender-se como “tudo o que têm”; “... e o que não têm” vai à conta do tradutor.

<sup>392</sup> “se lhe entregam voluntariamente”, não no sentido de praticar suicídio, mas no de “entregar-se à prisão”, “deixar-se prender”, sendo a morte a consequência natural dessa entrega.

<sup>393</sup> “o seu primeiro legislador”: Parece referir-se a Moisés, com as tábuas da Lei, mas esta ideia de irmandade está claramente expressa em Mateus, 23,8. Traduzo: “... um só é o vosso mestre, Cristo, e todos vós sois irmãos...”.

<sup>394</sup> “o célebre sofista [que foi] crucificado”, obviamente Jesus Cristo; a designação *sofista* aplica-se, com sentido geral, a qualquer sábio, filósofo ou chefe religioso...



*da insensatez do fulano, bem como [da possibilidade] de ele aceitar a morte só para deixar fama da sua pessoa, o pôs em liberdade, não o julgando merecedor do castigo habitual*<sup>395</sup>. Então, ao regressar à sua terra, percebe que o caso do assassinato de seu pai ainda estava escaldante, e que muitas pessoas persistiam na acusação. A maior parte dos seus bens tinha sido saqueada durante a sua ausência, e só restavam as propriedades rurais, no valor de cerca de quinze talentos. Na verdade, o total de bens que o velho lhe deixara ascendia a qualquer coisa como trinta talentos, e não, como dizia o ridículo do Teágenes, cinco mil, soma esta que chegaria e sobraria para comprar<sup>396</sup> toda a cidade de Páριο, mais as cinco situadas na sua vizinhança, incluindo as pessoas, o gado e o restante equipamento.”

15. “Mas a acusação e o crime ainda estavam quentes, e parecia que dentro de não muito tempo alguém se ergueria contra ele, mas sobretudo o próprio povo estava indignado, lamentando aquele excelente velhinho<sup>397</sup> — assim o tratavam aqueles que o haviam conhecido —, tão impiedosamente assassinado. Mas agora pensai no que este espertalhão do Proteu inventou para enfrentar a situação e escapar ao perigo. Tendo-se dirigido à Assembleia dos Páριος — com uma cabeleira comprida, envergando um manto muito encardido, com um alforge pendurado [a tiracolo] e um cajado na mão... numa palavra, trajando bem à maneira trágica —, apresentando-se, pois, neste estado, declarou que lhes oferecia, como bem público, toda a fortuna que seu venerando<sup>398</sup> pai lhe deixara. Quando o povo tal ouviu — gente pobre e ávida de distribuições —, logo todos o aclamaram como um filósofo, um

---

<sup>395</sup> “o castigo (habitual)”: A ideia de “habitual” é dada pelo artigo definido, que em grego é fortemente definido, ou seja, “aquele castigo”, “o tal castigo”, aplicado antes da soltura, que consistia na flagelação... como Pilatos propusera que se fizesse a Jesus Cristo... Aliás, a cena de Peregrino tem alguma semelhança com a da prisão de Cristo.

<sup>396</sup> “chegaria e sobraria para comprar”: A frase grega é difícil de verter muito à letra...: “a cidade de Páριο, mais as cinco... não seriam vendidas por esta soma” [entenda-se: mas por menos]...

<sup>397</sup> “excelente velhinho”: O texto diz (acusat.) *khrestòn géronta* (χρηστὸν γέροντα), “excelente velho”...

<sup>398</sup> “venerando” pretende traduzir o gr. *makarítēs* (μακαρίτης), que se aplica a uma pessoa falecida; pode, em certas épocas e religiões, ganhar o sentido de “bem-aventurado”; nós, hoje, diríamos: “seu pai que Deus haja”...

*patriota, um rival de Diógenes<sup>399</sup> e de Crates. Pelo contrário, os seus inimigos ficaram reduzidos ao silêncio, e se algum tentava mencionar o assassinato, era logo corrido à pedrada.”*

16. “Então saiu [da sua pátria] pela segunda vez, para andar de terra em terra, tendo sempre abundantes mantimentos fornecidos pelos Cristãos, que lhe serviam de guarda-costas e lhe proporcionavam uma vida farta de tudo. E assim ‘foi mamando<sup>400</sup> durante algum tempo. Mas depois, por ter transgredido algum preceito da sua lei — foi apanhado, creio eu, a comer algo proibido —, deixaram de se aproximar sequer dele, pelo que, reduzido à indigência, pensou que podia requerer à sua cidade natal a devolução dos seus bens; e tendo apresentado uma petição nesse sentido, esperava que esses bens lhe fossem restituídos por ordem do Imperador. Todavia, como a cidade tivesse enviado uma contradelegação, nada conseguiu, mas ordenaram-lhe que deixasse ficar as coisas como ele havia uma vez decidido, sem que ninguém o obrigasse.”

17. “Depois disto, fez uma terceira viagem, desta vez ao Egipto, a fim de se exercitar, junto de Agatobulo, na sua maravilhosa ascese, rapando metade da cabeça, besuntando o rosto com argila, excitando as partes pudendas à vista de muitas pessoas, assim demonstrando aquilo a que chamavam ‘coisa indiferente<sup>401</sup>’; depois, açoitando e sendo açoitado nas nádegas com uma [vara de] férula, e praticando muitas outras habilidades mais... ‘fortes’.”

18. “Assim apetrechado, embarcou caminho de Itália, onde, mal desembarcou, começou logo a ofender toda a gente, e de modo especial o Imperador<sup>402</sup>, que ele sabia ser pessoa tão indulgente e

---

<sup>399</sup> Diógenes e Crates são duas figuras de proa da Escola Cínica, cujo fundador foi Antístenes, este citado no §5, juntamente com Diógenes.

<sup>400</sup> “foi mamando”: O gr. (voz méd.-intrans) *ébóskeo* (ἐβόσκειο) significa, propriamente, “pastava”, “foi pastando” (subj. normal: *o gado*...). O verbo pode ser intencional na boca do orador maldoso, que considera que o homem é um autêntico parasita.

<sup>401</sup> “coisa indiferente”, terminologia filosófica dos Estóicos, Cínicos e outros; as coisas *indiferentes* dividem-se em *preferíveis* e *não-preferíveis*. Por exemplo, o ouro e a prata (tal como os seixos da praia) são coisas *indiferentes*...

<sup>402</sup> O Imperador parece ser Antonino Pio, Imperador entre 138 e 161 d.C., (ou Marco Aurélio? – 161 d.C. ...).

tão pacífica, que ele podia atrever-se a isso sem perigo. De facto, o Imperador, como seria de esperar, pouco se importou com a sua maledicência, e não julgou necessário punir, só por causa das suas palavras, um homem que [somente] usava as vestes da Filosofia<sup>403</sup> e, sobretudo, que fazia do insulto a sua profissão. Na sequência destes factos, a sua fama ia aumentando, pelo menos entre o vulgo, fazendo-se notar pela sua insolência... até que o prefeito da cidade<sup>404</sup>, homem muito sensato, o baniu [de Roma] pelo facto de os seus insultos já passarem das marcas, acrescentando que a cidade não precisava de um filósofo dessa laia. No entanto, esse facto deu-lhe ainda mais celebridade, e andava na boca de toda a gente o filósofo que fora exilado devido à sua franqueza e à sua extrema liberdade, e deste modo era comparado a Musónio, a Dion, a Epicteto e a qualquer outro que tivesse estado nas mesmas circunstâncias.”

19. “Tendo, por esse motivo, voltado à Grécia, ora insultava os Eleus, ora tentava persuadir os Gregos a pegar em armas contra os Romanos, ora dizia mal de um homem proeminente<sup>405</sup> pela sua cultura e pela sua posição social, o qual, entre outros serviços prestados à Grécia, levou água a Olímpia, fazendo com que os visitantes deixassem de morrer de sede, mas tendo, com isso [— dizia ele —], efeminado os Gregos, quando os espectadores dos Jogos Olímpicos deviam mas era resistir fortemente à sede, e até, por Zeus!, muitos deles morrerem de doenças graves, que sempre se declaram devido à secura do lugar e ao grande aglomerado de gente. E falava desta maneira, enquanto bebia da mesma água. Como pouco faltasse para que as pessoas se atirassem a ele e o apedrejassem, o valentão salvou-se da morte refugiando-se no templo de Zeus.”

20. “Mas na Olimpíada seguinte pronunciou perante os Gregos um discurso que havia composto durante os quatro anos intermédios, e que era um elogio àquele mesmo homem que tinha levado

---

<sup>403</sup> “usava as vestes da filosofia”, ou “sob as vestes da Filosofia”. Nota-se o sentido pejorativo: O homem tinha, de filósofo, só a aparência.

<sup>404</sup> O prefeito da cidade, *praefectus urbi*, era nomeado directamente pelo Imperador, que delegava nele os assuntos correntes ou quaisquer outros. Em certas ocasiões e épocas, ele era, na prática, o homem forte de Roma.

<sup>405</sup> “um homem proeminente”: Herodes Ático (101-177 d.C.), contemporâneo de Luciano, além de grande orador, foi um benemérito que os Gregos nunca esqueceram. Note-se que a alusão é tão clara, que o orador (ou Luciano) se dispensa de mencionar o seu nome.

água [ao santuário], mas também uma justificação da sua fuga de então.”

“Todavia, vendo que era objecto da indiferença de toda a gente e que já não era olhado com a mesma admiração (de facto, todos aqueles truques já estavam ultrapassados, já não era capaz de produzir novidades susceptíveis de espantar os circunstantes e fazer com que estes o admirassem e o olhassem atônitos — ambição esta que desde sempre o dominara fortemente), acabou por conceber este audacioso plano da fogueira, divulgando entre os Gregos, imediatamente depois dos Jogos Olímpicos anteriores [a estes]<sup>406</sup>, a notícia de que, nos [Jogos Olímpicos] seguintes, iria imolar-se pelo fogo.”

21. “E neste, segundo dizem, está a fazer uma coisa maravilhosa, abrindo uma cova, acarretando lenha e fazendo alarde da sua extraordinária coragem.”

“Ora, ele devia acima de tudo — julgo eu — esperar pela morte, e não desertar<sup>407</sup> da vida. Se, em todo o caso, decidisse partir, não devia servir-se do fogo nem de processos retirados da tragédia<sup>408</sup>, mas sim partir, optando por uma outra forma de morte, de entre as mil existentes. Mas já que ele tanto preza algo digno de Hércules<sup>409</sup>, por que raio não escolhe ir em silêncio até uma montanha bem arborizada e cremar-se ali mesmo, sozinho, ou levando consigo apenas uma pessoa, como por exemplo aqui o Teágenes a fazer de Filoctetes?<sup>410</sup> Pelo contrário, é mesmo em Olímpia, no máximo de afluência de gente e, por assim dizer, em palco, que ele vai grelhar-se<sup>411</sup>, o que, por Hércules!, não deixa

---

<sup>406</sup> Os “Jogos Olímpicos anteriores [a estes]” (os de 165 d.C.), são, portanto, os de 161 d.C.

<sup>407</sup> “desertar”, gr. *drapeteúein* (δραπετεύειν) aplica-se sobretudo a uma fuga criminosa, por exemplo, e especialmente, à fuga de um escravo de casa do amo, ou de um soldado do campo de batalha. Neste caso, a tradução por “fugir” era demasiado branda.

<sup>408</sup> “processos retirados da tragédia”, ou seja, com grande aparato.

<sup>409</sup> Hércules imolou-se pelo fogo, no monte Eta (Tessália), deste modo eliminando a parte humana que lhe vinha de sua mãe, Alcmena. Note-se, além disso, que Hércules era o grande modelo dos Cínicos, pela sua capacidade de suportar toda a espécie de dificuldades.

<sup>410</sup> Filoctetes ajudou Hércules, ao acender a pira onde o ainda herói (e prestes a ser um deus de pleno direito) se lançaria. A referência a Teágenes, o ridículo e exagerado orador fúnebre do §4, é particularmente irónica...

<sup>411</sup> “vai grelhar-se”, gr. *optései heautón* (ὀπτήσει ἑαυτὸν), expressão aplicada, propriamente, a carne..., pelo que tem, aqui, sentido irónico.

*de ser justo, se é deste modo que os parricidas e os ateus devem pagar pelos seus crimes. Neste caso, até parece que ele o faz muito tardiamente, pois há muito que devia ter expiado o seu crime, atirado para dentro do touro de Fálaris<sup>412</sup>, em vez de morrer instantaneamente, mal abrisse a boca para as chamas. De facto, muitas pessoas me dizem que não existe nenhum modo de morte mais fulminante que pelo fogo, pois mal uma pessoa abre a boca, morre imediatamente.”*

22. *“Este espectáculo, porém, é [por ele] entendido como uma coisa imponente, esta de um homem ser cremado num lugar santo, onde constitui uma impiedade sepultar pessoas. Creio que já tendes ouvido falar de um fulano<sup>413</sup> que, há já muito tempo, querendo tornar-se famoso, mas não sendo capaz de consegui-lo de outro modo, incendiou o templo de Ártemis em Éfeso. É um acto deste género que o nosso homem imagina, tal foi a paixão pela glória que nele se introduziu.”*

23. *“E no entanto, ele afirma que procede deste modo por amor dos homens, a fim de os ensinar a desprezar a morte e a resistir às adversidades. Então eu gostaria de perguntar, não a ele, mas a vós, [cidadãos,] se vós quereríeis que os celerados se tornassem seus discípulos no que respeita a essa tal capacidade de resistência e de desprezar a morte, a cremação e outros horrores desse género. Não, vós não quereríeis tal coisa, que eu bem sei. Sim, como é que este ‘Proteu’<sup>414</sup> estabelecerá a distinção, [ou seja,] fará bem aos bons, ao mesmo tempo que tornará os maus ainda mais temerários e mais destemidos?”*

24. *“Em todo o caso, imaginemos possível que assistam ao acto somente aqueles que considerem que esse procedimento visa a sua utilidade. Então, vou de novo perguntar-vos: Admitiríeis vós*

---

<sup>412</sup> Fálaris, tirano de Agrigento (Sicília), no séc. VI a.C., torturava as suas vítimas, metendo-as dentro de um touro de bronze, que depois era aquecido, o que fazia que os desgraçados soltassem gritos que pareciam mesmo urros de touro... como se o animal fosse verdadeiro... O seu inventor, um tal Perilo, foi o primeiro a experimentar (com êxito!) o invento.

<sup>413</sup> Um tal Heróstrato, citado por Estrabão e Eliano “Táctico”, que podem muito bem ser a fonte de Luciano.

<sup>414</sup> Recorde-se que Peregrino adoptou, a certa altura o nome do famoso Proteu da mitologia, que se transformava em tudo o que quisesse. Aqui, há, pois, uma alusão pejorativa.

que os vossos filhos se tornassem imitadores de um tal fulano? Vós responderíeis que não. Mas para quê fazer essa pergunta, se nem um sequer dos seus discípulos o imitaria? Pelo menos poderíamos acusar especialmente aqui o Teágenes, porque, imitando-o em tudo o mais, não acompanha o seu mestre, que parte, como ele diz, para junto de Hércules, quando poderia, também ele próprio, tornar-se em breve um bem-aventurado, atirando-se de cabeça para dentro do fogo. Na verdade, a imitação não consiste nem no alforge, nem no cajado, nem no manto, pois estes apetrechos não oferecem perigo, são fáceis e ao alcance de qualquer um, mas o que se deve imitar é a parte final, a principal, em que uma pessoa faz uma fogueira com troncos de figueira o mais verdes possível, para ficar asfixiado pelo fumo. Ora, como o fogo não é pertença exclusiva de Hércules ou de Asclépio, mas também dos sacrílegos e dos assassinos, que podemos ver sofrer esse tormento por via de condenação judicial, é melhor que ele morra [asfixiado] pelo fumo, que bem poderia ser uma característica só vossa.<sup>415</sup>

25. “Aliás, quando Hércules se decidiu por esse acto temerário, fê-lo forçado por uma moléstia, devorado, como narra a tragédia, pelo sangue do Centauro<sup>416</sup>. Mas, no caso deste homem, que motivo o leva a lançar-se no fogo? Por Zeus!, foi para patentear fortaleza de alma, tal com os Brâmanes, com os quais Teágenes achou por bem compará-lo... como se não fosse possível existirem também entre os Indianos homens imbecis e cheios de vaidade! Pois então que os imite! De facto, aqueles não se lançam no fogo, segundo nos informa Onesícrito, almirante de Alexandre, que viu [um tal] Calano a imolar-se pelo fogo; mas diferentemente, depois de atear a pira, permanecem junto dela, imóveis, aguentando o calor que os vai crestando de perto<sup>417</sup>, e só depois é que avançam, com todo o decoro, e se deixam cremar, sem mudar, por pouco que seja, a sua posição jazente.”

“No caso, porém, deste fulano, que grande façanha a dele, se, tendo-se de uma vez lançado [na fogueira], vier a morrer logo que

---

<sup>415</sup> “pelo fumo, que bem poderia ser uma característica só vossa”: O fumo significa ideias obscuras, pelo que há aqui um jogo entre o sentido próprio e o sentido metafórico de *fumo*; só *vossa*, ou seja, dos Cínicos.

<sup>416</sup> Ao vestir a túnica ensanguentada do centauro Nesso, o sangue deste provocou-lhe uma dolorosíssima tortura, da qual só se livrou (segundo uma versão), lançando-se ao fogo (outra versão diz que se atirou a um rio).

<sup>417</sup> “o calor que os vai aquecendo de perto”: O gr. é conciso: “serem assados de perto”, *paroptómenoι* (παροπτόμενοι), ou seja, sem que as chamas, numa primeira fase, os atinjam directamente.

for envolvido pelas chamas?! Também não está fora de expectativa que ele salte por cima e fique apenas chamuscado... a menos que, segundo se diz, ele imagine armar a pira numa cova funda.<sup>418</sup>

26. “No entanto, há quem diga que ele já mudou de ideias<sup>419</sup> e que anda para aí a contar uns certos sonhos, segundo os quais Zeus não permite que se profane um lugar sagrado. Mas lá por isso, pode ficar descansado, pois eu estarei disposto a jurar que nenhum dos deuses se escandalizará, se Peregrino morrer de má morte. Aliás, agora não lhe será fácil recuar, porquanto os cínicos<sup>420</sup> seus discípulos<sup>421</sup> incitam-no e impelem-no para o fogo, inflamando-lhe a mente e não o deixando acobardar-se. Se ele, ao lançar-se na pira, arrastasse consigo dois deles, isso seria uma acção particularmente divertida.”

27. “Também tenho ouvido dizer que já não gosta de que lhe chamem Proteu, mas mudou o seu nome para Fénix, pelo facto de se dizer que a fénix<sup>422</sup>, ave indiana, se lança no fogo quando atinge uma velhice muito avançada. Além disso, inventa mitos e espalha oráculos... antigos, é claro<sup>423</sup>, segundo os quais ele se tornou um génio guardião da noite, e é mesmo evidente que o fulano ambiciona ter altares e espera que lhe erijam estátuas de ouro.”

---

<sup>418</sup> “cova funda”: v. início de §21. As piras funerárias eram geralmente armadas com troncos cruzados, formando um conjunto mais ou menos alto, em cujo cimo se colocava a pessoa ou um cadáver. Normalmente, não dava para... saltar a fogueira, pelo que, neste passo, se sugere que a pira ficaria com um boa parte abaixo da superfície!

<sup>419</sup> “já mudou de ideias”: Adopto o infinito aoristo (aspecto pontual-passado) *metabálēsthai* (μεταβαλέσθαι), e não o infinito presente *metabállesthai* (μεταβάλλεσθαι), que significaria “está a (± querer) mudar de ideias”; a seguir, sim, “anda (para aí) a contar”, infinitivo presente (aspecto contínuo), *diēgeisthai* (διηγεῖσθαι).

<sup>420</sup> “cínicos”: O texto diz “cães”, *kúnes* (κύνες), designação e até “título de honra” dos filósofos... caninos, gr. *kūnikoi* (κυνικοί).

<sup>421</sup> “discípulos”; o termo *sūnóntes* (συνόντες) pode também significar “companheiros”, “amigos”, “familiares”..., mas aqui impõe-se aquele sentido, como se vê no §28, onde se diz *mathētai* (μαθηταί): “... aqui os seus malditos discípulos...”.

<sup>422</sup> “a Fénix”: Em gr., a palavra é do género masculino.

<sup>423</sup> “antigos, é claro”, dito ironicamente pelo orador; Peregrino, porém, pretende esconder o facto de esses oráculos terem sido forjados por ele.

28. “Também, por Zeus!, não é de maneira nenhuma inverossímil encontrar, no meio de tantos imbecis, alguns que afirmem terem sido livrados por ele de febres quartãs e que foram visitados, em sonho, pelo guardião da noite.<sup>424</sup> E aqui estes seus malditos discípulos até já planeiam fundar, creio eu, um oráculo e um santuário no lugar da pira, uma vez que o famoso Proteu, filho de Zeus e o primeiro com esse nome, era adivinho. Garanto mesmo que serão designados sacerdotes [encarregados] dos chicotes, dos cautérios e de outras charlatanices desse gênero; e até mesmo, por Zeus!, serão celebrados mistérios nocturnos em sua honra, bem como uma procissão de archotes no lugar da pira.”

29. “Ainda recentemente, Teágenes, segundo me contou um dos companheiros deste, afirmou que a Sibila<sup>425</sup> pronunciou uma profecia sobre estes acontecimentos. E citou de memória os seus versos<sup>426</sup>:

*Quando o Cínico Proteu, || de entre todos o mais nobre,  
tendo ateadado uma pira || no recinto do Tonante<sup>427</sup>,  
e, lançando-se nas chamas, || penetrar no vasto Olimpo,  
ordeno a todos aqueles || que do campo os frutos comem<sup>428</sup>:  
honrem este grande herói, || que é das noites guardião,  
como Hefesto, entronizado, || e como Hércules, Senhor<sup>429</sup>.”*

<sup>424</sup> O texto diz: “e que depararam, de noite, com o guardião da noite”.

<sup>425</sup> “Sibila” era o nome dado por Gregos e Romanos às profetisas de diversos deuses, especialmente de Apolo, que pode ser o caso neste passo. Outra Sibila famosa era a de Cumas, na Campânia (a sul do Lácio, Itália).

<sup>426</sup> Em hexâmetro dactílico: — ∞ | — ∞ | — || ∞ | — ∞ | — ∞ | — ∞. Não havendo correspondência na métrica portuguesa, optei por esquemas métricos conhecidos, neste caso, cada verso é constituído por dois hemistíquios de sete sílabas métricas cada um, separados por uma cesura (||). Note-se que a versão em forma métrica impõe algumas restrições...

<sup>427</sup> “do Tonante”: o gr. diz “de Zeus Tonante”... necessidade métrica!

<sup>428</sup> “que do campo os frutos comem”, ou seja, “os mortais”, “os homens”. É que o alimento dos deuses era outro: ambrósia e néctar.

<sup>429</sup> “Senhor”, *ánax* (ἄναξ) era título dado especialmente aos deuses. Quer dizer: Peregrino-Proteu, com o seu trono e o seu título de *Senhor*, ascenderia à plena categoria divina.



30. “Foi isto que Teágenes afirmou ter escutado da boca da Sibila. Mas agora eu vou citar-lhe um oráculo de Bécide<sup>430</sup> sobre o mesmo assunto. Diz então Bécide, com muito a-propósito:

*Quando em alta pira um Cínico, || que muitos nomes ostenta,  
se lançar, por ter na alma || a louca paixão da glória,  
devem os outros, cães-raposas, || que seguem na sua pista,  
imitar o triste fado || do lobo que vai partir.  
Se algum covarde quiser || evitar de Hefesto a ira,  
que os Aqueus, todos em massa, || logo o cubram de pedradas,  
para que ele, frio como é, || não fale em tom inflamado,  
ele, que encheu o alforge || com oiro vindo da usura  
e possui na bela Patras || três vezes cinco talentos.*

*Que vos parece isto, meus senhores? Acaso o oráculo de Bécide é inferior ao da Sibila? Portanto, está na hora de os discípulos de Proteu pensarem bem onde hão-de proceder à sua própria ‘evaporação’ — pois é assim que eles denominam a cremação.”<sup>431</sup>*

31. Tendo ele pronunciado este discurso, todos os circunstantes gritaram: “Que sejam imediatamente queimados, que bem dignos são do fogo!” Então o orador desceu da tribuna a sorrir, mas...

*não passou despercebida || a gritaria a Nestor...<sup>432</sup>*

... quer dizer... a Teágenes, mas, assim que ouviu o clamor, aproximou-se imediatamente e, tendo subido à tribuna, pôs-se a vociferar e a dizer mil impropérios a respeito daquele que acabava de descer... não sei como se chamava o bom do homem. Então eu deixei-o para ali a rebentar [de raiva], e fui ver os

---

<sup>430</sup> “Bécide”, ou, tirado do nominat., *Bécis*, é o nome de um adivinho da Beócia, mas a palavra tornou-se uma designação geral para “adivinho” ou “profeta”, tal como o nome de *Sibila*.

<sup>431</sup> Acaba aqui o longo discurso do “anónimo” (reproduzido por Luciano... afinal, o seu verdadeiro autor!), iniciado no §7.

<sup>432</sup> *Iliada*, XIV, 1.

atletas, pois dizia-se que os *helanódicas*<sup>433</sup> já se encontravam no Plétrio<sup>434</sup>. Isto foi o que se passou na Élide.

32. Mas, quando chegámos a Olímpia, o lado de trás do templo estava pejado de pessoas, umas a criticar, e outras a elogiar a decisão de Proteu, a ponto de muitas delas passarem a vias de facto... até que o próprio Proteu, escoltado por uma imensa multidão, apareceu [vindo] por detrás da tribuna dos arautos<sup>435</sup> e pronunciou um discurso sobre a sua pessoa, contando como vivera a vida, os perigos por que passara e os incómodos que suportara por causa da Filosofia. Falou de muitas mais coisas, mas eu ouvi muito pouco, devido à grande multidão que o rodeava. Então, com receio de ser esmagado pela turba, como via acontecer a muitos, afastei-me dali, dizendo um longo adeus ao sofista desejoso de morrer e que, antes [mesmo] do seu passamento<sup>436</sup>, pronunciava a sua própria oração fúnebre.

33. Mesmo assim, ainda consegui ouvir algo como isto: Dizia ele que queria colocar uma coroa de ouro sobre uma vida de ouro<sup>437</sup>. Na verdade, aquele que sempre viveu como Hércules, também deve morrer como Hércules e misturar-se com o éter. “Quero — disse ele — *ser útil aos homens, mostrando-lhes de*

---

<sup>433</sup> Os *helanódicas*, gr. (pl.) *hellanodikai* (ἑλληνοδίκαι) eram os juizes dos Jogos. Mantive o termo técnico, com a regular adaptação ao port.: o -i- da penúltima sílaba é breve, o que implica (na passagem, real ou teórica, para o latim, e daí para o português) o recuo do acento para a antepenúltima sílaba; por outro lado, tratando-se de um nome masculino da 1ª declinação, a adaptação faz-se em -a (cf. gr. *maútēs* (μαύτης), lat. *nauta*, port. *nauta*...)

<sup>434</sup> “Plétrio”, local do ginásio de Élide, onde se organizavam as competições.

<sup>435</sup> “[vindo] por detrás da tribuna dos arautos”: Na minha interpretação, o homem estava encoberto por detrás da tribuna dos arautos, assistindo às discussões a seu respeito, até que resolveu aparecer e... (v. texto).

<sup>436</sup> “antes [mesmo] do seu passamento”: Note a ironia, já que as orações fúnebres são pronunciadas com a pessoa *morta*... e não... *viva*.

<sup>437</sup> “colocar uma coroa de ouro sobre uma *vida* de ouro” é a interpretação mais simples (talvez enganadora!), em que se aceita a lição (dat.) *biōi* (βίῳ), “vida”, e não *biōi* (βιῶ), “arco” (arma). Com esta última interpretação, entender-se-ia “colocar uma ponta de ouro num *arco* de ouro”, expressão profundamente metafórica, inspirada pelo passo da *Iliada*, IV, 111, em que Pândaro adorna o seu arco de chifre de veado com uma ponta de ouro. Em Luciano, imbuído de leituras homéricas, esta última interpretação não é inverosímil.

que modo devem desprezar a morte. Portanto, todos os homens devem tornar-se noutros tantos Filoctetes.<sup>438</sup> Então os mais néscios de entre esses homens choravam e gritavam: “Preserva a tua vida, para bem dos Gregos!”; outros, porém, mais viris, berravam: “Cumpre o que decidiste!”, com o que o velhote ficou perturbado, e não foi pouco, pois esperava que todos se agarrassem a ele, que não o deixassem lançar-se na fogueira, mas, pelo contrário, o mantivessem na vida, mesmo contra a sua vontade. Mas aquele “Cumpre o que decidiste!”, que lhe caiu em cima de uma maneira completamente inesperada, fez com que ele ficasse ainda mais pálido (embora já tivesse uma cor cadavérica) e, por Zeus, ficasse a tremer, a ponto de perder a fala.

34. Quanto a mim, porém, podes calcular, julgo eu, como me fartava de rir<sup>439</sup>. De facto, não era merecedor da minha compaixão um homem mais loucamente apaixonado pela glória, do que todos quantos são [a isso] induzidos pela própria Fúria<sup>440</sup>. No entanto, ele era acompanhado por muita gente, pelo que se mostrava inchado de glória, olhando para a multidão dos seus admiradores, sem saber, o infeliz, que muitas mais pessoas vão atrás dos que são conduzidos à cruz ou são entregues nas mãos do carrasco.

35. Entretanto, terminaram os Jogos Olímpicos, os mais belos de todos os Jogos Olímpicos a que eu tinha assistido... e já era a quarta vez que os via. No entanto — por não haver carros disponíveis, dada a partida simultânea de muita gente —, fui ficando, bem contra a minha vontade. Proteu<sup>441</sup>, porém, ia adiando, até que por fim anunciou a noite em que iria dar o espectáculo da sua cremação. Então, como um dos meus amigos me tivesse vindo buscar, levantei-me a meio da noite e parti a caminho de Harpina, onde estava a pira, e que

---

<sup>438</sup> Filoctetes foi quem armou a pira em que Hércules se imolou, e acompanhou-o nos seus últimos momentos.

<sup>439</sup> “me fartava de rir”, em gr., somente o imperfeito, *egélōn* (ἐγέλων), “(me) ria”, com o seu normal aspecto *contínuo*.

<sup>440</sup> “Fúria”, gr. *Poiné* (Ποινή), “Pena”, “Punição”, aqui é a personificação das Fúrias ou Erínias, entidades vingadoras e arrasadoras dos criminosos ou dos que se entregavam a excessos impróprios dos humanos...

<sup>441</sup> “Proteu” ou “Peregrino”: o texto diz apenas “ele, porém,”.

fica distante de Olímpia uns vinte estádios<sup>442</sup> bem medidos, abaixo do hipódromo, para quem segue no sentido leste. Logo que chegámos, encontrámos uma pira armada numa cova com qualquer coisa como uma toesa<sup>443</sup> de fundura. Tinha lá dentro muitos toros de pinho<sup>444</sup>, e estava atafalhada com lenha miúda, a fim de pegar fogo rapidamente.

36. Logo que nasceu a Lua — realmente, convinha que também ela assistisse a esta belíssima façanha —, o nosso homem avançou ataviado da maneira habitual, e com ele a fina-flor dos cães<sup>445</sup>, nomeadamente a ilustre personalidade vinda de Patras, que empunhava um facho e fazia de segundo actor<sup>446</sup> nada reles. Proteu também empunhava um facho. Então, aproximam-se [da pira] e, cada um de seu lado, ateam uma fogueira enormíssima produzida pelos toros e pela lenha miúda. Então o fulano — Presta bem atenção a este ponto! —, tendo atirado ao chão o alforge, o manto e a famosa moca de Hércules, ficou só com uma camisa completamente encardida. Em seguida, pediu incenso para o lançar no fogo; quando alguém lho deu, lançou-o [na fogueira] e disse, dirigindo o olhar para o Sul — pois este, o Sul, desempenha um papel nesta... ‘tragédia’<sup>447</sup> —: “Espíritos<sup>448</sup> maternos e paternos, acolhei-me favoravelmente!” E tendo dito estas palavras, saltou para a fogueira, mas não ficou visível, pois foi envolvido pela enorme chama que se levantou.

37. Vejo-te outra vez a rir, meu bom Crónio, do desenlace da peça. Cá por mim, por Zeus!, não o censuraria asperamente por ele invocar os espíritos maternos. Mas, quando ele invocou espíritos paternos, eu, lembrando-me do que se disse a respeito do assassinato [de seu pai], já não fui capaz de conter

---

<sup>442</sup> “vinte estádios”, c. 3,550km (177,6m x 20).

<sup>443</sup> “toesa”, ou “braça”, aprox. 1,80m; a medida grega, *órgia*, gr. *orgüía* (ὄργυιά) equivalia a 1,776m, ou seja, seis pés...

<sup>444</sup> “toros de pinho”... resinosos, e não “tochas” ou “fachos”, pois estes vêm depois (v. a seguir).

<sup>445</sup> “cães” ou “cínicos”; para eles, o título de *cão* era até muito honroso.

<sup>446</sup> “segundo actor”, ou *deuteragonista*, gr. *deuteragônistḗ* (δευτεραγωνιστής), por oposição ao *protagonista*, gr. *protagonistaḗ* (πρωταγωνιστής).

<sup>447</sup> O sul é o lugar dos mortos, como se vê imediatamente a seguir.

<sup>448</sup> Trata-se dos espíritos ou almas dos mortos, gr. (pl.) *daómones* (δαίμονες), correspondente do lat. “Manes”.

o riso... Os Cínicos que rodeavam a pira não estavam chorosos, mas mostravam em silêncio uma certa tristeza, olhando para o fogo... até que eu, já sufocado com essa atitude, disse: *“Saíam daqui, seus cretinos! Não é espectáculo agradável, este de vermos um velho a ser assado e sermos infectados por este horrível pivete. Ou será que estais à espera de que algum pintor venha retratar-vos, como retrataram os companheiros de Sócrates a seu lado na prisão?”* Então eles ficaram indignados e começaram a injuriar-me, e alguns chegaram mesmo a levantar os cajados [contra mim], mas, logo que eu os ameacei de pegar em alguns deles e atirá-los ao fogo, para que fossem atrás do seu mestre, pararam [com isso] e acalmaram-se.

38. Então eu, ó companheiro, ao regressar, ia meditando comigo mesmo em diversos assuntos, e [nomeadamente] pensando que coisa é esta do amor da glória, como é que esta paixão, só por si, é irresistível mesmo para aqueles que parecem pessoas muitíssimo admiráveis, e não como este fulano, que, além do mais, levou sempre uma vida de loucura e de insensatez, que bem mereceu morrer pelo fogo.

39. Depois fui encontrando [pelo caminho] muitas pessoas que se deslocavam no intuito de assistir ao espectáculo, pois cuidavam que apanhavam o homem ainda vivo. De facto, tinha corrido o boato, na véspera, de que ele, só depois de saudar o Sol nascente, como se diz que fazem os brâmanes, é que se lançaria na pira. Consegui que algumas dessas pessoas voltassem para trás, dizendo-lhes que o facto já estava consumado, ao contrário de outras, que não tinham um particular desejo de assistir ao espectáculo em si, mas que desejavam visitar o próprio local e recolher alguma relíquia deixada no fogo.

Aí, ó companheiro, tive mil dificuldades para contar [a história] a todos os que me interrogavam e me pediam informações pormenorizadas. Então, se via alguém mais sensato, narrava-lhe o sucedido com simplicidade, como faço contigo; mas quanto aos imbecis e aos que ficavam de boca aberta a ouvir, acrescentava em estilo trágico algum pormenor de minha invenção, por exemplo, quando a pira foi ateadada e Proteu se lançou nela, primeiro houve um grande sismo, acompanhado de um rugido vindo [do interior] da terra, após o que um

abutre levantou voo do meio das chamas e dirigiu-se para o céu, dizendo com uma fortíssima voz humana:

*Abandonei esta terra, | vou a caminho do Olimpo.*

Então as pessoas ficaram estupefactas, sentiram calafrios e prosternaram-se, e [depois] perguntavam-me se o abutre se tinha dirigido para Oriente<sup>449</sup> ou para Ocidente, ao que eu lhes respondia o que me vinha à cabeça.

40. Ao regressar à assembleia<sup>450</sup>, dei com um homem de cabelos brancos e, por Zeus!, com um rosto que inspirava confiança, para mais com uma longa barba e com um aspecto geral cheio de gravidade, o qual, entre outras coisas a respeito de Proteu, contava como, pouco depois da sua cremação, o tinha visto todo vestido de branco, e que ainda há pouco o deixara passeando alegremente no Pórtico dos Sete Ecos, com uma coroa de oliveira brava na cabeça. A seguir, acrescentou o [episódio do] abutre, jurando que ele próprio o tinha visto a voar para fora da pira, abutre esse que eu, pouco tempo antes, tinha deixado a elevar-se nos ares, a troçar<sup>451</sup> da mentalidade daquelas pessoas estúpidas e ingénuas.

41. Imagina tu o que naturalmente vai seguir-se daqui em diante, que tipo de “abelhas” se instalarão naquele local, que “cigarras” não cantarão [aí], que “corvos”<sup>452</sup> não voarão [para lá], tal como [se fossem] para o túmulo de Hesíodo, e mais coisas do género. Também sei que brevemente serão erigidas muitas estátuas em sua honra, por parte quer dos Eleus, quer dos outros Gregos, aos quais ele dizia<sup>453</sup> ter enviado mensagens. Dizem que ele enviou cartas a quase todas as cidades importantes, com certas disposições testamentárias, conselhos e normas, tendo para o efeito nomeado, de entre os seus companheiros,

---

<sup>449</sup> “para Oriente”, ou seja, da esquerda para a direita: sinal favorável; caso contrário, “para Ocidente”, da direita para a esquerda, é mau augúrio.

<sup>450</sup> Já em Delfos.

<sup>451</sup> “a troçar”: A gramática do texto obriga a dar como sujeito do verbo *o próprio abutre*, e não (como alguns traduzem) o narrador — o que acrescenta uma certa finura à ironia, pois o abutre era, afinal, ser o próprio Proteu.

<sup>452</sup> corvos”... ou “gralhas”... [segundo o provérbio português: *Corvos e gralhas, é tudo a mesma canalha*].

<sup>453</sup> “ele dizia”, ou, segundo emendas modernas, “diziam”, “se dizia”...

alguns embaixadores, aos quais chamou *mensageiros dos mortos e correios do Inferno*.

42. Foi este o fim do desventurado Proteu, homem — para resumir tudo em breves palavras — que nunca teve a mínima consideração pela verdade, mas que, pelo contrário, tudo disse e fez no sentido de obter da multidão fama e louvor, a ponto de se lançar no fogo, mesmo sabendo que não iria gozar de quaisquer louvores, uma vez que ficaria insensível a eles.

43. Vou terminar, contando-te mais um episódio, para que tenhas com que rir durante muito tempo. Certamente conheces aquele facto, que um dia ouviste da minha boca, em que eu, ao chegar da Síria, te contei que tinha viajado por mar desde a Tróade com o fulano e que, entre outros luxos, tinha consigo no navio um formoso rapazinho<sup>454</sup>, que ele persuadira a seguir a doutrina cínica, e também para lhe servir de... Alcibíades<sup>455</sup>. Também [te contei] que, quando, uma noite, fomos sacudidos por uma tempestade em pleno mar Egeu, tendo descido sobre nós uma grande escuridão e tendo-se levantado ondas enormíssimas, esta admirável criatura, que parecia ser superior à morte, fazia um grande alarido como as mulheres<sup>456</sup>.

44. Pouco tempo antes da sua morte, para aí, julgo eu, uns nove dias antes, tendo comido mais do que o bastante, foi acometido, durante a noite, de uma febre violentíssima, como me contou o médico Alexandre, que foi chamado a fim de o examinar. Disse ele que o encontrou rebolando-se no chão, sem poder aguentar o ardor da febre e suplicando “apaixonadamente”<sup>457</sup> que lhe dessem água fria, mas que ele não lha dera. E também contou que lhe dissera que, se ele, de toda a maneira, queria a morte, ela viria espontaneamente

---

<sup>454</sup> Talvez antes: “o tal *formoso rapazinho*” O texto tem o artigo definido, que em grego é *fortemente definido*.

<sup>455</sup> Alcibíades, educado por Péricles, discípulo e amigo íntimo de Sócrates, tornou-se um jovem dissoluto e iconoclasta (mutilação das estátuas de Hermes...). Luciano segue a suspeita, persistente na Antiguidade, de que as relações de Sócrates com Alcibíades eram mais (ou menos!) que espirituais.

<sup>456</sup> “como as mulheres”, talvez melhor que “juntamente com as mulheres”... que seguiam (?) no navio.

<sup>457</sup> “apaixonadamente”, ou seja, como procede um apaixonado em relação à sua amada indiferente...: *erōtikós* (ἐρωτικῶς).

bater-lhe à porta, pelo que poderia muito bem ir atrás dela, sem ter a mínima necessidade do fogo. Então [— contou o médico —] o fulano disse: “*Mas esse processo não é assim tão glorioso, já que é comum a todas as pessoas.*”

45. Isto foi o que me disse Alexandre. Mas eu próprio o vi, ainda não há muitos dias, a besuntar [os olhos], a fim de lacrimejar devido ao ardor provocado pela droga. Estás a perceber? Éaco não gosta lá muito de receber pessoas que tenham a vista fraca!<sup>458</sup>. É como se alguém, estando prestes a subir à cruz, pretendesse tratar uma ferida no dedo. Que te parece que Demócrito faria, se tal coisa visse? Certamente rir-se-ia do homem, e com toda a razão. Pois então tu, meu caro amigo, vai-te rindo também, muito especialmente sempre que ouvires outras pessoas a admirarem o tipo.

---

<sup>458</sup> Entendo esta frase no sentido irónico: Para o juiz infernal, Éaco, tanto faz que a pessoa veja bem ou veja mal, pelo que Luciano não compreende que um homem que dentro de alguns dias vai imolar-se pelo fogo ainda esteja preocupado com a saúde ocular... como se alguém... (Veja o texto).



## **OS FUGITIVOS**

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

O título *Drapétēs* (Δραπέτης) significa, em sentido geral, “fugitivo”, mas tem também, como neste caso, o sentido específico de “escravo fugitivo”, “escravo desertor”. No entanto, só no §27 é que o leitor se apercebe de que escravos fugitivos se trata: escravos que, descontentes com a sua situação, verificam que existem uns fulanos, ignorantes como eles, mas muito mais espertos, que imitam a aparência exterior dos filósofos, especialmente dos filósofos cínicos (longa barba, manto curto de lâ grosseira e alforge a tiracolo), e com isso, mais a linguagem desbragada e insultuosa, gozam de toda a consideração por parte dos ricos e poderosos, que eles não deixam de (na sua própria e expressiva palavra)... “tosquiar”. Mas não nos adiantemos.

O diálogo começa com Apolo a perguntar a seu pai, Zeus, se era verdadeiro um facto que se dizia ter acontecido nos Jogos Olímpicos, em que um homem já velho se teria imolado publicamente pelo fogo — referência ao filósofo cínico Peregrino<sup>459</sup>. Claro que era verdade, e Zeus bem se recordava, ainda nauseado, do horrível pivete a carne humana grelhada!

Quando Zeus estava prestes a reproduzir o discurso de Peregrino às massas espantadas, eis que se aproxima a toda a pressa uma criatura toda agitada e lavada em lágrimas, com o ar de injustiçada — era a Filosofia em pessoa. Esta personagem queixa-se amargamente de certos charlatães ignorantes, “*uns certos fulanos, a meia distância entre os populares e os filósofos, que são muito semelhantes a nós no aspecto exterior, no modo de olhar, na maneira de andar e na maneira de vestir. Então dizem-se alistados sob o meu comando, inscrevem-se sob o meu nome, e dizem ser nossos ouvintes, nossos discípulos e nossos sequazes; a sua vida, porém, é completamente abominável, cheia de ignorância, de insolência e de deboche, um ultraje nada insignificante contra nós. Por ter sido ultrajada, sim, ó meu pai, mas por esses fulanos, é que eu fugi [de lá]*” (§4). É também, sem tirar nem pôr, a opinião de Luciano...

Fica decidido que a Filosofia, Hermes e Hércules vão procurar esses falsos filósofos e lhes apliquem o devido correctivo. Surge então Orfeu, filho de Calíope, que se dispõe a mostrar

---

<sup>459</sup> ... Peregrino, de cuja morte Luciano foi testemunha e que descreveu em *A Morte de Peregrino*: v. anteriormente neste volume).

a morada onde poderão ser encontrados os charlatães... mas estes estão precisamente a sair de casa, pelo que não é preciso sequer bater à porta.

Juntam-se então as três partes: os deuses acima referidos, os amos à caça dos escravos desertores, e estes últimos, aliás acompanhados de uma mulher, que era a esposa legítima de um dos amos, aparentemente convertida à vida filosófica, mas que, afinal (ajuste de última hora!), tinha sido raptada precisamente por escravo lá de casa, um tal Cântaro, o “Escaravelho”.

Justiça divina, e final: A mulher é devolvida ao marido, e os três escravos fugitivos recebem a merecida punição, de que destaque somente a última, aplicada ao escravo Cântaro (“Escaravelho”): *“Em primeiro lugar, que seja entregue aos depiladores, para que as amargue ao ser depilado e, logo a seguir, fique besuntado com aquele [tipo de] alcatrão de uso feminino; e depois, que seja levado ao [cimo do] Hemo, todo nu, e que fique sobre a neve e com os pés amarrados.”*

Mais uma vez, a juntar a tantas outras, Luciano insurge-se, não contra os venerandos e autênticos filósofos, que fazem coincidir o seu comportamento íntimo com as sua doutrinas, mas sim contra aqueles charlatães, em quantidades cada vez maiores, que conspiram a nobreza do magistério filosófico, que tem por finalidade “domesticar” as primitivas inclinações irracionais da Humanidade. Está aqui expressa a função moderadora, suavizadora, enfim... civilizadora da Filosofia.

Mesmo a personagem que serve de arranque a este diálogo, o filósofo cínico Peregrino, entrava, na obra *A Morte de Peregrino*, neste grupo de charlatães oportunistas, mas aqui é razoavelmente poupado. De facto, Apolo pergunta, ou exclama, a seu respeito: *“Era um velhote assim tão bom, que não merecia morrer pelo fogo?!”*, ao que Zeus (afinal, Luciano algo arrependido!) responde, ou comenta: *“Sim, talvez fosse...”*.

## Os FUGITIVOS

### PERSONAGENS DO DIÁLOGO:

APOLO, ZEUS, FILOSOFIA, HÉRACLES, HERMES, HOMENS (AMOS), UMA MULHER, ORFEU

1. APOLO — Ó meu pai, é verdade o que dizem, que um fulano<sup>460</sup> se lançou no fogo, em plenos Jogos Olímpicos, um homem já velho, que não era um vulgar charlatão neste gênero de coisas? Quem me contou foi Selene<sup>461</sup>, que afirma tê-lo visto a arder.

ZEUS — Sim, Apolo, é inteiramente verdade. Quem me dera que tal nunca tivesse ocorrido!<sup>462</sup>

APOLO — Era um velhote assim tão bom, que não merecia morrer pelo fogo?!<sup>463</sup>

ZEUS — Sim, talvez fosse... Mas eu é que ainda tenho na lembrança o que nessa altura padeci, devido ao horrível pivete a carne estorricada<sup>464</sup>, como era natural que se exalasse de corpos humanos a serem grelhados. Então, se não fosse imediatamente a correr para a Arábia<sup>465</sup>, arriscava-me — fica sabendo — a morrer<sup>466</sup> com aquela fumarada horrenda. Mesmo assim, apesar de tanto perfume, da abundância de aromas e de incenso de todas as qualidades, as minhas narinas bem queriam deixar de sentir e esquecer a peste que era aquele pivete. Mas até mesmo agora, pouco falta para ter náuseas, só de me lembrar desse cheiro.

---

<sup>460</sup> “um fulano”, o filósofo cínico Peregrino; v., neste volume, *A Morte de Peregrino*.

<sup>461</sup> Selene, gr. *Selḗnē* (Σελήνη) é a Lua. V. §36, em que se diz que a cerimônia começou ao nascer da lua.

<sup>462</sup> Antecipando, o leitor verá, a seguir, o verdadeiro motivo...

<sup>463</sup> O texto não permite interpretar a frase como sendo exclamativa, mas, pelo contexto, vê-se que Apolo não conhecia a criatura... No caso de se tratar de uma exclamação, a fala seguinte de Zeus constituiria, não uma resposta, mas um comentário.

<sup>464</sup> “estorricada”, de *torrar*; ou “esturricada”, de *esturro*.

<sup>465</sup> A Arábia era tradicionalmente o país dos bons e variados odores.

<sup>466</sup> Esta de Zeus “morrer” deve ser entendida como na nossa expressar *morrer de inveja, ... de sede...*, sem o sentido literal..., a menos que seja uma piada de... Luciano. Em todo o caso, recorde-se que os Cretenses mostravam aos turistas o túmulo de Zeus!

2. APOLO — Mas, ó Zeus, que é que ele pretendia, ao atentar contra a sua pessoa? Ou que vantagem, por se lançar na fogueira e ser reduzido a carvão?

ZEUS — Ó meu filho, isso é uma acusação que tu devias fazer a Empédocles, o qual se lançou, antes dele, nas crateras lá da Sicília<sup>467</sup>.

APOLO — Referes-te a uma terrível melancolia<sup>468</sup>. Mas este fulano... que motivo terá tido para tal desejo?

ZEUS — Vou citar-te o discurso que ele dirigiu à assistência de visitantes, a fim de justificar perante eles a sua morte. Na verdade, ele disse, se bem me recordo...

3. ... Mas... quem é esta criatura que se aproxima a toda a pressa, toda agitada e lavada em lágrimas, com o ar de injustiçada?... Sim, sim, é a Filosofia, e grita pelo meu nome, em tom lamentoso. Então porque choras, minha filha? Porque é que abandonaste a terra e vens até aqui? Terão porventura os ignorantes maquinado qualquer conspiração contra ti, como no passado, quando mataram<sup>469</sup> Sócrates, acusado por Ânito, e tu agora, por isso, foges deles?

FILOSOFIA — Nada disso, meu pai, mas aqueles outros, a maioria do povo, elogiavam-me e tinham-me em grande consideração, respeitavam-me e admiravam-me, e quase me adoravam, embora não entendessem nada do que eu digo. Mas aqueles... — como chamar-lhes? —... os que se gabam de serem meus familiares e amigos, esses é que me fizeram coisas horrendas.

4. ZEUS — Será que os filósofos empreenderam alguma maquinação contra ti?

FILOSOFIA — De maneira nenhuma, meu pai; esses até foram ofendidos juntamente comigo.

ZEUS — Então por quem é que tu foste ofendida, uma vez que não te queixas nem dos populares nem dos filósofos?

---

<sup>467</sup> Empédocles lançou-se para dentro do vulcão do monte Etna.

<sup>468</sup> “melancolia”, gr. *melankholía* (μελαγχολία), ou seja, “bílis negra”, “humor negro”, referência à teoria dos humores, que determinava o temperamento das pessoas.

<sup>469</sup> “mataram”, *apékteinan* (ἀπέκτειναν), é o que está no texto! Claro que os membros do júri não mataram por suas próprias mãos, mas votaram a condenação à morte de Sócrates.

FILOSOFIA — É que... ó Zeus, há uns certos fulanos, a meia distância entre os populares e os filósofos, que são muito semelhantes a nós<sup>470</sup> no aspecto exterior, no modo de olhar, na maneira de andar e na maneira de vestir. Então dizem-se alistados sob o meu comando, inscrevem-se sob o meu nome, e dizem ser nossos ouvintes, nossos discípulos e nossos sequazes; a sua vida, porém, é completamente abominável, cheia de ignorância, de insolência e de deboche, um ultraje nada insignificante contra nós<sup>471</sup>. Por ter sido ultrajada, sim, ó meu pai, mas por esses fulanos, é que eu fugi [de lá].

5. ZEUS — Isso é horrível, minha filha... Mas em que é que, precisamente, eles te ultrajaram?

FILOSOFIA — Vê lá bem, meu pai, se é coisa de somenos. Na verdade, ao veres lá em baixo a vida humana cheia de injustiça e de violações à lei, entregue à grosseria e à insolência e transtornada pelos homens, tu, compadecido do género humano, que estava a ser arrastado pela ignorância, enviaste-me lá abaixo, com a missão de fazer com que eles deixassem de ser injustos uns com os outros, de ser violentos e de viver semelhantes aos animais, e que, pelo contrário, pusessem os olhos na verdade e vivessem pacificamente em sociedade. Então, ao enviares-me lá abaixo, disseste-me: *“Minha filha, tu própria estás vendo o que os homens fazem e como se comportam devido à sua ignorância. Por ter piedade deles, escolhi-te a ti, de entre todos nós, pois julgo que és a única capaz de tratar da situação, pelo que te envio, a fim de os curares.”*

6. ZEUS — Bem sei que nessa altura te disse isso e outras coisas do género. Mas agora conta-me cá, por um lado, como é que eles te receberam, ao desceres pela primeira vez [à terra], e, por outro lado, que ofensas sofreste agora da parte deles.

FILOSOFIA — Dirigi-me rapidamente, meu pai, não directamente ao país dos Gregos, mas, por me parecer o mais difícil da minha missão, quer dizer, educar e instruir os Bárbaros, entendi executar primeiro essa parte. Então, deixei de lado o povo grego, como sendo mais fácil de domar e que — pelo menos assim julgava — mais rapidamente aceitaria o freio e se

---

<sup>470</sup> “a nós”, ou seja, à Filosofia e aos filósofos, ou então o chamado *plural majestático* = “a mim”.

<sup>471</sup> “contra nós”: V. nota *supra* a “semelhantes a nós”.

submeteria ao jugo. E tendo avançado em primeiro lugar para a terra dos Indianos, o povo mais numeroso da terra, não me foi difícil persuadi-los a descerem dos elefantes e conviverem comigo, de tal modo, que toda uma nação, a dos Brâmanes, que faz fronteira com os Necreus e com os Oxídracas, toda ela me está submetida, e eles vivem segundo os meus preceitos, são estimados por todos os seus vizinhos e morrem de uma forma de morte completamente extraordinária.

7. ZEUS — Referes-te aos *gimnosofistas*<sup>472</sup>. De facto, tenho ouvido dizer a seu respeito, entre outras coisas, que sobem para uma enorme pira e se deixam queimar, sem mudarem quer a sua atitude quer o assento<sup>473</sup>. Mas isso não é assim tão grande coisa. Ainda há pouco tempo eu vi em Olímpia um caso idêntico, e é natural que tu também estivesse presente, quando o velho se imolou pelo fogo.

FILOSOFIA — Não, meu pai, não fui a Olímpia, com receio desses malditos de que te falei, pois via muitos deles a dirigirem-se para lá, a fim de insultarem os que ali haviam afluído e encherem as traseiras [do templo] com os seus la-dridos... de modo que não vi como é que esse fulano morreu.

8. Então, depois dos Brâmanes, passei directamente à Etiópia, e a seguir desci até ao Egipto, onde, depois de contactar com os seus sacerdotes e com os seus profetas e de os ter instruído em matéria divina, parti para Babilónia, a fim de iniciar os Caldeus e os Magos. A seguir, passei daí para a Cítia, e depois para a Trácia, onde me relacionei com Eumolpo e com Orfeu, que enviei para a Grécia como meus precursores, um deles, Eumolpo, para os iniciar nos mistérios — pois foi instruído por mim em todas as coisas divinas —, e o outro para os trazer até mim através da música. E eu segui logo na sua peugada.

9. Quando pela primeira vez surgi entre os Gregos, estes nem me receberam muito bem, nem me rejeitaram por completo;

---

<sup>472</sup> “*gimnosofistas*” (adaptação port. obrigatoriamente com -ss-), gr. (pl.) *gūmnosofistai* (γυμνοσοφισταί), sábios indianos que não usavam roupa.

<sup>473</sup> “assento”, gr. *kathédra* (καθέδρα), armado do alto da pira, em forma de cadeira ou de trono. Luciano, em *A Morte de Peregrino*, (§25) refere antes a posição de “deitado”. Imagino que esta última “versão” seja uma pequena correção...



mas, a pouco e pouco, à força de lhes falar, fui agregando a mim, de entre todos, sete companheiros e discípulos<sup>474</sup> — um de Samos, outro de Éfeso, outro de Abdera... muito poucos...

10. Depois destes, não sei como, começou a crescer à minha volta a tribo dos sofistas, os quais, sem aderirem em profundidade aos meus preceitos, mas também sem destoarem [deles], eram como a raça dos Hipocentauros<sup>475</sup>, híbrida e misturada, uma metade composta de charlatanice, e outra de Filosofia; sem se apegarem completamente à ignorância, mas também incapazes de me contemplar com [os] olhos fixos [em mim], eram como remelosos<sup>476</sup> que, devido à sua fraca vista, viam, uma vez por outra, uma imagem minha, indistinta e obscura, ou apenas uma sombra, mas já estavam convencidos de que entendiam tudo na perfeição. Foi daí que despontou entre eles essa famosa “ciência”, inútil e supérflua, mas — como eles próprios cuidavam — irrefutável, ou seja, as suas respostas engenhosas, embaraçosas e absurdas, bem como as suas perguntas sem saída ou labirínticas<sup>477</sup>.

11. Combatidos e refutados pelos meus amigos, ficaram indignados e juntaram-se todos contra eles, até que, por fim, conseguiram levá-los aos tribunais e fazê-los beber a cicuta<sup>478</sup>.

---

<sup>474</sup> São os sete sábios. Na lista de Platão: Tales de Mileto, Pítaco de Mitilene, Bias de Priene, Sólon de Atenas, Cleobulo de Lindo(s), Míson e Quílon... Aqui a Filosofia menciona três que não constam dessa lista: Pitágoras de Samos, Heraclito de Éfeso e Demócrito de Abdera. Aliás, a lista dos “sete” sábios variava segundo quem a estabelecia, pelo que, somando todos os nomes, passavam da dezena.

<sup>475</sup> Seres mitológicos homens na parte superior, e cavalos na inferior.

<sup>476</sup> Cf. Aristófanes, *Nuvens*, 327 (fala de Sócrates a Estrepsíades): “*Bem, agora de certeza que já as vê[s] [às Nuvens]... a menos que tenhas umas remelas do tamanho de abóboras.*”

<sup>477</sup> Temos aqui uma definição lapidar dos sofistas, ou, pelo menos, da ideia que deles geralmente se fazia... como se Sócrates, Platão e quejandos não tivessem também um tipo de discussão (a dialéctica) cheio de armadilhas e falácias.

<sup>478</sup> Esta de “beber a cicuta” aplica-se a Sócrates, mas não pode ser generalizada. Mesmo assim, não foram propriamente os sofistas que levaram Sócrates a tribunal, mas sim os seus inimigos políticos. De facto, apesar da “amnístia de Euclides”, havia sempre maneira de atacar os adversários da véspera, a pretexto de crimes que estavam fora da amnistia... como foi o caso do processo de Sócrates, acusado de corromper a juventude e introduzir novos deuses na cidade... ..

Talvez eu devesse, nessa ocasião, sair imediatamente [da cidade], para não ter de aturar a convivência com esses tipos. Mas foi então que Antístenes<sup>479</sup>, Diógenes e, pouco depois, Crates e o famoso Menipo me persuadiram a prolongar a minha estada [na terra]... Oxalá não o tivesse feito, pois não teria sofrido mais tarde tantos ultrajes.

12. ZEUS — Mas, ó Filosofia, ainda não me disseste em que é que foste ultrajada, mas apenas te dizes indignada.

FILOSOFIA<sup>480</sup> — Pois então, ó Zeus, vai escutando quão graves são [os ultrajes]. Na verdade, existe uma maldita raça de homens, na sua maioria escravos e assalariados, que desde a sua infância não se relacionaram comigo, por falta de tempo, uma vez que serviam como escravos ou trabalhavam por um salário, ou aprendiam ofícios próprios de tais pessoas, como, por exemplo, o de sapateiro, de carpinteiro, de pisoeiro, de cardadores de lã para as mulheres mais facilmente fiarem e tecerem e para correr mais suavemente quando elas virassem a lançadeira ou fiassem o fio [no fuso]. Ocupados, pois, desde pequenos nestas actividades, nem sequer conheciam o meu nome. Quando, porém, atingiram a idade adulta e viram o grande respeito de que os meus companheiros gozavam por parte da multidão, como as pessoas toleravam a sua franqueza de linguagem, se compraziam em merecer a sua atenção, obedeciam aos seus conselhos e se submetiam às suas censuras, passaram a considerar que tudo isso<sup>481</sup> constituía um poderio nada insignificante.

13. Ora, por um lado, aprender tudo quanto é necessário para [exercer] esta profissão exigiria longo tempo, ou melhor, seria completamente impossível; por outro lado, os seus ofícios, humildes e penosos, mal poderiam bastar à sua subsistência. Mas para alguns a servidão afigurava-se (e é realmente) uma coisa pesada e insuportável. Então, pensando bem, resolveram

---

<sup>479</sup> Antístenes, discípulo e amigo de Sócrates, foi o fundador da Escola Cínica, Diógenes, Crates e Menipo são figuras de proa da mesma Escola.

<sup>480</sup> Começa aqui, e vai até ao §21, uma longa exposição da Filosofia, que, naturalmente, reflecte a posição de Luciano.

<sup>481</sup> “tudo isso”, “todas essas coisas”, ou seja, a Filosofia; “um poderio”: o texto diz “uma tirania”... mas *tirania* e *tirano* têm aqui o sentido mais suave de “poder absoluto”, “grande poder”, sem a carga pejorativa que ganhou, já desde a Antiguidade.

lançar a derradeira âncora, a ‘*âncora sagrada*’, como dizem os marinheiros, e rumaram ao porto da excelente amiga Desesperança; e tendo chamado também a si a Temeridade, a Ignorância e a Impudência, que lutam geralmente a seu lado, e tendo imaginado novas formas de insultos, a fim de os terem ali à mão e mesmo na ponta da língua, tinham estas personalidades<sup>482</sup> como suas únicas marcas distintivas — estás a ver o tipo de apetrechos adequados à Filosofia?! —, e então disfarçavam-se e mascaram-se de forma que se pareçam bem comigo, tal como, segundo diz Esopo, fez o burro de Cime, o qual, tendo vestido uma pele de leão e tendo-se posto a zurrar horrivelmente, pretendia fazer-se passar por leão... e é possível que houvesse quem acreditasse nele!<sup>483</sup>

14. A nossa actividade é, como sabeis, extremamente acessível e fácil de imitar — refiro-me ao que está à vista —, e não requer muitos incómodos... apenas envergar um manto, pôr um alforge a tiracolo, ter um cajado na mão e berrar, ou melhor, zurrar ou ladrar e insultar toda a gente. De facto, o respeito pelo seu aspecto exterior bastava para lhes oferecer a garantia de não lhes acontecer por isso nenhum mal. A franqueza de linguagem saía-lhes espontânea, mesmo contra a vontade dos seus amos, os quais, se pretendessem levá-los a tribunal, seriam sovados à cajadada. A comida deixou de ser escassa, e já não era, como dantes, [um pedaço de] pão de cevada seco, e o acompanhamento deixou de ser peixe salgado ou cebola brava<sup>484</sup>, mas sim toda a qualidade de carne e vinho do mais delicioso; e quanto a dinheiro, obtinham-no de quem quer que fosse. De facto, indo de casa em casa, cobram dinheiro, ou, como eles dizem, “*tosquiam as ovelhas*”, convencidos de que muitos lhes darão, quer por respeito pelo seu aspecto exterior, quer por receio de ouvir palavras desagradáveis.

15. Além disso, viam, julgo eu, que poderiam colocar-se em pé de igualdade com os verdadeiros filósofos, pois não haveria ninguém para julgar e avaliar essa matéria, uma vez

---

<sup>482</sup> “estas personalidades”: a Temeridade, a Ignorância e a Impudência.

<sup>483</sup> Na fábula de Esopo (nº 267 de “Les Belles Lettres”) é a raposa que o desmascara pela voz (Cf. o provérbio: “*Gato escondido com o rabo de fora*”).

<sup>484</sup> “cebola brava”, gr. *thúmos* (θύμος), que aqui não significa “tomilho”; a cebola era o acompanhamento habitual da comida dos pobres.

que o exterior (mas só ele) é igual. Para já, não admitem que os ponham à prova, e se alguém os interroga com bons modos e com perguntas curtas, logo se põem a gritar e se refugiam na sua “cidadela”, [ou seja,] o insulto e o cajado pronto [a usar]. Se tu lhes perguntares pelas suas obras, respondem-te com um grande palavreado; e se pretenderes avaliá-los pelo palavreado, pretendem que tu olhes antes para o seu modo de vida.

16. Deste modo, todas as cidades estão<sup>485</sup> pejadas desta cambada, especialmente de tipos que se reclamam de Diógenes, de Antístenes ou de Crates e servem nas fileiras do cão<sup>486</sup>, eles que não imitam, de maneira nenhuma, o aspecto útil que pertence à natureza dos cães, como a vigilância, o sedentarismo caseiro<sup>487</sup>, a fidelidade ao seu dono e a gratidão, mas sim o seu ladrar, a gulodice, a rapacidade, a lascívia permanente, a lisonja, o dar ao rabo para quem lhes dá algo, o andar sempre à roda da mesa... isso sim, isso fazem eles sempre na perfeição.

17. Assim sendo, verás, dentro em breve, o que vai acontecer. Sim, esses tipos saltarão todos para fora das oficinas e deixarão os ofícios sem ninguém, quando virem que, penando e trabalhando de manhã até à noite, dobrados sobre as obras, mal conseguem viver desse trabalho assalariado, enquanto uns tipos preguiçosos e vigaristas vivem na abundância de tudo, exigem de maneira arrogante e recebem prontamente, ficam furiosos se não lhes derem<sup>488</sup>, e só se lhes derem é que profere elogios. Este modo de vida parece-lhes como no tempo de Crono<sup>489</sup>, e que o próprio mel fluirá espontaneamente do céu para as suas bocas.

---

<sup>485</sup> “todas as cidades”, ou “cada cidade”, e não — creio eu — “toda a cidade”: *pāsa pólis* (πάσα πόλις), e não *pāsa hē pólis* (πάσα ἡ πόλις). Aliás, os cínicos não paravam muito tempo no mesmo sítio (v. *infra*, nota a “sedentarismo caseiro”).

<sup>486</sup> O termo “cão”, gr. *kúōn* (tema *kūn-*) é a base do adj. *kūnik-os* (κυνικός), “canino”, “próprio de cão”. A designação de *cão* era mesmo um título de honra dos... caninos, ou seja, dos cínicos.

<sup>487</sup> “sedentarismo caseiro”, gr. *tò oikourikón* (οἰκουρικόν), referência ao nomadismo dos cínicos, homens sem eira nem beira, que se diziam e se sentiam “cidadãos do mundo”, “cosmopolitas”, *toû kósmou polítai* (τοῦ κόσμου πολῖται).

<sup>488</sup> “se não lhes derem”: O texto diz “se não receberem”; o mesmo a seguir: “se lhes derem”; no texto, “se receberem”.

<sup>489</sup> “no tempo de Crono”, na chamada “Idade do Ouro”, em que os humanos viviam no meio da máxima felicidade; a terra dava tudo

18. Mas o caso seria menos grave, se eles, mesmo sendo como são, não nos ultrajassem. Os fulanos, porém, que exteriormente e em público parecem muito venerandos e graves, se acaso topam um formoso rapazinho ou uma linda mulher, que eles esperam... Bem, é melhor guardar silêncio sobre o que eles fazem... Mas alguns raptam as mulheres dos seus hóspedes, a fim de terem relações adúlteras com elas, a exemplo do famoso jovem de Ílion<sup>490</sup>, mas também para as porem a... estudar filosofia. Depois, põem-nas em comum à disposição de todos os seus amigos, convencidos de que estão a pôr em prática certa doutrina de Platão<sup>491</sup>, sem saberem em que sentido é que esse grande santo considerava as mulheres comuns [a todos].

19. Sobre a maneira como eles se comportam nos festins e como se embriagam, seria uma história longa de contar. E procedem assim — dá para acreditar?<sup>492</sup> —, ao mesmo tempo que eles próprios censuram a embriaguez, o adultério, a libertinagem e a avareza. Na verdade, não poderias encontrar uma coisa mais contrária a outra, do que as suas palavras e os seus actos. Por exemplo, afirmam odiar a lisonja, mas em matéria de lisonja são capazes de ultrapassar Gnatónides e Estrútias<sup>493</sup>. Apesar de exortarem os outros a dizer sempre a verdade, não seriam capazes de mover sequer a língua sem dizer uma mentira. Para todos eles, o prazer é, em teoria, uma coisa odiosa, e Epicuro é seu adversário, mas na prática fazem tudo para o alcançar. São mais impertinentes, rabugentos e irritadiços que os bebés recém-nascidos. São mesmo motivo de riso para quem os observa, quando o mais pequeno motivo lhes faz ferver a bílis e ganham uma tez pálida, ficam com um olhar insolente e esbualhado e com a boca cheia de espuma, ou melhor, de veneno.

---

espontaneamente, reinava a Justiça, etc., etc.

<sup>490</sup> O “famoso jovem de Ílion” é Páris, que raptou Helena, esposa de Menelau, façanha que deu origem à guerra de Tróia.

<sup>491</sup> Platão preconizava, para a sua República ideal, a comunidade dos bens e a comunidade das mulheres (*República*, V, 459 E).

<sup>492</sup> Recordo que Zeus é o ouvinte deste longo discurso da Filosofia.

<sup>493</sup> “Gnatónides e Estrútias” são nomes de parasitas da chamada “Comédia Nova”, cujo autor mais famoso foi Menandro (342-292 a.C.).

20. “... Não estejas presente, quando...”<sup>494</sup>... eles vomitarem aquele lodo imundo<sup>495</sup>: “Não aspiro a possuir, ó Hércules, nem ouro nem prata; um óbolo me basta, para comprar tremoços; e uma nascente ou um rio dar-me-ão de beber.” Mas pouco depois, pedem, não óbolos nem umas poucas dracmas, mas fortunas inteiras. Assim, qual seria o negociante que retiraria da carga [de um navio] tanto dinheiro, como o lucro que a filosofia proporciona a estes fulanos? Depois, assim que tiverem amealhado uma soma de dinheiro suficiente para se manterem, largam aquele miserável manto e adquirem quintas, vestes das mais macias, escravos de longa cabeleira e bairros inteiros, dizendo um longo adeus ao alforge de Crates, ao manto de Antístenes e ao tonel de Diógenes.

21. E as pessoas comuns, ao verem isto, agora escarram<sup>496</sup> para a Filosofia, cuidam que todos são desta laia e acusam o meu magistério, de tal modo, que já desde há muito tempo se me tem tornado impossível atrair um único [discípulo] sequer, mas, pelo contrário, acontece-me o mesmo que a Penélope: À medida que vou tecendo, logo [a obra] se me vai desfazendo. Então a Ignorância e a Injustiça fartam-se de rir, ao verem a minha obra sempre inacabada e a minha canseira sem fim.

22. ZEUS — Ó deuses! Que grandes ofensas tem recebido a nossa Filosofia da parte desses malditos! Portanto, é tempo de ver o que se deve fazer e como devemos puni-los. Na verdade, o raio dispara um único golpe, e a morte é demasiado rápida.

APOLO — Mas eu vou dar-te uma sugestão, meu pai. Realmente, também eu passei a odiar esses charlatães alheios às Musas, por amor das quais fiquei indignado. Ora, esses fulanos não são de maneira nenhuma dignos nem do teu raio, nem da tua mão direita<sup>497</sup>. Se achas bem, manda-lhes antes lá

---

<sup>494</sup> Parte de um verso da *Odisseia*, XII, 106, onde a feiticeira Circe avisa Ulisses, para que não esteja perto, quando o rochedo de Caríbdis sugar a água (o que faz três vezes por dia... Aqui, há que evitar esses pseudofilósofos armados em cínicos desbocados.

<sup>495</sup> “lodo imundo” é só uma palavra: *bórboros* (Βόρβορος).

<sup>496</sup> “escarram”, melhor “escarram para o chão”, *kataptúousin* (καταπτύουσιν), gesto de repúdio, real, e não (somente) metafórico.

<sup>497</sup> “nem do teu raio, nem da tua mão direita” é uma espécie de *hendíadis*, ou seja, uma ideia separada em duas expressões: (dignos) “do teu raio disparado pela tua mão direita”.

abaixo, com plenos poderes para os punir, aqui o Hermes, o qual, versado como é em argumentação, depressa distinguirá os verdadeiros filósofos daqueles que o não são, e então louvará uns, como é natural, enquanto outros serão punidos caso a caso, conforme ele entender.

23. ZEUS — Dizes bem, Apolo. Mas tu também, ó Héracles, juntamente com a própria Filosofia... ide [todos] à terra o mais depressa possível. Sim, considera que vais executar o teu décimo terceiro trabalho<sup>498</sup> ... que não é fácil, se conseguires exterminar essas feras malditas e desavergonhadas.

HÉRACLES — No entanto, meu pai, antes queria limpar pela segunda vez o esterco [dos estábulos] de Augias<sup>499</sup>, do que envolver-me com esses tipos... Mesmo assim, partamos.

FILOSOFIA — É contra a minha vontade, mas acompanho-te, de acordo com a vontade de meu pai.

24. HERMES — Desçamos então, a fim de esmagarmos ainda hoje uns quantos desses tipos... Para que lado devemos seguir, ó Filosofia? Sim, tu é que sabes onde eles se encontram... Na Grécia, obviamente...

FILOSOFIA — De maneira nenhuma, ó Hermes... ou são muito poucos os verdadeiros filósofos. Os outros não querem nada com a pobreza ática, mas onde se extrai muito ouro e muita prata, é aí que devemos procurá-los.

HERMES — Nesse caso, devemos ir directos à Trácia

HÉRACLES — Dizes bem, e eu indicar-vos-ei o caminho, pois conheço toda a Trácia, por lá ter ido com muita frequência... Viremos, pois, por este caminho.

HERMES — Que caminho é que dizes?

25. HÉRACLES — Estais vendo<sup>500</sup>, Hermes e Filosofia, duas montanhas, as mais altas e mais belas de todas (a mais alta é o monte Hemo<sup>501</sup>, e na parte oposta fica Ródope), e uma

---

<sup>498</sup> “décimo terceiro trabalho”, a juntar aos Doze da tradição mitológica.

<sup>499</sup> “Augias” (ou Augeias), rei da Élide, cujos estábulos, com 3.000 bois, não foram limpos durante trinta anos. Foi Héracles que se encarregou da tarefa, fazendo passar neles o rio Alfeu...

<sup>500</sup> Héracles vai descrever uma vasta área geográfica, fácil de abarcar, pelo facto de essas divindades estarem num local altíssimo: o Olimpo.

<sup>501</sup> Hemo, nos Balcãs. Ródope (na actual Bulgária), ramificação dos Balcãs.

planície muito fértil entre ambas, que começa a partir do sopé de cada uma, e ainda três colinas que se elevam muito belas na sua rudeza, como [se fossem] muitas acrópoles da cidade situada mais abaixo? Também se vê daqui a cidade.

HERMES — Por Zeus!, ó Héracles, é a maior e mais bela de todas. Realmente a sua beleza brilha cá de longe, e um grande rio passa-lhe ao lado, rasando-a de muito perto.

HÉRACLES — O rio é o Hebro<sup>502</sup>, e a cidade é obra do famoso Filipe<sup>503</sup>... Mas eis que já estamos perto do solo e abaixo das nuvens; portanto, desçamos, e boa sorte!

26. HERMES — Assim seja! E agora, que devemos fazer? Como encontrar a pista das feras?

HÉRACLES — Essa tarefa pertence-te a ti, ó Hermes, Sim, tu é que és o arauto, por isso despacha-te e faz a proclamação.

HERMES — Não custa nada... só que não sei os seus nomes. Portanto tu, Filosofia, vai dizendo os nomes dos que eu devo chamar, bem como a identificação adicional.

FILOSOFIA — Eu também não sei ao certo como é que eles se chamam, pois não tenho tido qualquer contacto com eles. No entanto, com base no desejo que eles têm de *possuir*, não errarás, se lhes chamares<sup>504</sup> *Ctésones*, *Ctesipos*, *Ctésicles*, *Euctémones*, *Polictetos*...

27. HERMES — Dizes bem... Mas... quem são estes homens? E porque estão eles a olhar à sua volta? Mais ainda, ei-los que se aproximam e querem perguntar-nos alguma coisa.

UM HOMEM — Meus senhores, e tu, excelente senhora, podeis dizer-nos se viram por aí três charlatães e com eles uma mulher com a cabeça rapada até ao coiro, à maneira lacedemónica, de aspecto másculo e completamente viril?

FILOSOFIA — Ena pai! Estes tipos procuram mesmo os nossos homens.

---

<sup>502</sup> “Hebro”, rio da Trácia, hoje *Mariza*. Não confundir com *Ebro*, rio de Espanha.

<sup>503</sup> Filipe, rei da Macedónia. A cidade é *Filipópolis* ou (nome latino) *Trimontium*, ou (nome búlgaro) *Plovdiv*.

<sup>504</sup> Os nomes, que existem no singular (o último, que só ocorre como adjectivo) vão no plural, como nós dizemos *os Antónios*...; no singular: *Ctésón*, “possuidor”; *Ctesipo*, “possuidor”; *Ctésicles*, “possuidor de glória”; *Euctémon*, “possuidor de bens”; *Policteto*, “que possui muito”.



HOMEM — Como os vossos homens? Na verdade, eles são todos escravos fugitivos<sup>505</sup>. Mas quem nós procuramos é especialmente a mulher que eles escravizaram.

HERMES — Já ides saber por que motivo também nós os procuramos, mas agora deixa-me cá fazer a proclamação geral.

“*Se alguém vir um escravo paflagónio, um desses bárbaros de Sinope, que tem um nome formado com base em ktē<sup>506</sup>, de tez amareleta, cabeça rapada até ao coiro, barba comprida, alforge a tiracolo e envergando um manto curto, um sujeito irascível, grosseiro, de voz áspera e de língua desbragada, que nos informe, e receberá alvissaras.*”

28. PRIMEIRO AMO — Ó meu amigo, isso que estás a anunciar não condiz... O [escravo] que estava em minha casa chamava-se Cântaro<sup>507</sup>, tinha cabelos compridos, rapava a barba e conhecia bem o meu ofício, pois estava ocupado, lá na minha pisoaria<sup>508</sup>, onde “tosquiava” o excesso de pêlos que sobressaíam dos mantos.

FILOSOFIA — É esse mesmo, o teu servo, mas o tipo... “*pisoou-se*”<sup>509</sup>, e agora parece tal e qual um filósofo.

PRIMEIRO AMO — Mas que atrevimento! O Cântaro deu em filósofo, diz [ela], e nem sequer me avisou!

SEGUNDO AMO — Não te dê cuidado, havemos de apanhá-los a todos, pois esta [senhora], segundo ela diz, conhece-os bem.

29. HERMES<sup>510</sup> — Mas... ó Hércules, quem é aquele outro que aí vem, um tipo formoso, que traz uma lira?

---

<sup>505</sup> “escravos fugitivos”: a ideia de “escravo” está contida no subst. *drapétai* (δραπέται), “fugitivo”, “desertor” (de casa do seu senhor).

<sup>506</sup> *ktē* (κτη-), do verbo *ktáō* (κτάω), “possuir”; v. §26, fim).

<sup>507</sup> “Cântaro”, *Kántharos* (Κάνθαρος), como substantivo comum significa (entre outras coisas) “escaravelho”.

<sup>508</sup> “pisoaria”, oficina de *pisoagem*, do *pisoeiro*; verbo *pisoar*. No entanto, os dicionários que consultei não registam *pisoaria*, que arrisco claramente.

<sup>509</sup> “pisoou-se”, termo técnico, tomado aqui metaforicamente: em vez de *pisoar os panos*, *pisoou-se...* a si mesmo...

<sup>510</sup> Alguns editores atribuem esta fala à Filosofia...

HÉRACLES — É Orfeu, meu companheiro de viagem na Argo<sup>511</sup>, o mais melodioso de todos os mestres de remadores<sup>512</sup>. E a verdade é que, com o som da sua melodia, os remadores fatigavam-se muitíssimo pouco... Eu te saúdo, caro Orfeu, o mais genial dos músicos. É claro que não te esqueceste de Héracles.

ORFEU — Também eu vos saúdo, a vós, Filosofia, Héracles e Hermes... Mas é tempo de me pagardes as alvíssaras, pois eu conheço muito bem aquele que vós procurais.

HERMES — Então indica-nos cá, ó filho de Calíope, onde é que ele está. Na verdade, sábio como és, não necessitas de dinheiro.

ORFEU — Dizes bem. A casa onde ele mora, eu posso indicar-vo-la, mas não a própria pessoa, para não ouvir insultos da sua parte. De facto, o fulano é um patife na quinta casa, e é essa a sua única especialidade.

HERMES — Mostra-nos pelo menos a casa.

ORFEU — É esta já aqui... Mas eu saio de junto de vós, para não o ver.

30. FILOSOFIA<sup>513</sup> — Espera aí! Não é uma voz de mulher a recitar um passo de Homero?

HERMES — Sim, por Zeus! Mas ouçamos o que ela diz.

UMA MULHER<sup>514</sup> —

*É-me odioso aquele homem, || tanto como as portas de Hades,  
que o ouro, em seu coração, || adora mas não o diz.<sup>515</sup>*

HERMES — Nesse caso, também deves odiar Cântaro...

MULHER — ...

---

<sup>511</sup> “Argo”, fem., a nau dos *Argonautas*. É errónea a forma \*Argos; esta última é o nome de uma cidade...

<sup>512</sup> os “mestres de remadores”, *keleustai* (κελευσταί) marcavam o ritmo da remação, por vezes com requintes melódicos ou até com canções adequadas à função. Orfeu, é claro, não tinha rival em questões de harmonia musical.

<sup>513</sup> Outros editores atribuem a fala a Hermes. A fala seguinte é, por isso, atribuída à Filosofia.

<sup>514</sup> Um manuscrito diz: (UMA) FUGITIVA.

<sup>515</sup> *Iliada*, IX, 312-313.

*Fez mal ao anfitrião, || que o recebeu como amigo*<sup>516</sup>.

HOMEM — Esse verso aplica-se à minha pessoa, cuja esposa ele raptou e com quem fugiu, por tê-lo recebido [em minha casa].

MULHER — <sup>517</sup>

Ó tu, que estás do vinho entorpecido, ||  
olhos de cão e coração de gamo,  
ó tu que nada contas numa guerra, ||  
e contas para nada no Conselho,  
ó tu, Tersites, tolo no falar, ||  
e das malditas gralhas o primeiro,  
de modo tolo e desprovido de arte ||  
*atreves-te a alterar até com reis.*

PRIMEIRO AMO — Esses versos aplicam-se visivelmente a esse tratante.

MULHER — <sup>518</sup>

*Na frente é cão, e por detrás leão, || no meio, uma cabrinha;  
e do terceiro cão, horrivelmente || o odor da raiva exala.*<sup>519</sup>

31. HOMEM — Ah! Ó minha esposa, que ultrajes recebeste de tantos cães!... Até se diz que ela está grávida por obra deles.

HERMES — Tem coragem, que ela dará à luz um outro Cérbero<sup>520</sup> ou um Gérion, para que aqui o Hércules tenha mais um trabalho... Mas... eis que [os tipos] estão a sair à rua, pelo que não é preciso bater à porta.

---

<sup>516</sup> *Iliada*, III, 354 (com pequena alteração). No poema homérico, Menelau, marido de Helena, censura Páris, seu hóspede, que acabou por raptar a mulher do seu anfitrião.

<sup>517</sup> Versos de três passos da *Iliada*. Verti cada verso (cada hexâmetro) em dois versos decassílabos, separados por uma espécie de cesura. Era difícil, ao contrário do que pude fazer noutros casos, traduzir cada hexâmetro por um verso de 7 || 7 sílabas.

<sup>518</sup> A versão vai num verso de 10 || 7 sílabas.

<sup>519</sup> Versos forjados por Luciano, inspirados em *Iliada*, VI, 161-182.

<sup>520</sup> Cérbero, o cão de guarda do reino de Hades, tinha três cabeças de cão (ou cinquenta, ou cem...), cauda de serpente e dorso eriçado de cabeças de serpentes; Gérion era um gigante de três cabeças e de triplo corpo até às ancas.

PRIMEIRO AMO — Já estás filado, ó Cântaro... Então agora ficas calado? Vejamos o que contém o teu alforge... talvez tremoços, ou um naco de pão... Mas não, por Zeus! Contém mas é um cinto de ouro!

HÉRACLES — Não te admires, pois em tempos, lá na Grécia<sup>521</sup>, o fulano gabava-se de ser [filósofo] cínico, e agora é tal e qual um Crisipo, mas dentro de não muito tempo vê-lo-ás como um Cleantes, já que este patife se enforcará pela barba<sup>522</sup>.

32. SEGUNDO HOMEM — E tu aí, ó grande traste, não serás tu porventura Lecítion, o meu escravo fugitivo? Sim, é ele e não outro. Oh! Deixem-me rir! Que mais poderá acontecer, quando vemos um Lecítion<sup>523</sup> armado em filósofo?!

HERMES — Então e aqui este terceiro... será que não tem por dono nenhum de vós?

TERCEIRO HOMEM — De maneira nenhuma... Simplesmente, eu, que sou o seu dono, abandono-o de bom grado à sua má sorte.

HERMES — Mas por que motivo?

TERCEIRO HOMEM — Porque deita um pivete horrível... Nós até lhe pusemos a alcunha de “Miropno”, o ... *Perfumadinho*<sup>524</sup>.

HERMES — Ó Hércules Preservador de Males! Estás a ouvir? E depois [aparece com] alforge e cajado!... Mas... tu aí... Pega na tua mulher e leva-a<sup>525</sup>.

HOMEM — De maneira nenhuma! Não levaria comigo uma mulher grávida de um livro dos antigos.

HERMES — Como de um livro?

---

<sup>521</sup> “lá na Grécia”: Note-se que os fugitivos já se encontravam longe da Grécia; v. §33, fala de Hermes: “que regresse à Grécia com o seu marido”.

<sup>522</sup> Há aqui uma alusão clara à inconstância filosófica de Cântaro, que passa do cinismo para o estoicismo (de Cleantes e do seu sucessor Crisipo); os pormenores da alusão, contudo, escapam-nos...

<sup>523</sup> *Lēkūthiōn* (Ληκυθίων), nome de escravo (talvez forjado por Luciano), tem por base *lēkūthos* (λήκυθος), “frasco”, ou melhor, *lēkūthion* (ληκυθιον), “frasquinho”. Aqui sugere-se, portanto, “um *frasquinho* a filosofar”.

<sup>524</sup> Gr. (acusat.) *Mürópnon* (Μυρόπνον), o “*Perfumadinho*” ou “*Cheirosinho*”, no sentido de “que exala um perfume delicioso”: claro que é precisamente o contrário, donde a piada...

<sup>525</sup> “*Pega ... e leva*”, em gr., um só verbo, (imperat.) *apólabe* (ἀπόλαβε).

HOMEM — Há um desses, meu caro, é o livro [intitulado] *O [Homem de] Três Cabeças*<sup>526</sup>.

HERMES — Não é de admirar, pois também existe um [intitulado] *O [Homem de] Três Falos*<sup>527</sup>.

33. FILOSOFIA — Posto isto, cabe-te a ti, Hermes, ditar a sentença.

HERMES — Eis a minha decisão: Quanto a esta mulher, para que não dê à luz nenhum monstro nem algum policéfalo, [decido] que regresse à Grécia, para junto do seu marido; quanto a estes dois fugitivozecos<sup>528</sup>, que sejam devolvidos aos seus dois e respectivos donos, para que exerçam a sua primitiva actividade, [ou seja,] que um deles, Lecítion, continue a lavar os panos de linho sujos, e o outro, Miropno, [o *Perfumadinho*,<sup>529</sup>] que continue novamente a remendar os mantos rotos, mas que previamente sejam ambos chicoteados<sup>530</sup> com uma [vara de] malva<sup>531</sup>. Finalmente, quanto aqui a este fulano<sup>532</sup>, em primeiro lugar, que seja entregue aos depiladores<sup>533</sup>, para que as amargue

---

<sup>526</sup> Gr. *Trikáranos* (Τρικάρανος), livro atribuído a Teopompo, contra três cidades: Atenas, Esparta e Tebas.

<sup>527</sup> Gr. *Triphálēs* (Τριφάλης), comédia (perdida) de Aristófanes, provavelmente uma sátira contra Alcibíades.

<sup>528</sup> “fugitivozecos”, em gr. uma só palavra, com o sufixo diminutivo-pejorativo *drapét(ēs)-iskos*: (dual) *drapetiskō* (δραπετίσκω), “dois fugitivozinhos”, ou (tradução menos... arriscada) “misérrimos fugitivos”. O emprego do dual permite também traduzir por “este par de fugitivozecos”... mas o numeral “dois”, expresso imediatamente atrás, *tó duo toutō drapetiskō* (τὸ δύο τούτω δραπετίσκω) aconselha a usar também, em port., o numeral.

<sup>529</sup> “*Perfumadinho*”: V. nota a esta palavra, § 32.

<sup>530</sup> “sejam *ambos* chicoteados”: O dual, *mastigōthēnte* (μαστιγωθέντε) é emenda (provavelmente justa) dos manuscritos, que têm o acusat. sing. masc. *mastigōthénta* (μαστιγωθέντα), que obrigaria a considerar que só o último (Miropno) é que seria chicoteado.

<sup>531</sup> “com uma [vara de] malva”: Trata-se de uma espécie de malva de porte médio, com um caule forte, mas flexível, que poderia ser aplicado quer como bengala, quer como... cacete. Luciano refere-se, em diversas obras, a este tratamento, p. ex., *Uma História Verdídica*, § 26, fim (Nesta “minha” colecção, LUCIANO (II)).

<sup>532</sup> “este fulano” é Cântaro (o “*Escaravelho*”), atrás mencionado.

<sup>533</sup> “depiladores”: O termo grego, mais preciso (e difícil de traduzir), é (dat. pl.) *pittōtais* (πιττωταῖς), “pessoas que depilam as (por vezes *os!*) clientes, untando-as com alcatrão”, depois de uma depilação com pinças, operação que se presume dolorosa...

ao ser depilado e, logo a seguir, fique besuntado com aquele [tipo de] alcatrão de uso feminino; e depois, que seja levado ao [cimo do] Hemo<sup>534</sup>, todo nu, e que fique sobre a neve e com os pés amarrados.

CÂNTARO — Mas que grande desgraça! *Ototói! Pappapaiáx!*<sup>535</sup>

PRIMEIRO HOMEM — Porque é que metes aqui essa coisa das tuas conversas trágicas?... Bem... segue-me imediatamente a casa dos depiladores, mas primeiro despe essa pele de leão, para que [as pessoas] te conheçam como burro que és.

---

<sup>534</sup> O monte Hemo, na Trácia, ou seja, montes balcânicos.

<sup>535</sup> “*Ototói! Pappapaiáx!*” são interjeições de dor e desespero, usadas pelos trágicos, que poderíamos verter de modos diferentes. Preferi deixá-las assim mesmo, em grego, tal como são usadas pelos trágicos, em tom lancinante...

**CARIDEMO OU SOBRE A BELEZA**

(Página deixada propositadamente em branco)



## INTRODUÇÃO

Muitos estudiosos entendem, ou afirmam mesmo, que esta obra, que não consta dos melhores manuscritos de Luciano, não é deste escritor. Baseiam-se eles no fraco nível linguístico e estilístico de toda a obra. De facto, quem está habituado à linguagem límpida e *tendencialmente* ática da maior parte dos escritos de Luciano, tem aqui uma forte e desagradável sensação de que, por detrás daquele grego confuso, de sintaxe estranha e de vocabulário semanticamente forçado, está um imitador canhestro, talvez um não-grego, estudante de Retórica na sua fase inicial, ainda sem o profundo sentido da língua... quer dizer (a ideia é do filólogo Wieland)... o sírio Luciano! O presente tradutor atravessou mesmo momentos de desespero para tentar pôr em ordem aquele *puzzle* de palavras e de ideias cujo sentido nem sempre era muito fácil de apreender.

O tema da obra — a beleza — já havia sido amplamente tratado por outros, nomeadamente por Isócrates, em *Helena*. Também era natural que em muitos banquetes (*sūmpósia*: συμπόσια) surgisse este tema como assunto de discursos de diversos convivas. Do mesmo modo, o tema não deveria ser raro nos exercícios de Retórica (*progūmnásmata*: προγυμνάσματα) e até em *declamationes*, tão na moda no tempo de Luciano.

*Caridemo* ou *Sobre a Beleza* é precisamente composto como se se tratasse de três discursos pronunciados em casa de um tal Ândrocles. Este Caridemo, que dá um dos títulos à obra, foi um desses oradores. Instado por Hermipo, repete *de memória* e com a fidelidade possível, os discursos dos outros dois intervenientes, Fílon (§§6-12) e Aristipo (§§14-20) e, finalmente, o seu próprio discurso (§§22-27).

Os três discursos estão cheios de lugares-comuns, e de facto, não apresentam grande motivo de interesse literário. No entanto, deve salientar-se a possibilidade de os três discursos (todos da autoria de Luciano, é claro!) poderem constituir três exercícios sobre o mesmo tema, que Luciano teria desenvolvido em três sentidos diferentes; ou então, como sugere o último orador (Caridemo), um só discurso distribuído por três oradores. Caridemo lembra (§22) que “*esses discursos não foram pronunciados em locais diferentes, mas sim aqui e neste mesmo*

*dia, de maneira que é possível que as pessoas presentes tenham a ilusão, não de que cada orador pronuncia o seu próprio discurso particular, mas sim de que cada um deles desenvolve a sua parte do mesmo discurso”.*

## CARIDEMO OU SOBRE A BELEZA

1. HERMIPO — Ao dar ontem, ó Caridemo, o meu passeio pelos arredores da cidade, quer com o propósito de relaxar o espírito ao longo dos campos, quer por necessitar de tranquilidade — pois andava a meditar num certo assunto —, eis que encontro Próxeno, filho de Epícrates. Depois de o cumprimentar, como de costume, perguntei-lhe donde é que ele vinha e para onde se dirigia, ao que ele me respondeu, primeiro, que também vinha a esse lugar para alcançar a descontração que habitualmente se gera perante a visão dos campos, e também para fruir da brisa moderada e leve que neles sopra, e depois, que vinha dum magnífico banquete que tivera lugar no Pireu, em casa de Ândrocles, filho de Epícares, que celebrara um sacrifício de acção de graças em honra de Hermes, pelo facto de ter lido um livro [seu], que obteve a vitória nas Diásias<sup>536</sup>.

2. E [Próxeno] disse ainda que, entre outras coisas elegantes e graciosas, foram pronunciados pelos homens encómios à beleza, [encómios esses] que ele não era capaz de reproduzir, quer por falta de memória devida à velhice, quer também pelo facto de não ter assistido durante muito tempo a esses discursos; e [mais disse] que tu é que poderias facilmente recitá-los, uma vez que tu próprio pronunciaste um encómio e estiveste durante todo o banquete atento aos dos outros.

CARIDEMO — Assim aconteceu, ó Hermipo. No entanto, não me é fácil, mesmo a mim, reproduzir tudo com precisão, pois não estava em condições de escutar todos eles, devido ao muito barulho que se gerava, da parte quer dos criados, quer dos convivas... aliás, é extremamente difícil uma pessoa lembrar-se dos discursos pronunciados num banquete. Sim, tu bem sabes que isso<sup>537</sup> torna as pessoas esquecidas, mesmo as que são dotadas de grande memória. Em todo o caso, por consideração pela tua pessoa, vou tentar, na medida do possível, fazer-te a narração<sup>538</sup>, sem omitir nada de que me recorde.

---

<sup>536</sup> “Diásias”, festa em honra de Zeus, em Atenas.

<sup>537</sup> “isso”, não consta do texto, mas há uma forte sugestão ao vinho como enfraquecedor da memória.

<sup>538</sup> “a narração”... do discurso de Ândrocles.

3. HERMIPO — Por tudo isso te agradeço. No entanto, se me contasses toda a disputa desde o princípio, qual o tema do livro que Ândrocles leu, que rival é que ele venceu e que pessoas é que ele convidou para o banquete, serias credor de ainda maior gratidão [da minha parte].

CARIDEMO — No que respeita ao livro, era um encómio de Hércules, dedicado a este [deus] e — segundo dizia — resultante de um sonho. Obteve a vitória sobre Diotimo de Mégara, que concorria com ele pelas espigas [douradas]<sup>539</sup>, ou melhor, pela glória.

HERMIPO — Mas que livro é que ele leu?

CARIDEMO — Um encómio dos dois Dioscuros<sup>540</sup>. Afirmava ele que, tendo sido salvo de grandes perigos por aqueles seus benfeitores, lhes pagava desse modo a graça [recebida]; aliás, fora a isso exortado por eles, que, no auge do perigo, lhe apareceram no alto do mastro<sup>541</sup>.

4. Também estavam presentes no banquete muitas outras pessoas, nomeadamente familiares e amigos seus, mas merecem uma referência especial aqueles que “embelezaram” o banquete pronunciando encómios à beleza, como Fílon (filho) de Dínias, Aristipo (filho) de Agástenes, e, em terceiro lugar, eu próprio. Também estava à mesa connosco o formoso Cleónimo, sobrinho de Ândrocles, um adolescente delicado e sensual, mas que parecia possuir dons de inteligência<sup>542</sup>. De facto, [o moço] escutava atentamente as nossas palavras... Fílon foi o primeiro a dar início a uma dissertação sobre a beleza, e pronunciou o exórdio seguinte...

HERMIPO — Não, de maneira nenhuma, ó companheiro, não comeces com o encómio, sem que primeiro me expliques o motivo por que vós propusestes esse tema.

CARIDEMO — Ó caro amigo, estás sempre para aí a interromper-me, quando já poderia ter recitado todo o discurso

---

<sup>539</sup> “espigas [douradas]”, ou seja, uma coroa de espigas douradas...

<sup>540</sup> Os Dioscuros (variante: *Dióscoros*) são os gémeos Castor e Pólux, nascidos dos amores de Zeus com Leda (com várias “complicações pelo meio). Entre outras funções, são os protectores dos navegantes...

<sup>541</sup> É o chamado, mais tarde, *fogo-de-santelmo*, luz azulada (de origem eléctrica) que aparece no alto do mastro, especialmente durante uma tempestade, e que era tomada como sinal de melhoria de tempo.

<sup>542</sup> “dons de inteligência”: O gr. diz apenas (acusat.) *noûn* (νοῦν), “inteligência”, “espírito”, até mesmo “sensatez”...

e já me teria ido embora. No entanto, que é que um homem pode fazer, quando um amigo o obriga? Sim, é forçoso submeter-me a tudo...

5. ... Ora, se perguntas o motivo deste tema... foi ele próprio, o formoso Cleónimo. De facto, estando o moço sentado entre mim e seu tio Ándrocles, gerou-se a seu respeito muita conversa entre os ignorantes, que fixavam nele os olhares e ficavam embasbacados com a sua beleza, e que deixavam de lado quase todos os outros assuntos, para se fixarem na expressão dos elogios feitos ao jovem. Então nós, surpreendidos com aquela paixão dos homens pela beleza<sup>543</sup>, mas, ao mesmo tempo, louvando-os por esse facto, pensámos que seria uma grande indolência da nossa parte deixarmo-nos ultrapassar pelas palavras de pessoas ignorantes, a respeito dos mais belos temas e numa matéria em que julgamos ser-lhes particularmente superiores. E foi assim que chegámos aos discursos sobre a beleza. Também decidimos que não faríamos o encómio do rapaz mencionando o seu nome — pois isso não seria bom e induzi-lo-ia a ser mais vaidoso —, nem falaríamos, como aqueles, desordenadamente e como calhava a cada um, mas, pelo contrário, que cada um de nós, separadamente, dissesse o que sobre o tema proposto lhe viesse à mente.

6. Fílon foi o primeiro a falar, e fez o seguinte discurso: “*Que coisa estranha é esta, [a saber,] que todos os actos que praticamos no dia-a-dia os praticamos com todo o zelo no sentido de eles ficarem belos, enquanto a respeito da própria beleza não diremos nem sequer uma palavra! Pelo contrário, ficaremos em silêncio, como se nós próprios temêssemos falar, sem querer, daquilo que zelosamente procuramos durante todo o tempo. E no entanto, em que é que uma pessoa poderia usar convenientemente da [arte da] palavra, se, aplicando-a a coisas de nenhum valor, se calasse a respeito dos assuntos mais belos? E que melhor maneira haverá de preservarmos a beleza do discurso, senão abandonando tudo o mais, para dissertarmos a respeito da finalidade última de cada um dos nossos actos?*”<sup>544</sup> Mas para que não dê a impressão de que

---

<sup>543</sup> “paixão ... pela beleza”, em gr. *philokalía* (φιλοκαλία).

<sup>544</sup> “a finalidade última de cada um dos nossos actos” é, como se disse acima, a sua elegância, a sua beleza, donde o *Belo* como bem supremo.

*estou apenas a ‘dizer que sei’<sup>545</sup> como devemos proceder nessa matéria, mas que ‘nada sei de ciência certa sobre tal assunto’, vou tentar dissertar tão brevemente quanto possível sobre esse tema.”*

*“Na verdade, todos os indivíduos desejaram sempre alcançar a beleza, mas muitíssimo poucos foram julgados merecedores [desse bem]. Aqueles que conseguiram esse dom foram considerados os seres mais felizes de todos e justamente honrados quer pelos deuses, quer pelos homens. Como prova disso, de entre os que passaram de heróis<sup>546</sup> a divindades, contam-se Hércules, filho de Zeus, os Dioscuros<sup>547</sup> e Helena; de um deles<sup>548</sup> diz-se que foi devido à sua bravura que alcançou tal honra, ao passo que, no caso de Helena, foi graças à sua beleza que não só passou ela própria à categoria de divindade, como, além disso, foi a causa de os Dioscuros, que já se encontravam no reino subterrâneo, serem elevados ao céu, mesmo antes dela<sup>549</sup>.”*

7. *“Por outro lado, de entre todos os humanos que foram julgados dignos de conviver com os deuses, não é possível encontrar senão figuras dotadas de [grande] beleza. Foi graças à sua beleza que Pélops participou da ambrósia com os deuses<sup>550</sup>; e de Ganimedes<sup>551</sup>, filho<sup>552</sup> de Dárdano, diz-se que tem tal poder sobre o deus supremo do Universo, que este não consentiu que nenhum dos outros deuses tomasse parte na ‘caça’ ao seu jovem favorito<sup>553</sup>,*

---

<sup>545</sup> “dizer que sei” não significa que se saiba; a seguir, “nada sei de ciência certa”: “saber de ciência certa” é o verbo (infinit.) *epístasthai* (ἐπίστασθαι).

<sup>546</sup> “heróis” ou semideuses, filhos de uma divindade e um ser humano.

<sup>547</sup> V. §3, nota a “Dioscuros”. Helena era irmã dos Dioscuros, também ela filha de Zeus e de Leda.

<sup>548</sup> “um deles”, ou seja, Hércules; o caso de Castor e Pólux é muito sumariamente referido a seguir...

<sup>549</sup> Esta é uma das versões da lenda, sumariamente contada àqueles que certamente a conheciam... Para os antigos, as variantes de qualquer lenda eram perfeitamente aceitáveis e utilizadas segundo a conveniência, sem sombra de dogmatismo.

<sup>550</sup> “participou da ambrósia com os deuses”, metáfora que significa que alcançou a imortalidade, pois a ambrósia (tal como o néctar) era um alimento exclusivo dos deuses e gerador de vida eterna.

<sup>551</sup> Ganimedes, formoso jovem troiano raptado por Zeus disfarçado de águia. V., nesta série, LUCIANO (I), *Diálogos dos Deuses*, N° 4 (N° 10 noutras edições), diálogo “Zeus e Ganimedes).

<sup>552</sup> “filho”, ou melhor, “descendente” de Dárdano, fundador de Tróia.

<sup>553</sup> “jovem favorito”, gr. (uma só palavra, adject. substantivado, pl. neutro) *tà paidiká* (τὰ παιδικά). O mesmo logo a seguir.

mas, pelo contrário, considerando que essa tarefa lhe competia somente a ele, voou direito ao Gárgaro, [um dos cumes] do monte Ida e arrebatou de lá o seu jovem favorito, [levando-o] para um lugar onde pudesse estar para sempre junto dele. E mais: Tinha em tão grande estima as beldades, que não só, ao arrebatá-las da terra, as julgou dignas dos seres celestiais, mas até, quando calhava, descia ele próprio à terra, a fim de ter relações com as suas amadas. Assim, disfarçado de cisne, uniu-se a Leda; na forma de touro, raptou Europa; na figura de Anfitrião, gerou Hércules... E poderíamos mencionar muitas outras artimanhas de Zeus, ao congeminar a maneira de se unir a quem desejava.”

8. “Mas o mais extraordinário e digno de admiração é o facto de que Zeus, ao dirigir-se aos deuses, — na verdade, não [se dirige] a nenhum dos humanos, a não ser aos formosos —, discursando no meio deles, se mostra, no dizer do poeta comum dos Gregos<sup>554</sup>, tão arrebatado, arrogante e aterrador<sup>555</sup>, que, logo desde as suas primeiras palavras, a própria Hera, apesar de, até aí, ser useira e vezeira<sup>556</sup> em censurá-lo, agora teve tanto medo dele, que ficou satisfeita só por não lhe acontecer nenhum mal e pelo facto de a fúria de Zeus ter ficado pelas palavras. Mas, num discurso posterior, não infundiu menos pavor entre os deuses, quando ameaçou elevar nos ares a Terra, juntamente com as pessoas, e mais o mar. Pelo contrário, quando vai encontrar-se com beldades, torna-se tão amável, tão pacífico e tão benevolente com todas elas, que, além de tudo o mais, despoja-se da sua forma como Zeus, a fim de não parecer desagradável à pessoa amada, e então reveste-se de uma outra aparência, muito mais bela e mais capaz de seduzir quem o vê. Tal é o respeito e a consideração que ele tem pela beleza!”

9. “Mas — para que não pareça que faço tal acusação especialmente contra Zeus, quando [afinal] falo simplesmente em louvor da beleza —, Zeus não é o único a ficar cativo da beleza, nem mesmo qualquer dos outros deuses. Ora, se nos dispusermos a observar [os factos] com precisão, veremos que todos os deuses já

---

<sup>554</sup> “o poeta comum dos Gregos”: Homero.

<sup>555</sup> “arrebatado, arrogante e aterrador”... atitude contrária à que assume nas suas conquistas amorosas...

<sup>556</sup> “useira e vezeira”: Bem... o gr. diz só “habituada”, (acusat.) *eiōthūian* (εἰθουῖαν). É possível que o tradutor se tenha excedido...

*sofreram do mesmo [desejo] que Zeus, como, por exemplo, Posídon vencido por Pélops, Apolo por Jacinto e Hermes por Cadmo.<sup>557</sup>*

10. “Por seu lado, certas deusas não se envergonham de se mostrarem vencidas por esse sentimento [de beleza], mas parecem mesmo ter como que uma vaidade especial em contarem que se uniram a tal ou tal [jovem] e se entregaram a humanos. Além disso, enquanto cada uma das deusas é protectora de determinada actividade e não disputa com as outras aquela em que ela própria governa, mas, pelo contrário, Atena, que dirige os humanos em matéria de guerra, não disputa a Ártemis o que respeita à caça, tal como esta reconhece àquela as coisas da guerra; e enquanto, em matéria de casamento, no caso de Hera relativamente a Afrodite, nenhuma delas interfere com a outra naquilo em cada uma supervisiona.<sup>558</sup> já no que respeita à beleza, a tal ponto cada uma delas preza [essa qualidade] e parece querer ultrapassar todas as outras, que Éris<sup>559</sup>, querendo provocar a guerra entre elas, lhes propôs, nada mais, nada menos, que a beleza, julgando — e calculou bem e inteligentemente — que desse modo facilmente conseguiria o que pretendia. Daqui poderemos deduzir o poder da beleza. De facto, logo que apanharam a maçã e leram a inscrição, cada uma delas pensou que a maçã era para si, e nenhuma teve a coragem de introduzir o voto contra si própria<sup>560</sup>, considerando-se assim mais feia de aspecto que a outra. Então vão ter com Zeus, pai de duas delas<sup>561</sup> e irmão e esposo da outra, a fim de lhe confiarem

---

<sup>557</sup> Note estas três paixões de grandes deuses por moços. Mas a alegada paixão de Hermes por Cadmo só é mencionada neste passo, o que aponta para alguma versão tardia do mito, ou para uma confusão de Luciano.

<sup>558</sup> Hera (a Juno dos Romanos) é a protectora dos casamentos legais e, naturalmente, das mulheres casadas, ao passo que Afrodite (a Vénus dos Romanos) protege as ligações furtivas, capítulo em que ela própria tem um excelente cadastro...

<sup>559</sup> “Éris” (ou Éride), a (deusa da) Discórdia, é irmã de Ares (o Marte dos Romanos), o deus da guerra. Despeitada por não ter sido convidada para as bodas de Tétis e Peleu, lançou por entre os convidados uma maçã de oiro com a inscrição “PARA A MAIS BELA”, que suscitou um “concurso de beleza” entre Hera, Atena e Afrodite... o qual (imagine-se!) acabou por dar origem à guerra de Tróia...

<sup>560</sup> “introduzir o voto contra si própria”: Linguagem metafórica, aludindo à prática das votações, em que cada membro do júri dispunha de dois votos em forma de rodela: um com um buraco no centro (de condenação), e outro “cheio”, i. é, sem buraco (de absolvição)...

<sup>561</sup> Zeus era pai de Afrodite e de Atena, e irmão e esposo de Hera.



a decisão. Zeus, porém, embora fosse capaz de declarar qual era a mais bela, e mesmo considerando que havia, quer na Grécia, quer noutros países, muitos homens sábios e inteligentes, confiou o julgamento a Páris, filho de Príamo, com o que manifestou a opinião clara e límpida de que a beleza é superior à inteligência, à sabedoria e à força.”

11. “As deusas põem tanta diligência e tanto zelo em serem chamadas ‘belas’, que induziram o glorificador de heróis e poeta dos deuses<sup>562</sup> a não as tratar senão por epítetos baseados na beleza. Na verdade, Hera tem mais prazer em que lhe chamem ‘de níveos braços’<sup>563</sup>, do que ‘veneranda deusa, filha do grande Crono’, e Atena não quereria ser chamada ‘Tritogenia’, em vez de ‘de olhos garços’<sup>564</sup>, e Afrodite gostaria de ser chamada, acima de tudo, ‘Doirada’. De facto, todos estes epítetos apontam para [a ideia de] beleza.”

12. “Na verdade, este facto não só prova como os seres superiores se comportam a respeito da beleza, mas também constitui um testemunho indesmentível de que esta [qualidade] é superior a todas as outras. Assim, Atena opina que a coragem e a inteligência juntas obtêm o primeiro lugar, [mas isso é] porque ela presidia a ambas; Hera, por seu lado, declara que [a beleza] é preferível ao poder absoluto e à autoridade, para o que chama Zeus em sua defesa<sup>565</sup>. Portanto, se a beleza é [uma qualidade] assim tão divina e venerável e tida em tão alta estima pelos deuses, como poderíamos nós deixar de imitar os próprios deuses, tanto em actos como em palavras, e não fazer tudo o que fosse possível em favor da beleza?”

13. Assim falou Fílon a respeito da beleza, acrescentando, no fim, que poderia ter dito muitas mais coisas do que as que disse, se não soubesse que um longo discurso é uma das coisas [mais] desagradáveis num banquete.

---

<sup>562</sup> “o glorificador de heróis e poeta dos deuses”: Homero.

<sup>563</sup> ‘de níveos braços’, *leukólenos* (λευκώλενος).

<sup>564</sup> “de olhos garços” é tradução elegante, e provavelmente fiel, de Frederico Lourenço; outras sugestões: “de olhos de coruja”, “de olhos verde-mar” (ou “... azul-marinho”), “de olhos brilhantes”, “de olhos cinzentos”... ..

<sup>565</sup> De facto, haverá algum deus mais capaz de comprovar, pelo seu próprio “currículo”, o poder absoluto da beleza?

Logo a seguir a Fílon, Aristipo tomou a palavra, não sem antes ter sido a isso instado por Ândrocles. Na verdade, não queria discursar, receoso de falar logo depois de Fílon<sup>566</sup>. Em todo o caso, começou desta maneira:

14. *“Frequentemente, muitos homens deixaram de dissertar a respeito dos temas mais nobres e mais úteis, para enveredar por outros assuntos, dos quais julgam retirar [maior] glória, mas [afinal] só produzem discursos que em nada aproveitam aos seus ouvintes. Alguns dissertam e discutem uns com os outros sobre os mesmos temas, outros contam coisas que não existem, outros ainda falam de assuntos nada essenciais, quando deveriam pôr de lado todos esses temas e fazer por falar sobre qualquer outro assunto mais nobre. Pela minha parte, convencido de que essas pessoas não possuem um conhecimento sério sobre a realidade, e, por outro lado, considerando que é da maior incoerência censurar os outros de ignorância dos assuntos nobres, mas cair no mesmo defeito, tomarei como tema do meu discurso um extremamente útil e ‘belíssimo’ para os meus ouvintes, que qualquer pessoa dirá que é o ‘mais belo’ de se ouvir.”*<sup>567</sup>

15. *“Se neste momento tivéssemos de dissertar sobre qualquer outro tema, e não a respeito da beleza, bastar-nos-ia escutar um único orador... e abandonar o assunto. Este tema, porém, oferece aos oradores que pretendam dissertar sobre ele uma tal riqueza, que não se pode considerar que eles falharam, se porventura algum não atingir uma eloquência proporcional [ao tema]; mas se um deles, na sequência de muitos outros, conseguir acrescentar um pouco que seja aos elogios [da beleza], deve considerar que foi bafejado pela sorte grande. Na verdade, um bem que é tão manifestamente honrado pelos seres superiores, tão divino e tão procurado pelos humanos, o ornamento mais desejado por todos os seres, que faz com que aqueles que o possuem sejam galanteados por toda a gente e os que dele são desprovidos sejam malquistos e indignos sequer de que se olhe para eles, um bem tão excelso, poderia alguém tratá-lo literariamente, de modo que o elogio fosse proporcional ao seu valor? Claro que não. Em todo o caso, uma vez que ainda faltarão muitos elogios capazes de, a muito custo, igualar esse seu valor, não é nada absurdo que também eu tente*

---

<sup>566</sup> Entenda-se o receio de falar depois de quem tão bem falou...

<sup>567</sup> Referência clara ao tema da *beleza*, explicitado logo a seguir.

falar sobre esse bem, mesmo indo discursar depois de Filon. Ora, a beleza é, de entre todas, a qualidade de tal modo mais venerável e mais divina, que... — para não falar de todos os casos em que os deuses têm honrado seres formosos —...”

16. “... Em tempos muito recuados, Helena, filha de Zeus<sup>568</sup>, foi de tal modo admirada por todos os homens, que, ainda antes da idade núbil, Teseu, tendo-se deslocado ao Peloponeso por qualquer motivo, ao vê-la, de tal modo se encantou da sua beleza, que, embora possuindo um reino extremamente sólido e uma glória nada vulgar, se convenceu de que não poderia viver privado de Helena e de que ultrapassaria todos os homens em felicidade, se lhe fosse dado tê-la por esposa<sup>569</sup>. Assim, tendo inicialmente pensado em pedi-la ao pai<sup>570</sup>, desistiu [dessa ideia], receando que ele não lha entregasse pelo facto de ela ainda não ter atingido a idade [núbil]. Então, desprezando e desdenhando do poder [paterno], e também sem fazer caso de todos os riscos [que correria] no Peloponeso, juntou a si Pirítoo como participante do rapto, apoderou-se dela contra a vontade de seu pai e levou-a para Afidna, [demo] da Ática. Teve uma tal gratidão a Pirítoo por esta ajuda, que ficou seu amigo por toda a vida, de tal modo, que a amizade entre Teseu e Pirítoo ficou como um exemplo para as gerações vindouras. Quando Pirítoo quis descer ao reino de Hades a fim de pedir em casamento a filha de Deméter<sup>571</sup>, Teseu, não conseguindo, apesar muito o aconselhar, persuadi-lo a desistir desse propósito, acompanhou-o, considerando que poderia pagar-lhe condignamente o favor, arriscando a vida por ele.”

17. “Ora, tendo Helena regressado a Argos durante uma outra ausência de Teseu, e estando já então em idade de casar, os reis da Grécia, apesar de terem grande facilidade em tomar como esposas [diversas] mulheres formosas e bem-nascidas, acorreram

---

<sup>568</sup> “filha de Zeus”... e do rei lacedemónio Tíndaro. Trata-se de uma história parecida com a de Anfitrião, sua esposa Alcmena e... Zeus. Também aqui, nasceram de Leda, no mesmo parto, filhos de Zeus, uns, e de Tíndaro, outros...

<sup>569</sup> “se lhe fosse dado tê-la por esposa”: O gr. diz, lit.<sup>te</sup>, “se acontecesse esta habitar [permanentemente e como esposa] com ele”, frase que no texto não é tão desajeitada como parece, mas que fica muito mal traduzida à letra.

<sup>570</sup> “pedi-la ao pai”: O gr. diz “tomá-la do pai”.

<sup>571</sup> “a filha de Deméter” é Perséfone, ou Cora, como é sugerido pela palavra que significa “filha”: *kórē* (κόρη).

[todos] a cortejá-la, desprezando as outras como sendo inferiores. Convictos, porém, de que Helena poderia tornar-se objecto de disputas, e temendo que, se lutassem uns com os outros, deflagrasse uma guerra na Grécia, fizeram um juramento colectivo, segundo o qual ajudariam aquele que tivesse sido julgado digno dela, e não permitiriam que ninguém tentasse prejudicá-lo. Com isto, cada um deles pensava conseguir [dos restantes] uma [boa] aliança. Todos, porém, viram goradas as suas expectativas pessoais, com excepção de Menelau; mas em breve foram confrontados com o juramento colectivo. De facto, não muito tempo depois, tendo surgido entre as deusas uma querela a respeito da beleza, confiam o julgamento a Páris, filho de Príamo. Este, subjugado pela beleza física das deusas, viu-se obrigado a julgar de acordo com os presentes [por elas prometidos]: Como Hera promettesse dar-lhe<sup>572</sup> o domínio da Ásia, Atena o poderio na guerra, e Afrodite o casamento com Helena, Páris, considerando que mesmo pessoas mediócras poderiam em qualquer momento obter um grande reino, mas que nenhum homem, entre os vindouros, possuiria uma [outra] Helena, escolheu casar com esta.”

18. “Ora, quando se deu aquela tão celebrada expedição contra Tróia, em que a Europa pela primeira vez invadiu a Ásia, os Troianos, por um lado, poderiam, depois de devolver Helena, continuar a viver livremente no seu território, e os Gregos, por outro lado, deixando que eles ficassem com Helena [poderiam] evitar os inconvenientes da guerra e da expedição. Nenhuma das partes, porém, decidiu dessa forma, por considerarem que nunca mais encontrariam um motivo de guerra mais glorioso, pelo qual pudessem morrer. Até mesmo os deuses, plenamente conscientes de que os seus próprios filhos<sup>573</sup> iriam morrer nessa guerra, não os dissuadiram, mas, pelo contrário, até os incitaram, por pensarem que eles, ao morrerem combatendo por Helena, não retirariam daí uma glória menor do que a de serem filhos de deuses... Mas para que falar dos filhos dos deuses? Os próprios deuses envolveram-se uns contra os outros numa guerra maior e mais terrível do que a

---

<sup>572</sup> “Como... promettesse dar-lhe”, gr. (genit absol., part. presente) *didoúsēs* (διδούσης), lit.<sup>16</sup> “dando-lhe”, mas o sistema do presente pode indicar, além do aspecto contínuo, a ideia de esforço, tentativa..., donde a minha explicitação: “como *promettesse dar-lhe*”.

<sup>573</sup> “os seus próprios filhos”: Recorde-se que os “heróis” ou “semideuses” tinham uma ascendência divina (mais directa ou mais remota), ou por parte do pai, ou por parte da mãe...

*que travaram contra os Gigantes. De facto, nesta última lutavam uns ao lado dos outros, ao passo que naquele caso [lutavam] uns contra os outros. Que prova haverá mais clara do que esta, de que, segundo o julgamento dos deuses, a beleza é superior a todos os outros bens humanos? Na verdade, uma vez que não parecem minimamente querelar por nenhum de entre todos os outros assuntos, mas, quando se trata da beleza, não só expõem os seus filhos [ao perigo], mas até lutam uns contra os outros, chegando alguns a serem feridos, como podem eles deixar de preferir, por unanimidade, a beleza a todos os outros bens?”*

19. *“Mas para não dar a impressão de que é por falta de assunto que eu insisto sempre nos mesmos argumentos sobre a beleza, quero passar a outro [caso], que não é de maneira nenhuma inferior aos anteriormente aduzidos, e capaz de demonstrar o valor da beleza — o caso de Hipodamia, filha de Enómao da Arcádia, e de todos aqueles que, vítimas da beleza da jovem, esta induziu a antes quererem morrer do que ver a luz do sol separados dela. De facto, quando a moça atingiu a idade núbil, seu pai reparando que ela ultrapassava as outras [jovens] com uma diferença nada pequena, ficou apaixonado pela sua beleza — que tanta ela tinha de sobra, que, contra a natureza, seduziu o seu próprio progenitor —, e por isso, embora desejando conservá-la para si próprio, fingia querer dá-la em casamento a quem dela fosse digno, assim evitando a censura das pessoas. Então engendrou uma artimanha ainda mais perversa que a sua paixão, com a qual esperava conseguir o que pretendia. De facto, tendo atrelado os cavalos mais rápidos que então havia na Arcádia a um carro fabricado pela arte especialmente no sentido de obter a velocidade máxima possível, lançou um desafio aos pretendentes da jovem, propondo como prémio da vitória, caso o ultrapassassem, a própria jovem, ou então, no caso de serem vencidos, ficariam sem cabeça. Além disso, exigia que a filha tomasse também lugar no carro com cada um, para que eles se distraíssem com a moça e se descuidassem da condução dos cavalos. Então, apesar de o primeiro a tentar a corrida ter falhado, perdendo a jovem e a seguir a vida, os outros, considerando que seria uma infantilidade acobardarem-se perante a luta ou mudar as suas intenções, e, por outro lado, abominando a crueldade de Enómao, iam morrendo uns a seguir aos outros, como se cada um deles temesse perder a ocasião de morrer pela jovem. Assim, a mortandade chegou aos treze. Os deuses, porém, irritados com*

*esta perfidia de Enómao, e apiedados tanto dos que já haviam morrido, como da jovem (aqueles por terem sido privados de um bem tão precioso<sup>574</sup>, e a jovem pelo facto de não usufruir da sua beleza no seu devido tempo), ficaram apreensivos com a sorte do jovem — era Pélops — que ia competir logo a seguir, pelo que lhe ofereceram um carro ainda mais belo e construído com [todo o requinte da] arte, bem como cavalos imortais, por meio dos quais iria conseguir a posse da moça, o que realmente aconteceu, depois de, no final da corrida vitoriosa, matar o seu... genro.”*

20. *“Deste modo, esta coisa que é a beleza afigura-se aos homens como uma coisa divina e estimada por todos, que até os deuses procuram zelosamente por todo o lado. Por isso mesmo, não há motivo justo para que alguém me censure pelo facto de ter pensado em expor estas ideias sobre a beleza.”*

E foi assim que Aristipo desenvolveu o seu discurso.

21. HERMIPO — Só faltas tu, Caridemo, para acrescentares o teu discurso<sup>575</sup>, como que uma espécie de fecho<sup>576</sup> dos belos discursos sobre a beleza.

CARIDEMO — De maneira nenhuma, pelos deuses! Não me obrigues a avançar mais. Na verdade, os discursos que acabo de citar são suficientes para mostrar [o que foi] a nossa conversa. Aliás, não seria capaz de reproduzir de memória tudo quanto disse. De facto, é mais fácil lembrarmo-nos do que foi dito pelos outros, do que por nós próprios.

HERMIPO — Mas era isso mesmo que desde o princípio eu desejava conseguir. Sim, o que me interessava ouvir era não tanto os discursos daqueles, mas sim o teu. Por isso, se me privas desse [prazer], todo o teu trabalho terá sido em vão... Mas, por Hermes!, recita lá todo o teu discurso, tal como prometeste no início.

CARIDEMO — Seria bem melhor que te contentasses com aqueles [discursos] e me libertasses desta desagradável tarefa.

---

<sup>574</sup> “privado de um bem tão precioso”, tanto pode referir-se ao precioso bem da vida, como ao precioso bem de uma esposa formosa.

<sup>575</sup> Lembro que Caridemo reproduz os discursos dos dois primeiros oradores (Fílon: §§6-12; Aristipo: §§14-20); falta reproduzir o seu próprio.

<sup>576</sup> “fecho”: O termo grego *korōnís* (κορωνίς) significava, como substantivo: 1. “linha encurvada” (que se traçava no final de um livro ou capítulo); 2. em sentido figurado, “fecho”, “conclusão”; 3. “coroa” (de flores...); etc.

Mas, uma vez que tanto desejas escutar o meu discurso, é forçoso que te faça mais este favor. Portanto, foi assim que eu pronunciei o meu discurso:

22. *“Se eu fosse o primeiro a discursar a respeito da beleza, precisaria de fazer um longo exórdio. Como, porém, vou discursar depois de outros<sup>577</sup> que falaram antes de mim, não fica nada mal que eu me aproveite dos seus discursos como exórdio, e entre directamente no tema, tanto mais que esses discursos não foram pronunciados em locais diferentes, mas sim aqui e neste mesmo dia, de maneira que é possível que as pessoas presentes tenham a ilusão, não de que cada orador pronuncia o seu próprio discurso particular, mas sim de que cada um deles desenvolve a sua parte do mesmo discurso. Ora, o que quer que cada um de vós porventura tenha dito de sua própria invenção a respeito da beleza bastaria para conferir boa reputação a qualquer outro, mas esta qualidade contém uma tal riqueza, que não faltarão aos vindouros, para além do que até hoje se tem dito, elogios a seu respeito. Na verdade, ocorre-nos um grande número de ideias vindas de todos os domínios, cada uma das quais quereríamos mencionar em primeiro lugar, como por exemplo [a ideia de] um prado coberto de flores sempre a desabrochar e a convidar-nos a colhê-las. Pela minha parte, tendo escolhido, de entre todas [essas ‘flores’], aquelas que entendo por bem não deixar de lado, falarei de maneira concisa, no propósito quer de dar à beleza o seu devido valor, quer de proceder de um modo que vos seja agradável, recusando pronunciar um longo discurso.”*

23. *“Ora, por um lado, [todos] nós tendemos a sentir uma certa má-vontade contra aqueles que se nos afiguram superiores a nós, quer em coragem, quer em qualquer outra virtude, pelo que (a menos que eles nos façam bem no dia-a-dia e, com isso, nos levem a ter bons sentimentos a seu respeito), se dependesse de nós, os seus actos não lhes correriam nada bem. Pelo contrário, já no que respeita às pessoas formosas, não só não temos má-vontade contra elas por causa da sua beleza, mas, só de vê-las, ficamos seduzidos e profundamente afeiçoados a elas, e nem sequer hesitamos em, quais escravos, servi-las o melhor que soubermos, como se [tais*

---

<sup>577</sup> “outros”, ou seja os dois oradores precedentes. O pior é que o texto diz “muitos”, que poderíamos entender como “muitos outros” (de todos os tempos). Todo o contexto, porém, aponta para a ideia dos dois oradores precedentes.

peessoas] fossem superiores a nós. Então, obedeceríamos a quem fosse dotado de beleza, com maior prazer do que aquele que teríamos em dar ordens a quem não possuísse essa qualidade, e ficaríamos mais gratos a quem nos impusesse muitas ordens, do que àquele que não nos mandasse fazer fosse o que fosse.”

24. “Além disso, no que respeita aos outros bens de que porventura careçamos, deixamos de os desejar logo que os obtemos, ao passo que nunca ninguém ficou farto da beleza. Pelo contrário, mesmo que ultrapássemos em beleza o filho de Aglaia<sup>578</sup>, que um dia foi a Ílion<sup>579</sup> com os Aqueus, ou o formoso Jacinto, ou o lacedemónio Narciso, ainda não ficaremos satisfeitos, pois, contra a nossa vontade, receamos deixar essa superioridade aos vindouros.”

25. “A beleza é, por assim dizer, como que o paradigma comum de todos os actos humanos, [qualidade essa] que ninguém despreza: nem o general, ao alinhar as suas tropas de maneira estética, nem o orador ao elaborar os seus discursos, nem o pintor ao pintar os seus quadros... Mas para quê falar daquelas actividades cujo objectivo é a [própria] beleza? Na verdade, até mesmo no que respeita aos objectos de utilidade [prática] indispensável, não deixamos de os fabricar cuidadosamente e com o mais belo aspecto possível. Por exemplo, Menelau preocupou-se não tanto com a parte utilitária do seu palácio, mas sobretudo em maravilhar os visitantes, e foi nesse sentido que o construiu assim tão luxuoso e tão belo... e não ficou frustrado na sua expectativa. De facto, quando o filho de Ulisses<sup>580</sup> visitou Menelau em busca de informações sobre seu pai, ficou, segundo se diz, tão encantado com o palácio, que disse a Pisítrato, filho de Nestor:

‘Tal será de Zeus Olímpio || seu paço visto por dentro.’<sup>581</sup>

“O próprio pai deste jovem, na expedição dos Gregos contra Tróia, comandava navios ‘com flancos pintados de roxo’<sup>582</sup>, não

<sup>578</sup> “Aglaia”, ninfa, mãe de Nireu, o mais formoso dos gregos que combateram em Tróia, logo a seguir a Aquiles.

<sup>579</sup> “Ílion”, outro nome de Tróia; “Aqueus” é, nos poemas homéricos, a designação geral dos Gregos.

<sup>580</sup> “o filho de Ulisses” é o jovem Telémaco, que foi procurar Menelau, rei de Esparta, para saber notícias de seu pai, cujo regresso de Tróia já tardava,

<sup>581</sup> Homero, *Odisseia*, IV, 74.

<sup>582</sup> *Iliada*, II, 637): “Com ele iam doze navas || de roxos flancos pintadas”



por qualquer outro motivo, senão para poder assombrar quem os contemplasse. Ora, se nos dispusermos a examinar de perto cada uma das artes<sup>583</sup>, acharemos que todas têm por objectivo a beleza, e é esta que elas se propõem alcançar plenamente.”

26. “A beleza afigura-se ser tão superior a todas as outras qualidades, que, embora seja possível encontrar muitas coisas mais estimáveis do que as que se caracterizam pela justiça, pela sabedoria ou pela coragem, não é possível encontrar nenhuma melhor do que as que contêm em si esta qualidade ideal, tal como não há nada mais desprezível do que não a possuir<sup>584</sup>. Na verdade, só chamamos ‘vergonhosos’<sup>585</sup> aos destituídos de beleza, como se de nada valesse possuir todas as outras qualidades, mas ser destituído de beleza.”

27. “Aos que governam a coisa pública em regime democrático chamamos ‘demagogos’<sup>586</sup>, e aos que se submetem aos tiranos chamamos ‘aduladores’, mas só àqueles que se deixaram cativar por esta poderosa força<sup>587</sup> é que nós [verdadeiramente] admiramos, só a esses chamamos pessoas laboriosas e amigas do belo, só a esses cultores das coisas belas nós consideramos benfeitores da comunidade. Portanto, sendo a beleza um bem tão venerável e uma coisa a que todas as pessoas aspiram, considerando uma grande vantagem poderem servi-la, não seria natural que alguém nos censurasse, se, podendo nós usufruir dessa vantagem, depois a rejeitássemos, incapazes de perceber o bem que estaríamos a perder?”

---

<sup>583</sup> “artes”: O gr. *tékhnē* (τέχνη) tem um sentido muito lato, que poderíamos, aqui, traduzir por “artes e ofícios”...

<sup>584</sup> Todo este período me parece muito “embrulhado”, mas a ideia geral é a de que a beleza é o bem supremo, em comparação com a relatividade de outras virtudes como a justiça, a sabedoria, a coragem...

<sup>585</sup> Problema de tradução: O adj. *aiskhrós* (αἰσχρός) significa “feio”, física ou moralmente, donde, neste último sentido, “torpe”, “infame”, “vergonhoso” (cf. port. *uma acção feia*). Em suma, dois indivíduos, um feio, mas honesto, e outro torpe, mas lindo, poderiam ser ambos chamados *aiskhroí* (αἰσχροί).

<sup>586</sup> “demagogo”, *dēmagōgós* (δημαγωγός) significa “condutor do povo”, inicialmente sem conotação pejorativa. Depois é que degenerou (como, p. ex., os termos *sofista*, *déspota*, etc.). Aqui, não é de excluir o sentido pejorativo.

<sup>587</sup> “esta poderosa força” é a beleza nas suas diversas formas: beleza humana, sim, mas também, e sobretudo, das artes e das letras, cujos cultores são justamente considerados benfeitores da Humanidade.

28. Tal foi o discurso que, pela minha parte, pronunciei, tendo, no entanto, omitido muitas outras coisas que poderia ter dito a respeito da beleza, por ver que o debate já ia demasiado alongado.

HERMIPO — Felizes de vós, que gozastes de um tal debate... Mas eu também não fiquei menos feliz, graças a ti.

## **ZEUS TRÁGICO**

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

O diálogo *Zeus Trágico* desenvolve o tema mais grave da Antiguidade greco-romana (e, afinal, de todas as civilizações identificadas com uma religião ou uma mitologia): o da Providência divina e, no limite da resposta negativa a esta questão, o da própria existência dos deuses. Nesta obra, imagina-se que o problema é suscitado, não pelos filósofos, mas — imagine-se — pelo próprio Zeus, cujo estado de extrema desolação leva Hermes e Atena a interrogar o pai dos deuses, fazendo-o em tom e versos de tragédia, a que Zeus responde, primeiro em enigmáticos versos trágicos, e depois em linguagem corrente e bem precisa. Vale a pena citar textualmente esses dois passos. No primeiro, em resposta a sua esposa e irmã, Hera, que lhe pergunta que é que, afinal, o atormenta, diz (§3):

*“Os reais interesses dos deuses, ó Hera, chegaram ao último estado de degradação, e estão, como sói dizer-se, no fio da navalha, a saber, se nós devemos continuar a ser homenageados e a receber oferendas vindas da Terra, ou se devemos ser universalmente desprezados e considerados como coisas de nada.”*

E mais explicitamente (§4):

*“Ainda ontem o estóico Tímocles e o epicurista Dâmis, não sei a que propósito, iniciaram um diálogo, em que discutiam a respeito da Providência [divina], na presença de grande número de pessoas distintas, facto este que ainda mais me afligiu. Afirmava Dâmis que os deuses não existem, e que muito menos vigiam e governam as coisas humanas, enquanto o bom do Tímocles tentava falar em nossa defesa.”*

Nos §§15-18, Zeus apresenta o problema aos deuses, num discurso elaborado segundo as regras da Retórica, com um exórdio e alguns apontamentos só indirectamente ligados ao cerne do assunto — a disputa, já por ele, Zeus, referida, entre Tímocles e Dâmis, que estava a correr muito mal ao “bom” do filósofo estóico, pelo que Zeus ordena à Noite que sobrevenha depressa e suspenda a contenda, a qual, no entanto, fica adiada para o dia seguinte, com o que Zeus fica com algum tempo para convocar as divindades, a fim de se encontrar uma solução que dê a vitória ao acanhado e nervoso Tímocles.

Erguem-se diversas divindades que tomam a palavra, mas a mais importante, de uma franqueza extremamente rude, uma

espécie de “advogado do Diabo”... ou do epicurista Dâmis e de todos os agnósticos ou ateus, é o deus Momo, que diz, na cara dos deuses, aquilo que eles mereciam ouvir (§35-40...). Momo funciona também como transmissor das reais críticas que Luciano, em muitos dos seus escritos, faz à religião e aos seus deuses, personagens — como diria Saramago — pouco recomendáveis.

A conclusão é de Hermes (§53), que, justifica com palavras próprias uma citação do comediógrafo Menandro, imediatamente antes citada. Diz Hermes:

*“Sim, que grande mal haverá, se uns poucos tipos saírem dali convencidos dessas ideias? Na verdade, são de longe mais numerosos os que pensam o contrário, ou seja, a grande maioria dos Gregos e todos os Bárbaros.”*

Quer dizer: Hermes (Luciano, é claro!) conhece muito bem a mentalidade amorfa das massas. Por muito que os intelectuais mais independentes e honestos tentem revelar os “bastidores” da grande máquina, não há nada a fazer...

O diálogo *Zeus Trágico* desenvolve-se em dois níveis, aliás entrelaçados, como se verá:

1º nível — Os deuses conversam entre si sobre o magno problema da descrença dos homens, que tende a generalizar-se, daí resultando, para os deuses, uma extrema penúria, ou seja, a ausência completa de oferendas, festas, banquetes e outras homenagens, de que os imortais — imagine-se! — não podem de maneira nenhuma prescindir. Pelo simples facto de apresentar os deuses nesta situação de dependência, Luciano não precisa de fazer qualquer comentário, já que os deuses falam por *si*, ou seja, *por eles*, deuses. e *por ele*, Luciano.

Note-se que os deuses não são apresentados a falar directamente com as duas personagens humanas, que são Tímocles e Dâmis. Zeus e as outras divindades limitam-se a comentar aquilo que ouvem *lá de baixo*, da Terra, e que Luciano faz o favor de nos revelar. É esse o outro nível.

2º nível — O estóico Tímocles e o epicurista Dâmis discutem longamente [§§35-40] o problema da Providência divina e, no limite, o da própria existência dos deuses. Esta parte tem o interesse de nos mostrar quais eram, na Antiguidade, os argumentos de uns e de outros na defesa das respectivas teses.

De vez em quando, os deuses interrompem (*no papel!*) a discussão, para fazerem comentários. Na verdade, numa representação dramática, todas as falas dos deuses seriam *apartes*, que na realidade não interrompiam (enfim, far-se-ia por isso!) o diálogo entre os dois filósofos.

Depois de, neste diálogo (e ao longo de toda a sua obra) pôr os deuses em cena, e em causa, Luciano, que era, pelo menos, agnóstico, entendeu deixar a disputa no ponto em que ela começara, ou seja, sem conclusão. Dâmis abandonou a arena, não convencido, nem como vencido (ainda que aparentemente tenha concordado com o seu antagonista: §52), mas por ver que, nestas coisas de fé, cada um tem, ou não tem, a sua; a nossa expressão “*malhar em ferro frio*” é lapidar. Por outro lado, para Tímocles, a desistência de Dâmis é interpretada como derrota do seu adversário e vitória da sua própria tese.

Em todo o caso, formalmente, ou seja, dentro da obra, *os deuses existem*, tal como as fadas nos *contos de fadas*, ou o Pai Natal. No fundo, para Luciano, os deuses existem durante o tempo em que contamos coisas a respeito deles. E Luciano, como todos os prosadores, poetas e artista da Antiguidade, bem se aproveitou desse manancial de inspiração literária e plástica. Outro tanto fez, por exemplo, Camões, com o ornamento da mitologia clássica... que até passou airosamente pelas malhas de certa censura.

Finalmente, eu diria, a título pessoal e precário, que, se os deuses existissem para além da *fábula*, eles bem poderiam, pelo menos no diálogo *Zeus Trágico*, descer à Terra e entrar na liça entre Tímocles e Dâmis, e então dizer a este: “*Aqui estou!*”

(Página deixada propositadamente em branco)



## ZEUS TRÁGICO

### PERSONAGENS:

HERMES, ATENA, ZEUS, HERA, POSÍDON, AFRODITE, COLOSSO DE RODES, MOMO, HÉRACLES, HERMÁGORAS, TÍMOCLES, DÂMIS.

### 1. HERMES —

*Porque é que, ó Zeus, pensativo, || contigo mesmo discorres,  
passeando, muito pálido, || mais parecendo um filósofo?  
Desabafa, pois, comigo, || de teus males confidente,  
e não deites ao desprezo || o teu servo palrador.*

### ATENA —

*Nosso pai, filho de Crono, || o mais excelso dos reis,  
ajoelho-me a teus pés, || eu, a deusa de olhos garços,  
a Tritogenia: Diz-me, || não escondas, pra que saibamos  
que apreensão te devora || tua alma e teu coração.  
Porquê profundos suspiros || e essa palidez da face?*

### ZEUS —

*Não há, por assim dizer, || nenhum mal, por mais terrível,  
nem qualquer padecimento, || nem desgraça de tragédia,  
que eu não tenha ultrapassado || com avanço de dez jambos<sup>588</sup>.*

### ATENA —

*Por Apolo! Com que exórdio || dás início ao teu discurso!*

### ZEUS —

*Raça terrena maldita, || de todas a mais ruim!  
E tu, ó filho de Jápeto<sup>589</sup>, || que tanto mal me tens feito!*

<sup>588</sup> “com avanço de dez jambos”, metaforicamente = “com grande avanço”.

<sup>589</sup> “filho de Jápeto”, ou seja, Prometeu, benfeitor da Humanidade, o qual, entre outras coisas, roubou o fogo aos deuses e o entregou aos homens.

ATENA —

*Pois quê?! Vais falar ao coro || só dos teus familiares*<sup>590</sup>.

ZEUS —

*Com teu zunido e fragor, || ó raio, de que me serves?*

HERA — Ó Zeus, pára lá com essa fúria, pois nós não estamos à altura de representar nem comédia, nem poesia épica, como estes aqui, nem nos atafulhámos de Eurípides a ponto de respondermos às tuas tiradas trágicas...

2. ... Ou cuidas que nós não sabemos qual é a causa da tua tristeza?

ZEUS —

*Não sabes, pois se soubesses, || altos gritos soltarias.*

HERA — Pois eu sei muito bem que o essencial do teu sofrimento é de natureza amorosa... E não grito [contigo], pois já estou habituada, já fui muitas vezes ultrajada por ti nessa matéria. É possível que tenhas descoberto mais uma Dánae<sup>591</sup>, ou uma outra Sémele, ou uma Europa, e que estejas atormentado pela paixão amorosa, e então ficas a congeminar se será transformado em touro, ou em sátiro, ou em [gotinhas de] ouro que tu te infiltrarás pelo telhado e irás direito ao seio da tua amada. Sim, que esses sinais — os suspiros, as lágrimas e a palidez — não são de outra coisa senão da paixão amorosa.

ZEUS — Ó bendita criatura, que cuidas que todas as minhas preocupações residem na paixão e em folganças desse género!

HERA — Então que outra coisa, senão essa, te atormenta, a ti, que és Zeus?

3. ZEUS — Os reais interesses dos deuses, ó Hera, chegaram ao último estado de degradação, e estão, como sói dizer-se, no fio da navalha, a saber, se nós devemos continuar a ser homenageados e a receber oferendas vindas da Terra, ou se

---

<sup>590</sup> “*só dos teus familiares*”, i. é, só dos deuses, e não dos homens.

<sup>591</sup> Dánae, Sémele, Europa (e muitas outras mortais) fazem parte do extenso cadastro de Zeus em matéria de... saias...

devemos ser universalmente desprezados e considerados como coisas de nada.

HERA — Terá porventura a Terra gerado outros Gigantes, ou terão os Titãs rebentado com as grilhetas e, depois de dominarem os guardas, estarão novamente a pegar em armas contra nós?

ZEUS —

*Coragem, pois os Infernos || não ameaçam os deuses.*

HERA — Então que outro mal te terá acontecido? Na verdade, se não é nada disso que te aflige, não vejo por que motivo nos apareceste aqui no papel de Polo<sup>592</sup> ou de Aristodemo, em vez de seres [mesmo] Zeus.

4. ZEUS — É que, ó Hera, ainda ontem o estóico Tímocles e o epicurista Dâmis, não sei a que propósito, iniciaram um diálogo, em que discutiam a respeito da Providência [divina], na presença de grande número de pessoas distintas, facto este que ainda mais me afligiu. Afirmava Dâmis que os deuses não existem, e que muito menos vigiam e governam as coisas humanas, enquanto o bom do Tímocles tentava falar em nossa defesa. Depois juntou-se uma grande multidão, mas a discussão não ficou por aqui. De facto, separaram-se, tendo, no entanto, combinado analisar a questão num outro dia, e agora está toda a gente na expectativa de saber qual dos dois vencerá e parecerá mais verdadeiro na sua argumentação. Estais a ver o perigo, como os nossos interesses estão numa situação crítica, dependentes de um só homem? E das duas, necessariamente uma: ou somos rejeitados, caso as pessoas entendam que nós não passamos de meros nomes, ou continuamos a ser homenageados como dantes, se Tímocles vencer o pleito.

5. HERA — Essa situação é verdadeiramente grave, e não é sem razão, ó Zeus, que tu te exprimias em tom trágico sobre esse assunto.

ZEUS — E julgavas tu que eu, numa tão grande inquietação, me referia a alguma Dánae ou alguma Antíope!<sup>593</sup> Mas

---

<sup>592</sup> Polo e Aristodemo, actores trágicos famosos, do tempo de Demóstenes.

<sup>593</sup> Antíope, linda mortal, de que Zeus se aproximou disfarçado de sátiro.

então e agora, Hermes, Hera e Atena, que é que devemos fazer? Procurai também vós, por vossa parte.

HERMES — Cá por mim, acho que devemos convocar uma assembleia<sup>594</sup> e entregar a decisão ao Povo.

HERA — E eu sou da mesma opinião que aqui o Hermes.

ATENA — Pois eu, meu pai, pelo contrário, sou de opinião de que não devemos agitar o céu, nem tu deves mostrar-te perturbado com o caso, mas antes deves tratar particularmente do assunto, de modo que a argumentação de Tímocles saia vencedora e que Dâmis seja achincalhado e abandone o debate<sup>595</sup>.

HERMES — Mas... ó Zeus, isso não passará despercebido, pois a disputa entre esses filósofos terá de se realizar em público, pelo que vão considerar que tu agiste como um tirano, pelo facto de não convocares as pessoas para um assunto da maior gravidade e do interesse de todos.

6. ZEUS — Nesse caso, trata de fazer a proclamação, e que todos compareçam... Sim, tens toda a razão.

HERMES — Então lá vai: *“Acorrei, vós, os deuses, à Assembleia. Não vos atraseis, acorrei todos, vinde, vamos reunir-nos para um assunto da maior gravidade.”*

ZEUS — Ó Hermes, então agora fazes uma proclamação assim tão seca, tão simples e tão prosaica, sobretudo quando convocas [as gentes] para uma questão da maior gravidade?!

HERMES — Então, ó Zeus, como é que queres que eu faça?

ZEUS — Como é que eu quero? Eu digo-te: Enobrece a proclamação com uns versinhos e com uma certa altissonância poética, para que mais facilmente eles acorram.

HERMES — Pois sim... mas, ó Zeus, isso é coisa para poetas épicos e rapsodos, e eu sou muito pouco dado à poesia, de modo que vou estragar a proclamação, ao compor versos ou com sílabas a mais, ou com sílabas a menos<sup>596</sup>, e vou ser motivo da risota da assistência, devido à grosseria dos meus versos. Na verdade, eu constato que até mesmo Apolo é motivo de troça

---

<sup>594</sup> “assembleia”... dos deuses, tal como, logo a seguir o “Povo”... divino.

<sup>595</sup> A ideia, não muito clara, parece ser a seguinte: Zeus, usando de qualquer manha, faria com que Dâmis abandonasse o debate, pelo que já não seria necessário convocar a Assembleia (v. *supra*, 2ª parte da objecção de Hermes).

<sup>596</sup> “com sílabas a mais, ou com sílabas a menos” é a maneira mais simples de traduzir “(versos) *hipermétricos* ou *carentes*”, a que se davam outros nomes técnicos... Em port., dizemos “*versos de pé quebrado*”.

por causa de alguns dos seus oráculos, apesar da obscuridade com que a maior parte das vezes ele os disfarça, para que os seus ouvintes não tenham tempo de analisar a métrica.

ZEUS — Nesse caso, ó Hermes, mistura na proclamação muitos dos versos de Homero, com os quais este nos convocava<sup>597</sup>. É claro que te lembras deles.

HERMES — Não muito claramente nem na ponta da língua. Em todo o caso, vou tentar<sup>598</sup>:

*Que nenhuma divindade, || seja macho ou seja fêmea,  
seja dos rios, seja ninfa, || permaneça em sua casa  
(co' a ressalva de Oceano<sup>599</sup>). || Vinde ao concílio de Zeus  
todos vós, que tomais parte || em famosas hecatombes<sup>600</sup>,  
todos vós, de média classe, || ou última, ou mesmo anónimos,  
que ficais junto aos altares || sem o odor dos sacrifícios.*

7. ZEUS — Fizeste uma belíssima proclamação, ó Hermes, e eis que eles já estão vindo em chusma. Portanto, vai-os recebendo e colocando segundo o valor de cada um, ou seja, conforme o material e a arte de [que] cada um [é feito]: nos lugares da frente, os de ouro; a seguir a estes, os de prata; depois os de marfim; depois os de bronze ou de mármore, e entre estes os [que são obra] de Fídias, de Alcâmenes, de Míron, de Eufnanor ou de outros artistas igualmente prestigiados. Quanto aqui a estes, os da ralé e feitos sem arte, amontoa-os para aí, à parte e em silêncio, só para fazerem número na assembleia.

HERMES — Assim se fará, e irão sentar-se como lhes compete... Mas... não é nada fácil saber se um deles, feito de ouro e muito caro devido ao seu peso, mas não muito perfeito em termos de confecção, absolutamente ordinário e desproporcionado, se sentará à frente dos de bronze de Míron e de Policlito, ou dos de mármore de Fídias e de Alcâmenes, ou se, pelo contrário, é a arte que devemos considerar mais estimável.

ZEUS — Assim devia ser... mas o ouro é mais estimável.

---

<sup>597</sup> É claro que Homero não convocava, propriamente, os deuses, mas compunha os versos da convocação.

<sup>598</sup> Os versos que se seguem são tirados de diversos passos da *Iliada*: VIII, 7: XX, 7; IX, 228; XIII, 227.

<sup>599</sup> Esta exceção especial (e mais que lógica!) já vem da *Iliada*, XX, 7.

<sup>600</sup> Uma hecatombe era, inicialmente, um «sacrifício de cem bois»; em breve, porém (como era natural...), passa a significar «sacrifício importante».

HERMES — Compreendo... Mandas-me sentá-los segundo o seu valor pecuniário, e não segundo a sua excelência artística e os seus méritos. Nesse caso, vós, os de ouro, vinde ocupar os lugares da frente...

8. ... Está-me cá a parecer, ó Zeus, que somente os [deuses] bárbaros irão ocupar os lugares da frente, pois quanto aos [deuses] gregos, estás a ver como eles são realmente graciosos, bem-parecidos e feitos segundo as regras da arte, mas todos eles de mármore, ou de bronze, ou, quando muito, os mais luxuosos de entre eles são de marfim com uns laivos de ouro para lhes dar uma cor e um brilho superficiais; por dentro, porém, são de madeira e abrigam no seu interior autênticos ‘rebanhos’<sup>601</sup> de ratos que aí estabelecem a sua residência. Pelo contrário, aqui a [deusa] Bêndis, e acolá o Anúbis, e junto dele Átis, e também Mitra e Men, são todos de ouro maciço, muito pesados e verdadeiramente preciosos.

9. POSÍDON — Será justo, ó Hermes, que aqui este egípcio com cara de cão<sup>602</sup> se sente à frente de mim, que sou Posídon?

HERMES — É justo, sim, ó ‘*Estremecedor-da-Terra*’<sup>603</sup>, uma vez que Lisipo te fez pobre, pois nessa altura os Coríntios não tinham ouro. Este, pelo contrário, é mais rico que minas inteiras. Portanto, debes aceitar ser passado para trás e não te irritares pelo facto de um tipo com umas tais ventas, mas de ouro, seja preferido à tua pessoa.

10. AFRODITE — Pois bem, ó Hermes, pega em mim e coloca-me nos lugares da frente. Sim, que eu sou de ouro!

HERMES — Não és, não, ó Afrodite, pelo menos tanto quanto eu vejo. Se não estou cego remeloso, tu és feita, creio eu, de mármore branco de Pêntele<sup>604</sup>, de onde foste cortada, após

---

<sup>601</sup> O gr. *agélē* (ἀγέλη) significa uma multidão de praticamente quaisquer animais: bois, porcos, aves, peixes, cavalos, e até... pessoas; aqui trata-se de uma multidão de ratos... (v. dicionários).

<sup>602</sup> “este egípcio com cara de cão” (ou “... cara de chacal”): Anúbis.

<sup>603</sup> “*Estremecedor-da-Terra*”, epíteto de Posídon, o deus do mar (o Neptuno romano): *Ennosígaios* (Ἐννοσίγαιος). Os Gregos desde cedo se aperceberam de que os sismos tinham origem no mar...

<sup>604</sup> Demo e monte da Ática, famoso pela qualidade e brancura e pureza do seu mármore.

o que foi decidido entregar [o bloco] a Praxíteles, te tornaste *Afrodite* e foste oferecida aos Cnídios<sup>605</sup>.

AFRODITE — Mesmo assim, vou apresentar-te, como testemunha credível, Homero, o qual, em muitos passos dos seus poemas, me chama *Afrodite de ouro*<sup>606</sup>.

HERMES — Pois sim, mas o mesmo Homero também afirma que Apolo é *‘de-muito-ouro*<sup>607</sup> e *‘rico*’, mas agora mesmo vais vê-lo também ele sentado para aí entre os... *‘zeugitas*<sup>608</sup>, espoliado da sua coroa pelos ladrões e despojado até da cravelha da sua lira. Portanto, contenta-te por não figurares na assembleia entre a classe dos *‘tetes*<sup>609</sup>.

11. COLOSSO DE RODES<sup>610</sup> — Quem se atreveria a rivalizar comigo, que sou o Sol e tenho uma estatura tão gigantesca? Se os Ródios não pretendessem fazer-me tão monstruoso e tão desmedido, poderiam, pelo mesmo preço, fabricar dezasseis deuses de ouro<sup>611</sup>, pelo que devo ser considerado comparativamente mais valioso. Além disso, a um tamanho tão grande acresce ainda a arte e a perfeição da obra.

HERMES — Que é que devemos fazer, ó Zeus? É uma questão difícil de julgar, pelo menos para mim. Na verdade, se eu considerar o material, é apenas de bronze, mas se eu fizer as

---

<sup>605</sup> “Cnídios”, de Cnido, na Cária (Ásia Menor). Uma cópia romana da famosa estátua encontra-se no Vaticano.

<sup>606</sup> *Afrodite de ouro*, (acusat.) *khrūsên Aphrodītēn* (χρυσῆν Ἀφροδίτην), não por ser feita de ouro, mas pela sua tez dourada, ou amarelo-dourada. É claro que Afrodite joga com o sentido de “dourada”.

<sup>607</sup> *‘de-muito-ouro*”, *polúkhrūsos* (πολύχρυσος). Segundo os dicionários, Homero usa este epíteto somente aplicado às cidades de Tróia e Micenas. Deve tratar-se de equívoco... aliás útil para a argumentação.

<sup>608</sup> “zeugitas”, gr. (pl.) *zeugítai* (ζευγῖται). Pela reforma de Sólon, que dividia os cidadãos em quatro classe de acordo com a fortuna, os zeugitas constituíam a 3ª classe (eram cidadãos de... 3ª classe!). A sua designação vem do facto de só unindo-se com outro poderem comprar e sustentar um cavalo...

<sup>609</sup> “tetes”, *thêtes* (θηῆτες), a 4ª e última classe de cidadãos, era constituída por operários e artesãos assalariados.

<sup>610</sup> “Colosso de Rodes”, gigantesca estátua de bronze, que os Ródios erigiram (292-280 a.C.) em honra do Sol (Hélio), foi destruída por um sismo em 223 a.C., pelo que Luciano só conhece a estátua por descrições literárias.

<sup>611</sup> Note-se o expediente: O Colosso, obviamente feito de bronze, apressa-se a “fazer o câmbio” para o valor em ouro...

contas aos talentos que [a obra] custou a forjar, iria para cima de quinhentos medimnos<sup>612</sup>.

ZEUS — Mas que é que este fulano tinha de vir aqui patentear a pequenez dos outros e atrapalhar a distribuição dos assentos? Mesmo assim, meu caríssimo Ródio, se de facto deves ser avaliado acima dos de ouro, como é que ocuparias a primeira fila, sem que fosse preciso que todos os outros se levantassem, para que somente tu ficasses sentado, tu que ocupas toda a Pnice<sup>613</sup> só com uma das nádegas? Portanto, será melhor que assistas à Assembleia de pé, olhando a reunião lá de cima.

12. HERMES — Mas eis que agora surge mais um caso difícil de resolver, que são dois [deuses] de bronze e [feitos] com a mesma arte, cada um deles obra de Lisipo e — o factor mais importante — de igual nobreza, ambos filhos de Zeus: Dioniso e Hércules. Então qual deles terá a precedência? É que, como estás vendo, eles já estão a altercar.

ZEUS — Ó Hermes, estamos a perder muito tempo, já de há muito que devíamos estar a funcionar... Pois então que se sentem todos misturados uns com os outros, onde cada um quiser... Qualquer dia convocarei uma assembleia para tratar deste assunto, e então saberei qual o lugar de ordem que devo atribuir a cada um deles.

13. HERMES — Por Hércules!, que grande algazarra estão fazendo, berrando em coro, como fazem todos os dias: *“Distribuições! Onde está o néctar? Esgotou-se a ambrósia! Onde estão as hecatombes? Vítimas<sup>614</sup> em comum!”*

ZEUS — Manda-os calar, ó Hermes, para que sejam informados do motivo por que foram convocados e se deixem de disparates.

HERMES — Mas, ó Zeus, nem todos compreendem a língua grega, e eu não sou poliglota<sup>615</sup> a ponto de fazer uma

---

<sup>612</sup> O medimno era uma medida de capacidade para sólidos, equivalente a cerca de 39 litros, pelo que “quinhentos medimnos” representam uma quantia elevadíssima, algo como 19.500 *litros* de moedas de ouro!

<sup>613</sup> “Pnice” (ou Pnix), praça em Atenas, a oeste da Acrópole, onde se reunia a Assembleia do Povo.

<sup>614</sup> “Vítimas”, quer dizer, animais oferecidos em sacrifício, e cuja distribuição deveria ser (mas parece que não era!) equitativa.

<sup>615</sup> “poliglota”, gr. *polýglōttos* (πολύγλωττος); a forma correcta (que chegou a usar-se, mas foi abandonada) seria *poligloto*...



proclamação que seja entendida por citas, persas, trácios e celtas. Creio que será melhor fazer-lhes sinal com a mão, pedindo-lhes deste modo que se calem.

ZEUS — Sim, faz isso...

14. HERMES — ... Muito bem, ficaram mais mudos que os sofistas<sup>616</sup>. Então é altura de falares. Estás vendo? Há já muito tempo que estão a olhar para ti, na expectativa do que tu lhes irás dizer.

ZEUS — Aquilo que eu sinto, ó Hermes, não hesitarei em dizer-to, a ti que és meu filho. Tu bem sabes como eu sempre fui confiante e eloquente nas nossas assembleias.

HERMES — Sim, sei, e temia ao ouvir-te discursar, principalmente quando tu ameaçavas fazer descer a tal corrente de ouro e elevar desde os seus fundamentos a Terra e o mar, juntamente com os próprios deuses.

ZEUS — Mas neste momento, meu filho, não sei se pela gravidade dos perigos que sobre nós impendem, ou pela enorme multidão presente — a Assembleia, como vês, está apinhada de divindades —, sinto a mente confusa, estou um tanto ou quanto receoso e até parece que tenho a língua presa; mas o mais estranho de tudo é o facto de me ter esquecido do exórdio do tema geral, que tinha preparado, para que esse meu começo tivesse para eles um aspecto extremamente agradável.

HERMES — Já estragaste tudo, ó Zeus. Eles já estão desconfiados do teu silêncio e ficam na expectativa de ir ouvir [a informação de] alguma enorme desgraça, que tu estás a protelar.

ZEUS — Achas, ó Hermes, que deva recitar-lhes aquele exórdio homérico...

HERMES — Qual exórdio?

ZEUS —

*Escutai-me, deuses todos, || e também todas as deusas!*<sup>617</sup>

HERMES — Oh não!, pois já nos declamaste [isso] vezes de mais, no início [dos teus discursos]. Mas, por favor, deixa lá esses versos enfadonhos e cita antes, com alguns arranjos, um dos discursos de Demóstenes contra Filipe... um qualquer à

---

<sup>616</sup> “mais mudos que os sofistas” é uma piada aos... sofistas.

<sup>617</sup> *Iliada*, VIII, 5.

tua vontade, que é como hoje em dia a maior parte das pessoas compõe discursos.

ZEUS — Dizes bem. Trata-se de um processo oratório muito rápido e um truque muito cómodo para quem está com falta de assunto.

15. HERMES — Ora então começa lá.

ZEUS — *“Senhores Deuses! Julgo que vós, em vez de muito dinheiro, escolheríeis que vos fosse revelado por que motivo é que hoje fostes convocados [para esta assembleia]. Assim sendo, convém que escuteis com muita atenção as minhas palavras. Antes de mais, ó deuses, a [própria] conjuntura actual fala por si, dizendo-nos que devemos atacar com firmeza a presente situação. Nós, porém, damos a impressão de estarmos muitíssimo indiferentes a essa situação. Quero, neste momento — realmente faz-me aqui falta o Demóstenes —, revelar-vos com toda a clareza o motivo pelo qual fiquei perturbado e convoquei esta assembleia.”*

*“Ora, ontem, como sabeis, tendo o armador Mnesíteo oferecido um sacrifício de acção de graças pela salvação do seu navio, que quase naufragara junto do cabo Cafereu, foram presenteados com um banquete no Pireu todos quantos de nós ele convidou para o sacrifício. Depois, feitas as libações, vós retirastes-vos, uns para um lado, outros para outro, como bem pareceu a cada um. Eu, porém, como ainda não era muito tarde, subi à cidade, a fim de dar um passeio vespertino pelo Ceramico<sup>618</sup>, ao mesmo tempo que pensava comigo mesmo na mesquinhez de Mnesíteo, o qual, para obsequiar com um banquete dezasseis deuses, sacrificou um único galo, e mesmo assim já velho e gosmoso, bem como quatro grãos de incenso tão bolorentos, que, mal chegados às brasas, logo se extinguiram, sem produzirem sequer um pouco de fumo que desse para cheirar com a ponta do nariz... e tudo isto depois de ter prometido quantidades de hecatombes, quando o seu navio se dirigia contra o rochedo e estava no meio dos recifes.”*

---

<sup>618</sup> “Cerâmico”, palavra grave, gr. *Keramēikós* (Κεραμεικός), lat. *Ceramīcus*, praça e bairro de Atenas, “bairro dos oleiros”. Não confundir com o adj. *cerâmico*, gr. *keramikós* (κεραμικός, com -i- breve). Já se percebeu que a quantidade da penúltima sílaba é que comanda o lugar do acento em *latim* e, daí, em português: *Penúltima sílaba longa contém o acento; penúltima sílaba breve leva o acento para a antepenúltima*. Daí, port. adj. *cerâmico* e topónimo *Ceramico*. Note que o ditongo (ou dígrafo...) gr. *ei* (ει) dá em lat. *ē* > *ī*...

16. “Enquanto meditava neste caso, chego ao Pórtico Pécile<sup>619</sup>, onde vejo uma multidão muito compacta de homens, alguns sob o próprio pórtico, muitos ao ar livre, e uns certos fulanos berrando e esganiçando-se, sentados nos degraus. Aí eu, conjecturando — e estava certo — que se tratava de filósofos, e desses mais truculentos, decidi aproximar-me e escutar o que eles diziam. Então, envolvi-me numa nuvem das mais espessas e, vestindo-me à maneira desses tipos e esticando a minha barba, parecia mesmo um filósofo. Depois, acotovelando as pessoas, entro sem que ninguém soubesse quem eu era. Dou com o safado do epicurista Dâmis e com o estóico Tímocles, o melhor dos homens, a discutirem com extrema veemência. Tímocles suava em bica e estava rouco à força de berrar, enquanto Dâmis ria sardonicamente, com o que ainda mais acirrava Tímocles.”

17. “Toda a sua discussão era a nosso respeito. O patife do Dâmis afirmava que nós não velamos pelos homens, nem observamos o que se passa entre eles, e dizia, nada mais, nada menos, que nós, pura e simplesmente, não existimos. Era pelo menos isso o que o seu discurso pretendia significar. E havia mesmo alguns que o elogiavam. O outro, pelo contrário, pensava sensatamente a nosso respeito, lutava por nós, irritava-se e defendia por todos os meios a nossa Providência, expondo a maneira sábia e devidamente ordenada como nós dirigimos e regulamentamos todas as coisas. Também ele tinha alguns que o elogiavam, mas já estava muito fatigado, falava com muita dificuldade, pelo que a multidão começava a inclinar-se para Dâmis. Então eu, apercebendo-me do perigo, ordenei à Noite<sup>620</sup> que estendesse o seu manto e pusesse termo à discussão. Assim, retiraram-se, mas combinaram para o dia seguinte levar o debate até ao fim. E eu, acompanhando muitos deles, ia-os escutando enquanto se dirigiam para suas casas, muitos dos quais elogiavam as palavras de Dâmis e preferiam de longe as sua ideias. Havia alguns, porém, que aconselhavam [os outros] a não condenarem antecipadamente a outra parte, mas a esperarem, para ver o que Tímocles diria no dia seguinte.”

18. “Foi por este motivo, ó deuses, que eu vos convoquei, [um motivo] de nada pequena gravidade, se pensardes como toda a

---

<sup>619</sup> “Pórtico Pécile”, *Poikilē Stoá* (Ποικίλη Στοά), galeria em Atenas, decorada com pinturas de Polignoto e outros artistas; também célebre por aí funcionar a Escola Estóica, fundada por Zenão de Cício (cid. de Chipre).

<sup>620</sup> A *Noite* como divindade, e das mais antigas do Universo.

*nossa honra, toda a nossa glória e todos os nossos rendimentos residem nos homens. Se estes forem convencidos de que pura e simplesmente os deuses não existem, ou, caso existam, não cuidam das coisas humanas, deixaremos de receber vítimas, oferendas e honras vindas da Terra, e ficaremos pasmadamente sentados no céu, vítimas da fome e privados dos famosos festivais, das nossas celebrações, dos jogos, dos sacrifícios, rituais nocturnos e procissões. Assim sendo, acho que se torna necessário que todos pensem num meio de salvação da conjuntura presente, de modo que Tímocles saia vencedor e pareça ser quem argumentou com mais verdade, enquanto Dâmis será motivo da troça dos ouvintes. É que, cá por mim, não acredito que Tímocles vença só por si, se não lhe for prestado auxílio da nossa parte. Portanto, Hermes, faz a proclamação habitual, para que eles se levantem e dêem a sua opinião.”*

HERMES — Atenção! Silêncio! Sossego!... Quem é que, de entre os deuses de pleno direito, aos quais isso é permitido, quer usar da palavra?... Mas... que é isto? Nenhum [de vós] se levanta, mas antes ficais muito quietinhos, estupefactos perante a grandeza do que vos foi anunciado?!

19. MOMO<sup>621</sup> —

*Oxalá vos convertais || vós todos em água e terra!*<sup>622</sup> ...

... Pois eu, ó Zeus, se me fosse dado falar com toda a franqueza, teria muita coisa para dizer.

ZEUS — Fala com toda a confiança, ó Momo, pois é evidente que a tua franqueza vai no sentido dos nossos interesses.

MOMO — Pois então, ó deuses, escutai as minhas palavras, as quais, como sói dizer-se, brotam do coração. Em boa verdade, eu já esperava, muito convictamente, que os nossos interesses iriam chegar a esta situação desesperada, e que nos surgiriam muitos sofistas desta espécie, que vão buscar a nós próprios a justificação do seu atrevimento. Mas, por Témis<sup>623</sup>, não é justo que nos irriteemos contra Epicuro, nem contra os seus discípulos, nem contra os sucessores das suas doutrinas, pelo facto de os homens terem um tal conceito de nós. Realmente, que

---

<sup>621</sup> Momo, filho da Noite, personificação do sarcasmo e da maior franqueza.

<sup>622</sup> *Iliada*, VII, 99: Menelau verbera a cobardia dos gregos,

<sup>623</sup> “Témis”, filha de *Ouranós* (Ὀὐρανός), Úrano ou o Céu, e de *Gaia* (Γαῖα), Geia ou a Terra, era tida como a personificação da Justiça...

é que se poderia esperar que eles pensassem [de nós], quando constatarem uma tão grande desordem nas suas vidas, como as pessoas de bem a serem desprezadas, consumidas pela miséria, pelas doenças e pela servidão, enquanto os perversos e os patifes são cumulados de honras, enriquecem excessivamente e mandam nos que são melhores que eles, e os sacrílegos não são punidos, mas, pelo contrário, escapam [à justiça], ao passo que, por vezes, pessoas inocentes são empaladas e flageladas?

20. É, pois, natural que, ao verem tais coisas, pensem, a nosso respeito, que nós não somos absolutamente nada, especialmente quando ouvem os oráculos dizerem que *‘quem atravessar o Hális<sup>624</sup> destruirá um grande Império’*, sem revelarem se era o próprio Império ou o do inimigo<sup>625</sup>. E este outro:

*Divina Salamina, tu farás||os filhos de mulheres perecer*<sup>626</sup>.

Na verdade — julgo eu — tanto os Persas como os Gregos são filhos de mulheres. Ora, quando [os homens] ouvem os rapsodos dizerem que nós nos apaixonamos, que recebemos ferimentos, que somos agrilhoados, que somos feitos escravos, que brigamos e que temos mil e um problemas — e tudo isto apesar de nos gabarmos de sermos bem-aventurados e imortais —, não terão eles razão para troçarem de nós e não terem a mínima consideração pelas nossas coisas? Nós, porém, ficamos furiosos só porque certos homens, que, de resto, não são muito estúpidos, denunciam esta situação e rejeitam a [ideia da] nossa providência, quando devíamos era dar-nos por felizes pelo facto de ainda haver alguns que nos oferecem sacrifícios, apesar dos nossos erros.

21. Aqui para nós, ó Zeus — já que estamos só nós, sem nenhum humano presente na assembleia, com excepção de Hércules, de Dioniso, de Ganimedes e de Asclépio<sup>627</sup> que foram

---

<sup>624</sup> “Hális”, grande rio da Ásia Menor (actual Turquia), nome moderno *Quizil-Irmaque* (turco: *Kizil-Irmak*); c. 900 km, desagua no Mar Negro.

<sup>625</sup> Oráculos ambíguos, como este, o seguinte e muitos outros, só podiam, aos olhos de Luciano e outros intelectuais, desacreditar a divindade e tornar manifesta a má-fé dos profetas.

<sup>626</sup> Citado por Heródoto, VII, 141.

<sup>627</sup> Trata-se *heróis* ou *semideuses*, filhos de uma divindade e um ser humano. O caso de Ganimedes, raptado por Zeus e depois seu escanção

acrescentados ao registo —, responde-me lá, com verdade, se alguma vez te preocupaste com o que se passa na terra, a ponto de averiguares quais de entre os humanos são maus e quais são bons. Não serias capaz de o dizer. Na verdade, se Teseu, ao deslocar-se de Trezena para Atenas, não tivesse, de caminho, acabado com os malfeitores, nada, no que dependia de ti e da tua providência, impediria que Círon, Pitioctepes<sup>628</sup>, Cércion e outros continuassem a viver regaladamente à custa do assassinato dos viajantes. Ou então, se Euristeu, homem justo e providente, informado do que se passava em diversas regiões, não tivesse, por [pura] filantropia, enviado aquele seu servo<sup>629</sup>, homem laborioso e pronto para [afrontar] dificuldades, tu, ó Zeus, pouco te preocuparias com a Hidra, com os pássaros do [lago] Estínfalo, com as éguas dos Trácios<sup>630</sup> ou com a insolência e os avinhados excessos dos Centauros<sup>631</sup>.

22. Mas, se [realmente] devo dizer a verdade, nós estamos para aqui sentados, unicamente espiando se alguém nos oferece um sacrifício ou põe os nossos altares a fumegar de carne assada. Quanto às outras coisas, seguem o seu curso, cada uma delas levada ao acaso. Assim, é natural que estejamos a sofrer, e venhamos a sofrer ainda mais, quando, a pouco e pouco, os homens olharem cá para cima e descobrirem que não retiram qualquer vantagem dos seus sacrifícios e das suas procissões. Então, dentro de pouco tempo, verás os Epicuros, os Metrodoros e os Dâmis a troçarem de nós, e os nossos defensores a serem vencidos reduzidos ao silêncio por eles. Portanto, seria do vosso interesse remediar esta situação, pois fostes vós que encaminhas-tes as coisas neste sentido. Para Momo, porém, não é grande o perigo de vir a ficar sem honrarias, pois desde há muito que

---

e seu menino querido, é mais complicado, mas, como descendente de Dárdano, tinha algumas costelas divinas...

<sup>628</sup> “Pitioctepes”, lit. <sup>te</sup> “derruba-pinheiros”, alcunha do bandido Sínis.

<sup>629</sup> “aquele seu servo”, ou seja, Hércules, que expiava uma punição, servindo como escravo em casa de Euristeu, que lhe impôs os célebres “trabalhos”, que consistiam em livrar a Humanidade de diversos flagelos (v. a seguir).

<sup>630</sup> “as éguas dos Trácios”, ou as éguas de Diomedes, rei da Trácia. Eram quatro, que se alimentavam de carne humana...

<sup>631</sup> Sobre os “trabalhos de Hércules” (bem mais de doze!), v. P. GRIMAL, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, trad. de Victor Jabouille (et alii), 4ª ed., Difel, 2004.

ele não estava entre os [deuses] que recebiam honras, enquanto vós ainda éreis afortunados e usufruíeis de sacrifícios.

23. ZEUS — Deixemos, ó deuses, este fulano asneiar, pois ele é sempre truculento e amigo de criticar. Na verdade, como disse o admirável Demóstenes, acusar, censurar e criticar é muito fácil e está ao alcance de todos, ao passo que dar sugestões no sentido de melhorar a presente situação é coisa própria de um conselheiro verdadeiramente sensato, e é isso mesmo, tenho a certeza, que vós outros ireis fazer, agora que este tipo já está calado.

24. POSÍDON — Eu, como vós, aliás, sabeis, sou um [deus] subaquático, e vivo metido comigo mesmo nas profundezas, mas, na medida das minhas possibilidades, salvando os navegantes, orientando os navios e acalmando os ventos. Mesmo assim, uma vez que também me interessa pelo que se passa aqui, acho que temos de pôr esse tal Dâmis fora de acção, antes de ele entrar na liça, quer usando o raio, quer por qualquer outro meio, para que ele não vença com a sua argumentação, uma vez que tu, Zeus, dizes que ele é uma pessoa muito convincente. E ao mesmo tempo mostraremos às pessoas como punimos aqueles que expõem tais ideias contra nós.

25. ZEUS — Estás a brincar, ó Posídon, ou então esqueste-te por completo de que nada disso está sob a nossa jurisdição, mas, pelo contrário, são as *Moiras*<sup>632</sup> que fiam o destino de cada pessoa, [fazendo] que um morra atingido por um raio, outro pela espada, outro vítima de febre ou de tísica. Ou cuidas tu que, se essa matéria estivesse na minha mão, eu permitiria que, ainda recentemente, uns assaltantes de templos saíssem de Pisa<sup>633</sup> sem apanharem com os meus raios, depois de cortarem rente duas das minhas madeixas, cada uma delas

---

<sup>632</sup> As *Moiras* (ou *Parcas*), filhas de Zeus e de Témis (a Justiça), eram as divindades que presidiam ao destino dos humanos. Eram três: *Cloto*, *Láquesis* e *Átropo*. Láquesis determinava a parte de vida que cabia a cada pessoa e carregava a roca, que depunha nas mãos de Cloto; Átropo, ao cortar o fio, punha termo aos dias de vida concedidos.

<sup>633</sup> Pisa, cidade da Élide, perto de Olímpia; não confundir com Pisa, cidade da Etrúria (Itália).

no valor de seis minas?<sup>634</sup> E tu próprio terias feito vista grossa, em Geresto<sup>635</sup>, ao pescador de Oreu, que te furtou o tridente? Aliás, daríamos a impressão de estarmos irritados e aflitos com o caso e de temermos os argumentos de Dâmis, e que por isso nos desembaraçávamos do homem, sem esperar que ele se confrontasse com Tímocles. Desse modo, que outra coisa pareceria, senão que saíamos vencedores por falta de antagonista?

POSÍDON — E eu que julgava ter imaginado um meio muito rápido de obter a vitória...

ZEUS — Qual quê! Ó Posídon, essa é uma ideia que cheira a atum e é completamente grosseira, a de eliminar previamente o adversário, de modo que ele morra sem ter sido vencido e, ainda por cima, deixando a questão por julgar.

POSÍDON — Nesse caso, é melhor que vós penseis noutra solução, uma vez que a minha vos cheira assim tanto a atum.

26. APOLO — Se nos fosse permitido por lei, a nós, jovens e ainda sem barba, discursar em público<sup>636</sup>, talvez eu dissesse algo de interesse para o debate.

MOMO — Ó Apolo, este debate é sobre um assunto tão grave, que o direito à palavra é conferido, não segundo a idade, mas a todos sem excepção. De facto, seria muito divertido que, correndo nós um perigo extremo, nos perdêssemos em miudezas a respeito do direito segundo as leis. Todavia, nos termos da lei, tu já és um orador, de há muito saído da classe dos efesos e inscrito no registo dos Doze<sup>637</sup>... e por pouco que não pertenças ao Conselho do tempo de Crono! Portanto deixa-te de infantilidades connosco e diz já com toda a confiança a tua opinião, sem te envergonhares de ires discursar assim imberbe, tanto mais que tens um filho, Asclépio<sup>638</sup>, bem fornecido de

---

<sup>634</sup> Uma mina = 100 dracmas, pelo que as duas madeixas de ouro roubadas da estátua de Zeus valiam  $100 \times 12 = 1.200$  dracmas. A título de comparação, uma *hetera* levava por “sessão” uma mina (100 dracmas), quantia que chegava para comprar um colar...

<sup>635</sup> Geresto, cidade da Eubeia, onde Posídon tinha um templo. Oreu era outra cidade da Eubeia.

<sup>636</sup> Em Atenas, só os maiores de trinta anos podiam usar da palavra nas assembleia e expor as suas opiniões.

<sup>637</sup> “dos Doze”, i. é, dos doze grandes deuses: Zeus, Posídon, Plutão, Hera, Atena, Apolo, Ares, Afrodite, Deméter, Hermes, Hércules, Hefesto... e mais alguns...

<sup>638</sup> “Asclépio” (lat. *Aesculapius*), deus da medicina, era representado com farta cabeleira e todo o rosto com barba e “pêra” bem... farfalhudas.



barba no rosto e no queixo. De resto, ficar-te-ia muito bem, sobretudo agora, revelar a tua ciência, se não é sem motivo que estás sentado no [monte] Hélicon a filosofar com as Musas.

APOLO — Mas, ó Momo, não é a ti que compete dar-me tal permissão, mas sim a Zeus. Se este mo ordenar, talvez eu diga algo que não seja indigno das Musas, mas digno da minha função no Hélicon.

ZEUS — Fala, meu filho, tens a minha permissão.

27. APOLO — Esse tal Tímocles é realmente um homem honesto, temente aos deuses<sup>639</sup> e que conhece perfeitamente a doutrina estóica, pelo que dá aulas de filosofia a muitos jovens e recebe por essa actividade honorários nada módicos, sendo mesmo muito convincente quando discute particularmente com os seus discípulos. Diante de uma multidão, porém, é acanhado na expressão, tem uma pronúncia vulgar e semibárbara, motivo pelo qual, nos debates, suscita o riso [dos ouvintes], por não falar fluentemente, antes gaguejando e falando atabalhoadamente, mas especialmente quando, apesar disso, pretende patentear elegância de estilo. Na verdade, possui uma inteligência extremamente viva e subtil, segundo afirmam os que conhecem melhor do que eu a doutrina estóica; no entanto, quando fala e explica [os conceitos], devido a esse defeito, estraga e confunde tudo, sem tornar claro o que pretende dizer, mas, pelo contrário, sai-se com enunciados que mais parecem adivinhas, ou responde às perguntas de modo muito impreciso. Então as pessoas, não o compreendendo, fazem troça dele. Ora, julgo eu, há que falar com clareza<sup>640</sup> e, acima de tudo, dar muita atenção a que os ouvintes nos entendam.

28. MOMO — Disseste muito bem, ó Apolo, ao louvares os que falam com clareza, muito embora tu não procedas mesmo nada dessa maneira nos teus oráculos, em que és muito ambíguo e enigmático, e muitos dos quais tu lanças assim para a ‘arena’, com toda a segurança, de maneira que os ouvintes necessitam de outro [Apolo] Pítio para os interpretar... Em todo o caso,

---

<sup>639</sup> “temente aos deuses” é a nossa expressão “crístá”; o gr. tem *philótheos* (φιλόθεος), “amigo dos deuses”...

<sup>640</sup> “falar com clareza” poderia entender-se no sentido de “pronunciar claramente as palavras” (aspecto a que se alude um pouco acima) ou “*exprimir-se com clareza*”, que é a interpretação de Momo, logo a seguir.

que é que nos aconselhas para este caso? Que remédio aplicar contra a fraqueza oratória de Tímocles?

29. APOLO — E então se nós, ó Momo, pudéssemos, vá lá..., proporcionar-lhe um advogado, algum desses tipos eloquentes, que expusesse com elegância tudo aquilo que Tímocles pensasse e lhe sugerisse?

MOMO — O que acabas de dizer é verdadeiramente digno de um tipo imberbe, que ainda necessita de um pedagogo<sup>641</sup>... [Imagine-se,] pôr, num debate entre filósofos, um advogado que explicasse aos assistentes as opiniões de Tímocles, enquanto Dâmis falaria pela sua própria boca e sem o auxílio de ninguém, e o outro, servindo-se de um intérprete, sugeriria à parte, ao ouvido deste, o que lhe parecesse, após o que o intérprete poria em linguagem oratória o que ia escutando, talvez sem compreender! Como é que um tal processo poderia deixar de suscitar o riso da multidão? Imaginemos mas é outra coisa...

30. ... Mas tu, admirável criatura, que te gabas de ser adivinho, que ameahaste, por essa actividade, um pecúlio nada módico e que até já uma vez recebeste não poucos lingotes de ouro<sup>642</sup>, porque é que não nos demonstras, nesta ocasião, a tua arte, predizendo qual dos [dois] filósofos sairá vencedor do debate? Na verdade, como adivinho que és, certamente que sabes qual vai ser o resultado.

APOLO — Mas, ó Momo, como posso eu fazer tal coisa, se não tenho aqui à mão nem uma trípode, nem incensos, nem uma nascente profética como a de Castália?

MOMO — Estás vendo? Esquivas-te à prova, quando te vês apertado.

ZEUS — Mesmo assim, meu filho, fala e não dês a este sicofanta<sup>643</sup> um motivo para difamar e desacreditar a tua profissão, como se ela dependesse de uma trípode, de águas ou de

---

<sup>641</sup> O pedagogo, *paidagōgós* (παιδαγωγός) era, na Grécia e em Roma, um escravo encarregado de levar o menino à escola ou ao ginásio; em certos casos, funcionava mesmo como professor particular, que poderia atingir um certo prestígio, o de *educador*, donde o sentido moderno...

<sup>642</sup> Lingotes de ouro oferecidos por Cresos, rei da Lídia.

<sup>643</sup> *Sicofanta* era o indivíduo que promovia uma acção judicial contra outro, um delator, que, muitas vezes, fazia desse processo um modo de vida, pois, no caso de o réu ser condenado, uma parte dos bens deste revertia para o acusador...

incenso, de modo que, à falta de tais coisas, te visses privado da tua arte.

APOLO — Ó meu pai, seria melhor fazer isso em Delfos ou em Cólofon, onde tenho à mão tudo o que é preciso, como de costume. Mesmo assim, privado desses apetrechos e sem preparação, vou tentar profetizar a qual dos dois pertencerá a vitória. Desculpar-me-eis, se os versos não estiverem bem medidos<sup>644</sup>.

MOMO — Basta, ó Apolo, que digas coisas claras, que não necessitem nem de advogado nem de intérprete. Na verdade, não se trata agora de cozinhar juntamente carne de carneiro e de tartaruga, como na Lídia<sup>645</sup>. Pelo contrário, tu sabes bem de que é que trata o debate.

ZEUS — Então que irás tu dizer, meu filho?... Mas... eis [que surgem] os tremendos indícios prenunciadores do oráculo: mudança de cor, os olhos esgazeados, os cabelos eriçados, movimentos frenéticos, em suma, tem todos os sinais terríficos e místicos de quem está possesso.

### 31. APOLO<sup>646</sup> —

*Este oráculo divino || do profeta Apolo ouvide,  
sobre a disputa terrível || que travaram dois sofistas  
de agudos gritos e armados || de palavras abundantes.  
De parte a parte o ruído || e o ardor da luta incerta<sup>647</sup>.  
Quando as rabiças do arado || chegarem do monte ao cume,  
quando o abutre de unhas curvas || o gafanhoto raptar,  
quando grasnarem as gralhas, || as chuvas anunciando<sup>648</sup>,*

<sup>644</sup> Realmente, não estão bem medidos (v. §31).

<sup>645</sup> Creso, rei da Lídia, experimentou diversos oráculos, alguns deles com manha (oferecer carne de tartaruga como se fosse de carneiro...), a fim de verificar qual deles era verdadeiro. A história é contada por Heródoto, no livro I das *Histórias*, 46-49.

<sup>646</sup> No §30, Apolo pede desculpa, se os versos não estiverem bem medidos, e de facto, isso verifica-se nos dois primeiros. Num deus como Apolo, o imprevisto e a falta de certos apetrechos não deveria servir de desculpa. Trata-se de uma “maldade” de Luciano, aliás excelente metricista.

<sup>647</sup> Verso obscuro. Os quatro versos seguintes parecem constituir um *adúnaton* (ἀδύνατον), “um impossível”. Cf. port.: *Quando o sobreiro der бага / e a cortiça for ao fundo, / só então se há-de acabar / a má-língua neste mundo.*

<sup>648</sup> A impossibilidade não está em as gralhas grasnarem, mas sim em anunciar o Inverno (em vez da Primavera).

*as mulas a vitória alcançarão, || e marrará a burra em seus  
filhotes*<sup>649</sup>.

ZEUS — Porque te ris assim às gargalhadas, ó Momo? Na verdade a presente situação não é para rir. Pára aí, desgraçado, que vais sufocar de tanto rir.

MOMO — Mas como é isso possível, ó Zeus, perante um oráculo tão claro e tão evidente?

ZEUS — Nesse caso, poderias explicar-nos imediatamente o que ele quer dizer.

MOMO — É coisa óbvia, pelo que não vamos precisar de um Temístocles<sup>650</sup>. Na verdade, o oráculo diz muito precisamente que este fulano é um charlatão, e que, por Zeus!, vós sois uns burros chapados e umas [autênticas] mulas, que acreditais neste tipo e não tendes mais inteligência que os gafanhotos.

32. HÉRACLES — Cá por mim, meu pai, apesar de ser um *meteco*<sup>651</sup>, não hesitarei em dar a minha opinião. Logo que se encontrem e estejam a discutir, então, no caso de Tímocles estar a vencer, deixaremos prosseguir a contenda, pois é a nosso favor; se, porém, a coisa for no outro sentido, então eu, se achares bem, sacudirei esse pórtico e fá-lo-ei desabar sobre Dâmis, para que esse malandro não mais nos ultraje.

ZEUS — Por Héracles!, ó Héracles,<sup>652</sup> o que acabas de dizer é uma ideia grosseira e horrivelmente *beótica*<sup>653</sup>, essa de, por causa de um só malvado, destruíres de uma só vez tantas pessoas honestas, mais o Pórtico com [as imagens de] Maratona, de Milcíades e de Cinegiro<sup>654</sup>. Ora, se essas obras ruíssem, como

---

<sup>649</sup> Por incapacidade de comprimir o hexâmetro em dois hemistíquios de 7 + 7 sílabas, optei elo esquema 10 + 10 (e mesmo assim faltou dizer “... em seus *estouvados* filhotes!).

<sup>650</sup> Referência ao oráculo sobre a batalha de Salamina, referido por Heródoto, VII, 141; aqui acrescenta-se a interpretação dada por Temístocles...

<sup>651</sup> “*meteco*”, estrangeiro domiciliado em Atenas. Aqui, Héracles refere-se à sua situação de humano que ascendeu à condição divina, como que um meteco que adquirira quase os mesmos direitos que um cidadão a título pleno.

<sup>652</sup> “Por Héracles!, ó Héracles”: Note a interjeição, seguida do vocativo propriamente dito. O processo não deixa de ter alguma graça.

<sup>653</sup> Héracles, filho de Zeus e Alcmena, nasceu em Tebas, na Beócia, mas o adj. *beótico*, bem como o subst.-adj. *beócio*, contêm uma carga fortemente pejorativa: “pessoa *boçal*”. Neste passo, juntam-se os dois sentidos.

<sup>654</sup> Cinegiro, irmão de Ésquilo, foi herói e mártir na batalha de Maratona (490 a.C.). Conta Heródoto (VI, 114) que tentou agarrar um navio persa

é que os oradores continuariam a orar<sup>655</sup>, assim privados da maior parte da matéria para os seus discursos? Aliás, quando tu eras humano<sup>656</sup>, talvez pudesses praticar um acto desses, mas desde que te tornaste um deus, aprendeste, julgo eu, que somente as *Moiras*<sup>657</sup> podem fazer tal coisa, e que nós estamos excluídos dessas acções.

HÉRACLES — Portanto, quando eu estava a matar o leão ou a Hidra<sup>658</sup>, eram as *Moiras* que, através da minha pessoa, cometiam esses actos?

ZEUS — Com certeza.

HÉRACLES — E se agora alguém me ofender, ou assaltar o meu templo, ou derrubar a minha estátua, eu não posso esmagá-lo, se isto não tiver sido desde há muito determinado pelas *Moiras*?

ZEUS — De maneira nenhuma.

HÉRACLES — Então, ó Zeus, escuta cá [o que te digo] com toda a franqueza..., pois eu, como disse o cómico<sup>659</sup>,

*Como rústico que sou, || chamo à gamela gamela.*<sup>660</sup>

Ora, se é essa a vossa condição, digo um longo adeus às honrarias daqui, ao odor dos sacrifícios e ao sangue das vítimas,

---

pela parte da popa, mas um persa decepou-lhe uma mão à machadada, o que lhe causou a morte. Cinegiro tornou-se um dos heróis admirados pelos Gregos e celebrados nas artes plásticas.

<sup>655</sup> “oradores... orar”, gr. *rhētores... rhētoreúoien* (ῥήτορες... ῥητορεύοιεν).

<sup>656</sup> “quando tu eras humano”: O gr. diz “quando tu eras vivo”, o que pode causar alguma dificuldade... como se os deuses não fossem vivos...

<sup>657</sup> As *Moiras* (ou *Parcas*), filhas de Zeus e de Témis (a Justiça), eram as divindades que presidiam ao destino dos humanos. Eram três: Cloto, Láquesis e Átropo. Láquesis determinava a parte de vida que cabia a cada pessoa e carregava a roca, que depunha nas mãos de Cloto; Átropo, ao cortar o fio, punha termo aos dias de vida concedidos.

<sup>658</sup> Referência a dois dos chamados “trabalhos de Hércules”: o leão de Nemea (melhor que *Nemeia*) e a Hidra de Lerna.

<sup>659</sup> Talvez Aristófanes. A expressão (alargada no §41: *ao figo figo, à gamela gamela*) devia ser corrente, correspondente ao port. “pão-pão, queijo-queijo” ou “chamar os bois pelos nomes”. Possivelmente Luciano cita de memória, pelo que pode muito bem não se recordar exactamente do comediógrafo autor da frase.

<sup>660</sup> “à gamela gamela”, sequência que vem já do gr.: *tēn skáphēn skáphēn* (τὴν σκάφην σκάφην).

e desço já lá abaixo ao Hades, onde as sombras dos monstros que eu matei me temerão, assim nu e armado com o meu arco.

ZEUS — Muito bem! Tu és, como sói dizer-se, uma testemunha lá da casa<sup>661</sup>. Sim, com essa tua sugestão, pouparias a Dâmis [o trabalho de] dizer isso mesmo<sup>662</sup>...

33. ... Mas... quem é este fulano que se aproxima a toda a pressa, feito de bronze, tão bem modelado, de linhas tão harmoniosas, com os cabelos atados ao alto, à moda antiga? Sim, sim, ó Hermes, é o teu irmão, o da *ágora*<sup>663</sup>, o que está perto do Pórtico. Em todo o caso, está besuntado de resina, com a qual todos os dias os estatuários tiram um molde. Então, meu rapaz, porque é que vens assim a correr tanto? Será que trazes alguma novidade lá da Terra?

HERMÁGORAS — Grande novidade, ó Zeus, e merecedora de mil atenções.

ZEUS — Conta lá... Será que rebentou alguma revolta sem nós darmos por isso?

HERMÁGORAS —

*Estava eu, ainda há pouco, || por escultores do bronze  
besuntado de resina || pelo peito e pelas costas  
— uma couraça grotesca || que tinha sido moldada,  
à volta deste meu corpo, || com arte de imitador,  
pra tirar cópia fiel || de toda a estátua de bronze —,  
eis que vejo aproximar-se || uma turba e dois fulanos  
amarelentos, aos berros, || pugilistas de sofismas.  
Era Dâmis e...*

ZEUS — Ó meu caro Hermágoras, deixa-te de armar em actor trágico, que eu sei muito bem a quem te referes. Mas diz-me cá se a disputa já dura há muito.

---

<sup>661</sup> “lá da casa”, “caseira”, quer dizer, “lá deles, humanos”, referência à origem humana (ainda que parcial), de Hércules. Neste caso, Zeus censura Hércules por este renegar a sua actual condição divina, ao ameaçar ir morar no Hades, onde seria mais respeitado do que no seio dos deuses olímpicos.

<sup>662</sup> Na sequência da nota precedente, Zeus quer dizer que, se Hércules prescinde das homenagens humanas, está, afinal, a dar razão a Dâmis.

<sup>663</sup> O “Hermes da *ágora*”, ou *Hermágoras*, gr. *Hermagóras* (Ἑρμαγόρας) era uma estátua de Hermes, situada no Pórtico... Curioso é o facto de se tomar a estátua como *um outro* Hermes, irmão do primeiro...

HERMÁGORAS — Não há muito, mas ainda estavam nas primeiras escaramuças, lançando um ao outro algumas fundadas e ofendendo-se [mutuamente].

ZEUS — Que mais podemos nós fazer, senão espreitar lá para baixo e escutar o que eles dizem? Portanto, que as Horas removam a tranca, afastem as nuvens e abram de par em par as portas do céu...

34. ... Por Hércules! Mas que grande multidão se juntou para [os] ouvir! Esse tal Tímocles não me agrada lá muito, sempre a tremer e a atrapalhar-se. Hoje o fulano vai estragar tudo. Sim, é óbvio que não será capaz de fazer frente a Dâmis. Em todo o caso, façamos o melhor que pudermos e façamos votos por ele,

*em silêncio, só pra nós, || pra que Dâmis não nos oiça.*<sup>664</sup>

35. TÍMOCLES — Que estás tu para aí a dizer, ó Dâmis sacrílego? Que os deuses não existem nem velam pelas coisas humanas?

DÂMIS — Pois não. Mas primeiro responde-me tu com que argumento te persuadiste de que eles existem.

TÍMOCLES — Ai isso é que não! Responde-me antes tu, meu patife.

DÂMIS — Ai isso é que não! Responde antes tu...

ZEUS<sup>665</sup> — Até aqui, cá o nosso [homem] está, a levar a melhor, mas de longe, e a alterar com voz mais forte. Bravo, Tímocles! Cobre-o de insultos! Sim, aí é que reside a tua força, já que no resto ele te deixará mudo que nem um peixe.

TÍMOCLES — Não, por Atena! Não te responderei em primeiro lugar<sup>666</sup>.

DÂMIS — Pois bem, Tímocles, interroga-me lá tu, pois venceste, ao jurares desse modo... mas sem injúrias, por favor.

---

<sup>664</sup> *Iliada*, VII, 195, em que Ajax pede aos Gregos que rezem a Zeus por ele, que vai defrontar o temível Heitor, mas

*em silêncio só pra vós, || pra que os Troianos não oiçam.*

<sup>665</sup> Esta fala de Zeus é um aparte, só em pensamento. A disputa entre os dois contendores não é interrompida...

<sup>666</sup> Como se percebe, cada um entende ter vantagem em ser o primeiro a interrogar o outro. Coisas da dialéctica...

36. TÍMOCLES — Dizes bem. Disseste tu, então, meu maldito, que achas que os deuses não existem nem exercem qualquer providência.

DÂMIS — Claro que não.

TÍMOCLES — É o quê? Então é tudo impensado?

DÂMIS — Claro que sim.

TÍMOCLES — E o governo do Universo não está submetido a nenhum deus?

DÂMIS — Claro que não.

TÍMOCLES — E todas as coisas acontecem por acaso?

DÂMIS — Claro que sim.

TÍMOCLES — Então, meus senhores<sup>667</sup>, escutais tudo isto e consentis? Não lapidais este criminoso?

DÂMIS — Ó Tímocles, porque é que estás a acirrar as pessoas contra mim? E quem és tu, para te irritares na defesa dos deuses, quando eles próprios não se irritam? Pelo menos ainda nunca me fizeram nenhum mal, eles que há muito me ouvem... se é que ouvem...

TÍMOCLES — Ouvem, pois, ó Dâmis, ai isso é que ouvem, e um dia hão-de punir-te... dá tempo ao tempo...

37. DÂMIS — E quando é que eles teriam tempo para se ocuparem de mim, se, como tu dizes, têm tantas ocupações e governam uma quantidade infinita de coisas no mundo? É por este facto que eles ainda não te puniram pelos teus constantes perjúrios... e outras coisas mais...<sup>668</sup> isto para não ser obrigado, contra o que combinámos, a dizer mal de ti. Em todo o caso, não vejo que outra maior prova poderiam eles dar da sua providência, do que esmagando miseravelmente um miserável como tu. Mas é evidente que eles foram de viagem para lá do Oceano, talvez para o país dos “*Etiopes irrepreensíveis*”<sup>669</sup>, Na verdade, é seu hábito deslocarem-se a esse país, em busca de um banquete... e por vezes mesmo sem serem convidados...

---

<sup>667</sup> Tímocles dirige-se directamente à assistência, apelando para aquilo que julga ser o sentimento comum, ou seja, a religiosidade das pessoas.

<sup>668</sup> “e outras coisas mais...”: Ao longo de toda a sua obra, Luciano não se cansa de censurar os muitos filósofos que não acertam a sua vida privada com a nobreza da sua doutrina.

<sup>669</sup> Homero, *Iliada*, I, 423.



38. TÍMOCLES — Que é que eu poderei dizer, ó Dâmis, contra esse teu despudor?

DÂMIS — Aquilo que eu, ó Tímocles, há tanto tempo desejava ouvir da tua boca, [ou seja,] como é que foste levado a acreditar que os deuses exercem uma providência.

TÍMOCLES — Em primeiro lugar, convenceu-me a ordem dos acontecimentos [da Natureza], como o Sol a seguir sempre a mesma rota, a Lua a mesma coisa, as estações a sucederem-se, as plantas a crescerem, os seres vivos a reproduzirem-se, e estes mesmos tão habilmente engendrados, que se alimentam, copulam<sup>670</sup>, pensam, caminham, são pedreiros, sapateiros e outras coisas mais. Ora, tudo isto me parecem obras da Providência [divina].

DÂMIS — Mas, ó Tímocles, isso é uma petição de princípio<sup>671</sup>. De facto, continua a não ser evidente que cada uma dessas coisas seja realizada pela Providência [divina]. Lá que os factos são esses, também eu o afirmaria. Todavia, não é imediatamente obrigatório convencer-mos de que tais factos ocorrem devido a uma qualquer Providência. Na verdade, é possível que esses factos, inicialmente casuais, actualmente ocorram com regularidade e segundo as mesmas leis. Tu, porém, chamas a essa ordem das coisas “necessidade”, e depois, é claro, irritas-te contra quem não concorde contigo<sup>672</sup>, quando tu enumeras e elogias esses fenómenos, convencido de que eles constituem uma prova de que cada um deles é governado pela Providência. Portanto, segundo o cómico,

*Essa coisa tem mau gosto, || diz antes outra diversa.*

39. TÍMOCLES — Cá por mim, não creio que tenhamos necessidade de outra demonstração dessa ideia. Mesmo assim,

---

<sup>670</sup> “copulam”: A lição dos manuscritos é *kineisthai* (κινεῖσθαι), “movem-se”, o que seria aceitável, se, a seguir, não se dissesse “caminham”. Julgo que houve aqui uma emenda “pudica”, que se transmitiu à generalidade dos manuscritos, substituindo-se a forma original, *hineisthai* (ἠνεῖσθαι) “copular”, por outra, formalmente muito semelhante e nada... chocante.

<sup>671</sup> “isso é uma petição de princípio”. Lit.<sup>te</sup> “estás a apanhar /a utilizar/ aquilo mesmo que se pedia”.

<sup>672</sup> Lit.<sup>te</sup> “contra quem não te acompanhe”.

vou interrogar-te. Ora responde-me: Achas que Homero é um excelente poeta?

DÂMIS — Claro que sim.

TÍMOCLES — Pois bem, foi ele quem me convenceu, fazendo-me ver a Providência divina.

DÂMIS — Ó maravilhosa criatura! Lá que Homero foi um bom poeta, toda a gente concordará contigo, mas quanto a ser uma autoridade credível nessa matéria, nem ele nem nenhum outro poeta [o são]. De facto, julgo eu, os poetas não se ocupam da verdade, mas sim em encantar os ouvintes, e é nesse sentido que eles cantam em verso, nos enchem [os ouvidos] de mitos e, em suma, inventam todos os meios de nos darem prazer...

40. ... Mas eu gostava muito de te ouvir dizer por quais dos versos de Homero é que tu principalmente te deixaste persuadir. Será por aqueles em que ele diz, a respeito de Zeus, que a sua filha, o seu irmão e a sua esposa<sup>673</sup> conspiraram para o pôr a ferros? Então, se Tétis não tivesse chamado Briareu<sup>674</sup>, o bom do nosso Zeus teria sido apanhado e agrilhado. Em paga disso, e lembrado do bom serviço [prestado] por Tétis, ludibriou Agamémnon, enviando-lhe um sonho enganador, para que muitos Aqueus perecessem. Estás vendo? Na verdade, era-lhe impossível lançar o seu raio e esturrar directamente Agamémnon, sem passar por embusteiro. Ou será que o que te atraiu para essa crença foi o facto de teres ouvido [Homero dizer]<sup>675</sup> que Diomedes feriu Afrodite, e a seguir o próprio Ares, por incitamento de Atena, e passado pouco tempo os próprios deuses se lançaram em lutas singulares, todos misturados, machos e fêmeas, tendo Atena derrotado Ares, com este ainda a sofrer, julgo eu, do ferimento que recebera de Diomedes?! Ou o facto de que...

*contra Leto<sup>676</sup> se postou || o forte e propício Hermes.*

---

<sup>673</sup> “a sua filha, o seu irmão e a sua esposa”, respectivamente Atena, Posídon e Hera. v. *Iliada*, I, 396, ss.

<sup>674</sup> “Briareu”, gigante de cem braços, que tomou a defesa de Zeus e dos deuses na luta contra os Titãs.

<sup>675</sup> “teres ouvido [Homero dizer]”: O gr. tem, simplesmente, “teres ouvido”, mas o que se esperaria era “teres lido”. A solução intermédia pode não satisfazer, pois provavelmente o texto homérico seria mais *ouvido* que *lido*, nomeadamente na fase de aprendizagem na escola.

<sup>676</sup> “Leto” (lat. *Latona*), mãe de Apolo e de Ártemis (*Diana* dos Romanos).

... Ou será que te pareceu credível o que se conta de Ártemis, [a saber,] que esta ficou irritada, muito sentida pelo facto de não ter sido convidada para o banquete oferecido por Eneu, e que, por via disso, lançou contra o país deste [rei] um javali enorme e de força irresistível?! Será que foi por dizer tais coisas que Homero te convenceu?

41. ZEUS — Ó deuses! Que clamor se eleva do meio da multidão em louvor de Dâmis! Pelo contrário, o nosso homem parece estar em apuros, todo ele transpira e treme, é manifesto que vai mandar fora o escudo<sup>677</sup>, e já olha à sua volta, a ver por onde poderá escapar-se e pôr-se em fuga.

TÍMOCLES — Não achas que Eurípides fala sensatamente, quando faz os deuses subir à cena e os mostra salvando os bons heróis e esmagando os maus e ímpios... da tua laia?<sup>678</sup>

DÂMIS — Ó Tímocles, excelentíssimo filósofo, se foi por este processo que os tragediógrafos te convenceram, de duas, uma, forçosamente: ou que Polo, Aristodemo e Sátiro<sup>679</sup> se te afigurem, naqueles momentos, uns [autênticos] deuses, ou então eles não passam de máscaras dos deuses, de coturnos, de túnicas até aos pés, ou de clâmides<sup>680</sup>, de túnicas de manga<sup>681</sup>, de aventais — o que seria uma coisa extremamente ridícula. Mas quando Eurípides fala sem ser por estrita necessidade dos dramas, mas [diz] aquilo que pessoalmente lhe parece, então ouvi-lo-ás falar com toda a franqueza:

*Lá no alto estás a ver || aquele Éter infinito,  
que toda a Terra rodeia || com os seus húmidos braços?  
Pensa nesse como Zeus, || é ele o único deus.*

---

<sup>677</sup> “mandar fora o escudo” é a imagem (que vem desde o poeta jâmbico e satírico Arquiloco, séc. VII a.C.) do soldado que deita fora o escudo e foge do campo de batalha. Aqui o campo de batalha é,, verbal...

<sup>678</sup> Trata-se do processo chamado *theòs apò mēkhanês* (θεὸς ἀπὸ μηχανῆς), lat. *deus ex machina*, em que uma divindade, içada numa espécie de guindaste, resolve uma situação humanamente insolúvel.

<sup>679</sup> “Polo, Aristodemo e Sátiro”, actores trágicos famosos, do tempo de Demóstenes.

<sup>680</sup> A clâmide era uma capa curta, feita de uma peça rectangular, que se traçava e prendia num dos ombros. Era, em particular, um dos atributos de Hermes.

<sup>681</sup> Um dos lados da túnica tinha uma manga que cobria um dos braços.

Ou então:

*Zeus, quem quer que seja Zeus, || só sei de ouvir o seu nome,*

e assim por diante.

42. TÍMOCLES — Quer dizer que todos os homens e povos andam enganados, ao acreditarem nos deuses e celebrarem festas [em sua honra]?!

DÂMIS — Fizeste muito bem, ó Timocles, em me lembrares as crenças de todos os povos, através das quais qualquer pessoa vê perfeitamente como é incerto tudo o que se diz a respeito dos deuses. Na verdade, é muita a confusão, uns têm [deles] uma concepção, outros noutra: Os Citas sacrificam a uma cimitarra<sup>682</sup>, os Trácios a Zamólxis<sup>683</sup>, os Frígios a Men, os Etipos ao Dia, os Cilénios a Fales<sup>684</sup>, os Assírios a uma Pomba, os Persas ao Fogo, os Egípcios à Água, sendo que esta Água é [uma divindade] comum a todos os Egípcios; mas, localmente, para os Menfitas o boi é um deus, para os Pelusiotas<sup>685</sup> é o Alho, para outros é a Íbis ou o Crocodilo, para outros o Cinocéfaló, ou o Gato, ou o Macaco... E ainda, por essas aldeias, para uns o ombro direito é um deus, enquanto para os que habitam em frente é o outro [ombro]; para uns é uma metade da cabeça, para outros um vaso de barro ou um prato. Como é que essas crenças, caro Tímocles, podem deixar de ser motivo de risota?

MOMO — Eu não dizia, ó deuses, que tudo isso havia de se descobrir e ser examinado escrupulosamente?

ZEUS — Pois dizias, ó Momo, e era com muita razão que me censuravas, pelo que vou tentar remediar a situação, se conseguirmos escapar deste perigo iminente.

---

<sup>682</sup> “cimitarra”, espada curta e curva, de dois gumes, dos Persas e dos Citas.

<sup>683</sup> Zamólxis (ou Zalmóxis), humano divinizado pelos Getas (povo da Trácia), que lhe atribuíam a doutrina da imortalidade da alma e outras crenças próximas (ou mesmo derivadas) do Pitagorismo.

<sup>684</sup> “Fales” (ou *Falete*), gr. *Phálēs, -ētos* (Φάλησ,-ητος) ou *Phalēs, -ētos* (Φαλήσ,-ητος) é o equivalente a *Phallós* (Φαλλός), “Falo”.

<sup>685</sup> “Pelusiotas”, habitantes de Pelúsió, cidade do Baixo Egípto.

43. TÍMOCLES — Mas então, ó inimigo dos deuses, de quem é que tu dizes que são obra os oráculos e as previsões do futuro, senão dos deuses e da sua providência?

DÂMIS — Ó meu caro, cala-te [bem calado] a respeito dos oráculos, pois perguntar-te-ei qual deles pretendes mencionar especialmente... [Será] porventura aquele que o Pítio deu ao Lídio<sup>686</sup>, que era perfeitamente ambíguo e “de duas caras”, como o são alguns dos nossos Hermes, duplos e iguais de ambos os lados, seja qual for o ângulo por que o observes? Sim, qual dos impérios é que Ciro destruiria, se atravessasse o [rio] Hális: o seu próprio ou o de Ciro?<sup>687</sup> E isto apesar de esse desventurado Sardiano<sup>688</sup> ter comprado esse oráculo ambíguo por não poucos talentos.

MOMO — Eis, ó deuses, que o homem se espria, dizendo aquilo que eu mais temia... Onde está agora o nosso excelente citaredo?<sup>689</sup> Vem cá abaixo e defende-te da acusação que este te faz.

ZEUS — Estás a liquidar-nos, ó Momo, ao criticar-nos agora, a destempo.

44. TÍMOCLES — Vê lá bem o que estás a fazer, ó Dâmis, meu bandido, que quase destróis, com os teus argumentos, os próprios templos dos deuses e os seus altares.

DÂMIS — Cá por mim, nem todos os altares, ó Tímocles. Sim, que mal nos vem deles, se estiverem repletos de incenso e de agradáveis odores? Pelo contrário, veria com agrado arrasados de alto a baixo os [altares] de Ártemis no país dos Tauros, sobre os quais a virgem gostava de receber vítimas das tais...<sup>690</sup>

ZEUS — Donde nos vem esta peste insuportável que caiu sobre nós? [Veja-se] como o fulano não poupa nenhum dos deuses, mas fala desbragadamente “de cima do carro”<sup>691</sup> e...

---

<sup>686</sup> V. §20 e notas.

<sup>687</sup> V. §20 e nota a *Hális*.

<sup>688</sup> “Sardiano”, i. é, de Sárdis (melhor que *Sardes*), capital da Lídia.

<sup>689</sup> “o nosso excelente citaredo” é Apolo...

<sup>690</sup> “vítimas das tais...”, referência velada (porquê?) aos sacrifícios humanos, que constituíam uma parte da caracterização “lunar”, selvagem e brutal do culto de Ártemis em certas regiões montanhosas e inóspitas.

<sup>691</sup> “de cima do carro”, referência às festas em honra de Dioniso, de cujo carro eram “despejados” insultos grosseiros sobre a multidão”. Não fora o anacronismo, diríamos “que fala desbragadamente que nem um carroceiro”

*atacando de enfiada || quem tem culpa e quem não tem.*<sup>692</sup>

MOMO — Em todo o caso, ó Zeus, poucos de entre nós acharias isentos de culpas... e, pela maneira como o fulano avança, em breve vai atingir alguma grande personagem...

45. TÍMOCLES — Não estás a ouvir, ó Dâmis, inimigo dos deuses, Zeus a trovejar?

DÂMIS — Ó Tímocles, então como é que eu poderia deixar de ouvir o trovão? Mas, se é Zeus quem troveja, é coisa que tu saberás melhor que eu, pois aparentemente acabas de chegar do seio dos deuses... Todavia, as pessoas que chegam de Creta contam-nos uma história muito diferente, ou seja, que lhes mostram lá um túmulo e uma coluna que lá foi erigida, e que prova que Zeus já não poderia trovejar, pois há muito tempo que está morto.

MOMO — Já de há muito que eu sabia que este tipo iria dizer tal coisa... Mas... que é isso, ó Zeus? Estás pálido e bates o dente com medo? Há mas é que ter coragem e não fazer caso de homenzinhos desta laia.

ZEUS — Que é que estás a dizer, ó Momo? Não fazer caso? Não vês a enorme quantidade de pessoas que estão a escutá-lo, como já se deixaram persuadir contra nós e como Dâmis os arrasta suspensos pelas orelhas?

MOMO — Mas tu, ó Zeus, assim que quiseses, farás baixar uma corrente de ouro e a todos

*ícharias juntamente | com a terra e com o mar*<sup>693</sup>.

46. TÍMOCLES — Diz-me cá, ó maldito, já alguma vez viajaste de barco?

DÂMIS — Sim, Tímocles, mesmo muitas vezes.

TÍMOCLES — Porventura não era o vento que vos fazia avançar, impelindo a vela grande<sup>694</sup> e enfunando as velas auxiliares, ou então os remadores, mas uma só pessoa que, de pé, dirigia o leme e preservava o navio?

DÂMIS — Certamente.

TÍMOCLES — Então, será que, em teu entender, assim como o navio não navegaria, se não tivesse piloto, assim

---

<sup>692</sup> *Iliada*, XV, 137.

<sup>693</sup> *Iliada*, VIII, 24.

<sup>694</sup> “vela grande ... velas auxiliares”: Deve existir terminologia técnica...

também o Universo não se moveria sem um piloto e sem quem o governasse?

ZEUS — Muitíssimo bem! Tímocles apresentou o caso com muita inteligência e com um exemplo bem forte.

47. DÂMIS — Mas, ó pientíssimo<sup>695</sup> Tímocles, no primeiro caso verias esse tal piloto a velar constantemente pelos interesses [das pessoas], tomando providências prévias e dando ordens aos marinheiros, para que o navio não sofresse nenhum dano ou situação desfavorável que não fosse absolutamente útil e necessária à navegação. Pelo contrário, esse teu piloto, o tal que tu pretendes que governa este ‘enorme navio’, bem como os marinheiros seus ajudantes, não ordenam coisa alguma de maneira racional e como deve ser, mas, pelo contrário, o estai da proa, calhando, está amarrado à popa, enquanto ambas as escotas [estão amarradas] à proa. Algumas vezes, as âncoras são de ouro, e a figura de proa é de chumbo, a parte do navio abaixo da linha de água está ornamentada, enquanto a parte de cima carece de ornamentação---

48. ... Além disso, entre os próprios “marinheiros”, verificarás que um, que é preguiçoso, incompetente e pouco zeloso no seu trabalho, recebe um salário duplo ou triplo, ao passo que aquele que está sempre pronto a mergulhar e a trepar à verga e é o único que conhece tudo o que é útil... esse é mandado bombear e escoar<sup>696</sup> a água. E o mesmo se passa relativamente aos passageiros: um safardana qualquer fica sentado na primeira fila, ao lado do piloto e cumulado de atenções; outro, um debochado, ou parricida, ou assaltante de templos, recebe honras extremas e ocupa a parte mais alta do convés do navio, enquanto muitos homens distintos ficam amontoados a um canto afastado do barco, espezinhados por pessoas que lhes são verdadeiramente inferiores. Pensa bem em que condições é que Sócrates e Aristides viajaram neste “barco”<sup>697</sup>, bem como Fócion, sem terem razão completa e sem poderem sequer estender as pernas sobre as tábuas nuas da sentina, e, por outro lado, de

---

<sup>695</sup> “pientíssimo”, o gr. tem (vocat.) *theophiléstate* (θεοφιλέστατε) “amicíssimo dos deuses”...

<sup>696</sup> “bombear e escoar”, um só verbo, *antlein* (ἀντλεῖν).

<sup>697</sup> “neste barco”, em sentido metafórico = “neste mundo”...

que bens gozavam Cálías, Mídias<sup>698</sup> e Sardanapalo, no meio de um luxo excessivo e escarrando em cima dos seus súbditos...

49. ... Tal é, sapientíssimo Tímocles, a situação que se passa nesse teu “navio”. Por isso, os “naufrágios” são aos milhares. Se algum piloto, colocado no comando, visse e ordenasse cada coisa, antes de mais, não ignoraria quais de entre os “passageiros” são os bons e quais os maus; e depois, distribuiria a cada um o que a cada um fosse devido, segundo o respectivo mérito, dando aos melhores o melhor lugar lá em cima, junto de si, e aos piores os lugares de baixo, fazendo até de alguns seus comensais e conselheiros; e quanto aos marinheiros, aquele que fosse diligente seria designado responsável pela proa ou comandaria um dos bordos ou qualquer outra parte, ao passo que aquele que fosse preguiçoso e negligente seria chicoteado dos pés à cabeça com uma corda, cinco vezes ao dia. Por conseguinte, admirável criatura, essa tua comparação com um navio corre o risco de “naufragar”, com um piloto tão mau.

50. MOMO — A coisa vai avançando de vento em popa<sup>699</sup> a favor de Dâmis, e [o “navio”] caminha de velas enfunadas para a vitória.

ZEUS — A tua comparação é justa, ó Momo, e Tímocles não imagina nenhum argumento forte, mas, pelo contrário, não faz senão despejar sobre o outro<sup>700</sup> argumentos corriqueiros, vulgaríssimos e uns atrás dos outros, e todos eles fáceis de refutar.

51. TÍMOCLES — Pois bem, já que a minha comparação com o navio não te parece muito forte, escuta agora, como sói dizer-se, a “âncora sagrada”<sup>701</sup>, que não serás capaz de rebentar com nenhum expediente.

ZEUS — Que diacho irá ele dizer?

---

<sup>698</sup> “Mídias” (não *Midas*), gr. *Meidias* (Μειδίαις), também citado em *Zeus Refutado*, §16 (Nesta série, LUCIANO – (III)).

<sup>699</sup> “de vento em popa”, gr. “a favor da corrente”, *katà rhoûn* (κατὰ ροῦν). Note-se, no entanto, que, imediatamente a seguir, se faz referência às velas enfunadas.

<sup>700</sup> “não faz senão despejar...”, gr. *epantleî* (ἐπαντλεῖ), “despeja”, mas o presente tem o valor do chamado *aspecto contínuo*.

<sup>701</sup> “âncora sagrada”, metáfora por “último recurso”, ou, também metaforicamente, “tábua de salvação”... Mas há que manter a tradução literal, pois mais abaixo (neste parágrafo e no §52) volta-se à imagem da âncora.



TÍMOCLES — Verás se este silogismo está logicamente bem construído e se és capaz de o refutar: “*Se existem altares, também existem deuses; ora, existem altares; logo, também existem deuses*”<sup>702</sup>. Que tens a dizer a isto?

DÂMIS — Deixa-me primeiro rir até me fartar, e depois responder-te-ei...

TÍMOCLES — Mas parece que não páras de rir. Ora diz-me cá em que é que aquilo que eu acabo de dizer é risível.

DÂMIS — É que tu não te apercebes de que ataste a um fio muito fino essa tua “âncora”... mesmo que esta seja *sagrada!* Na verdade, ao associares a existência dos deuses à existência dos seus altares, cuidas ter com isso arranjado um forte “ancoradouro”. Assim sendo, se reconhecês que não tens mais nada de... *sagrado* para dizer, separemo-nos desde já.

52. TÍMOCLES — Quer dizer que, ao seres o primeiro a retirar-se, te dás por vencido?

DÂMIS — Sim, Tímocles. É que tu, à semelhança daquelas pessoas muito maltratadas por alguém, também te refugias nos altares. Por isso, “*pela âncora sagrada!*”<sup>703</sup>, quero desde já fazer um pacto contigo sobre esses mesmos altares, a saber, que nunca mais discutiremos sobre esta matéria.

TÍMOCLES — Estás a fazer pouco de mim, meu violador de túmulos, meu patife, meu nojento<sup>704</sup>, merecedor do chicote, porcaria de homem?! Será que não sabemos de que pai tu és filho, como a tua mãe exercia a prostituição, como estrangulaste o teu irmão, como és um adúltero, como corrompes os adolescentes, grande glutão, o maior dos desavergonhados?! Por isso, não fujas, não te vás daqui sem levar uma boa surra da minha parte. Para já, meu refinado sacana, vou cortar-te a garganta com este caco.

53. ZEUS — Ó deuses! Enquanto um deles se retira a rir, o outro persegue-o com insultos, não suportando a arrogância

---

<sup>702</sup> O argumento, da autoria do filósofo estóico Crisipo (c. 280-207 a.C.), foi muito ridicularizado na Antiguidade. É claro que Dâmis (Luciano!) não deixa passar a oportunidade...

<sup>703</sup> “*pela âncora sagrada!*”, espécie de interjeição irónica...

<sup>704</sup> “nojento”, o gr. diz (vocat.) *katáptuste* (κατάπτυστε), “digno de que te cusпам (na cara)”... Como dizer isto em português?

de Dâmis, e parece que vai atingi-lo na cabeça com um tijolo...  
Então e nós, depois disto, que é que faremos?

HERMES — Razão parece que teve o cómico, quando disse:

*Não sofres qualquer ofensa, || se fingires que a não sentes.*<sup>705</sup>

Sim, que grande mal haverá, se uns poucos tipos saírem dali convencidos dessas ideias? Na verdade, são de longe mais numerosos os que pensam o contrário, ou seja, a grande maioria dos Gregos e todos os Bárbaros.

ZEUS — Em todo o caso, ó Hermes, é muitíssimo belo aquilo que Dario disse a respeito de Zópiro<sup>706</sup>. Tal como ele, também eu antes queria ter este “Dâmis” como aliado, do que ser senhor de dez mil Babilónias.

---

<sup>705</sup> Menandro, *Epitrepontes*, fragm. 179 Kock...

<sup>706</sup> Heródoto, III, 153-160. Zópiro mutilou-se propositadamente, a fim de fingir que se passava para o inimigo. Dario arrependeu-se por toda a vida por ter consentido no sacrifício desse seu herói.

VOLUMES PUBLICADOS NA COLECÇÃO  
AUTORES GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seíça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibiades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenenses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).
21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

OBRA PUBLICADA  
COM A COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U



C •

